

**UNIVERSIDADE TIRADENTES  
DIRETORIA DE PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**BÁRBARA DA SILVA SANTOS**

**A configuração do ideário educacional de Justiniano de Mello e Silva em seus escritos no Jornal “Sete de Março” (1888-1891)**

**ARACAJU - 2017**

**BÁRBARA DA SILVA SANTOS**

**A configuração do ideário educacional de Justiniano de Mello e Silva em seus escritos no Jornal “Sete de Março” (1888-1891)**

**Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes – Linha 2 Educação e Formação Docente – como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.**

**Orientador: Prof. Dr. Cristiano de Jesus Ferronato**

**ARACAJU – 2017**

**BÁRBARA DA SILVA SANTOS**

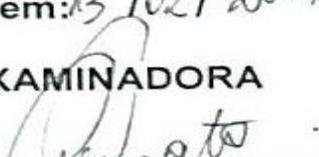
**A configuração do ideário educacional de Justiniano de Mello e Silva em seus escritos no Jornal “Sete de Março” (1888-1891)**

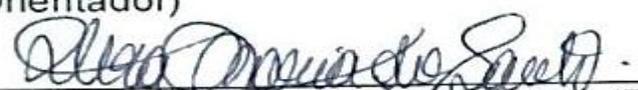
Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes – Linha 2 Educação e Formação Docente – como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

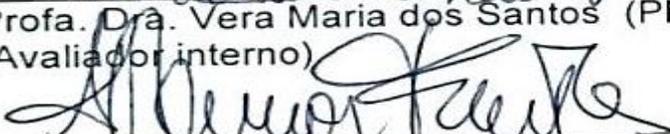
Orientador: Prof. Dr. Cristiano de Jesus Ferronato

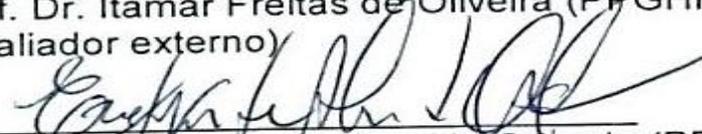
Aprovado em: 13/10/2017

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Cristiano de Jesus Ferronato (PPED-Unit)  
(Orientador)

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Vera Maria dos Santos (PPED-Unit)  
(Avaliador interno)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Itamar Freitas de Oliveira (PPGHIS-UnB)  
(Avaliador externo)

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Evelyn de Almeida Orlando (PPGE-PUCPR)  
(Avaliador externo)

## FICHA CATALOGRÁFICA

---

S237c Santos, Bárbara da Silva  
A configuração do ideário educacional de Justiniano de Mello e Silva em seus escritos no jornal Sete de Março (1888-1891). / Bárbara da Silva Santos ; orientação [de] Prof. Dr. Cristiano de Jesus Ferronato – Aracaju: UNIT, 2017.

141 p. il.: 30 cm

Inclui bibliografia.  
Dissertação (Mestrado em Educação)

1. Educação. 2. Intelectuais. 3. Justiniano de Mello e Silva. 4. Método intuitivo. 5. Século XIX. I. Ferronato, Cristiano de Jesus. (orient.). II. Universidade Tiradentes. III. Título.

---

CDU: 37.011.31

*À minha fonte de inspiração, minha mãe Josefa.  
À minha pequenina Valentina, por toda a serenidade transmitida.*

## AGRADECIMENTOS

Passada a correria da escrita, a alegria em ter em mãos o produto final de todo esforço é sem igual. Agradecer as pessoas que estiveram comigo e sempre me apoiaram é o pouco que posso fazer para reconhecer a gratidão por elas oferecida.

Agradeço imensamente à minha mãe, Josefa Macedo, a orientadora de toda a minha vida. Se não fosse por ela eu não estaria aqui. Obrigada, mãe, por todo incentivo e apoio.

Aos meus irmãos, que sempre estão comigo auxiliando no que for preciso.

À Valentina, minha sobrinha e afilhada, o meu xodó. Obrigada por aparecer em meu quarto e dar o sorriso mais sincero. Esses foram os momentos mais tranquilizantes da escrita.

Ao meu orientador Cristiano Ferronato por me apresentar o objeto de pesquisa, pelas oportunidades conseguidas e por me encaminhar para direções que engradeceram o meu aprendizado.

À Itamar Freitas, meu professor, ex-orientador e eterno amigo. Obrigada por continuar participando da minha vida de pesquisadora, trazendo proveitosas observações.

Não poderei deixar de reconhecer as orientações da professora Evelyn Orlando durante a minha pesquisa em Curitiba, bem como as suas contribuições para a escrita da dissertação.

À professora Vera Maria por aceitar o convite de compor a minha banca e pelas observações direcionadas a minha dissertação na qualificação e na defesa.

Ao meu namorado Anderson, o coadjuvante que tanto participou da escrita da dissertação. Sua presença foi a luz da minha estrada acadêmica e, principalmente, da minha vida. Obrigada por todas as palavras proferidas, as correções do texto e, claro, por estar comigo.

Ao Quarteto Qualis A, Diane, Hilanna e Tati, por dividir comigo as dores do mestrado, os “flocos de milho ao vapor com entranhas bovinas” (rsrs) e por criar uma amizade que se estendeu para fora da universidade.

À Douglas, amigo sempre presente, obrigada pelo companheirismo em minha jornada acadêmica e pelas observações em minha dissertação.

Agradeço a Karina, a amiga que fiz em minha estadia em Curitiba, pela assistência prestada durante a pesquisa no Arquivo Público do Paraná.

Aos professores do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Tiradentes, em especial a Simone Amorim, pela recepção quando iniciei o mestrado e a Cristiane Porto pelas aulas que engradeceram meu conhecimento sobre a leitura, a escrita e as normas da ABNT.

À secretaria do Programa de Pós Graduação em Educação (PPED) da Universidade Tiradentes, sendo Cleverton e Cristina os maiores destaques por estarem prontos para esclarecer as dúvidas sempre com a maior calma e com um sorriso no rosto.

À minha turma de mestrado, pelas reflexões que ocorreram durante as aulas, as quais carreguei comigo no processo de elaboração da dissertação.

Ao Grupo de Pesquisa de História da Educação no Nordeste (GPHEN), pelas discussões nas reuniões e as experiências compartilhadas.

Ao Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná (CMCEP) em abrir as portas e deixar-me manusear os documentos, estes que foram essenciais para a finalização da dissertação.

Ao Arquivo Público do Paraná, por disponibilizar os documentos, bem como a atenção dada durante a pesquisa.

Ao Programa de Pós Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PPGE-PUCPR) por ter me recebido para o estágio de Mestrado-Sanduiche.

Ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Tiradentes por financiar esta pesquisa.

Serei eternamente grata a todos que estiveram comigo nessa árdua trajetória do mestrado.

Obrigada!

## RESUMO

Ao levar em conta que o estudo da História dos intelectuais contribui consideravelmente para a historiografia da educação, esta dissertação analisa a configuração do ideário educacional nas reflexões do professor sergipano Justiniano de Mello e Silva, com base em seus textos publicados no jornal Sete de Março entre os anos 1888 e 1891. Para isto, apresentamos a trajetória de Justiniano de Mello e Silva, evidenciando as “estruturas de sociabilidade” e os fundamentos educacionais que envolveram o pensamento do intelectual em seus escritos redigidos no periódico mencionado. Trata-se de uma pesquisa de cunho documental que está inserida no campo da História da Educação, tendo como base os aportes teórico-metodológicos da História dos intelectuais. Não busca estudar somente as ideias e pensamentos de Justiniano de Mello e Silva, mas a sua trajetória, as suas subjetividades e as estruturas de sociabilidade, ou seja, os grupos que ele participava, nos quais compartilhava semelhantes ideias educacionais e políticas.

**Palavras-chave:** Educação. Intelectuais. Justiniano de Mello e Silva. Método Intuitivo. Século XIX.

## ABSTRACT

To take into account that the study of history of intellectuals contributes considerably to the historiography of education, this thesis aims to reflect on the theme "Education" developed by professor champions Justinian de Mello e Silva and published in the newspaper "Seven March" between the years 1888 and 1891. For this, we will present the trajectory of Justiniano de Mello e Silva in the context of his time and we'll evidence "structures of sociability" and the foundations of education that involved the thought of Justiniano in his writings written in the journal mentioned. The research is part of the field of History of Education based on the theoretical frameworks of Cultural History and the History of intellectuals. We consider only the ideas and thoughts of Justinian de Mello e Silva, but its trajectory, their subjectivities, the "genealogies of influence" and networks of sociability, i.e., the groups that he participated in which shared the same ideology and culture.

**Keywords:** Education. Intellectuals. Justiniano de Mello e Silva. Intuitive Method. Century XIX.

## SUMÁRIO

<b>1 TRAJETÓRIA INICIAL E APRESENTAÇÃO DO TEMA</b> .....	12
1.1 Objeto de estudo e objetivos.....	14
1.2 Procedimentos teóricos e metodológicos.....	15
1.3 Os jornais no século XIX e a pesquisa em História da Educação.....	23
<b>2 Literato, jornalista, político e professor: o intelectual de Justiniano de Mello e Silva</b> .....	33
2.1 Tecendo fios da biografia de Justiniano de Mello e Silva.....	33
2.2 De Sergipe ao Paraná: Justiniano de Mello e Silva entre as "estruturas de sociabilidade".....	38
2.3 Escritos "panfletários": os redatores da imprensa na segunda metade dos oitocentos.....	47
<b>3 "Um tal systema que ainda não sabemos praticar": o método intuitivo nos escritos de Justiniano de Mello e Silva</b> .....	52
3.1 "O ensino e os systemas de divisão escolar" no século XIX.....	52
3.2 A "força theorica do methodo intuitivo".....	64
3.3 Ideário educacional de Justiniano de Mello e Silva.....	76
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	85
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	92
<b>FONTES</b> .....	102
<b>ANEXOS</b> .....	105

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Exemplo da seção temática Educação.....	28
<b>Figura 2</b> – Exemplo da seção temática Litteratura.....	29
<b>Figura 3</b> – Exemplo de uma solicitação pública da seção “A pedido”.....	30
<b>Figura 4</b> – Justiniano de Mello e Silva em foto do Museu Maçônico Paranaense....	34
<b>Figura 5</b> – Lista de cidadãos acusados de crimes entre os anos de 1879 à 1880 na província do Paraná.....	45
<b>Figura 6</b> – Anúncio de Justiniano de Mello para lecionar aulas particulares de potuguez, inglez, philosophia e rhetorica.....	46
<b>Figura 7</b> – Anúncio de Justiniano de Mello para atuar como advogado na defesa de causas criminais.....	46

## 1 TRAJETÓRIA INICIAL E APRESENTAÇÃO DO TEMA

O espaço que ocupa um intelectual, tendo em vista o campo da História dos Intelectuais, perpassa pelo processo de mudança daquilo que se constitui como visão e princípios pré-estabelecidos pelo mundo social no que diz respeito “[...] a definição do que é importante e do que não é, do que merece ser representado e do que não merece” (BOURDIEU, 2004, p. 179). Isso significa que ele apresenta uma capacidade de transformar aquilo que se escreve em algo digno de apreciação, ou seja, tem em si o “poder de influência”.

Nesta direção, entendemos que Justiniano de Mello e Silva foi um personagem que se encaixa neste campo, pois sua vida de “produtor cultural” foi além das páginas dos jornais em que assinava, uma vez que os meios que circulavam informações tornaram-se, para ele, o espaço ideal para propagação de ideias pedagógicas e educacionais. E foi a partir destes jornais, editados entre 1888 e 1891, que surgiu o interesse pelo estudo dos escritos desse professor sergipano. O primeiro contato se deu com a descoberta de um conjunto de textos em jornais e revistas do século XIX, os quais destacamos *Revista Azul*, *O Cenáculo* e *Sete de Março*. Mas a chegada a eles partiu do desígnio em inteirar-se sobre a sua trajetória de professor e escritor.

O nosso primeiro encontro com Justiniano de Mello se deu a partir da leitura de um fascículo de uma coletânea organizada e redigida pelo pesquisador Luis Antonio Barreto<sup>1</sup> intitulada “Personalidades Sergipanas”. Esta foi apresentada pelo professor Cristiano Ferronato, durante o curso de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes. Na coleção, o autor apresenta importantes figuras nascidas no Estado de Sergipe e que tiveram atuações significativas em campos como o da política e da educação, dentre outros.

Na edição em que Luis Antonio Barreto apresenta como personalidade principal Justiniano de Mello, ele descreve traços da vida deste professor, apontando algumas de suas influências, dentre elas destacamos a do também sergipano

---

<sup>1</sup> Luiz Antônio Barreto nasceu no município de Lagarto, Sergipe, em 10 de fevereiro de 1944. Filho de João Muniz Barreto e Josefa Alves Barreto foi jornalista, historiador e estudou Direito nas Faculdades de Direito de Sergipe, em Aracaju e na Nacional do Rio de Janeiro, assim como cursou a Escola Nacional de Música, também no Rio de Janeiro. Atuou nas áreas de educação, cultura, história, comunicação, literatura e folclore, exercendo cargos em instituições públicas e privadas; Ocupante da Cadeira nº 28 e presidente da Academia Sergipana de Letras, nos biênios, 1981-1983 e 1983-1985. Faleceu em Aracaju, no dia 17 de abril de 2012. (Cf. GASPARG, 2012)

Tobias Barreto<sup>2</sup>. Além disso, reproduz alguns de seus poemas publicados no periódico “Parnaso Sergipano”<sup>3</sup>. Ainda no referido fascículo, o autor expõe o texto sobre Justiniano de Mello escrito por Luiz Carlos Rollemberg Dantas para a Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe - IHGSE, bem como as críticas feitas à sua principal obra, “Nova Luz Sobre o Passado”.

Destas leituras pensamos, primeiramente, em elaborar a biografia de Justiniano de Mello, para além do que Luis Antonio Barreto já havia delineado. Foi neste contexto que partimos, então, em busca de outras fontes que tivessem veiculado mais detalhes sobre a sua vida, ou seja, que nos dessem uma nova luz sobre o passado do nosso objeto de pesquisa. No processo de investigação, procuramos por estudos que mencionassem Justiniano, na intenção de descobrir quais as informações presentes sobre o professor e intelectual sergipano.

As produções foram encontradas a partir de uma consulta com a palavra chave “Justiniano de Mello e Silva” realizada na base de dados do *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e do Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Além da busca eletrônica, visitamos o acervo do IHGSE, do Centro de Educação e Memória Atheneu Sergipense (CEMAS), do Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná (CMCEP), do Arquivo Público Estadual de Sergipe, do Arquivo Público do Paraná, bem como verificamos as referências bibliográficas dos trabalhos identificados. Esta última, por sua vez, consideramos a fonte que mais contribuiu para o encontro de indícios da vida de Justiniano de Mello.

A partir dessa busca, o personagem começou a se descortinar com o conjunto de fontes, surgindo um indivíduo que participou intensamente de embates políticos e de questões sobre a educação. Com o alargamento do conjunto de nossas fontes, percebemos que a atuação de Justiniano de Mello avançou para a então Província do Paraná, em 1874, onde pôde contribuir para a educação

---

<sup>2</sup> Tobias Barreto de Menezes nasceu no dia 7 de junho de 1839 na Vila de Campos do Rio Real, atualmente a cidade chama-se Tobias Barreto. Após não ter se adaptado no seminário na Bahia em 1861, regressou à Vila de Campos em 1863, mudou-se para a cidade do Recife e iniciou seus estudos na Faculdade de Direito do Recife onde tornou-se membro do movimento intelectual, poético, crítico, filosófico e jurídico, conhecido como Escola do Recife. Foi lente desta mesma faculdade, além de ser Patrono da cadeira nº 38 da Academia Brasileira de Letras. Faleceu em 26 de junho de 1889 na cidade do Recife. (Cf. SANTOS, 2016)

<sup>3</sup> Obra publicada em dois volumes (1899 e 1904), onde Silvio Romero apresentou poemas de escritores sergipanos a fim de demonstrar a inteligência e crítica política dos mesmos.

paranaense, além de influenciar a vida política de alguns dos seus sucessores<sup>4</sup>. Descobrimos, em síntese, que ele foi redator de jornais, ocupou importantes cargos públicos e políticos, foi professor, poeta e historiador. Em nossa exploração de fontes sobre o professor Justiniano de Mello não encontramos pesquisa em nível acadêmico que explorasse a sua atuação como professor ou mesmo sua atuação em periódicos em Sergipe ou no Paraná.

A falta de uma produção acadêmica sobre os escritos de um sujeito que escrevia em prol de esclarecimentos sobre a educação para a sociedade nos apresentou a possibilidade de analisar o que ele escreveu enquanto político e, principalmente, professor, tendo sua visão sobre a educação como nosso maior objetivo. Partimos então para uma nova busca: encontrar os escritos. Para isso, organizamos os dados presentes nos trabalhos que citavam Justiniano de Mello e pesquisamos os textos elaborados por ele nos periódicos descritos no conjunto de trabalhos analisados.

Dos resultados obtidos, constatamos que seus textos abordavam temas da área da política, literatura, arquitetura e, principalmente, Educação. Com isso, encontramos o nosso objeto e decidimos estudar aqueles escritos onde ele discute assuntos voltados para o campo educacional.

### **1.1 Objeto de estudo e objetivos**

Em meio à coleta de dados sobre Justiniano de Mello, descobrimos que ele escreveu em média 60 artigos em jornais e, entre estes, existiram alguns sobre a educação escolar a qual também direcionava a formação do homem como sujeito em sociedade. Por consequência, o nosso objeto de estudo voltou-se para o que o professor pensava sobre a Educação da sua época.

Com base nisso, definimos como objetivo geral deste trabalho descrever o projeto educacional de Justiniano de Mello em seus escritos, os quais foram publicados no periódico *Sete de Março* entre os anos de 1888 e 1891. O recorte

---

<sup>4</sup> Wallace Thadeu de Mello e Silva (1908), seu neto, foi vereador e prefeito de Curitiba; Justiniano de Mello e Silva Neto (1899-1986), médico e prefeito por dois mandatos em Colatina, no Espírito Santo; Roberto Requião de Mello e Silva (1941), bisneto de Justiniano de Mello, é ex-governador do Paraná e atualmente é senador desse estado; Maurício Thadeu de Mello e Silva (1979), trineto, é deputado estadual do Paraná.

temporal ao qual nos detemos foi definido a partir dos artigos publicados no periódico que foi escolhido para esta análise.

Para alcançarmos o objetivo geral desta pesquisa, nos concentramos em apresentar a trajetória de vida de Justiniano de Mello reunindo algumas das suas atuações, que julgamos significativas, bem como a sua formação acadêmica. Esboçaremos, ainda, a carreira profissional do personagem, identificando alguns dos cargos por ele ocupados.

Ademais, evidenciamos as “estruturas de sociabilidade”, conforme Jean-François Sirinelli (2003), que envolveram o pensamento desta personalidade e os fundamentos educacionais que estiveram presentes nos artigos publicados no periódico analisado. Em outras palavras, procuramos identificar os grupos em que ele estava inserido, o que estes defendiam e, no que consta dos textos publicados por ele, evidenciamos as temáticas discutidas e a constante relação entre elas.

## **1.2 Procedimentos teóricos e metodológicos**

Como nosso marco temporal está localizado na segunda metade do século XIX, época em que os jornais assumiram um papel fundamental para a disseminação de ideias, procedemos com o levantamento e análise de fontes documentais e bibliográficas. Esta metodologia consiste na organização dos documentos a partir de categorias de análise a fim de elaborar um mapeamento dos conteúdos.

Neste sentido, as fontes foram utilizadas como principal meio para estruturar as informações da realidade que permeou a trajetória do personagem estudado, bem como o que ele escreveu com o intuito de lançar as suas convicções para a sociedade. Com tal característica,

O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou

involuntariamente – determinada imagem de si próprias. (LE GOFF, 1990, p. 548-549).

Por essa razão, o documento deve ser analisado em um conjunto de circunstâncias que enquadra tanto aqueles que o produziu quanto os acontecimentos que o envolviam. Partimos, então, do princípio de que, ao utilizar o jornal como instrumento para pesquisa devemos

[...] considerar alguns fatores: o contexto em que foi produzido, sem secundarizar a fonte de pesquisa; a identificação de quem o apresenta, significando de qual segmento social o jornal é porta voz; seus objetivos; o público que quer atingir; qual o seu teor; o momento de sua publicação e duração. (ANDREOTTI, 2004, p. 18).

No entanto, a “[...] busca e o encontro com tais fontes não formam, por si só, um conjunto de questões as quais buscamos e são internas à história da educação, como os documentos que acabam sobrevivendo ao longo do tempo e adquirem um caráter mais oficial.”. Neste sentido, é necessária uma “[...] leitura e interpretação das fontes a partir de alguns referenciais teórico-metodológicos.” (SANTOS, 2016, p. 24).

Levando em conta que refletimos sobre o pensamento educacional do professor Justiniano de Mello, consideramos que o objeto está inserido no campo da História Intelectual. No Brasil, destacamos três professores que utilizam temáticas desta área do conhecimento para as suas pesquisas, a saber: Carlos Eduardo Vieira, Bruno Bontempi Júnior e Cláudia Maria Costa Alves de Oliveira.

Carlos Eduardo Vieira é docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (PPGE-UFPR) na linha de “Pesquisa História e Historiografia da Educação” e os seus estudos voltam-se para categorias como: intelectuais, imprensa periódica e Educação, ideias e discursos educativos. Ele coordena o grupo de pesquisa “História Intelectual e Educação” (GPHIE) que se volta para a busca das práticas sociais de intelectuais que disseminaram seus discursos envolvendo a relação entre educação e modernidade.

O professor Bruno Bontempi Júnior é líder do grupo de pesquisa “Intelectuais da educação brasileira: formação, ideias e ações”, o qual investiga a formação, ideias e relacionamentos dos sujeitos que estiveram ligados à instrução,

educação e a formação do homem brasileiro. Este pesquisador faz parte do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo e do Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação que integra a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP).

Claudia Maria Costa Alves de Oliveira, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (PPGE-UFF), pesquisa temáticas voltadas para o exército, intelectuais, ensino, política e Império. Ela coordena o projeto “Intelectuais militares como leitores e escritores no Brasil do século XIX” que investiga a participação de parte de oficiais do exército no âmbito da intelectualidade brasileira no século XIX.

Esses professores são alguns dos pesquisadores que destinam os seus estudos para temáticas da História dos Intelectuais, fazendo com que novas discussões e intelectuais sejam apresentados para esse campo.

Diante dos diferentes focos de investigação de cada pesquisador, nesta dissertação julgamos conveniente esboçar aspectos que podem nos levar a ver determinado sujeito como um intelectual. Logo, o que é necessário para um indivíduo ser caracterizado “intelectual” a partir dos pressupostos dessa área? De acordo com Lopes, o indivíduo,

Ter adquirido notoriedade colocando sua verve, ou melhor, seus dotes de retórica e seu prestígio pessoal a serviço do bem-estar de seus compatriotas é um dos princípios integrantes de seu perfil. E, além disso, o fato de se bater na defesa de valores universais como a verdade e a justiça. (2003, p. 41).

Por este ângulo, partilhamos da ideia do autor quando voltamos nosso olhar para as ações de Justiniano de Mello, tendo em vista o seu papel como defensor de seus ideais. Para tanto, utilizamos como aportes teórico-metodológicos a ideia de intelectual e político dos franceses Jean-François Sirinelli (1998; 2003) e Daniel Pécaut (1990).

De acordo com Sirinelli, o campo da história dos intelectuais está inserido no cruzamento das histórias política, social e cultural e,

Com freqüência se destacou o caráter polissêmico da noção de intelectual, o aspecto polimorfo do meio dos intelectuais, e a imprecisão daí decorrente para se estabelecer critérios de definição da palavra, de tanto que esta noção e esta palavra evoluíram com as

mutações da sociedade francesa. Por esta última razão, é preciso, a nosso ver, defender uma definição geométrica variável, mas baseada em invariantes. Estas podem desembocar em duas acepções do intelectual, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os 'mediadores' culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. (2003, p. 242).

Os criadores e mediadores culturais citados por Sirinelli pertencem a dois grupos: o primeiro engloba professores secundários, jornalistas, escritores e eruditos e, no segundo grupo, postam-se os estudantes, considerados como “degraus que levam a esse primeiro conjunto”. Os criadores também são compreendidos como elites culturais, estas que podem ser “[...] entendidas como dotadas de uma certa capacidade de ressonância e de amplificação, noutros termos, de um poder de influência”. No entanto, não somente pelo poder de influência, mas “[...] também pela própria imagem, que o espelho social reflecte.” (SIRINELLI, 2003, p. 242).

Partindo deste princípio, consideramos Justiniano de Mello pertencente ao primeiro grupo, pois ele, ao passo que exerceu o cargo de professor, deputado de província e escreveu em jornais, “mediou” uma cultura a partir do seu pensamento. Isto porque, as “estruturas familiares, as relações sociais cotidianas, as relações de favor e compadrio, os costumes mostram muito melhor o processo de criação dos laços sociais ocultos nas profundezas das mentalidades e das trocas sociais.” (PÉCAUT, 1990, p. 47).

A defesa dos seus interesses provinciais e os seus textos que envolvem temas da educação, política e jurisprudência apontam que, “mesmo os intelectuais preocupados, sobretudo, com a “cultura brasileira” participavam, querendo ou não, da elaboração das novas representações do político.” (PÉCAUT, 1990, p. 43). Por isto, ao ter como um dos objetivos delinear a trajetória de Justiniano de Mello e as suas bases de influência, deixamos de lado aquelas histórias de intelectuais comumente fundamentadas somente nas ideias de pensamento do sujeito estudado,

[...] em geral desconectadas dos eventos sociais e também das subjetividades dos seus produtores, e [buscamos indicar], de maneira mais evidente, um interesse pelo sujeito “produtor” dessas ideias e sua trajetória de vida. Mais do que o que esses sujeitos pensaram, o que se quer pôr em cena é como esses sujeitos puderam pensar o que pensaram [...] (FARIA FILHO; CHAMON; INÁCIO, 2009, p. 7).

Em outras palavras, buscamos trabalhar o intelectual a partir da construção de suas ideias, como elas chegaram até ele, o ambiente social em que convivia, quais as formas de circulação das mesmas e, principalmente, como se constituiu esse intelectual. É nesse contexto que surge a análise das “estruturas de sociabilidade”, estas que podem ser entendidas como um espaço em que um grupo discute suas afinidades ideológicas. De certo modo, as estruturas, de acordo com Sirinelli, são compreendidas como “redes” que:

[...] secretam, na verdade, microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos freqüentemente apresentam traços específicos. E, assim entendida, a palavra sociabilidade reveste-se portanto de uma dupla acepção, ao mesmo tempo "redes" que estruturam e "microclima" que caracteriza um microcosmo intelectual particular. (2003, p. 252).

Ou seja, um grupo de intelectuais que compartilham seus pensamentos, com interesses comuns, a fim de constituir um espaço de partilhamento de cultura, ideais, teorias e conceitos.

Percebemos, durante a pesquisa, que devido ao não acesso aos seus textos e estudo sobre a sua vida, Justiniano de Mello ainda é pouco reconhecido como um intelectual, mas entendemos que contribuiu para disseminação de saberes relacionados à Educação. Devemos levar em consideração as suas críticas quanto ao que estava posto no círculo social ao qual pertencia. Conforme aponto Sirinelli, vemos Justiniano de Mello como pertencente a um grupo de

[...] intelectuais de menor notoriedade, mas que tiveram importância enquanto viveram, e até a camada, ainda mais escondida, dos "despertadores" que, sem serem obrigatoriamente conhecidos ou sem terem sempre adquirido uma reputação relacionada com seu papel real, representaram um fermento para as gerações intelectuais seguintes, exercendo uma influência cultural e mesmo às vezes política. (2003, p. 246).

Desta forma, um intelectual se constitui a partir do que ele produz e dissemina para a sociedade. Em outras palavras, transmite os seus ideais para um corpo social com o intuito de contribuir para o amadurecimento do mesmo. O sujeito pode ser considerado um intelectual não somente por isso, mas quando está inserido em um grupo de pessoas que discute e compartilha o mesmo pensamento ou que tem objetivos similares relacionados às ideias.

Grosso modo, conhecer o pensamento e a trajetória de um intelectual é conveniente para pesquisadores da História da Educação brasileira, pois contribui para o entendimento de influências históricas de sujeitos<sup>5</sup> que trabalharam a Educação enquanto temática. Em consequência, a elaboração de trabalhos sobre intelectuais e suas reflexões caracterizam-se como fontes para este campo de pesquisa, pois é um dos desafios que se tem enfrentado. De acordo com Vidal,

[...] cada vez mais se coloca como problema a localização de documentos que possibilitem compreender as ações históricas dos sujeitos escolares. Nesse sentido, grande impulso tem sido dado à organização de arquivos escolares e à conservação de documentação sobre a escolarização de saberes e fazeres, com a constituição de Centro de Memória e Documentação. No entanto, coloca-se como imperativo a criação de mecanismos de socialização das fontes depositadas em Arquivos Públicos e Centros, por meio da publicação. (2006, p. 25).

Logo, percebemos que ainda é escassa a quantidade de fontes para a compreensão das práticas escolares de outrora. Não trabalhamos, nesta pesquisa, com documentos produzidos nas escolas, mas analisamos a Educação a partir do olhar de um intelectual do século XIX e pretendemos contribuir para o entendimento da configuração da educação nos anos finais daquele século. Além disso, acreditamos que o nosso estudo é uma fonte para a história da educação, visto que delineamos as discussões sobre educação ocorridas no período em que o intelectual estava inserido.

Tal como já descrito, buscamos fontes bibliográficas referentes aos trabalhos que citam Justiniano de Mello e analisamos escritos sobre o contexto educacional no Brasil Império. Inicialmente, procuramos informações sobre ele evidenciadas nos estudos que o mencionam. Tivemos como resultado um grupo de 20 estudos, dentre eles artigos, dissertações de Mestrado, teses de Doutorado e livros que, de alguma forma, trazem em seu corpo o nome do personagem referido.

---

<sup>5</sup> Cecília Meireles (1901-1964); Paulo Freire (1921 - 1997); Ruy Barbosa (1849-1923).

**Quadro 1** – Trabalhos que remetem à vida de Justiniano de Mello e Silva que foram relevantes para a constituição desse estudo

<b>NATUREZA</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>ANO</b>
Teses	O Atheneu Sergipense: Uma casa de educação literária examinada segundo os planos de estudos (1870-1908)	Eva Maria Siqueira Alves	2005
	A Província do Paraná (1853-1889). A classe política. A parentela no governo	Alessandro Cavassin Alves	2014
	“Requião tem razão”? Homem político e discursos: um estudo sobre a trajetória política de Roberto Requião de Mello e Silva	Daiane Carnelos Resende Laibida	2015
Dissertações	Elementos decisivos na construção da posição e prática política de Roberto Requião de Mello e Silva	Daiane Carnelos Resende	2007
	Imprensa e política no Paraná: Prosopografia dos redatores e pensamento republicano no final do século XIX	Amélia Siegel Corrêa	2006
	A formação intelectual da elite sergipana (1822-1889)	Eugênia Andrade Vieira da Silva	2004
Monografia	Concursos para professor do Atheneu Sergipense: o provimento da cadeira de História (1875-1910)	Igor Pereira Teles	2009
Livros	Dicionário biobibliográfico Sergipano	Armando Guaraná	1925
	Personalidades sergipanas: Justiniano de Mello e Silva	Luiz Antonio Barreto	2011
	Apologia de Deus e outros escritos Sergipanos	Luiz Antonio Barreto	1993
	A trajetória de Alfredo Montes (1848-1906)	Simone Silveira Amorim	2009
Artigos	Imprensa política e pensamento republicano no Paraná no final de século XIX	Amélia Siegel Corrêa	2009
	O lugar do feminino no ensino de primeiras letras no século XVIII e XIX	Vera Maria dos Santos; Simone Silveira Amorim	2013
	A apropriação dos conceitos bourdieusianos para a compreensão de trajetórias: o caso do político paranaense Roberto Requião de Mello e Silva	Daiane Carnelos Resende; Ricardo Costa de Oliveira; Luiz Demétrio Janz Laibida	2013

	Julia Wanderley, modelo das professoras paranaenses (1874 – 1918)	Silvete Aparecida Crippa Araujo	2011
	Justiniano de Mello	Dario Vellozo	1895
	Manoel Correia Defreitas, o republicano histórico do Paraná	Ana Crhistina Vanali e Ricardo Costa de Oliveira	2014
	Curitiba, “república das letras” (1870/1920)	Antonio Marcos Myskiw	2008
Obras do IHGSE e IHGEPR	Justiniano de Mello e Silva: filósofo e historiador	Luiz Carlos Rollemberg Dantas	1951
	Cem anos de imprensa no Paraná (1854-1894)	Oswaldo Pilotto	1976

**Fonte:** Quadro elaborado pela autora com base nas pesquisas encontradas.

De modo geral, o conjunto de pesquisas analisadas revelou que Justiniano de Mello colaborou e redigiu em jornais, foi professor de instituições escolares nas províncias do Paraná e de Sergipe, além de poeta, historiador e político. Com sua carga de conhecimento em diversificadas áreas, escreveu a sua principal obra, “Nova Luz Sobre o Passado”. Ademais, constatamos que as preocupações dos estudos voltaram-se para a sua atuação política, bem como as contribuições na imprensa do Paraná, de Sergipe e Pernambuco. As desavenças com os outros participantes, sua luta para a “integração política e social dos artistas e operários no sistema republicano” (CORRÊA, 2006, p. 197) e as influências para os familiares neste âmbito ocuparam estas inquietudes.

No que se refere às fontes periódicas, para a construção deste trabalho utilizamos o *Sete de Março*, periódico publicado em Curitiba, órgão oficial do Partido Conservador que servia para apoiar a política do ministério<sup>6</sup> e tinha como redator Justiniano de Mello. Sua primeira edição foi publicada em 24 de abril de 1888 e teve um total de 144 números, mas na fonte em que o encontramos estão disponíveis apenas 129 exemplares. O jornal continha quatro páginas e geralmente iniciava com um texto ora com autoria – que, por sinal, era Justiniano de Mello que escrevia – ora sem identificação de autor. Do periódico, utilizamos os textos escritos por ele nas seções intituladas “Educação”, “Pedagogia” e “Instrução”. Entre os textos, foram selecionados dezenove para refletir sobre o pensamento do seu autor no que se refere à organização escolar, veiculados entre aos anos de 1888 e 1891.

<sup>6</sup> A expressão “ministério” foi utilizada no jornal *Sete de Março* de número 4 no ano de 1888 para se referir à determinada frente política do período.

**Quadro 2** – Artigos de Justiniano de Mello e Silva publicados no jornal *Sete de Março*

TÍTULO	SEÇÃO	EDIÇÃO	DATA
Cultura dos sentidos: a) O tacto, b) O paladar	Educação	7	06/06/1888
Cultura do sentidos: c) O olfacto, d) O ouvido	Educação	8	13/06/1888
Cultura dos sentidos: e) A vista	Educação	9	20/06/1888
O espirito dos processos pedagogicos (dados geraes)	Pedagogia	56	18/03/1889
Coeducação dos sexos	Educação	88	28/12/1889
Didactica da Arithmetica	Pedagogia	90	11/01/1890
Didactica da lingua materna	Pedagogia	94	08/02/1890
A moral e a infancia I	Educação	99	15/03/1890
A moral e a infancia II	Educação	100	22/03/1890
O ensino e os systemas de divisão escolar	Pedagogia	104	26/04/1890
Systema individual	Pedagogia	105	03/05/1890
Systema simultaneo	Pedagogia	106	10/05/1890
Systema mutuo	Pedagogia	109	31/05/1890
Systema mixto	Pedagogia	110	07/06/1890
Ideias concretas	Educação	111	14/06/1890
Ideias abstractas	Educação	112	21/06/1890
Methodo intuitivo I	Instrucção	119	09/08/1890
Methodo intuitivo II	Instrucção	120	15/08/1890
Methodo intuitivo III	Instrucção	121	23/08/1890

**Fonte:** Quadro elaborado pela autora com base nos periódicos encontrados na Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/>>

Utilizamos este tipo de documento para nosso estudo por ele ter desempenhado, no século XIX, um “[...] papel crucial [...] na educação diária das pessoas”, bem como “[...] na função exercida por eles na própria *evolução* da sociedade.” (CAMPOS, 2012, p. 49).

### 1.3 Os jornais no século XIX e a pesquisa em História da Educação

No século XIX, a imprensa periódica teve uma participação significativa na circulação de ideias e debates políticos e educacionais que permeavam o cotidiano brasileiro. Como já afirmado anteriormente, hoje tal fonte é comumente utilizada pelas pesquisas no âmbito da História da Educação, pois ela contribui para o resgate de aspectos da história da época, tornando-se fundamental “[...] na

reconstrução de um tempo passado, tanto em relação aos fatos relatados, quanto à concepção transmitida a partir desses fatos." (ANDREOTTI, 2004, p. 17).

Os impressos jornalísticos, neste período, traziam em suas páginas, principalmente, o posicionamento político daqueles que os redigiam. Vale ressaltar que a maioria dos periódicos pertencia a partidos políticos e os seus colaboradores escreviam textos ora literários, ora de cunho educacional e, por vezes, exteriorizavam o seu pensamento quanto a acontecimentos notáveis do período.

Os grupos que dominaram o poder político até o final do império dividiam-se entre Partido Conservador e Partido Liberal. Formados por homens da mesma categoria, a dita “boa sociedade” – senhores brancos possuidores de liberdade e propriedade –, a identificação que os assemelhavam e os diferenciavam era a visão de política e sociedade que eles possuíam. Enquanto o primeiro propunha a reforma das leis de descentralização, o segundo era contra o poder central. Outros dois sistemas partidários que provocaram modificações nesse âmbito foram: o Progressista, fruto da Conciliação<sup>7</sup> entre os liberais e os conservadores; e o Republicano, consistindo em liberais mais radicais que se desvincularam da Conciliação. (CARVALHO, J., 2007; MATTOS, 2004).

Até 1864 os programas do Liberal e do Conservador engajaram-se nas tendências de descentralização e centralização do poder. Enquanto os liberais lutavam por “[...] maior autonomia provincial, pela Justiça eletiva, pela separação da polícia e da Justiça, pela redução das atribuições do poder moderador”, os conservadores defendiam o “[...] fortalecimento do poder central, o controle centralizado da magistratura e da polícia, o fortalecimento do poder moderador.” (CARVALHO, J., 2007, p. 206). Temendo as ações dos radicais, liberais e conservadores se uniram e cooperaram entre si. Segundo Costa,

Essa cooperação entre partidos, conhecida como a Conciliação, começou em 1852 e durou cerca de dez anos. Durante esse período, as palavras liberal e conservador converteram-se em meras etiquetas. Era voz corrente que nada parecia mais com um liberal do que um conservador. Uma vez no poder, os liberais se esqueciam das demandas que haviam feito quando na oposição. De outro modo, os conservadores no poder realizavam as reformas pelas quais os liberais tinham lutado. As etiquetas partidárias e as plataformas não tinham muito significado para a maioria dos políticos. No partido

---

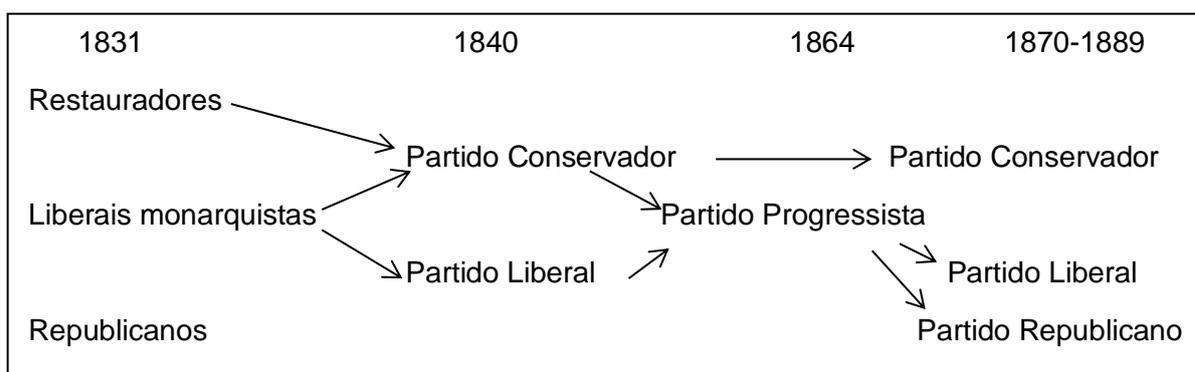
<sup>7</sup> A Conciliação representou o apoio do Partido Liberal as políticas do Partido Conservador e vice-versa. (COSTA, 1999).

liberal havia indivíduos de tendências conservadoras, e entre os membros do partido conservador contavam-se alguns políticos cujas opiniões eram mais liberais do que as dos seus adversários. (1999, p. 158).

Com o desenvolvimento econômico dos anos 50 e a aparição de novos grupos de interesse, a aliança entre os dois partidos se rompeu. Diante disso, grande parte dos conservadores se uniu ao partido liberal formando, assim, a Liga Progressista e, posteriormente, o Partido Progressista em 1864. No entanto, este grupo não durou muito tempo, pois foi corrompido internamente com a desarmonia entre os políticos que o compunha. Dessa separação, os liberais organizaram o novo Partido Liberal e os mais radicais, o Partido Republicano. (CARVALHO, J., 2007; COSTA, 1999).

No Quadro 3, podemos ter uma melhor percepção das transformações ocorridas nos partidos do Império.<sup>8</sup>

**Quadro 3** - Evolução do Sistema Partidário do Império 1831-1889



**Fonte:** Elaborado pela autora a partir de CARVALHO, J. (2007).

De um modo geral, o Partido Conservador abrigava, em sua maioria, os representantes da grande exportação que tendiam a favorecer a centralização e as reformas sociais e contribuir para a aprovação de medidas antiescravistas. Já o novo Partido Liberal era composto por produtores para o mercado interno, sendo defendidos requisitos como: eleição direta nas cidades; abolição da Guarda Nacional; as liberdades de consciência, de educação, de comércio, de indústria; as reformas judiciárias do programa progressista e a abolição gradual da escravidão. (CARVALHO, J., 2007).

<sup>8</sup> Para mais detalhes sobre os programas políticos e as transformações ocorridas na sistematização dos partidos, consultar: CARVALHO (2007); COSTA (1999); MATTOS (2004).

Apesar de diferentes configurações, os partidos políticos legitimavam as suas posições quanto organização da sociedade,

[...] até mesmo porque sabemos da importância de se considerarem as visões de mundo e os sistemas de classificação que lhes correspondem, e que se impõem ao conjunto da sociedade que pretendemos conhecer. No essencial, são essas representações que acabam por dirigir a conduta social, porque é através delas que cada indivíduo ou grupo social toma consciência de sua relação com os demais e com o próprio mundo. (MATTOS, 2004, p. 112).

E o jornal no Brasil do século XIX foi utilizado como um meio para angariar eleitores e, sobretudo, educar, “civilizar” e instruir o povo. Portanto,

[...] os impressos representam significativos mananciais de informações sobre o repertório de uma época e sobre os usos que dele faziam seus colaboradores. Neles se fazem presentes projetos, opiniões, conflitos e debates, que apontam a complexidade dos interesses e experiências dos indivíduos e dos contextos em que se inscrevem. (SILVA, NASCIMENTO & ZICA, 2010, p. 223).

Nesta perspectiva, acreditamos que este tipo de documento é essencial para a busca do que ocorreu naquela época. Tomamos, como exemplo, os saberes produzidos naquele tempo, por quem eles foram pensados e, a partir disso, os embates travados pelas “elites culturais”.

As “elites culturais” se constituíram entre o cultural e o político, pois “[...] não existem como entidades autónomas [...]. Estão, pelo contrário, ligadas à sociedade que as rodeia e são precisamente esses laços, especialmente políticos, que lhes conferem uma identidade.” (SIRINELLI, 1998, p. 264). Consequentemente, os jornais surgem como veículo para a circulação da cultura, o que o autor caracteriza como “poder de influência” das elites para a sociedade.

As reflexões de Michel de Certeau sobre o que são “estratégias” e “táticas” estão em consonância quando buscamos distinguir os sujeitos dominantes dos “dominados”. De acordo com o autor, “estratégia” é “[...] o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder [...] pode ser isolado” e que “[...] postula um lugar suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* e ser a base de onde se podem gerir as relações com *uma exterioridade* de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos [...]).” (CERTEAU, 1998, p. 99). Já “Tática”, para ele, seria

a “[...] ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. [...] A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como organiza a lei de uma força estranha.” (CERTEAU, 1998, p. 100).

Desta forma, levando em conta o que nos apresenta Certeau e relacionando ao jornal *Sete de Março*, as “estratégias” correspondem aos seus escritores e o periódico em si, pois eles são detentores de certo tipo de “poder” e instituem convicções para os seus leitores. Estes, por sua vez, são pertencentes às “táticas” devido a sua “ausência de poder”. Há, então, uma relação de “consumo” que geram diferentes “maneiras de fazer” com o produto, as quais os fabricantes não esperam, sejam elas positivas ou não. “Trata-se de combates ou de jogos entre o forte e o fraco, e das “ações” que o fraco pode empreender.” (CERTEAU, 1998, p. 97). Temos, como exemplo, a publicação dos elogios de um eleitor quando Justiniano de Mello noticia sobre o seu afastamento do partido conservador e a sua escolha em não migrar para outro grupo político.

A imprensa periódica teve um papel fundamental na difusão de ideias, nesta perspectiva, o *Sete de Março* foi fundado com o intuito de divulgar as defesas do Partido Conservador, do qual Justiniano fazia parte. Devido ao momento em que estava inserido, seus colaboradores eram membros e apoiadores do partido e, desta forma, grande parte dos textos propunham temas para o debate político. Mas não só de escritos políticos ele era composto, uma vez que publicava também seções com poemas, notícias, contos literários, anúncios diversos, bem como artigos sobre Educação.

Em nossa pesquisa com o jornal, percebemos que grande parte das edições apresentava discussões sobre educação, constatando, assim, que mesmo o periódico não pertencendo ao campo educacional também circulavam ideias pedagógicas. Quanto a isto, Faria Filho nos lembra que “[...] o jornal foi visto como uma importante estratégia de construção de consensos, de propaganda política e religiosa, de produção de novas sensibilidades, maneiras e costumes. Sobretudo os jornais foram vistos como importante estratégia educativa.” (2002, p. 134). Essas características apontadas pelo autor podem ser vistas no *Sete de Março*, tendo em vista que mesmo sendo um jornal partidário, ele tinha pretensões além da política.

Delineamos, então, como estava configurado este periódico, a saber: Texto introdutório, seção temática voltada para reflexões sobre Literatura, Educação, Jurisprudência, Agricultura, etc., *Conferencias, Miscellanea, Poesia, Variedade*,

*Notas e factos, Transcripção, A pedido ou Solicitada, Annuncios e a sua Typographia.* Dentre eles, destacamos o uso de um texto inicial, as seções temáticas, *Transcripção, Annuncios e A pedido ou Solicitada.*

Os textos introdutórios do *Sete de Março* frequentemente traziam reflexões sobre o momento político e, na maioria das vezes, não tinham identificação de autoria. No entanto, sabemos que quem os escrevia eram os redatores e, por vezes, os colaboradores, estes que,

[...] embora fossem desvinculados oficialmente de uma folha, ajudavam-na por meio do envio de artigos que corroborassem com a inclinação política da mesma. [...] visto que seus textos, quando publicados, apareciam freqüentemente como artigo principal do periódico e, ao mesmo tempo, podiam conter a indicação de que haviam sido enviados por alguém. (OLIVEIRA, C., 2010, p.7).

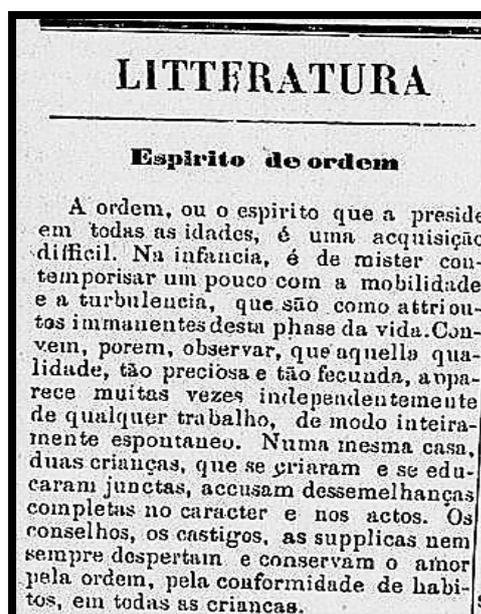
Contrário a eles, porém não se distanciando, os artigos das seções temáticas do periódico referido contemplavam tanto assuntos em voga, quanto reflexões sobre conteúdos que não tinham uma estreita ligação com os mesmos. Com podemos ver Figura 1 e Figura 2:

**Figura 1** – Exemplo da seção temática Educação



**Fonte:** Jornal Sete de Março, números 136. Disponível em: < <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 18 mar. 2016.

**Figura 2** – Exemplo da seção temática Litteratura



**Fonte:** Jornal Sete de Março, números 20. Disponível em: < <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 18 mar. 2016.

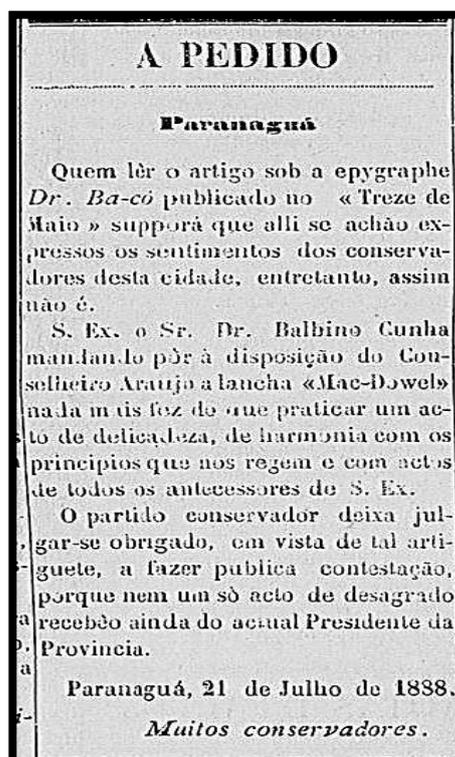
Ademais, a seção intitulada “Transcrição” geralmente estava voltada para a publicação de matérias de outros jornais, ação comum na imprensa da época, visto que os periódicos estavam em constante diálogo. De acordo com Morel, “[...] não havia incompatibilidade entre o local, o nacional e internacional, nem entre as dimensões opinativas e informativas”. Desta forma, os partícipes aproximavam as discussões de outros espaços e, por isso, “[...] o cotidiano e questões locais misturavam-se com discussões doutrinárias dos rumos que o Estado e a nação deveriam tomar, ao lado de notícias nacionais, internacionais e interprovinciais.” (2005, p. 36).

No que se refere aos anúncios, estes tinham como propósito tanto conseguir fundos para cobrir seus custos, quanto chamar atenção do leitor para determinados interesses sociais comuns. Isto é, “o anunciante auxiliava no processo de ganho de credibilidade e espaço por parte dos periódicos”, além de “firmar os jornais como veículos associados ao interesse público, amalgamando num único suporte, o impresso, o debate político e as demandas cotidianas dessa sociedade.” (OLIVEIRA, C., 2010, p. 9). Os anúncios do *Sete de Março* variavam entre venda de relógios, quadro de pinturas, imóveis, avisos sobre abertura e mudança de local de empresas, oferta de serviços por parte de professores, pintores e cabeleireiros, além de

instituições educacionais preparatórias de alunos para o curso superior comunicarem o reinício de suas aulas juntamente com os valores para cada nível de ensino.

É perceptível, então, a diversidade de maneiras do *Sete de Março* atrair os seus leitores utilizando artigos ou anúncios que atendessem as demandas do público, além de destinar um espaço para que os mesmos apresentassem as suas considerações sobre algo que estava posto nas discussões em curso. É o que acontece na seção *A pedidos* a qual, por vezes, era intitulada como *Solicitada*. Neste espaço, os associados – ou não – escreviam constantemente “um agradecimento, um pedido de desculpas, uma solicitação ou auxílio, um pequeno texto poético de autoria popular.” (ASPERTI, 2006, p. 49), mas boa parte dos textos voltava-se para cobranças das autoridades da província. Podemos ver um exemplo na Figura 3:

**Figura 3** – Exemplo de uma solicitação pública da seção “A pedido”



**Fonte:** Jornal Sete de Março, números 20 e 15. Disponível em: < <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 18 nov. 2016.

Neste caso, devemos notabilizar, então, a relação existente entre imprensa e a História da Educação atentando-se ao fato de que os sujeitos que compunham os

espaços políticos e jornalísticos, também estavam presentes no universo de debates sobre a educação em todo Brasil, tornando-se agentes ativos que participavam, em sua maioria, dos três ambientes. Assim,

A História da Educação, ao resgatar esses momentos entendendo-os como intrinsecamente educativos contribui para que o processo de construção e consolidação da nação brasileira possa ser hoje entendido em plenitude e forneça elementos para que a atualidade das relações sociais existentes no Brasil, e no interior dela a educação, com seus desafios e perspectivas venha a ser desvelada e assim apontar soluções para os impasses que enfrenta a sociedade brasileira em nome da realização de um estado de igualdade de fato. Pensar a educação e imprensa do século XIX é, portanto, um dos momentos desse recontar a história brasileira sob novos parâmetros interpretativos e com fontes praticamente inéditas para o campo educacional. (MIZUTA, FARIA FILHO & PERIOTO, 2010, p. 11).

Em outras palavras, as pesquisas que refletem sobre os modelos educacionais abordados nos jornais do século XIX contribuem para a construção da História da Educação, pois nelas contém aspectos educacionais que nos permitem entender o contexto atual desse campo, eventualmente a própria concepção de educação que permeava nas discussões da época.

Posto isso e apresentada a metodologia da pesquisa, resta-nos identificar a estrutura desta dissertação. Esta seção, “Trajetória inicial e apresentação do tema”, cumpriu o papel de introdução e nela relatamos o caminho percorrido até o objeto estudado, esclarecemos os objetivos da pesquisa e levantamos as principais questões acerca da história dos intelectuais e a contribuição desta para a história da educação. Além disso, indicamos o que será trabalhado em cada seção.

Na segunda seção “Literato, jornalista, político e professor: a trajetória do intelectual Justiniano de Mello e Silva” expomos a biografia de Justiniano de Mello a partir de sua carreira acadêmica e os círculos intelectuais e culturais frequentados por ele que o levaram a sua configuração como intelectual. Vemos o personagem como um intelectual devido as suas ações e contribuições para a política, o jornalismo e a educação no Paraná e, quiçá, a educação brasileira. Ademais, contemplamos a relevância dos estudos da educação na imprensa do século XIX para a História da Educação, tendo em vista que os sujeitos formavam os periódicos transitavam pelos âmbitos educacionais e políticos.

Neste contexto, na terceira seção intitulada “O ensino e os sistemas de divisão escolar’ nos escritos de Justiniano de Mello Silva”, encadeamos as principais ideias presentes em seus textos no jornal *Sete de Março* na intenção de delinear o projeto de educação defendido pelo personagem. Nele, o professor pontua as suas críticas sobre a educação escolar da época, apontando melhorias para a mesma.

Por fim, as “Considerações finais”, onde apresentamos as principais pontuações acerca do que foi trabalhado na dissertação, destacando o posicionamento de Justiniano de Mello no que se refere ao campo educacional no contexto de sua época e a nossa percepção sobre o ideário educacional que o intelectual buscou defender.

## **2 Literato, jornalista, político e professor: o intelectual de Justiniano de Mello e Silva**

Um intelectual é formado a partir de suas bases educacionais e convivência com outros, sejam eles familiares ou não. Para entendermos como pensou e agiu um intelectual em seu tempo necessitamos buscar, além do que foi escrito por ele, o contexto no qual estava inserido, ou seja, observar tanto o lado interno, quanto o externo do sujeito. Porém,

[...] mais do que uma articulação puramente mecânica entre contexto e conteúdo, em outras palavras, para além de uma abordagem que privilegie a relação entre a análise externa dos acontecimentos (históricos, sociais, políticos) e a análise interna da obra (a hermenêutica ou a análise do discurso), a História Intelectual deve levar em consideração, simultaneamente, a dimensão diacrônica (história) e a sincrônica ("os aspectos diferentes de um mesmo conjunto em um mesmo momento de evolução"). (SILVA, H., 2003, p. 19).

Destarte, visando melhor compreender o que Justiniano de Mello escreveu sobre educação, consideramos necessário debruçarmo-nos sobre a sua trajetória de vida, analisando os principais papéis por ele desempenhados, tendo em vista o que este sujeito pensou e o que o levou a pensar sobre a temática.

### **2.1 Tecendo fios da biografia de Justiniano de Mello e Silva**

O professor Justiniano de Mello e Silva nasceu em 08 de Janeiro de 1853, em Divina Pastora, província de Sergipe, localizado no Nordeste brasileiro. Filho do advogado Félix José de Mello e Silva e Maria Alexandrina de Mello e Silva, deu início aos seus estudos ainda naquela província e concluiu em Pernambuco, onde formou-se em Direito pela “[...] Faculdade de Direito de Olinda, criada por Decreto Imperial em 11 de agosto de 1827.” (SANTOS, 2016, p. 17). Esta instituição foi um importante centro para a propagação das ideias no nordeste, onde nomes como Tobias Barreto, Silvio Romero, Castro Alves e Clovis Bevilacqua<sup>9</sup> foram apenas algumas das personalidades de destaque naquele ambiente.

---

<sup>9</sup>Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero (1851-1914) um dos grandes intelectuais brasileiros da segunda metade do século XIX. Junto com Tobias Barreto liderou a conhecida Escola do Recife. Ocupou a cadeira da disciplina de Filosofia do Imperial Colégio Pedro II no Rio de Janeiro (1876). Foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras ao lado de Machado de Assis (1897). Autor de

**Figura 4** – Justiniano de Mello e Silva em foto do Museu Maçônico Paranaense



**Fonte:** Disponível em: <<http://www.museumaconicoparanaense.com>> Acesso em: 29 abr. 2015

Neste contexto, Justiniano de Mello, ainda como aluno daquela academia e sob influência das ideias de Tobias Barreto, fundou e redigiu, em parceria com Silvio Romero, o jornal acadêmico literário “A Crença”. De acordo com Nascimento, o periódico circulou em 1870 e teve como colaboradores “[...] em prosa ou verso: Silvio Vasconcelos da Silveira Ramos, redator principal (que algum tempo depois passaria a assinar-se Silvio Romero), Justiniano de Melo e Silva, José Dantas da Silveira e Tobias Barreto de Meneses [...]” (1970, p. 304), sendo o seu último número publicado em 30 de maio de 1870.

---

História da Literatura Brasileira (1888) que é considerada sua obra mais importante.; Antônio Frederico de Castro Alves (1847-1871) escritor e poeta brasileiro, nascido na Fazenda Cabaceiras na Bahia. Iniciou em 1864 seus estudos na Faculdade de Direito do Recife na mesma turma de Tobias Barreto. Autor dos poemas O Tísico - Mocidade e Morte (1864), O século (1865), O Navio Negreiro (1868) e do livro Espumas Flutuantes (1870), é patrono da cadeira nº 7 da Academia Brasileira de Letras. Faleceu aos 24 anos de idade, vítima de tuberculose; Clóvis Bevilacqua (1859-1944) jurista brasileiro nasceu na cidade de Viçosa no Ceará. Ingressou em 1872 no Ateneu Cearense. Transferiu-se em 1875 para o Colégio Oficial de Fortaleza dando início as suas atividades no jornalismo. Em 1878 foi para Recife onde cursou Direito na Faculdade de Direito do Recife. Tornou-se lente de legislação comparada desta mesma faculdade em 1891. Escreveu várias obras no campo jurídico onde um das mais importantes é o Código Civil Brasileiro. Está entre os fundadores da Academia Brasileira de Letras onde ocupa a cadeira de número 14. (Cf. SANTOS, 2016)

No ano seguinte, regressou a Sergipe onde prestou concurso para cadeira<sup>10</sup> de Gramática e Tradução da Língua Inglesa do Atheneu Sergipense e em 6 de Abril de 1872 tomou posse da mesma<sup>11</sup>. Esta instituição foi uma casa que abrigou personagens significativos da elite cultural sergipana que contribuíram para história e educação de Sergipe. Além de lecionar no Atheneu, o professor estava inserido na comum atividade desempenhada pelos lentes<sup>12</sup> do período: a de disseminar seus pensamentos e críticas nos jornais locais quanto às questões pedagógicas. Nesta perspectiva,

Os lentes do Atheneu Sergipense se faziam presentes em constantes artigos publicados na imprensa local, disseminando suas ideias, tornando-se visíveis na sociedade. Ao assumirem funções fora daquela casa, em diferentes circuitos culturais, extrapolavam os limites da instituição com estratégias de intervenção na sociedade, tomando assento em cargos legislativos, dirigindo órgãos públicos e políticos. (ALVES, E., 2005, p. 19).

Exemplo da característica dos lentes do estabelecimento de ensino referido é a solicitação de Justiniano de Mello quanto à mudança de horário da sua aula. A discussão acerca do assunto perdurou por algumas reuniões da congregação da instituição gerando alguns embates entre o professor e outros lentes. Conforme a mesma autora,

A respeito do horário diário de funcionamento do Atheneu Sergipense em 1872, o lente de Inglês, Justiniano de Melo e Silva, encaminhou ofício à Presidência da Província solicitando a mudança de sua aula das nove da manhã para as quatro e meia da tarde. A resposta à questão foi de que o Presidente nada poderia resolver, uma vez que a Congregação do Atheneu Sergipense tinha a competência para tal. O embate desenrolou-se por mais duas reuniões, até que, posto em votação, a petição do professor foi aprovada com o "voto de qualidade" do Vice Diretor, o vigário José Luiz de Azevedo. Esse entrave temporal gerou artigos polêmicos na imprensa local [...] (ALVES, E., 2005, p. 127).

Este foi um dos impasses encontrados por Justiniano de Mello durante a sua breve passagem pelo Atheneu Sergipense. Ao pesquisarmos as atas de reuniões da Congregação dos lentes da instituição referida, percebemos a ausência do professor

---

<sup>10</sup> Cadeira, neste período, era sinônimo de titularidade de uma disciplina. (MARTINS, 2005).

<sup>11</sup> Cf. Jornal do Aracaju, 15 de maio de 1872.

<sup>12</sup> Nesta época, lente significava mesmo que professor de determinada disciplina. (MARTINS, 2005).

em alguns dos encontros. Em uma delas, a de 30 de abril de 1874, consta a leitura de um ofício no qual o professor justifica a sua ausência. A análise dos documentos nos permitiu notar que o nome do lente de Gramática e Tradução da Língua Inglesa apenas será mencionado 20 anos depois.

Essa ausência se justifica pelo fato de que Justiniano de Mello foi para Rio Grande do Sul a fim de cuidar da sua saúde e, naquela província, redigiu dois jornais: “[...] O Artista, no qual se empenhou pela causa nacional ao lado do pernambucano Saldanha Marinho, e o Diário do Rio Grande – ambos na cidade de Rio Grande, a mais antiga da província, onde foi orador da loja maçônica União Constante.” O sergipano passou por Montevideu e Buenos Aires, onde obteve o grau de doutor em Ciências Sociais pela Faculdade de Córdoba, na Argentina, regressando ao Rio de Janeiro em 1876. (CORRÊA, 2006, p. 115).

No mesmo ano o professor mudou-se para a recém-criada província do Paraná após ser convidado para atuar como Secretário do Governo de Adolpho Lamenha Lins<sup>13</sup>. Este, por sua vez, também formado em Recife, durante a sua administração garantiu investimentos para a educação, sendo dois deles a reforma do Instituto Paranaense<sup>14</sup> e a criação da Escola Normal (pela Lei n.º 456 de 12 de abril de 1876), ambos os cursos anexos ao Instituto de Preparatórios do Paraná, (CORREA, 2006).

No ano de 1876, Justiniano de Mello, fez parte do primeiro quadro de professores da Escola Normal, onde lecionou a cadeira de Pedagogia e a de Religião e *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza* do Instituto Paranaense. Nessas mesmas instituições, em 1884 assumiu o cargo de professor de Pedagogia *theorica* e prática, entre 18 de maio e 1º de junho de 1888 substituiu o lente de *Philosophia* e história e no ano de 1893 ocupou a cadeira de História Universal. Em 15 de Julho de 1896 foi aposentado de suas funções.

Na mesma província, Justiniano de Mello foi eleito Deputado Estadual em quatro legislaturas. A primeira delas foi em 1878 devido ao falecimento do deputado Lourenço Taborda Ribas de Andrade. Após uma nova eleição, o professor foi escolhido pelos conservadores e superou o seu concorrente, o liberal padre João

---

<sup>13</sup> Adolpho Lamenha Lins nasceu no ano de 1845, na cidade do Recife, em Pernambuco e, no mesmo local, recebeu o título de bacharel em Leis (1867), o equivalente ao de Direito. Foi presidente das Províncias do Piauí (1874) e do Paraná (1875). (POLINARSKI, 2008)

<sup>14</sup> Em seguida, ficou conhecido como Liceu Paranaense e, devido a reforma de ensino em 1900, denominou-se Ginásio Paranaense. (RESENDE, 2007).

Baptista Ferreira Bello, assumindo o cargo em 1879. Foi novamente eleito pelo mesmo partido em 1882 e 1889. Em 1891, concorreu com Manoel Correia de Freitas a vaga de deputado pelo Partido Operário, mesmo sendo recém-filiado ao partido, obteve resultado positivo, tomando posse do cargo por aquela agremiação.

Durante as suas atuações na política e na educação do Paraná, Justiniano de Mello entrou para o meio jornalístico, fundando e redigindo periódicos ora de partidos políticos ora de seus amigos, os quais, por vezes, faziam parte de sua rede de difusão de ideias. Era a partir desses meios de comunicação que este literato propagava suas opiniões sobre o que estava posto na sociedade da época. Os seus pensamentos refletiram tanto sobre as questões políticas quanto sobre aspectos relacionados à educação, ao direito, à literatura e mesmo à arquitetura.

Na qualidade de membro do Partido Conservador, fundou e redigiu o jornal *25 de Março* em 1876. Em 1877 publicou no *O Paranaense* e em 1882 na *Gazeta Paranaense* e *Jornal do Commercio*. Justiniano de Mello foi o redator do periódico *Sete de Março* fundado em 1888 e pertencente ao partido conservador, além de contribuir para a *Revista Azul* (1893) e o *Cenaculo* (1895).

Após vinte anos vivendo no Paraná, Justiniano de Mello regressou à sua terra natal, Sergipe, em 1896. Em Aracaju, voltou a lecionar no Atheneu Sergipense como lente de História Universal da Civilização. Sobre a sua atuação, Edilberto Campos nos relatou o seu comportamento em sala de aula:

Invariavelmente de sobrecasaca e calça listrada, atravessava o pátio, parava defronte da porta fechada, o bedel abria, ele entrava e nós estudantes o acompanhávamos e nos acomodávamos ao longo de uma grande mesa. O professor só dava aula com a *História Universal* de Moreira Pinto na mão e, ao invés de explicar, criticava o autor mostrando erros. – É um burro, dizia ele. Um dia, por acaso, não levei o livro. – “Então que veio fazer aqui? Pode ir-se embora” Levantei-me, os colegas fizeram o mesmo e saímos todos, pois ninguém tinha o tal livro. Até o fim do ano, o Justiniano comparecia diariamente, assinava o ponto e saía sem dar aula porque não tinha alunos. (CAMPOS apud ALVES, p. 46).

Podemos perceber quanto Justiniano de Mello era consistente em defender o seu pensamento e almejava inserir seus alunos naquilo que ele acreditava. Intelectual, professor, jornalista, poeta, filósofo, historiador, entre tantas outras características que poderíamos representá-lo, “[...] era tido como um gênio incompreendido [...]”, talvez por ele ter sido “[...] um grande conhecedor de línguas,

sobretudo, das línguas mortas das civilizações antigas. Como historiador e sociólogo, seu método de exposição será baseado sobretudo na interpretação das raízes primitivas da linguagem.” (DANTAS, 1955, p. 258).

Em 1906, ainda em Sergipe, publicou a sua mais importante obra “Nova luz sobre o passado”, na qual assinou com o pseudônimo de A. Sergipe, sendo que estava dedicada ao seu “Amado Sergipe”. Justiniano de Mello ainda mudou-se para Minas Gerais e, em 1940, na cidade de Colatina, no Espírito Santo, faleceu aos 87 anos de idade.

## **2.2 De Sergipe ao Paraná: Justiniano de Mello e Silva entre as "estruturas de sociabilidade"**

Justiniano de Mello, em sua atuação como redator de jornais, era dotado de uma personalidade polemista, pois não se sentia intimidado em atacar os grandes nomes da política do período (CORRÊA, 2006). Neste contexto, aliou-se a grupos que defendiam um mesmo posicionamento ideológico, cujos integrantes estavam determinados a alcançar o mesmo objetivo, apesar de, em certos momentos, suas empatias também divergirem. Esse conjunto de ações é determinante para o processo de solidificação das “estruturas de sociabilidade”, onde os agentes que a compõem detêm de certo poder de influência. Influência esta que é disseminada tanto no grupo, quanto no restante da sociedade.

Levando em consideração a participação de Justiniano de Mello nos jornais, entendemos que o intelectual fazia parte de uma “rede”, ou seja, o grupo em que ele estava inserido, porém, não sujeitava a sua redação aos modos desta “rede”, isto é, não se afastava do seu “microclima”. Assim, a sua carreira como redator em jornais e suas contribuições para este tipo de periódico – comumente ligado a partidos políticos –, ocasionaram alguns embates e aproximações neste meio. Destacamos a seguir alguns dos acontecimentos que mais geraram discussões e foram propagados tanto nos jornais da província em que o sergipano residia, quanto em outras.

Como já mencionado, ele foi lente de *Inglez do Atheneu Sergipense* e, em 06 de fevereiro de 1872, tomou posse da cadeira de *Grammatica Phylosophica da Lingua Portuguesa* da mesma instituição. Devido a problemas de saúde, o professor precisou afastar-se e, em seguida, foi para o Paraná. A sua ausência gerou um

processo por abandono de emprego instaurado por Dr. Gervasio Campello, juiz de direito da região de Aracaju, além de debates na imprensa protagonizados por membros da elite letrada.

No periódico *Jornal do Aracaju*, de 25 de abril de 1878, foi mencionado um ato em que Justiniano de Mello tinha o prazo de dois meses para reassumir a função de lente da disciplina anteriormente citada, pois a permissão da sua ausência já havia rescindido. Em junho de 1879, no jornal *Dezenove de Dezembro*, foi publicado um convite direcionado ao juiz de direito da comarca de *Curityba* para assistir ao julgamento do tal “crime” na província de Sergipe. A fim de se justificar quanto a isto, Justiniano de Mello, contrário aos “boatos”, relata: – “Sou professor vitaliceo do Lyceo de Sergipe, de onde auzentei-me para exercer o cargo que ocupei durante quasi dous anos n’esta província” (*O PARANAENSE*, n. 42 de 16 de fevereiro de 1879, p. 4). Em outras palavras, o lente solicitou o seu afastamento por ter sido nomeado secretário do governo do Paraná, em 1875<sup>15</sup>.

Apesar disso, o professor foi privado de exercer o emprego durante dois anos, como noticia o *Jornal de Sergipe*:

Por sentença de 1 do corrente, proferida pelo dr. Juiz de direito desta capital, foi condemnado o dr. Justiniano de Mello e Silva, na pena de 2 annos de suspensão de emprego e multa correspondente a metade do tempo, como incurso no grau médio do art. 157 do cod. Crim., por haver abandonado seu cargo de lente de grammatica philosophica do atheneu sergipense. (n. 27 de 6 de março de 1879, p. 2)

No entanto, como “Lê-se no *Jornal de Notícias da Bahia*, n. 66 de 6 de Dezembro” de 1879, Justiniano de Mello, “[...] conhecido jornalista, e deputado provincial pelo Paraná, acusado pelo juiz de direito do Aracajú por abandono de emprego, quando ele se achava em comissão do governo [...] foi absolvido, unanimamente na ultima sessão do Tribunal da Relação [...]” (*O PARANAENSE*, n. 96 de 21 de dezembro de 1879, p. 1). Em meio a estes acontecimentos, outros impasses ocorriam na vida do professor enquanto lente do Instituto Paranaense.

Em 14 de outubro de 1876 ele iniciou o exercício nesta instituição nas disciplinas de gramatica, religião e pedagogia e de diretor geral interino da instrução pública no dia 20 de novembro do mesmo ano. Questionando sobre a situação do lente, o então presidente da província, Rodrigo Octavio de Oliveira Menezes,

---

<sup>15</sup> Cf. *Dezenove de Dezembro*, 15 de setembro de 1875.

declarou, em julho de 1878, a demissão de Justiniano de Mello, segundo ele, por ter entrado no Instituto Paranaense sem concurso<sup>16</sup>. Não contente com esta decisão, o professor emitiu um ofício à Comissão de Instrução Pública reclamando sua demissão do cargo e, em junho de 1879, a “Assembléa Legislativa Provincial” do Paraná decretou:

Art. 1.º A vitaliciedade concedida por acto da presidencia desta provincia de 7 de Abril de 1877 ao lente de grammatica phylosophica e pedagogia do Instituto Paranaense, Dr. Justiniano de Mello e Silva, está em perfeita conformidade com o disposto no §§ 14, primeira parte de 17 do art. 1.º da lei n. 456 de 12 de Abril de 1876, e continua em inteiro vigor para todos os efeitos.

Art. 2.º Será pago de todos os vencimentos que deixou de perceber durante o tempo em que esteve fora do exercicio o lente do Instituto – Paranaense – Dr. Justiniano de Mello e Silva, serventuario vitalicio desde a data de sua nomeação, e só demissivel em virtude de sentença passada em julgado, na forma das leis criminaes do imperio.

Art. 3.º Revogam-se as disposições em contrario. Paço da assembléa legislativa provincial do Paraná, 16 de Junho de 1879. – Joaquim Bittencourt. – Manoel Ferreira Ribas. (O PARANAENSE, n. 61 de 22 de junho de 1879, p. 1)

Diante do veredito, nem todos ficaram satisfeitos. Exemplo disso foi o posicionamento do então presidente de província do ano mencionado, ao julgar o processo como inconstitucional, pois "commette essa exorbitancia e importa a reintegração de um empregado demittido pela presidencia, para o que não tem faculdade as assembléas provinciais." (DEZENOVE DE DEZEMBRO, n. 1978 de 17 de julho de 1879). Apesar desta manifestação, Justiniano de Mello reassumiu o cargo de lente do Instituto Paranaense.

Como pertencente a um grupo de letrados, o intelectual passou por outros âmbitos além do acadêmico, sendo um deles o político, onde também encontrou quem o criticasse e o defendesse. Ao assumir o cargo de secretário do governo do Paraná, Justiniano de Mello foi cumprimentado pelo jornal A Fraternidade, o qual o desejou ao “distincto sergipano” que tivesse a “ocasião de revelar seus dotes intellectuaes [...] nas funções de seu cargo administrativo [...]” (Aracaju, 24 de fevereiro de 1876). E assim ocorreu, pois em março de 1877 o professor foi

---

<sup>16</sup> Cf. Dezenove de Dezembro, 25 de novembro de 1876; Dezenove de Dezembro, 29 de novembro de 1876; Dezenove de Dezembro, 6 de julho de 1878.

homenageado, juntamente com Adolpho Lamenha Lins, pelos serviços prestados. Como consta no Dezenove de Dezembro:

Vos saudamos como um dos homens que tem dedicado seus melhores dias aos interesses do povo e a instrução da mocidade [...] Vós sois um dos homens que tem contribuído muito para o progresso e civilização, palavras que pela sua universalidade, pela sua indeterminação, pela vontade que confusamente envolvem; agradam, lisongeam, enthusiasmam, electrisam.(n. 1788 de 7 de 1877, p. 3).

Estas palavras foram veiculadas, também, em jornais filiados ao partido que ele apoiava e, enquanto pertencente do mesmo, Justiniano de Mello defendeu o projeto idealizado por Tertuliano Teixeira de Freitas, que prescrevia a criação de um desses periódicos para publicar as ideias do partido. Em “reunião conservadora”, o sergipano proferiu o seguinte discurso:

[...] a politica precisa de uma propaganda activa, que não só attraia ao grêmio dos partidos novos sectários, como que mantenha accêsa a chamma das dedicações, e concite as energias adormecidas. [...] todas as agregações partidárias, quando colocadas nas posições officiaes, esquecerem rapidamente os deveres que as ligas á opinião publica, sempre indagadora e exigente. [...] a imprensa tem a incomparavel virtude de aproximar os espíritos, de estabelecer a harmonia e a mais salutar uniformidade entre os propugnadores da mesma doutrina. [...] as administrações conservadoras tem o direito de exigir de seus co-religionarios a defesa dos actos que as recommendem. [...] agora mais que nunca tornava-se urgente a criação de órgão conservador; pois a folha que publica o expediente do governo havia cortado com o jornal liberal toda a discussão. [...] a proposta do Sr Dr. Tertuliano, apoiada por todos os correligionários presentes, tinha a mais alta significação no presente, pois inaugurava uma nova phase de salutar agitação para o grande partido em cujas fileira milita. (DEZENOVE DE DEZEMBRO, n. 1845 de 29 de setembro de 1877, p. 4).

A partir do seu posicionamento, Justiniano de Mello foi escolhido por Tertuliano Teixeira de Freitas para ser o redator do jornal responsável por defender as ideias conservadoras. Ao exercer o cargo de redator, ele conseguiu, de maneira mais significativa, propagar as suas considerações acerca do contexto do período e suas defesas quanto aos “ataques” proferidos pelos seus oponentes. Temos como um fato relacionado a isso o seu esclarecimento sobre outro processo, no qual ele estava sendo acusado de agressão a uma mulher italiana.

No “O Paranaense”, de 26 de agosto de 1879, um artigo intitulado “A justiça da terra” narra o episódio em que Justiniano de Mello recebeu um mandado de prisão, no qual consta o relato do então redator e diretor do jornal, Benedicto Carrão:

O Dr. Justiniano de Mello, que tem attrahido sobre a sua pessoa todos os ódios dos miserandos dominadores, declarou, logo após a leitura do mandado, que ia prestar a sua fiança [...] Retirou-se, após semelhante declaração, o official de justiça, e voltou dentro em pouco acompanhado de dous soldados de policia, que se propuzeram a varejar todos os cantos da casa, declarando que tinham ordem de levar vivo ou morto o Dr. Justiniano de Mello. (p. 1).

O Dezenove de Dezembro apontou esta versão como “uma grave accusação á força publica [...]”, e que O Paranaense esqueceu que, ao publicar isto, poderia confrontar com o testemunhado pelos cidadãos presentes na hora do fato ocorrido. O mesmo jornal afirma que:

Effectivamente os guardas seguiram o official de justiça até o portão da chacara em que reside o Sr Justiniano de Mello, e ahi se conservaram enquanto o metrinho cumpria os seus deveres, e indagava se o Sr. Justiniano estava ou não em casa; e desse posto não sahiram senão quando o official convidou-os para voltarem à residencia do juiz municipal. [...] Nem os guardas penetraram na chacara [...], nem a menor palavra proferiram contra o Sr. Justiniano, ou pessoa de sua família.[...] E só, então, de volta, quando passavam pela praça da Matriz e em frente à typographia do Paranaense foram os dous guardas chamados pelo escrivão do juizo de paz, que lhes disse, que a diligencia estava sem effeito, porque o Dr. Justiniano já tinha prestado fiança. (n. 1984 de 28 de agosto de 1879, p. 4).

Ao constatar essas versões, notamos a dualidade de visões, resultando, assim, um contrassenso no que realmente pode ter acontecido. Como forma de defender-se do que estavam falando a seu respeito, o acusado decidiu se posicionar de maneira sagaz e combativa. Primeiro, Justiniano de Mello, como redator do jornal O Paranaense, contou o que gerou este processo. Isto não do mesmo modo que os outros fizeram, mas de um arranjo típico da sua personalidade, em um texto intitulado “O attentado do Sr. Pinheiro”, publicado no jornal mencionado. Segundo ele, uma mulher havia machucado seu filho de seis anos e, ao ouvir os gritos da família, levantou-se da cama, procurou saber o que tinha acontecido. Ao vê-lo

[...] com o rosto ensanguentado, cercado de irmãos que choravam, e de outras pessoas que davam signaes de uma justa cholera [...] fui de encontro a mulher que não duvidára causar tamanha afflicção á uma familia pacifica.

Confesso com prazer o que fiz; e o corpo de delicto por mim requerido ao Sr. Chefe de policia a minha asserção nos seus pontos capitães.

Achou a megéra protectores nos indignos farçantes, que são incapazes de imitar o meu procedimento, pois não tem alma, nem sabem o que é amor paterno.

Asseguram-me que a italiana, tão protegida, e tão provocadora, a ponto de roubar-me a tranquillidade domestica em acintes repetidos, tem o apoio de certo personagem que faz questão pela casa, onde habito.

Já se vê que não tenho nem o direito a um telhado, sob o qual durmamos, eu e os meus filhos!

Os bofetões que dei na estúpida megéra tem causado singular alarma!

Tambem não me assiste o direito de proteger a vida dos meus filhinhos!

Exagero quando digo que os meus inimigos são uns miseraveis!

Declaro, por uma vez, que tenho honra em sofrer quantos processos engendrem os meus perseguidores, desde que elles se refiram a factos tão dignos com o que pratiquei em defeza de uma criança de seis annos.

Aquelles que tem filhos, que me julguem! (O PARANAENSE, 30 de novembro de 1879).

O redator também prestou queixa contra o juiz de direito da comarca, Floriano Berlintes de Castro, o qual emitiu o mandado<sup>17</sup>. Além disso, na coluna “Desmascarados” do número 101 do jornal O Paranaense, o sergipano apresenta sua versão do ocorrido durante o mandado de prisão. Esta coluna é baseada no ofício de 22 de dezembro de 1879 endereçado ao então Presidente da Província Dantas Filho. No artigo seguinte, de mesma autoria, ele critica o trabalho da polícia e do seu chefe Luiz Barreto de Menezes Correia, bem como do presidente da província. Na coluna “Honrosa manifestação” são prestadas homenagens a Justiniano de Mello por ter conseguido *habeas corpus*. E isto “foi uma decepção bem amarga para os energúmenos do poder e para os perseguidores [...]”, pois ele “[...] alcançou um triumpho esplendoroso.” O texto conclui: “o que lucrarão a policia, o governo e os inimigos do Dr. Justiniano com a tragedia? O desprezo publico e a reprovação unanime da sociedade.” (O PARANAENSE, n. 101 de 25 de janeiro de 1880, p. 3).

<sup>17</sup> O Paranaense, 21 de dezembro de 1879.

Apesar disto, o acusado consta na lista de “criminosos capturados na província do Paraná”, conforme Figura 5:

**Figura 5** – Lista de cidadãos acusados de crimes entre os anos de 1879 à 1880 na província do Paraná

**N 1.---RELAÇÃO nominal dos criminosos capturados na provincia do Paraná, desde 25 de Abril de 1879 até 31 de Janeiro de 1880.**

NÚMEROS	Nomes	Crimes	Onde foram presos
1	Francisco Cardoso Alves . . .	Homicídio.	S. José da Boa Vista.
2	José Cardoso Alves . . .	Idem.	Idem.
3	Belarmino de Souza Carneiro . . .	Idem.	Iguassú.
4	João José da Conceição . . .	Idem.	Lapa.
5	Antonio José de Lima . . .	Idem.	Idem.
6	Isaías Prestes Maciel . . .	Idem.	S. José dos Pinhães.
7	Antonio Mianch . . .	Tentativa de homicídio.	Capital.
8	José da Silva Calopiá . . .	Homicídio.	Rio Grande do Sul.
9	José Ribeiro de Souza . . .	Idem.	Capital.
10	Vicente Galhardo . . .	Idem.	Ponta Grossa.
11	Maurício José de Freitas . . .	Ferimentos e offensas phisicas	Idem.
12	Wait Lienzmeart . . .	Idem, idem.	Capital.
13	Joanna Ferreira . . .	Polygamia.	Idem.
14	Carlos Pund . . .	Ferimentos e offensas phisicas.	Idem.
15	Anibal Cezar da Rocha . . .	Defloramento.	Idem.
16	Antonio Carlos Raymundo . . .	Ferimentos e offensas phisicas.	Idem.
17	Francisco José Reinelt . . .	Idem, idem.	Antonina.
18	Manoel Gomes Corrêa . . .	Idem, idem.	Capital.
19	Francisco Manoel Baptista . . .	Idem, idem.	Idem.
20	Samuel Vaz de Siqueira . . .	Idem, idem.	Lapa.
21	Joanna Ferreira Lima . . .	Idem, idem.	S. José dos Pinhães.
22	Antonio Alves de Andrade . . .	Idem, idem.	Rio Negro.
23	Cosme Antonio de Oliveira . . .	Idem, idem.	Antonina.
24	Salvador dos Anjos Cardoso . . .	Tentativa de fuga de presos.	Lapa.
25	Manoel Pinto da Conceição . . .	Idem, idem.	Idem.
26	Anna Maria Kraus . . .	Ferimentos e offensas phisicas.	Capital.
27	Antonio Machado Riola . . .	Ferimentos graves.	Lapa.
28	Horacio dos Santos Pacheco . . .	Idem.	Idem.
29	Francisco Manoel Vaz . . .	Idem.	Idem.
30	Francisco Xavier de Moraes . . .	Idem.	Idem.
31	Primo Filício Antonio Bancourt . . .	Idem.	Idem.
32	Caetano, escravo . . .	Tentativa de morte.	Antonina.
33	Antonio Eleutherio . . .	Evasão de presos.	Morretes.
34	Alberto Godkt . . .	Ferimentos graves.	Rio Grande do Sul.
35	Germano Bier . . .	Idem.	Capital.
36	Marcello, escravo . . .	Ferimentos leves.	Idem.
37	5 escravos da fazenda do Yorá . . .	Homicídio.	Idem.
38	João Leal . . .	Idem.	Castro.
39	Carminio Joaquim dos Reis . . .	Idem.	Lapa.
40	Caetano da Silva . . .	Ferimentos.	Capital.
41	Francisco Luz dos Santos . . .	Homicídio.	Palmeira.
42	Joaquim José Borges . . .	Idem.	S. José da Boa Vista.
43	Manoel de Mello . . .	Idem.	Castro.
44	Justiniano de Mello e Silva . . .	Ferimentos e offensas phisicas.	Idem.
45	Francisco Cardoso Alves . . .	Homicídio.	Campo Largo.
46	João Antunes dos Santos . . .	Ferimentos graves.	Capital.
47	João Alves Pinto . . .	Defloramento.	S. José da Boa Vista.
48			Arraial Quetmado.
49			Idem.

Fonte: Jornal Dezenove de Dezembro, n. 2044, 1 de maio de 1880. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=416398&PagFis=9690&Pesq=justiniano>>

Devido ao seu descontentamento com as medidas tomadas pelo corpo diretivo do partido em que era membro – o conservador – Justiniano de Mello findou a ligação com o mesmo. Ele não queria ter “apenas representado os interesses dos chefes” do seu partido, “sem fazer cabedal de espontaneidade generosa com quem foi suffragado” o seu nome por meio dos eleitores<sup>18</sup>. Frente a essas circunstâncias, o político divulgou uma nota sobre o seu distanciamento com o seguinte esclarecimento:

<sup>18</sup> Cf. SILVA in Jornal do Commercio, n. 23 de 14 de dezembro de 1883.

Tendo immolado os *melhores dias* de minha vida, a minha mocidade e o meu repouso, nas aras da politica militante, comprehende-se que continuarei ligado pela *religião da memoria* aos interesses e principios pelos quaes pugnei outr'ora com honra e dedicação. Não vou, porem, dormir o somno do egoismo. Na imprensa neutra elevarei sempre a voz em defeza dos direitos populares; e ahi talvez possa ser mais util á uma Assemblèa facciosa, sempre dominada pelos preconceitos partidarios, e que poderá mais uma vez supprimir a liberdade da critica e discussão. (SILVA, J., 1883, p. 4).

Mesmo antes desta nota de esclarecimento, um eleitor fez elogios por ele não querer pertencer a qualquer partido, porque “é justamente com essa declaração que elle salva a bandeira dos principios saõs, é nessa declaração que está todo o seu desinteresse e ao mesmo tempo todo o seu amor pela causa da patria e do contribuinte”<sup>19</sup>.

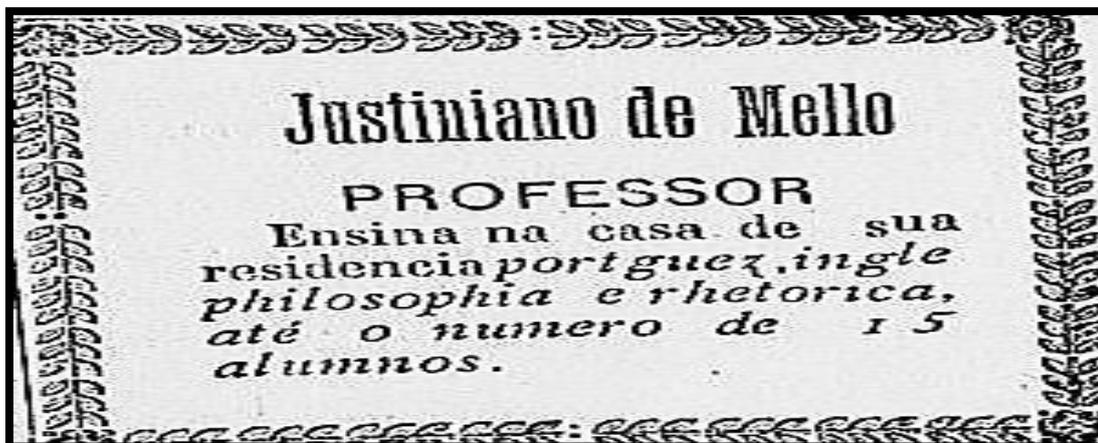
Por consequência dos processos contra ele, a sua demissão na Escola Normal e Instituto Paranaense foi inevitável. Pouco tempo após o ocorrido, Justiniano de Mello se ofereceu para lecionar, gratuitamente, em qualquer disciplina no Instituto Paranaense e na Escola Normal. Segundo ele, a estes estabelecimentos sempre esteve ligado o seu “mais vivo interesse, tendo n’elles servido por annos na qualidade de professor de grammatica filosofica e pedagogia”. Por isso, pronunciou-se:

[...] vou pôr á disposição [...] os meus serviços gratuitos para leccionar qualquer das disciplinas dos indicados cursos em que essa Presidencia me possa julgar habilitado. Assim manifesto o desejo de ser util á causa da instrucção publica, da qual V. Ex. tem sido indefesso propugnador, e á mocidade, a quem consagrei desde a idade de dezoito annos as contensões de meu espirito e as poucas luzes adquiridas no traquejo das letras. (SILVA, J., 1884, p. 3).

Em resposta, no expediente da presidência de 19 de abril de 1884, Luiz Alves Leite e Oliveira Bello, então administrador da província, aceitou o pedido e o nomeou como lente remunerado da cadeira de “pedagogia theorica e pratica”. Isto nos chama a atenção porque demonstra que Justiniano de Mello buscava estar a serviço da educação escolar. Prova disso é a presença de alguns anúncios em que o mesmo se apresenta como professor particular. Além disso, foi possível perceber outros anúncios promovendo seus serviços, como de advogado, que podem ser observados na Figura 6 e Figura 7:

<sup>19</sup> Cf. Jornal do Commercio, 22 de setembro de 1883.

**Figura 6** – Anúncio de Justiniano de Mello para lecionar aulas particulares de portuguez, inglez, philosophia e rhetorica



**Fonte:** Jornal Sete de Março, nº 58, 1 de junho de 1889. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=justiniano>> Acesso em: 27 nov 2016.

**Figura 7-** Anúncio de Justiniano de Mello para atuar como advogado na defesa de causas criminais



**Fonte:** Jornal O Paranaense, nº 113, 25 de abril de 1880. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=248261&pasta=ano%20188&pesq=justiniano>> Acesso em: 27 nov 2016.

Os anúncios estão presentes em mais de uma edição dos jornais. No que consta do primeiro, foi publicado nos números 58, 59, 60, 61, 62, 67, 68, 71 e 77 do periódico *Sete de Março*, equivalentes ao ano de 1889. Quanto ao segundo, ele aparece nos números 113 e 114 do jornal *O Paranaense* em 1880.

Diante desses fatos, percebemos, mesmo que em caráter preliminar, alguns traços da maneira de pensar de Justiniano de Mello e como ele expressava este pensamento, o qual era comumente ligado a aspectos jurídicos. Sua postura incisiva gerou tanto desavenças, evidenciadas em processos – que foram descritos em

colunas de jornais –, quanto apreços, que suscitaram em cerimônias e elogios declarados nos periódicos. Devemos levar em consideração que:

O intelectual não tarda a posicionar-se contra a política e suas instituições. Ora aspira a uma organização apolítica da sociedade, ora um desenvolvimento econômico capaz, por si só, de criar estruturas políticas necessárias, ou ainda a um processo de acumulação, do qual as instâncias políticas seriam apenas a manifestação e o instrumento. Assim, sempre ressurgue a tentação de uma recusa radical do político, por outro lado, a convivência entre o conhecimento e a ação significa que nada escapa ao plano político, e que a realidade é, já de início, totalmente política. (PÉCAUT, 1990, p. 7).

Nesta perspectiva, o intelectual está presente em tais embates como forma de manifestar as suas reflexões. O conhecimento por ele defendido e veiculado elabora uma nova representação de política e pensamento para o meio social, pois o próprio ato de sua elaboração já é uma ação politizadora à medida que interfere na vida dos sujeitos, sobretudo, na sua realidade.

### **2.3 Escritos “panfletários”: os redatores da imprensa na segunda metade dos oitocentos**

*O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das idéias e o fogo das convicções.*

*Machado de Assis*

Diante das palavras de Machado de Assis e das “idéias e o fogo das convicções” apresentados anteriormente, faz-se necessário conhecer quem foram os sujeitos que estavam envolvidos tanto na produção quanto na veiculação da imprensa periódica da segunda metade dos oitocentos. Conforme Morel (2010), as ideias que circulavam nos jornais impressos do século XIX mantinham uma estreita relação com a palavra falada. Isto porque,

[...] o surgimento da imprensa periódica no Brasil não se deu numa espécie de vazio cultural, mas em meio a uma densa trama de relações e formas de transmissão já existentes, na qual a imprensa se inseria. Ou seja, o periodismo pretendia, também, marcar e ordenar uma cena pública que passava por transformações nas relações de poder que diziam respeito a amplos setores da

hierarquia da sociedade, em suas dimensões políticas e sociais. A circulação de palavras – faladas, manuscritas ou impressas – não se fechava em fronteiras sociais e perpassava amplos setores da sociedade que se tornaria brasileira, não ficava estanque a um círculo de letrados, embora estes, também tocados por contradições e diferenças, detivessem o poder de produção e leitura direta da imprensa. (MOREL, p. 19)

Nesse contexto, aqueles que pertenciam ao grupo responsável pela publicação dos periódicos contribuíram, de maneira direta ou indiretamente, no propósito de configurar um cenário público social. Os tipógrafos, impressores, redatores, colaboradores, assinantes, correspondentes e leitores caracterizavam-se por agentes da imprensa, sendo o redator o que trazia singularidade aos jornais, pois ele

[...] agrupava funções que iam desde a organização formal do jornal até a definição do conteúdo por ele prolapado. Ao escrever a maior parte dos artigos e determinar o formato do periódico, acabava personificando-o e funcionando como seu porta-voz principal, de modo que o debate travado na imprensa da época configurava-se menos institucional, isto é, entre diferentes jornais, do que numa discussão estabelecida entre redatores. (OLIVEIRA, C., 2010, p. 6).

Ou seja, a atividade do sujeito responsável por “moldar” os jornais era tanto o de escolher qual temática seria divulgada quanto o de contribuir para o conteúdo veiculado. Deste modo, mesmo sendo o redator a figura que caracterizava o periódico, seu eventual desligamento não “[...] significava [...] a possibilidade de alteração do perfil de uma folha”, em virtude de existirem outros membros contribuintes: os colaboradores. Estes, apesar de comumente terem participação anônima, eram fundamentais para a constituição das publicações, “[...] já que a maior parte dos redatores desempenhava outras funções fora da tipografia, e necessitava de auxiliares, mesmo que temporários, que dessem sustentação ao periódico.” (OLIVEIRA, C., 2010, p. 8).

Os colaboradores participavam de maneira impessoal, no sentido em que eles não se envolviam com os debates mais promissores da época, ou seja, eles não direcionavam as temáticas dos seus textos para algo ou alguém específico. Esta tarefa ficava por conta dos redatores que, quando se tratava de política, fortificavam as suas palavras para protestar quanto ao que estava posto em questão.

A fim de delinear um perfil dos redatores do período, cabe-nos indagar quem eram esses homens e quais os seus propósitos, pois eles buscavam conquistar “adeptos para uma causa, seja ela empresarial ou política, e os artifícios utilizados para esse fim são múltiplos.” (CAPELATO, 1988, p. 15).

De esfera pública, os redatores brasileiros perpassavam pela cultura impressa de outros países, trazendo ideias de fora a serem seguidas pela imprensa do Brasil. Eram homens de letras que, em sua maioria, integravam grupos políticos e traziam em seus jornais não somente reflexões sobre temas comuns que estavam sendo discutidos, mas principalmente ofensivas políticas contra os partidos opositores. Nesta perspectiva,

A utilização da imprensa como meio de criação, propagação e combate de ideias conferia ao redator um caráter eminentemente público, ainda que os artigos impressos nos periódicos fossem majoritariamente anônimos. Conhecidos também como “publicistas”, os redatores faziam da sua condição uma via de projeção social associada às carreiras políticas. (OLIVEIRA, C., 2010, p. 7).

Este modo de propagar e combater ideias atribuía aos redatores um estilo tido como “panfletário”. Segundo Morel,

A maioria dos homens de letras dessa geração, independente do posicionamento político, escrevia no chamado estilo panfletário, que expressou uma das fases mais criativas e vigorosas dos debates políticos mundiais e da imprensa brasileira em particular, só vindo a desaparecer na segunda metade do século XX. O estilo panfletário [...] alcançava eficácia por várias características retóricas interligadas, como: capacidade de convencer e de atacar, espírito mordaz e crítico, linguagem literária, sátira, requerendo ao mesmo tempo densidade doutrinária e ideológica e agilidade para expressar, em situações específicas e circunstanciais, uma visão de mundo geral e definida. (2005, p. 36-37).

O “estilo panfletário” dos redatores de jornais se processou em conformidade com os acontecimentos do período. Com as constantes mudanças ocorridas no século XIX – lei do ventre livre, abolição da escravidão, instauração da república – a imprensa tornou-se um dos principais meios para a veiculação dos debates. Por esta ocasião, aqueles que escreviam em jornais tinham como intuito propagar o seu posicionamento de variadas formas, ora proferindo palavras ofensivas, ora utilizando

termos literários com o propósito de comparar os seus opositores com personagens oriundos da literatura. Alcançar o máximo de circulação era a intenção do jornal panfletário. Tal estilo atribuído aos periódicos não justifica-se com o fato desses escritos terem o formato de panfleto, mas por carregarem em si a ideia de produtividade e agilidade no fluxo da sua veiculação.

Este cenário de transformações fazia parte do cotidiano da sociedade, o qual se configurou como formador de ideias e posicionamentos com a perspectiva de lançar ao público as questões emergentes no âmbito da política, economia, educação, entre outras. Além disso, aqueles que respondiam pelos jornais integravam um ambiente de relações políticas, sociais e culturais, o qual se apresentava com certa complexidade à medida que levava esses sujeitos a buscarem expor, de alguma maneira, suas convicções. Conforme Morel,

Baseados nas tipografias e nas rotas de comércio como espaços de difusão cultural e sociabilidade, esses novos agentes culturais e políticos, os redatores, tinham nome e rosto na sociedade que buscava se efetivar como nação brasileira. Eram, com frequência, construtores do Estado nacional. (MOREL, 2005, p. 39).

De um modo geral, eles eram homens de letras e, ao disporem de certo domínio com as palavras, redigiram textos que ultrapassaram a temática da política. A defesa dos seus interesses partidários, bem como a escrita de textos que envolveram temas da educação, aponta que por eles se encontrarem preocupados em contribuir para a formação de opiniões, participavam, querendo ou não, da configuração de uma sociedade que buscava se consolidar enquanto nação organizada. Eram vistos, em sua maioria, como um grupo “portador de missão ao mesmo tempo política e pedagógica.” (MOREL, 2005, p. 167).

No jornal *Sete de Março*, por exemplo, temos como redator Justiniano de Mello, partícipe deste cenário e autor de publicações com diversos temas. Parte-se da hipótese de que as suas preocupações estavam de acordo com a dinâmica dos acontecimentos do período. Conseqüentemente, e como já relatado, os seus discursos eram, sobremaneira, rigorosos diante daqueles que demonstravam certa contrariedade aos seus ideais, tendo em vista que esses embates decorreram de uma tentativa de “organizar, consolidar e, posteriormente, garantir a manutenção do império do Brasil”, pois “a implantação de um novo perfil educacional no país no

século XIX estava intimamente relacionada às mudanças estruturais ocorridas na sociedade brasileira.” (MIZUTA, 2010, p. 85-86).

### 3 “Um tal systema que ainda não sabemos praticar”: o método intuitivo nos escritos de Justiniano de Mello e Silva

Todos os systemas trazem em si mesmo o germen da sua decadência. Mas elles tambem remoçam ao calor de uma prática leal e intelligente ou surgem mais tarde transformados [...]

Justiniano de Mello e Silva

A relevância em considerar as circunstâncias do momento em que os textos foram escritos, nos faz perceber se Justiniano de Mello argumentou sobre os processos educacionais vigentes ou foi além daquilo que estava sendo discutido na província do Paraná. Neste ínterim, julgamos conveniente esboçar como os métodos de ensino foram discutidos no processo de escolarização no Brasil e o que isto influenciou na organização escolar paranaense, levando em consideração que o período estudado sofreu significativas transformações no campo educacional e que os métodos de ensino foram influentes neste processo.

Justiniano de Mello escreveu textos relacionados à Pedagogia, Educação e Instrução, além de outros com temáticas voltadas para as áreas do Direito e da Religião. Os exemplares examinados circularam entre os anos de 1888 e 1891, datas do primeiro e último escrito deste autor, publicado no jornal *Sete de Março*.

#### 3.1 “O ensino e os systemas de divisão escolar” no século XIX

O século dezenove é marcado por constantes mudanças no que se refere à organização da educação. Os dirigentes buscavam um ensino voltado para a “civilização” das novas gerações que tivesse baixo custo e atendesse grande parte da população. Neste contexto, o Brasil,

[...] especialmente a partir da década de 1820, é marcado pela busca do ordenamento legal e pelos investimentos financeiros no campo educativo, mobilizando dirigentes imperiais e provinciais. Buscou-se conformar o processo educativo escolar a partir da introdução de novos métodos de ensino e da constituição, nas escolas normais, de um corpo de especialistas devidamente formados, definindo os espaços e os tempos destinados à ação educativa, assim como produzindo novos saberes escolares. Produziu-se gradativamente, e não sem conflito com outras instituições, a escola como o lugar por excelência da socialização das novas gerações. (INACIO, 2003, p. 11).

Foi com os olhos voltados para a Europa que os administradores das províncias empenharam-se em um modelo de ensino que tinha um papel fundamental para o progresso e modernidade da sociedade. Conforme indica Siqueira, ao ter como base as experiências pedagógicas dos países europeus,

[...] os administradores provinciais adotaram o que havia de moderno em termos de técnicas pedagógicas: os métodos de ensino. No século XIX, os métodos de ensino para a escola primária eram vistos nos países europeus, como a França e a Inglaterra, como a tecnologia pedagógica que melhor atendia ao projeto de nacionalidade. (2006, p. 24).

Neste sentido, os países europeus foram tomados como espelho para a adoção de métodos considerados eficientes. O ensino, então, passou a ser sistematizado por aquele que melhor atendesse os objetivos almejados pelos dirigentes e as necessidades da sociedade da época. Atrelado a uma normatização, empregava-se modelos que apresentavam um desempenho pedagógico positivo. Por outras palavras, em determinada época, os métodos individual, mútuo, simultâneo e o misto foram vistos como os mais apropriados para a sociedade. De acordo com Souza,

Embora tratados nos manuais como lições de metodologia, a questão dos modos de ensino teve uma conotação eminentemente política nos Oitocentos, pois implicava projetos educacionais abrangentes relacionados com a institucionalização da escola elementar que demandava investimentos, materiais específicos e políticas de formação de professores. (2011, p. 339).

Todos eles foram seguidos a fim de trazer mudanças significativas para a educação da época e, além disso, buscou atender um maior número da população.

O método individual, predominante na instrução nos primeiros anos do século XIX, consistia no modelo de ensino “aluno por aluno” feito pelo professor. O mestre dedicava certo tempo para fazer um aluno de cada vez ler, escrever e contar enquanto os outros ficavam em silêncio, estudando. Apesar de ter como ponto positivo o professor conhecer melhor o desempenho de cada aluno, o ensino individual teve como pontos negativos a pequena quantidade de sujeitos educados –

pois este método exigia um tempo longo para instruir – e a falta de domínio do educador sobre o grupo.

Em consonância com este pensamento, Justiniano de Mello afirma que o benefício deste método é o contato imediato do educando com o mestre. Entretanto, ele indica que este ensino somente é favorável quando ocorre em casa ou em uma sala com poucos alunos, pois o professor, enquanto ensina um aluno, perde o controle sobre os outros e para manter a disciplina recorrerá a castigos. Isto resultará na falta de interesse dos educandos e estes “[...] não estudam, o instinto diz-lhes que estão no seu direito.” (SILVA, J., 1890h, p. 2).

Além disso, os diferentes níveis de aprendizagem indicavam a necessidade de uma padronização no ensino. Diante desta situação e com o objetivo de

[...] estender a escolarização a uma parcela maior da população as discussões sobre os métodos de ensino figuraram entre as questões mais importantes na organização do ensino público. Era imperativo dotar a escola de mecanismos que permitissem instruir um número maior de pessoas em menos tempo e gastando pouco dinheiro. O método individual, que fizera história numa íntima relação com as práticas de ensino presentes no ambiente familiar, vinha sendo produzido desde o século XVII como inadequado ao ensino escolar. Forçoso tornara-se buscar e colocar em prática um novo modo de ensinar que permitisse instruir vários indivíduos ao mesmo tempo. (INACIO, 2003, p. 16).

Isso significa que foi necessário pensar em uma nova estratégia de ensino, a qual atendesse um maior número de sujeitos em um tempo curto e onde o professor obtivesse o “[...] domínio disciplinar do grupo de alunos no espaço escolar, assim como em criar materiais escolares, como quadros de sílabas, por exemplo, para dar a lição ao grupo de alunos simultaneamente” (INACIO, 2003, p. 59). Por esta razão, o método individual foi considerado inadequado para ensinar um grupo e buscou-se integrar novos mecanismos para tornar o ensino mais eficiente.

A fim de expandir o número de escolas e atingir os objetivos da nação, foi elaborada a primeira lei de educação do Brasil, a de 15 de outubro de 1827, que prescrevia a criação de “Escolas de Primeiras Letras”. Em seus artigos 4º e 5º, é determinada à adoção obrigatória do método, bem como a forma de organização escolar estabelecida no “ensino mútuo”. Dessa forma, “[...] esse método de ensino, que já vinha sendo divulgado no Brasil desde 1808, tornou-se oficial em 1827, ensaiando-se a sua generalização para todo o país.” (SAVIANI, 2003, p. 127).

Quanto ao ensino mútuo, conhecido também como método lancasteriano ou monitorial, foi idealizado por Joseph Lancaster (1778-1838) e André Bell (1752-1832) com o objetivo de “instruir crianças em tempo recorde e com poucos recursos”. Nas duas primeiras décadas do século XIX, este método chegou ao Brasil e, em 1823, foi criada a primeira escola de ensino mútuo por meio do Decreto de primeiro de março feito pelo então Imperador D. Pedro I. Entretanto, sua aplicação foi oficializada com a “Lei das Escolas de Primeiras Letras.” (SIQUEIRA, 2006, p. 23).

Conforme Siqueira,

Esse ensino consiste em dividir os alunos por grupos ou classes e colocá-los a frente de monitores. O professor não se ocupa de outra coisa a não ser instruir e dirigir os monitores, passando assim a se colocar em lugar secundário no ensino. Por causa dessa estrutura pode-se instruir de cem a trezentos alunos em uma única escola. Em termos de estrutura, o método mútuo exigia que os alunos fossem divididos em classes e subgrupos móveis, flexíveis e diferenciados resultantes das matérias de ensino e dos exercícios escolares. Desse modo, cada matéria baseava-se em um programa preciso e organizado. Esse programa era dividido em oito graus hierarquizados que deveriam ser percorridos sucessivamente. (2006, p. 23).

As características desse método estão centradas no aluno, pois aqueles que são mais avançados podem auxiliar o professor com os que ainda não chegaram ao nível mais elevado. Para Justiniano de Mello, a escolha de um monitor era um problema. A partir do momento em que o professor elege um aluno que mais se destaca para ser o monitor, este educando não será respeitado pelos outros. Para ele, a “[...] escola transforma-se numa feira: os meninos não se aplicam porque contam com a complacência do monitor que eles sabem atrair ao seu partido” (SILVA, J., 1890j, p. 1). Com isso, a sala não ficará organizada, levando o professor a aplicar castigos e, por este motivo, não haverá aprendizado.

No entanto, segundo ele, apesar deste método não ser o mais indicado para aplicação, não pode ser evitado em escolas com grande número de alunos. Por este motivo, foi proposto o seguimento deste método. O seu uso levava em consideração o aspecto quantitativo, pois devido à realidade que o país estava vivenciando – a de nação recém-independente – necessitava-se educar o máximo de pessoas ao mesmo tempo sem necessitar investir um alto custo financeiro.

Sobre a configuração da instrução primária na província paranaense, para entendermos precisamos partir da sua emancipação da província de São Paulo, a qual “[...] ocorreu em 29 de agosto de 1853 por Lei sancionada pelo Imperador D. Pedro II.” (MIGUEL, 2006, p. 40). Em 14 de setembro do ano seguinte foi sancionada a lei provincial nº 17 que tornou o ensino obrigatório “como forma de se obter o progresso moral e intelectual”. Além disso, abriu “[...] cadeiras de ensino primário, instituiu a figura do inspetor geral e dos inspetores de distrito [e] a subvenção aos professores particulares quando o número de alunos não justificasse a criação de uma escola pública [...]” (MIGUEL, 2006, p. 43).

Alicerçado nessa lei, o número de escolas cresceu substancialmente, não sendo isso algo positivo, porque passou a existir impasses e complicações na instrução. Este alto índice de escolas não significou um fator qualitativo na província paranaense, dado que,

[...] a crescente abertura de escolas a partir de 1855, que se justificaria pela institucionalização do ensino obrigatório, ligava-se somente a uma expansão numérica e não a um movimento efetivo de melhoria no setor educacional, nem a uma busca pela escola, por parte da população. Logo, não se pode dizer que o ensino obrigatório impulsionou a organização da escola primária ao abrir mais escolas, inclusive porque a maioria embora criada, não era provida pelo governo, principalmente no interior.

A dificuldade em prover as escolas se dava pela falta de profissionais, uma vez que o magistério não era uma carreira atraente financeiramente, e também porque os professores não tinham interesse em se deslocar até as regiões mais remotas da província. (MIGUEL, 2006, p. 45).

Embora a lei de 1854 garantisse a obrigatoriedade do ensino, ela não definiu o modelo a ser utilizado. Porventura, para “solucionar” os inconvenientes da situação a qual a província estava vivenciando, foi elucidada a aplicação de um método no Regulamento da Instrução Primária de oito de abril de 1857, que no artigo 8º ditava:

O ensino será simultâneo por classes, assegurando-se o professor de que as outras estejam convenientemente aplicadas ao estudo de que se ocupam. Fica salvo o direito de exercitar qualquer outro método de ensino autorizado pelo inspetor geral, com expedição de instruções especiais para esse fim. (MARTIN e MIGUEL, 2004, p. 54).

Essa forma de lecionar foi idealizada por Jean Batist de La Salle<sup>20</sup> e caracterizava-se pela instrução coletiva em função de uma matéria. Isso auxiliaria na diminuição do tempo gasto e melhoraria o sistema de ensino.

De acordo com Inácio,

O princípio da simultaneidade era apontado como o meio de melhorar o sistema de ensino e de economizar o tempo gasto no ensino das matérias concernentes ao nível primário da instrução. Dando a lição a grupos de alunos reunidos da maneira mais homogênea possível, “conforme seus graus de inteligência” e estabelecendo a emulação entre eles, obter-se-iam bons resultados. (2006, p. 78).

Referente a este método, Justiniano de Mello caracterizou a economia do tempo como uma vantagem no momento em que os alunos são divididos em classes de acordo com o seus níveis de instrução ou idade. Todavia, ele apontou que a classificação com base no “gráo de desenvolvimento physico” não tem fundamento, pois a inteligência de cada aluno não se justifica pela maturidade do mesmo. Por vezes, as crianças maiores têm o desenvolvimento intelectual inferior ao das crianças pequenas, por isso,

A idade não pode ser para nós critério sufficiente de uma classificação escolar, mas o progresso intellectual é que deve servir de base á uma divisão rasoavel.

Podem ser collocados na mesma classe individuos consideravelmente desiguaes sob a relação do desenvolvimento physioo. Mas, convem attender principalmente na classificação, ao gráo de aproveitamento de cada alumno.” (SILVA, J., 1890i, p. 2).

No Brasil, Francisco de Assis Peregrino<sup>21</sup> foi o responsável pela disseminação deste método. Ele foi enviado à França para descobrir qual método estava em vigor e, nesse país, teve contato com os manuais tanto do ensino simultâneo quanto do mútuo (SOUZA, 2011). Peregrino destacava a aplicabilidade desse método a partir da “uniformidade dos conteúdos do ensino”, a qual “seria

---

<sup>20</sup> Jean Batist de La Salle (1651-1719), sacerdote religioso da ordem nobiliar e fundador da congregação religiosa Irmãos das Escolas Cristãs, defendia que por meio da união entre religião e instrução seria possível formar homens íntegros. (SIQUEIRA, 2006).

<sup>21</sup> Francisco de Assis Peregrino (1816-1842) foi diretor da Escola Normal de Ouro Preto. (FARIA FILHO; CHAMON; ROSA, 2006).

garantida por livros, deveres e lições iguais para os grupos” e que havia uma similaridade com o método mútuo. (INACIO, 2003).

Em 1854, o então Ministro do Império Luiz Pedreira do Couto Ferraz<sup>22</sup> expediu “o Decreto nº 1.331-A, de 17 de fevereiro de 1854 que aprovou o Regulamento para a reforma do ensino primário e secundário do Município da Corte.” (SAVIANI, 2013, p. 130). Na tentativa de corrigir as problemáticas da instrução e de melhor inspecioná-la, a reforma não se dirigiu apenas para o “Município da Corte”, mas para as demais províncias. Quanto a sua configuração,

O referido Regulamento é um minucioso documento composto de cinco títulos. Os títulos primeiro, terceiro, quarto e quinto estão constituídos, cada um, por um único capítulo tratando, respectivamente, “da inspeção dos estabelecimentos públicos e particulares de Instrução primária e secundária”, “da Instrução pública secundária”, “do ensino particular primário e secundário” e “das faltas dos professores e diretores de estabelecimentos públicos e particulares”. Diferentemente, o título segundo, que trata “da instrução pública primária”, compõe-se de três capítulos versando respectivamente sobre as “condições para o magistério público; nomeação, demissão”, os “professores adjuntos; substituição nas escolas” e “as escolas públicas; suas condições e regime”. (SAVIANI, 2013, p. 130).

Entre os seus artigos, o 73 do capítulo III designa a aplicabilidade do método simultâneo, extinguindo, de certa maneira, o ensino de caráter mútuo. No entanto, é descrito que O “Inspector Geral” poderá seguir outro modelo que melhor convém para a escola desde que seja dialogado com o “Conselho Director”. (COUTO FERRAZ, 1854, p. 59). Dito de outro modo, mesmo que o inspetor da instrução decidisse adotar outro método de ensino, era necessário comunicar aos dirigentes das escolas.

Em atendimento às normatizações da “província modelo”, o Regulamento de 8 de abril de 1857 em seus artigos 8º e 10º define, em igual proporção, o ensino como “simultâneo por classes”, sendo que “o professor nomeará da última classe, monitores para fazerem repetições nas classes inferiores” e ressalta que os professores podem “[...] exercitar qualquer outro método de ensino [...]” desde que

---

<sup>22</sup> Luiz Pedreira do Couto Ferraz (1818-1886) formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1838, onde também foi catedrático. Foi governador das províncias do Espírito Santo e Rio de Janeiro. Deixou o governo desta última para exercer o cargo de Ministro do Império (1853-1855), regulamentando o ensino público e particular na Corte. (LIMEIRA; SCHUELER, 2008).

este seja “[...] autorizado pelo inspetor geral, com expedição de instruções especiais para esse fim.” (MIGUEL; MARTIN, 2004, p. 54).

Mesmo adotando esse procedimento de ensino como ensejo para o progresso da instrução primária, dificuldades foram relatadas por professores da época. Conforme relata França,

Ao nomear, em relatórios e cartas enviados ao inspetor geral, suas dificuldades em executar o método simultâneo e prover o ensino das crianças, principalmente o das crianças pobres, os professores assinalavam: a falta de material igual para todos, o que inviabilizava os procedimentos que deveriam ser seguidos, pois nem todos possuíam os compêndios necessários; a irregularidade na frequência dos alunos, pois também prejudicava o bom ensino, uma vez que provocava o atraso daqueles que já estavam avançados; estes pediam ainda a nomeação de alunos mestres e professores adjuntos quando o número de alunos era excessivo em sua escola, e como justificativa apontavam a dificuldade em ensinar muitos alunos ao mesmo tempo em classes diferentes; a falta de instruções relacionadas ao método aplicado, torna-se mais uma entre as reclamações elencadas. (2011, p. 4).

Destarte, os impasses da instrução primária iam além da escolha do método a ser aplicado. Quando isso era decidido ou exigido em forma de lei, a precariedade dos materiais escolares e o baixo índice de frequência dos alunos resultariam no insucesso da instrução paranaense. Conforme o vice-presidente da província Sebastião Gonçalves da Silva,

A excellencia do methodo das escolas primarias, adoptado na provincia, é reconhecida por todos os que conhecem esta especialidade. Não ha n'elle inconveniente de doutrina, nem erro de applicação. Não parece contraditorio o pouco resultado obtido. Outras causas, que não o methodo, teem concorrido para este fim pouco lisongeiro. (PARANÁ, 1864, p. 19).

Segundo ele, as crianças pobres deixavam de ir às aulas porque os pais consideravam o trabalho em casa mais relevante do que a educação escolar. A realidade é que havia pouco “[...] interesse da população pela questão da instrução”, pois ela “[...] não era vista como necessária [...]”, além da maioria dos paranaenses viver em estado de pobreza e, por isso, “[...] não tinha como vestir seus filhos para que freqüentassem a escola [...]” (MIGUEL, 2006, p. 41).

Ademais, existia uma distinção da nomenclatura, ocasionando diferentes formas de educar com este método. Por vezes, “[...] alguns professores e inspetores de ensino o denominavam *simultâneo*, *simultâneo misto* ou *simultâneo socorrido pelo mútuo*”, não havendo, assim, “[...] um consenso quanto ao que consistia necessariamente o método [...] e deste modo, este não era executado de forma semelhante no interior das escolas primárias paranaense.” (FRANÇA, 2014, p. 138).

Desta maneira, apesar da determinação em lei, a efetivação do método não dependia unicamente disso, mas de um conjunto de ações de pessoas responsáveis pela instrução. Mesmo com reorganizações da instrução como meio para sanar os impasses, o modelo de ensino simultâneo continuou a ser disposto em lei e os inconvenientes na instrução primária perduraram por mais alguns anos<sup>23</sup>.

Uma dessas reformas em que aparece a definição de um método é o Regulamento da Instrução Pública Primária, de 13 de maio de 1871, o qual orienta, em seu artigo 4º, que o “[...] ensino será em geral simultâneo, podendo no entanto, adaptar-se qualquer outro que convenha, sob representação dos professores e qualquer dos encarregados da inspeção do ensino, a juízo do inspetor geral e por ordem da Presidência.” (MIGUEL; MARTIN, 2004, p. 184). No ano seguinte, o presidente Venancio José de Oliveira Lisboa destacou, em relatório, os apontamentos do diretor geral da instrução pública justificando que o mal do ensino estava relacionado ao despreparo dos professores, a ausência de um método por parte dos mesmos, bem como a recusa dos pais em não mandar os filhos para a escola. Isto mostra a dificuldade dos responsáveis pelo ensino em definir um modelo a ser seguido e que atendesse as necessidades da sociedade.

Do ponto de vista do presidente, era fundamental que esperasse resultados positivos antes de elaborar outra reforma. Segundo ele,

Convem ter perseverança nas reformas introduzidas; deixemos que a experiencia nos indique o que é necessario melhorar, e não vamos pelo gosto só de amontar reformas sobre reformas, destruir o que existe; evitemos a desorganisação pelo excesso e diversidade de remedios. (PARANÁ, 1872, p. 15).

---

<sup>23</sup> Não apontamos que este método era um problema na educação, nem tampouco o defendendo. Estamos esclarecendo que ele permaneceu nas reformas mesmo os problemas da instrução continuando a existir.

Por mais que existissem resultados insatisfatórios na instrução primária e que o método fosse minimamente apontado como a principal causa para isto, o Regulamento da Instrução Pública Primária o traz novamente em 1º de setembro de 1874, além do Regulamento Orgânico da Instrução Pública, de 16 de julho de 1876, elege, em seu artigo 31, que “O ensino será simultâneo por classes. Para divisão das classes e programa do ensino de cada uma o conselho literário formulará um regimento interno das escolas.” (MIGUEL; MARTIN, 2004, p. 268). Mas a sinalização para este método, a partir de 1880, perdeu forças nas “discussões e recomendações dos presidentes da província e inspetores escolares, uma vez que o método de ensino intuitivo começa a ser introduzido na legislação e a ser citado nos relatórios.” (FRANÇA, 2011, p. 1).

A partir da inserção desse novo modo de ensinar, passou a existir uma maior atenção, valorização e preocupação em relação a eficácia da instrução. Conforme Valdemarin,

Em meados do século XIX, o método intuitivo é entendido por seus propositores europeus e americanos como um instrumento pedagógico capaz de reverter a ineficiência do ensino escolar, que é assim pontuada: forma alunos com domínio insuficiente de leitura e escrita e com noções de cálculo insatisfatórias, principalmente pelo fato de alicerçar a aprendizagem exclusivamente na memória, priorizar a abstração, valorizar a repetição em detrimento da compreensão e impor conteúdos sem exame e discussão. (VALDEMARIN, 2004, p. 103).

Essa maior atenção para o sistema educacional esteve presente no discurso republicano, pois ele estava calcado no pensamento de que, com educação, a sociedade teria o progresso e modernização social. O método intuitivo foi visto como um meio para sanar as adversidades da instrução, pois o debate sobre o mesmo ocorreu “[...] num momento em que encontrar os meios para uma escolarização inicial eficaz se constituía numa das maiores preocupações daqueles que estavam envolvidos na organização dos sistemas nacionais de ensino.”. Tal como a formação de professores, esse método foi primordial para as “[...] reformas que estavam servindo de base para a organização do ensino popular em toda a Europa, assim como nas Américas.” (SCHELBAUER, 2006, p. 2).

Conforme a mesma autora,

[...] o método intuitivo não era uma novidade na segunda metade do século XIX, mas foi nesta época, sobretudo por meio das Exposições Internacionais, dos Congressos Pedagógicos, dos Relatórios Oficiais, além dos compêndios e manuais de ensino, que o conhecimento em torno do ensino intuitivo foi colocado em circulação, associado à idéia de que ele se constituía em um instrumento capaz de reverter a ineficiência do ensino escolar e o método mais apropriado à difusão da instrução elementar entre as classes populares. Com esta roupagem, desembarcou na realidade brasileira como um saber pedagógico que traduzia as expectativas de renovação educacional que os intelectuais ilustrados acreditavam poder modificar o cenário da nação, modernizando-a por meio da educação. (SCHELBAUER, 2006, p. 19-20).

No Brasil, a primeira lei que preconizou a inserção deste método nas escolas se deu com a aprovação do decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879, conhecido como a Reforma Leôncio de Carvalho. No artigo 4º, “Noções de cousas” é assinalada como uma das disciplinas do ensino nas escolas primárias de primeiro grau e, no artigo 9º, é destinado para as escolas normais a “Prática do ensino intuitivo ou lições de cousas”.

Embora não tenha sido posto em prática, o decreto ocasionou contestações por parte de Ruy Barbosa, este que recomendou o método intuitivo em seus pareceres<sup>24</sup> que reformavam o ensino primário, secundário e superior em 1883. No mesmo ano, o método ganhou expressão a partir da tradução do manual de Norman Allison Calkins “Primeiras Lições de Coisas”, desenvolvida pelo parecerista citado. Segundo Valdermarin,

Este manual, marco significativo da tentativa de implantar o método de ensino intuitivo no ensino brasileiro, [...] expressa a pretensão de adotar um método didático consoante com a renovação pedagógica em curso na Europa e nos Estados Unidos da América, cujos efeitos poderiam ser irradiados para toda a sociedade, implementando as transformações sociais, políticas e econômicas almejadas nas últimas décadas do Império. (1998, p. 67).

O método intuitivo também esteve presente nas discussões que ocorreram durante as Conferências Pedagógicas da Freguesia de Glória realizadas entre 1873 e 1890, na Primeira Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro (1883), e nas Atas do Congresso de Instrução do Rio de Janeiro, assim como em outros fóruns educacionais. (BASTOS, 2002; COLLICHIO, 1987; SCHELBAUER, 2005).

---

<sup>24</sup> Para mais detalhes sobre os pareceres de Rui Barbosa, consultar MACHADO, M. C. G. Rui Barbosa. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

Na província paranaense, destacamos o Decreto número 31, de 29 de janeiro de 1890, do qual Justiniano de Mello integrou a comissão que elaborou o mesmo. Este foi o "[...] primeiro regulamento de organização da instrução pública do estado do Paraná, instituído no início da República" onde "[...] expressou determinações para o ensino primário, Instituto Paranaense e Escola Normal", além de definir "[...] medidas importantes para a sistematização e estabelecimento do ensino elementar nas regiões do estado." (MELO & MACHADO, 2010, p. 248). Conforme o artigo 50, as escolas primárias deveriam adotar "[...] o methodo intuitivo, fundado no conhecimento directo das cousas." (p. 48).

De acordo com Souza,

O método intuitivo, conhecido também como lições de coisas, consistiu no núcleo principal da renovação pedagógica. Fundamentado especialmente nas idéias de Pestalozzi e Froebel, pressupunha uma abordagem indutiva pela qual o ensino deveria partir do particular para o geral, do conhecido para o desconhecido, do concreto para o abstrato.

Esse método racional fundamentava-se em uma concepção filosófica e científica pela qual a aquisição de conhecimentos advinha dos sentidos e da observação. (2000, p. 12).

Para Justiniano de Mello, o método intuitivo "não é mais um exercício formal, uma matéria descada do programma escolar; mas a alma de todos os processos pedagogicos, o principio inspirador em todo os circuito do ensino." (SILVA, J., 1890q, p. 2). Com ele, a criança conseguiria,

Marchar progressivamente em tudo, passando pelos factos conhecidos familiares, para aquelles que o são menos, mas sempre sacrificando o detalhes às linhas geraes; preferir aos exemplos estranhos os que se apresentem no momento e estão ao alcance de todas as intelligencias; deixar que o menino invente e procêda sem constrangimento, - eis, de modo summario, em que consiste a força theorica do methodo intuitivo. (1890q, p.2).

O método intuitivo conduzia o professor a um modo de ensinar em contraposição a um ensino baseado meramente em palavras, com atividades rotineiras de memorização. Neste processo, o aluno fazia parte do que aprendia, ele era, dessa maneira, o elemento essencial na aquisição do conhecimento.

### 3.2 A “força theorica do methodo intuitivo”

Frente a renovações pedagógicas que ocorreram na segunda metade do século XIX, o método intuitivo foi visto como o solucionador dos problemas da instrução escolar. No cerne dessas discussões e posterior a forte defesa da validação deste modelo de ensino, Justiniano de Mello, político, jornalista e professor, não poderia deixar de apresentar o seu posicionamento quanto as configurações da educação do seu tempo. Diante dessa situação, utilizou o jornal *Sete de Março* como meio para circular e defender a sua opinião.

À medida que lemos os seus textos, percebemos temáticas comuns que caracterizam o método intuitivo. Conforme Valdemarin,

Este novo método pode ser sintetizado com dois termos – observar e trabalhar [...]. Observar significa progredir da percepção para a idéia, do concreto para o abstrato, dos sentidos para a inteligência, dos dados para o julgamento. Trabalhar, implica a adoção de uma descoberta genial creditada à Froebel, que consiste em fazer do ensino e da educação na infância uma oportunidade para a realização de atividades concretas, similares àquelas da vida adulta. Aliando observação e trabalho numa mesma atividade, o método intuitivo pretende direcionar o desenvolvimento da criança de modo que a observação gere o raciocínio e o trabalho prepare para o futuro produtor, tornando indissociáveis pensar e construir.” (VALDEMARIN, 1998, p. 69-70).

De acordo com a autora citada, o método intuitivo trazia em si “a proposição de que a aprendizagem tem seu início nos sentidos, que operam sobre os dados do mundo para conhecê-lo e transformá-lo pelo trabalho e que a linguagem é a expressão deste conhecimento.” (VALDEMARIN, 1998, p. 74-75). Para Justiniano de Mello, se os sentidos são as primeiras faculdades que se aprimoram em nós, a cultura destes torna-se o cuidado essencial para a educação.

Esta cultura não refere-se somente ao exercicio, ao uso dos órgãos, mas á correcção do juizo, ao vigor do character. Não basta ainda que estas aptidões sejam adquiridas; é de mister tambem referi-las, applica-las á pratica da justiça, ao goso do bello, á conquista da felicidade. (SILVA, J., 1888a, p. 1).

Dito de outro modo, não é somente utilizar os órgãos que correspondem a um sentido, mas instruí-lo durante a infância para, no futuro, quando adulto, saber

fazer bom uso dos mesmos. Justiniano de Mello demonstrou bem isso em seus textos intitulados “Cultura dos sentidos”, publicados nas edições 7, 8 e 9 do jornal *Sete de Março*. O professor sergipano iniciou destacando a distinção entre o homem selvagem e o civilizado a fim de demonstrar o desenvolvimento dos sentidos entre ambos:

O selvagem, sitiado pela natureza, põe em contribuição a sagacidade sensorial, que o distingue, e vence a tyrannia da necessidade: o homem civilizado apropria-se dos instrumentos que lhe proporcionam os progressos da sciencia e da industria, e penetra pouco a pouco, na região do incognoscivel. Um olha de preferencia para o exterior, porque a vida do espirito concentra-se na resistência contra os elementos de destruição que o obsediam: o outro, na observação mesma do mundo visivel, lança um olhar perscrutador para os mysterios da sua alma, e subordina as exigências phisicas á parte espiritual do seu destino. (1888a, p. 1-2).

As diferentes sensações dos dois tipos acima referidos baseiam-se nos sentidos próprios para cada uma. Estes, por sua vez, podem ser instruídos para tornar as sensações mais vivas e nítidas, “[...] assim como diminuir-lhes, até certa medida, a intensidade. Esta educação facilita-se pelo auxilio reciproco que prestam as diversas sensações.” (SILVA, J., 1888a, p. 2). Como mencionado, os sentidos possuem uma estreita relação com o método intuitivo, pois “[...] permitem a comunicação com o mundo, produzindo sensações geradoras de percepções que, por sua vez, produzem concepções que são retidas pela memória. É sobre este material que operam o raciocínio e a imaginação, produzindo juízos.” (VALDEMARIN, 1998, p. 77). Assim, com eles a criança passa a ter maior contato com objetos reais, explorando a sua intuição.

Perante essas questões e como meio para melhor elucidar a relevância dos sentidos no desenvolvimento humano, Justiniano de Mello explica como cada um deles pode ser educado. Do paladar, ele diz que esse sentido é pouco desenvolvido na infância, mas que pode chegar a um ponto prodigioso quando bem desenvolvido, ou seja, um adulto conhecedor de vinhos, por exemplo. Segundo o professor, na primeira infância, quando uma criança insiste em recusar um alimento significa, por vezes, que o sabor não a agradou e, desta forma, são dificilmente digeridos. Diante dessa situação, não “[...] devemos dar ás crianças tudo quanto ellas desejam comer”, mas educar o seu organismo. Com isso,

Quando o menino revela aversão por toda uma serie de alimentos, não se combatera o mal, que deste estado dellue, empregando contra elle ameaças ou pancadas. A fome é neste caso melhor medico. Após um exercicio prolongado, após um passeio em que foi vencida regular distancia, o appetite violentamente atiçado, pode eliminar a repugnancia que enfadonhamente se impunha. Impôr aos estomagos, de tempos em tempos, algumas pequenas privações, é traçar um caminho que pode levar o menino á sobriedade, e apparelha-lo para privações maiores na idade adulta. (SILVA, J., 1888a, p. 2).

Conforme a criança consome alimentos que não agrada o seu paladar no momento em que a fome está presente, há grandes chances de ela aprender, de maneira tranquila, a saborear o que antes não gostava. Um grande aliado para este sentido é o olfato, “[...] órgão universal de sentimento; [...] um olho que vê os objectos, não somente onde eles estão, mas por toda parte onde estiveram.” (SILVA, J., 1888b, p. 1). Assim como o paladar, o olfato apresenta pouco desenvolvimento na infância e acompanha o homem até os seus últimos dias de vida. Comparando-se com a visão, audição e o tato, “[...] elle não subministra tantos elementos á intelligência [...]”, porém conduz à imaginação, “[...] talvez porque elle nos faz adivinhar a natureza e a propriedade de diversos corpos.” (SILVA, J., 1888b, p. 2).

Para Justiniano de Mello, se o olfato parece um sentido auxiliar, é porque não foi dado o desenvolvimento necessário. Ele indica como isso pode ser realizado, destacando que:

As crianças podem ser exercitadas depois dos trez primeiros annos, na gamma dos cheiros. Um brinco, que não faltará de encanto e de deleite, facilitando ao mesmo tempo o conhecimento das qualidades odoríferas, será o de distinguir, a olhos fechados, os perfumes de diferentes flores que serão approximadas das narinas do menino. Cada qual comporá um ramilhete com as flores que houver reconhecido, dando-se á criança, como premio, o que maior perfeição assignalar no sentido assim posto em actividade. Quando em adulto o individuo puder, por força dos exercicios infantis, pôr em contribuição o olfacto na classificação das plantas e dos mineraes, agradecerá, por certo, o cuidado particular que mereceu a sua educação physica. (SILVA, J., 1888b, p. 2).

Podemos levar em consideração que pode ser feito isso na escola como meio de explorar o olfato infantil, aproximando as crianças às coisas concretas e, de certa maneira, estimulando a sua imaginação. Como citado por Justiniano de Mello,

ao sentir o aroma de flores variadas o indivíduo, à medida que pratica essa atividade, futuramente conseguirá distinguir os tipos podendo, assim, classificá-las. Esse não é um exercício em vão, dado que este sentido auxilia alguns profissionais, como o “[...] químico, ao botânico, ao farmacêutico, ao industrial e ao comerciante.” (SILVA, J., 1888b, p. 2).

Em coerência com os fundamentos do método intuitivo, o contato da criança com a natureza nos leva a pensar na curiosidade existente nela sobre a pluralidade dos objetos presentes no meio ambiente. Segundo Valdemarin, o estudo da natureza assumiu, com a introdução do método intuitivo, a condição de conteúdo escolar, passando, assim, a ser vista como “[...] a principal inovação curricular introduzida na educação pré-escolar [...] pelo fato de possibilitar o conhecimento da forma, da força e do movimento, elementos presentes em vários aspectos da vida, sejam eles concretos ou abstratos.” A observação, nesse caso, “[...] é o atributo humano que proporciona a percepção e a compreensão das forças naturais, por meio da constatação das propriedades da matéria, [...] gerando assim um conhecimento, ainda que sumário, da própria organização humana.” (2004, p. 108).

Justificando essa prática, um dos sentidos que auxilia tal exercício é a visão, a qual, consoante Justiniano de Mello, é incerta, confusa e incorreta nos primeiros dias de vida do ser humano. Para ele, se “[...] a criança não dá signal algum que ateste a presença dos phenomenos da visão, mais tarde os objectos serão distinguidos, e a sensibilidade não se affirmará somente ao aspecto de cores acentuadas e claridades vivas.” (SILVA, J., 1888c, p. 2).

Conforme o mesmo autor, o uso abusivo e errôneo dos olhos durante a infância pode gerar distúrbios futuros na visão. Por isso,

Diz-se, e nós repetimos, que as enfermidades da vista são na máxima parte devidas á má, ou nenhuma educação que se lhe dá no periodo da infância. Podem, é certo, exercer consideravel influencia sobre a propagação do mal, a debilidade crescente do organismo humano, e o abuso de certos exercícos que affectam particularmente esse orgão. Lembremo-nos, entretanto, de que são raros os maritimos que não possuam boa ou excelente vista. Ahi a applicação assídua do apparêlho da visão, augmenta a potencialidade deste, sem que de tal facto se possa inferir qualquer affinidade entra a perfeição do sentido e o gráo de robustez do organismo geral. (SILVA, J., 1888c, p. 2).

Para evitar posteriores enfermidades, Justiniano de Mello defende que

[...] não devemos expor a vista das crianças, durante o periodo da amamentação, aos raios offuscadores do sol, evitando que ellas voltem o rosto para o lado do firmamento. Alguns meninos adquirem o habito de esfregar os olhos com o punho fechado, o que é funesto. Aos trez annos de idade, o menino dispõe de pouca vista, mas esta pode descobrir os objectos mais exíguos, desde que os explore muito de perto. D’ahi o costume de approximar muito do olho tudo quanto quer examinar, produzindo-se deste modo uma tensão que exagera a curvatura da córnea e accumula uma grande força de refração nos meios refringentes do aparelho: este estado desde que se torna permanente, pode conduzir fatalmente á myopia. (SILVA, J., 1888c, p. 2).

Assim, os cuidados com a visão, bem como a educação dela, necessita ser feita desde os primeiros dias de vida para conservar a integridade da vista. Como mecanismo para manter essa integridade, nos discursos higienistas estava presente “[...] o processo mais conveniente de iluminar as salas escolares.” (SILVA, J., 1888c, p. 2). Valdemarin aponta que,

Para se obter um bom resultado na utilização do método intuitivo, o ambiente escolar deve ser claro e arejado, ornamentado com trabalhos feitos pelos próprios alunos e nas salas de aula deve haver um conjunto de material disponível para cada uma das crianças. Todas as atividades devem ser feitas gradualmente, dividindo-se a instrução em séries lógicas de exercícios, adotando-se as mesmas regras orientadoras para um conjunto de pequenos trabalhos, a fim de evidenciar a coerência dos procedimentos. (VALDEMARIN, 1998, p. 74-75).

Tanto a iluminação, quanto os trabalhos expostos das crianças na sala de aula, serviam para educar a visão com a perspectiva de aguçar a curiosidade, conduzindo-as a quererem observar as belezas do mundo. Ao passo que voltamos nosso olhar para crianças, sabemos que elas não se contentam em apenas olhar para as coisas, mas almejam tocá-las, ou seja, carregam a necessidade de sentir aquilo que vislumbram. Nos primeiros anos de vida, o indivíduo tenta pegar objetos que estão fora do seu alcance e, no momento em que aqueles caem de suas mãos, é manifestado o que Justiniano de Mello chama de “a natureza de exercitar o sentido tacto”. Conforme o autor, o menino, “[...] movendo-se em diversos sentidos, procura apanhar e reter todos os objectos que se lhe offerecem. As cousas, ainda as

escapam á acção do homem, a lua, as estrellas, a bella nuvem que passa, cáem sob o domínio das pretenções da criança.” (SILVA, J., 1888a, 2).

Valdemarin, utilizando-se dos aportes do manual de Norman Calkins, assinala que,

Em coerência com os princípios norteadores do método, as lições são organizadas tendo por critério a importância atribuída a cada um dos sentidos para a aquisição do conhecimento, iniciando-se pelos conteúdos mais adequados à percepção visual e finalizando com aqueles que têm no tato seu suporte cognitivo. A premissa, inquestionável para o autor, tanto da concepção de homem, quanto das proposições didáticas é que o conhecimento do mundo material é proveniente dos sentidos e expresso por meio das palavras, sendo a percepção a atividade mais simples da inteligência. Daí decorre a necessidade da criação de situações que se constituem na atividade por excelência da escola. (1998, p. 77).

Perante essa conjuntura, convém “[...] apressar a educação sensorial da criança, de modo que esta venha cedo a conhecer a natureza dos corpos, os estados e propriedades das cousas.”. Quando, por exemplo, uma mãe aproxima o dedo do seu filho a luz de uma lâmpada, ela o ensina a evitar, pois futuramente pode ocorrer uma queimadura. Ademais, é fundamental habituarmos a criança a “andar nas trevas” a fim de poupá-las de circunstâncias difíceis as quais não poderão ser afastadas. Outra situação consiste na “[...] escuridão, e em circunstancias nas quaes a *vista* não possa ser aproveitada, o tacto augmenta de fineza, e substitue em parte o sentido que se immobilisa.” (SILVA, J., 1888a, p. 2). À vista disso, a educação deve promover, segundo Justiniano de Mello, durante a primeira infância:

1º o embotamento da sensibilidade do tegumento externo (pelle), de modo a diminuir em grande parte a sensação do calor e do frio; 2º a concentração na mão de uma sensibilidade exquisita, imprescindível para a distincção das impressões tactis. A resistencia, a solidez, o tamanho, a figura dos corpos, são noções que por tal forma penetram em gora hora no espirito do menino. Alem dessa vantagem, devemos lembrar a superioridade adquirida pelo individuo que cultivou o apparêlho prehensor: em todas as posições, o homem colherá os beneficios desta educação. (SILVA, J., 1888a, p. 2).

Ou seja, tem de aproximar o menino a diferentes texturas, estimulando a observação e propiciando o conhecimento do mundo através de sensações. Logo, estendendo o número de “[...] objectos, sobre os quaes se exercerá a acção do

menino, escolhendo-se aquelles que mais afiam a curiosidade, sem cançar a attenção, corrigem-se falsas impressões, e dirige-se o *sentido* de modo a ser cêdo e justamente utilizado.” (SILVA, J., 1888c, p. 2). E de “[...] todos os sentidos, o mais importante para a aprendizagem do amor, do viver juntos e da cidadania é a audição.” (ALVES, R., 2005, p. 26). Pode chamar-se também de “sentido da amizade”. Para Justiniano de Mello, “[...] o ouvido é o educador da voz: esta, deve-lhe o *accento*, o *rythmo* e a *paixão*.”. (SILVA, J., 1888b, p. 2)

Nas crianças, logo após o nascimento, a audição é limitada, pois ainda não recebeu todo o seu desenvolvimento. Ao longo do tempo, o órgão deste sentido sofre alterações decorrentes da sensibilidade às ondas sonoras, sejam elas fracas ou mais intensas, vai depender da condição em que o individuo se encontra, pois, o “[...] *ouvido* é susceptível de aperfeiçoar-se pela educação”, sendo que uma “[...] audição rica é um thesouro inestimavel, mas também não é o lote de todos os homens, e as mais das vezes denuncia esforços nutridos e perseverantes, cuidados particulares consagrados á educação do sentido.” (SILVA, J., 1888b, p. 2).

Educação esta que pode ser realizada a partir das canções das mães para os filhos se acalmarem e dormirem. Como detalha Justiniano de Mello,

Temos visto maravilhas da voz na educação dos meninos. Uma aria, por vezes destituída de senso, mas cantada pela voz materna junto ao berço da criança, afugenta a irritação ou combate maravilhosamente os *symthomas* de uma crise nervosa. Crianças indóceis, inquietas, irritadiças, depois de burlarem tudo quanto se envida para chama-las ao somno, adormecem como por encanto aos sons de uma cantiga monótona entoada pela meiguice das mães. (SILVA, J., 1888b, p. 2).

Cantar músicas também poderia ser feito nas escolas a fim de controlar as crianças. Além disso, utilizar os sons das palavras, aliada a visão, para o ensino da escrita é um meio de levar a criança a observar e a se interessar por aquilo que escuta e fala com intenções para a aprendizagem da linguagem. Isto, de certa forma, relaciona-se ao estudo da gramática, este que, para o autor citado, seria satisfatório se não fosse “[...] somente um exercicio constante de *estylo*, como tambem um esforço para communicar aos pensamentos essa originalidade *typica*, que o habito de copiar e repetir os conceitos alheios acaba por obliterar.”. É a maneira de o menino comunicar o seu pensamento através da palavra, em traduzir “[...] os seus sentimentos, de viva voz ou por *escripto*.” (SILVA, J., 1890c, p. 2).

Resta então adaptar as diretrizes gerais do método intuitivo à aprendizagem da leitura e da escrita, abordando os aspectos referentes ao pensamento e à linguagem, sua encarnação. [...], o pensamento e a linguagem são também fatos observáveis já que, adquirir consciência das próprias operações intelectuais, processo ao qual denominam como reflexão, consiste justamente numa observação do próprio pensamento. Além disso, o pensamento adquire uma forma por meio das palavras, que são compreendidas pela junção de sons, “envelopes das idéias”, e que são também elementos diretamente observáveis. (VALDEMARIN, 2004, p. 109).

O método intuitivo visava a aprendizagem da leitura através da manifestação do pensamento em linguagem, seja ela falada ou escrita, a qual é consequência da reflexão do que foi observado. Porém, a ortografia torna-se um martírio por conta das suas regras. Justiniano de Mello critica o estudo da gramática por considerá-lo “enfadonho” e que para evitar tal situação, é necessário fazer exercícios onde o professor possa fiscalizar, “sem tormento”, “[...] o emprego das palavras, cujo sentido deve ser sempre compreendido com exactidão.”. Como ele dispõe:

Os exercícios de composição começarão bem pela descrição dos objectos conhecidos e familiares. Desde que for fielmente indicada a forma, a substancia de que foi feito, convem inciar os meninos nas diversas applicações de que este é susceptivel. Mais tarde, as licções versarão sobre factos mais complexos: uma arte, um officio mechanic, um acontecimento, um quadro, poderão ser submittidos a apreciação da criança. Tendo-se sempre em vista a utilidade derivada do assumpto proposto. (SILVA, J., 1890c, p.2).

Partir de palavras conhecidas para a aprendizagem de novas é demonstrar os usos reais da linguagem a fim de conduzir o aluno ao gosto pela leitura mediante a observação, onde ele “[...] transporá por si mesmo as barreiras oppostas ao aprendizado da lingua materna [...]”. Por isso, devemos ter cuidado em “[...] emitir, juntos as crianças, sons justos, entonações sonoras, articulações correctas, dirigindo-se por tal forma o espirito imitativo que tão promptamente desperta na infância.” (SILVA, J., 1890c, p.2). Para Justiniano de Mello, a imitação é o primeiro educador da criança e o gérmen do progresso da imaginação, onde o indivíduo menor consegue construir os preceitos morais a partir da atividade imitativa.

Neste aspecto,

[...] Os exercícios de reprodução exata e de cópia são justificados em sua imbricação com a educação moral, afirmando-se ser desejável que a criança aprenda a submeter um pouco de sua fantasia a uma lei superior, uma necessidade lógica. [...] Do ponto de vista didático seria um erro desastroso proibir a expressão livre e espontânea do pensamento infantil mas, não se submeter ao pensamento de outro é criar uma ilusão desnecessária. Sobrepõe-se, neste caso, um argumento utilitário: na vida, nem tudo é inventado; grande parte das realizações humanas consistem em imitação, tradução e cópia e em todas as profissões e artes a cópia é um dos componentes. Assim como o adulto, a criança deve copiar, partindo do que já existe e é bom que aprenda a fazê-lo. Enquanto demonstração e aprendizagem de procedimentos, a cópia ou a reprodução exata de uma forma é atividade educativa que se impõe, portanto, como uma necessidade social.” (VALDEMARIN, 1998, p. 73).

A aprendizagem por meio da imitação não significa que a criança reproduzirá o que é feito pelo adulto. Com base no que é visto, ela desenvolve um modo de pensar semelhante ao que é direta ou indiretamente ensinado. Então, podemos fazer algo para “[...] fomentar a produção do carácter, e impedir que este se torne como uma flor rara numa floresta de arbustos vulgares?”. Conforme Justiniano de Mello, nessa etapa da vida, quase nada. O adulto não consegue interferir a vontade do menino, pois o carácter está em constantes mudanças e aplicar castigos não impedirá “[...] o temor de fazer o mal.” (SILVA, J., 1890f, p. 2).

De acordo com mesmo autor,

O menino não fabrica os deuses que deve adorar. Do exterior, è que elle recebe as impressões que o educam, que intellectualmente o desenvolvem que o levam até o portico do templo da sciencia. Os clarões da consciencia, são na alma infantil como traços radiantes da phisonomia paterna. Os dous polos da vida moral, a felicidade e a desgraça, apparecem-lhe ora na severidade rispida e sombria do seu progenitor, ora, nas puras e suaves caricias da ternura maternal. SILVA, J., 1890f, p. 2).

Não limitar as crianças para elas tornarem-se quem são é o meio para conduzi-las a livre formação do carácter, visto que a “[...] inspiração do sentimento, que forma o carácter, como o vôo da imaginação realisa as obras eminentes da poesia e da esculptura, demanda liberdade de acção, espaço e perspectivas attrahentes.” (SILVA, J., 1890f, p. 2). Essa independência suscita a aproximação e

experimentação de objetos e situações da vida real, podendo ser concebido, assim, o conhecimento. Diante destas considerações, notamos que a intenção metodológica do ensino intuitivo com base nos sentidos era a de:

[...] educar a criança a partir de novos padrões intelectuais, que têm sua origem numa nova concepção sobre o conhecimento, que postula a origem das idéias nos sentidos humanos e que, aplicada ao ensino, pretende formar indivíduos que usem menos a memória e mais a razão e que valorizem a observação e o julgamento próprios como meios de construção do conhecimento e da implementação das atividades produtivas. (VALDEMARIN, 1998, p. 80).

A observação e a experimentação de novas situações, respaldadas no vivenciado e a intuição infantil concedem as crianças à possibilidade de aprender e criar simultaneamente, além de despertar a curiosidade e a vontade em adquirir conhecimento. Por meio dos sentidos, um imenso cabedal de saberes é obtido “[...] aonde estes não attingem, suppre a entelligencia, inferindo o conhecimento do desconhecido, passando dos objectos sensiveis aos que não o são, abstrahindo e generalizando.” (SILVA, J., 1890m, p.1). É com as “atividades produtivas” que ocorre a transição entre as ideias concretas e as abstratas que, para Justiniano de Mello, são uma guisa de a criança ter conhecimento sobre as coisas.

Para ele, a ideia abstrata é “a mãe das artes e das sciencias”, pois o homem estaria incapacitado de progresso “se não lhe fosse dado remontar da ideia concreta a ideia abstracta, e desta ás leis geraes que regem o universo.” (SILVA, J., 1890n, p. 2). Já as concretas, referem-se a representação das coisas que são observadas “[...] e não separa da substancia os attributos, ou a propriedade do ser [...]” (SILVA, J., 1890m, p. 1). Quando a criança chegar ao ponto de conseguir distinguir essas ideias, é necessário exercitar esse feito questionando sobre a natureza e propriedade dos seres.

Perguntas dirigidas ao menino sobre o que seja a côr, a sonoridade, a densidade etc., força-lo-hão a pensar, e por consequencia a achar por si mesma solução para um grande numero de questões. Em vez de empregar a cifra abstracta no estudo da arithmetica, seria preferivel representar objectos por modo visivel. A grammatica prepara a intelligencia infantil para concepções mais altas; mas seria desastrado o systema que se propuzesse accumular regras e exemplos, sem attenção ao gráo de sagacidade do alumno. (SILVA, J., 1890n, p. 2).

Para se conhecer as coisas como elas são e as suas relações, é preciso que a reunião de ideias abstratas tornem-se uma, sendo que, ao perderem a individualidade, transformam-se em um conjunto de coisas comuns ou gerais. Como exemplificado por Justiniano de Mello:

Côr, sabor, cheiro, dureza, solidez, belleza, attracção, eles são ideias abstractas. Observando os modos da couza, de cada um delles formamos uma ideia distincta, que referimos pela generalisação a um conjunto de seres. Sabedoria, virtude, dignidade, grandeza, guerra, navegação, também são productos dessa grande faculdade, que possuímos, de abstrahir, substantivando actos para crear ideias communs à uma serie de objectos. (SILVA, J., 1890n, p. 1-2).

É a construção daquilo que não é concreto para o que é. O menino não reconhece o objeto quando o entregamos pela primeira vez. Fundamentando-se em suas novas experiências e nas que já vivenciou, ele é conduzido a ter um entendimento preciso sobre o apresentado. “A principio, o menino verá uma arvore, isto é, aquella que habitualmente lhe mostram; mais tarde uma floresta será simplesmente arvores, isto é, uma collecção de objectos da mesma figura.” (SILVA, J., 1890m, p. 2).

Justiniano de Mello aponta que é mais fácil o indivíduo adquirir as ideias concretas durante a infância, do que quando adulto. Isto ocorre em razão de a flexibilidade cerebral da criança ser mais sensível, pois nesta faixa etária, nós adquirimos com mais agilidade os novos conhecimentos. “As plantas, os mineraes, os insectos, com os seus nomes e figuras, constituem provisões intellectuaes de rapida aquisição para a infancia. Mais tarde, [...] esses conhecimentos são difficilmente obtidos pelo homem.” (SILVA, J., 1890m, p. 1).

Neste momento de aprendizagem, a curiosidade pode ser aguçada, sendo ensinadas coisas as quais serão úteis para a vida cotidiana.

Elle tomara um bocado de argila, lhes dirá a respectiva composição chymica, quaes são as qualidades dela. Mostrar-lhes-ha como essa terra, amollecida pela agua, toma sob a roda do oleiro as formas mais variadas, como ella secca sem fendas, como adquire pela cozedura, a dureza da pedra. Depois virá a applicação do esmalte a composição deste, enfim os mil detalhes de semelhante fabricação. (SILVA, J., 1890m, p. 2).

Deste modo, a criança, a partir de sua curiosidade quanto aos detalhes das coisas que são apresentadas, entenderá o funcionamento e aplicabilidade das mesmas em sua rotina. Elas discernem, “[...] por instinto, um sem numero de qualidades, nas cousas que incidem sob a sua observação jornalera.”. Assim, é profícuo que “[...] o menino adquira, logo que a intelligencia se manifeste, o conhecimento do maior numero de objectos possível. Emquanto não for bastante vasto o circulo das ideias, o estudo dos atributos e propriedades pode ser omittido sem inconveniente.” (SILVA, J., 1890m, p. 2).

Quando ocorre a mudança da ideia particular para a geral, é necessário motivar a atenção da criança quanto às diferenças e igualdades da propriedade e atributos de cada objeto. “O criterio das distincções não se obterá sem trabalho; mas uma vez encaminhado nesta direcção o entendimento infantil, a curiosidade natural farà o resto.”. Com isso, ao conhecer uma árvore, convém ser apresentado a criança distintos tipos de árvores e características comuns entre elas para se obter uma classificação. Assim, ela compreenderá as divisões, as subdivisões e as relações desta categoria. “Uma casuarina, uma laranjeira, uma nogueira, não serão mais confundidas com as outras arvores, embora offerecendo um aspecto geral semelhante.” (SILVA, J., 1890m, p. 2).

Este método de aprendizagem a partir das coisas, o intuitivo, influenciou, no final do século XIX,

[...] várias proposições pedagógicas, devidamente resguardadas em sua singularidade, que buscaram na escola o meio de desenvolver os sentidos, de selecionar experiências pedagógicas que privilegiem as coisas ao invés das palavras, de materializar o conhecimento em objetos, de propor atividades de ensino concretas e mensuráveis e acima de tudo, produzir idéias claras e distintas. (VALDEMARIN, 1998, p. 80).

À vista disso, com a adoção deste método, a escola pretendia tornar o aluno participante da sua aprendizagem, sendo contrário ao modelo de ensino mecânico e repetitivo. Em conformidade com o ensino intuitivo, a educação da qual Justiniano de Mello discutiu em seus textos é aquela baseada nos sentidos. Nela, a criança tem o contato com a natureza através dos sentidos. Com eles, ela poderá ver, tocar, sentir, provar, ouvir e, apoiada nas circunstâncias vivenciadas e na imaginação,

discorrerá sobre a experiência, gerando, assim, o conhecimento e, conseqüentemente, a formação do caráter a partir do que foi vivido.

Houve uma preocupação por parte do intelectual em detalhar cada sentido e outros aspectos do método intuitivo em seus textos veiculados no jornal *Sete de Março*. Não podemos afirmar que, com isso, Justiniano de Mello pretendia fazer parte da construção de um regulamento da instrução primária, mas defendemos a ideia de que ele buscou legitimar seu ideário educacional. A partir de suas ações, o intelectual conseguiu espaço na elaboração de um Regulamento da Instrução Pública paranaense.

### **3.3 Ideário educacional de Justiniano de Mello e Silva**

Como fruto do seu posicionamento, Justiniano fez parte da comissão que elaborou o Regulamento da Instrução Pública do Estado do Paraná, sob o Decreto nº 31 de 29 de janeiro de 1890. Esta foi a primeira prescrição legal da educação instituída no início da República no Paraná.

O Regulamento frisou que a organização do ensino primário estabelecer-se-ia em dois graus. O primeiro, de caráter elementar, tornaria obrigatório o ensino das matérias de instrução moral e cívica; de leitura e escrita; de noções gerais e práticas de gramática portuguesa; de elementos de aritmética, com o sistema métrico; de desenho, com aplicação à indústria e às artes; e de prendas domésticas, nas escolas destinadas às meninas. O segundo, de caráter complementar, além do ensino das disciplinas mencionadas de maneira mais aprofundada, abordar-se-iam as matérias de Aritmética aplicada; os elementos do cálculo algébrico e da geometria; as regras da contabilidade usual e a escrituração mercantil; as noções de ciências físicas e naturais com aplicação à agricultura, às artes e à indústria; o desenho geométrico e de ornamento; e a geografia industrial e comercial. (MELO E MACHADO, 2010, p. 249).

Ao verificarmos os artigos do regulamento e relacionarmos aos textos de Justiniano de Mello, percebemos temáticas semelhantes às discutidas em suas publicações do periódico mencionado. Entre elas, destacamos a moral na infância, a aprendizagem da gramática, o ensino da aritmética, a escola para o sexo masculino e feminino e o método intuitivo.

No decreto, o ensino da moral é determinado como obrigatório (Art. 13, parágrafo 1º) e superior às outras disciplinas. Como descrito em seu artigo 14:

O ensino da moral é destinado a completar, consolidar e enobrecer todos os outros ensinamentos da escola. O professor não se propõe a doutrinar uma moral teórica, como se os alunos desconhecêssem a noção preliminar do bem e do mal; mas deverá incutir no espírito das crianças essas noções essenciais de moralidade humana, comuns a todas as doutrinas e necessárias a todos os homens civilizados. É interdita a discussão sobre seitas ou dogmas religiosos, e recomendada a maior atenção ao desenvolvimento moral dos meninos, de modo a formar e aperfeiçoar o caráter de cada um. (PARANÁ, 1890, p.42-43).

A educação moral sem doutrinas, deixando o menino livre para o desenvolvimento do caráter, este que “[...] retrata o maior grão imaginável de beleza moral.” (SILVA, J., 1890f, p. 2). Em seus artigos intitulados “A moral e a infância I” e “A moral e a infância II”, publicados em 15 e 22 de março de 1890, respectivamente, no jornal *Sete de Março*, Justiniano de Mello discorre sobre o aperfeiçoamento do caráter na infância. Para ele,

A luta não é para o caráter uma ceifa de sucessos, nem uma viagem de experiência: é sim, uma medicina em que é força utilizar os venenos, mas em proveito da saúde em detrimento da morte. A vontade ali se ostenta como um ser que não está sujeito à lei da degenerescência nem das metamorfoses. É um *eu*, que imita a profundidade e a imutabilidade do espaço, percorrido em todos os sentidos pelas correntes elétricas, sulcado pelas chamas, iluminado pelas constelações, mas imponente e magestoso como a epopéia do destino e o hino sonoro da criação. (SILVA, J., 1890f, p. 2).

É saber o que faz mal para o desenvolvimento do bom caráter em função de produzir o que é benéfico para o mesmo. Se existe algo para a preservação da “invasão das epidemias morais”, Justiniano de Mello diz que “[...] deve ser o *trabalho*, o trabalho independente e sábio, este que a necessidade reclama, mas que também a moral aconselha, como um bálsamo para as chagas incuráveis, e um cordial nas sincopes do espírito.” (SILVA, J., 1890f, p. 2).

Leitura, escrita e noções gerais e práticas da gramática portuguesa tornam-se obrigatórias no regulamento (Art. 13, parágrafos 2º e 3º). No que consta desse ensino, o professor sergipano ressalta que para aprender a gramática, é necessário

o entendimento prévio dos vocábulos. Em seu texto “Didactica da língua materna”, divulgado em 8 de fevereiro de 1890, ele explicita maneiras de se ensinar a gramática a partir do que a criança já conhece, assemelhando-se aos usos reais do que é aprendido. Para o intelectual, a gramática é “[...] a arte de coordenar as palavras para urdir o discurso [...]”. Antes de indicar as regras das expressões, é imprescindível apresentar o emprego delas para que a criança perceba a associação entre a prática e a teoria. Diante disso,

O estudo da lingua materna consiste na facilidade proporcionada as jovens inteligencias de exprimire-a-se correctamente sobre qualquer factu ou circunstancia da vida. Semelhante vantagem resulta de um habito, sabiamente conduzido: é um produto da intelligencia antes que uma criação da regra. Mas para que ella não se converta em pura exterioridade, convem affeição-la aos usos reaes, e não á declamação ôca e esteril, de que abusa o pedantismo. A intuição serà aqui tambem o nervo do ensino, a força que assimile a forma a substancia. (SILVA, J., 1890c, p. 2).

Para que o ensino da gramática não se torne fatigante, Justiniano de Mello indica que suscite no aluno a *invenção*, conduzindo-o a construir uma gramática pessoal em que o papel do professor seja intervir para apontar os erros e corrigi-los. Assim, as regras são aprendidas de uma maneira em que a criança participa e passa a compreender as construções e os usos das mesmas, tomando o gosto pela leitura e escrita.

Semelhante ao ensino da gramática está o da aritmética, também assinalado como obrigatório nas escolas. Outrossim, o estudo da aritmética é considerado pelos alunos, de acordo com Justiniano de Mello, como “repugnante”. “Emquanto disputa-se sobre as vantagens do methodo mecanico, ou do methodo racional, arithimetica vae espalhando tedios e modôrras, e creando novos inimigos irreconciliaveis.”. Este sentimento prevalece quando sustentam a ideia de que o estudo das matemáticas serem pouco úteis à infância, pois elas “[...] crestam e destróem a flor da imaginação, e só exercem o mecanismo da intelligencia.” (SILVA, J., 1890a, p. 2).

Para evitar este sentimento, assim como o estudo da gramática, o autor propõe que:

[...] o melhor meio de vencer a repugnancia que muitos estudantes experimentam pela arithimetica, é de fazer-lhe sentir praticamente a necessidade dessa sciencia. Primeiro que tudo, deve-se reclamar um

preceptor que conheça profundamente a materia; depois, que elle *aprenda a sciencia de fazer-se pequeno com os pequenos, simples com os simples* [...]. (SILVA, J., 1890a, p. 2)

É, assim como a gramática, apresentar a aplicabilidade da aritmética no cotidiano do indivíduo. Para que isso ocorra, como o autor indica, aquele que ensina deve ter um conhecimento profundo sobre as matemáticas.

Outro ponto a ser destacado é em relação a educação de meninos e meninas em um mesmo ambiente. No artigo 32 do decreto nº 31 de 29 de janeiro de 1890, é definido:

Sempre que fôr impossivel a criação de duas escolas, para cada sexo, em qualquer localidade, será instituida uma cadeira de ensino promiscuo, regida por preceptora. Nestas escolas só poderão matricular-se, até a idade de 10 annos, os alumnos do sexo masculino. Serão segregados e collocados em bancos separados, os meninos e as meninas, reunindo-se apenas por occasião do exercicio ou lição de classe, presididos pelo preceptor. (PARANÁ, 1890, p. 45).

Posto isso, a separação era atribuída para o respeito às diferenças. Em seu artigo “Coeducação dos sexos”, publicado em 28 de dezembro de 1889, Justiniano de Mello defende essa prerrogativa de maneira semelhante ao escrito no decreto. Para ele, era “[...] conveniente que os meninos e as meninas não occupem os mesmos bancos, antes sejam rigorosamente seggregados na mesma sala.”. De acordo com o professor,

Não é que deva causar cuidado a intimidade entre os dous sexos: a causa da separação reside nessa mutualidade de sentimentos que tanto melhor se exerce entre meninos e meninas, quanto maior é o respeito e a deferencia que presidem as relações entre os dous sexos. Ora, uma convivialidade muito estreita igualisa de tal modo os individuos, que as proprias nuances do character e da educação insensivelmente se apagam. (SILVA, J., 1889c, p. 2).

Essa mutualidade de sentimentos que o autor fala refere-se ao instinto de ensinar por parte da mulher, a qual, segundo ele, transparece a imagem de família, pois traz em si os cuidados de uma mãe. Esse valor é dado porque a educação escolar deveria preparar para vida em família e na sociedade. Conforme o mesmo autor,

A educação commum deve exercer influencia benefica sobre o character de um e de outro sexo: desse contacto quotidiano deve resultar um commercio de sympathias de todo ponto util como preparatorio para a vida real. O que as mulheres lucraram em vontade, os homens angariam em sentimento.

Se da coeducação dos sexos derivam-se vantagens, que mais tarde repercutem sobre a vida da familia, faz brotar essa delicadeza e esse respeito, que tão em desaccôrdo se mostram com os habitos grosseiros de uma grande parte da população dos paizes civilisados, não menos notavelmente se assignada o papel da mulher na instrucção da mocidade. (SILVA, J., 1889c, p. 2).

Diante disse, a superioridade feminina está presente, segundo Justiniano de Mello, nos âmbitos da escola e da família devido a seus cuidados maternos, instigando o respeito entre os indivíduos e benefícios para o caráter de ambos. Não é que a mulher levará a educação que é feita em casa para a escola, mas “[...] se queremos approximar os dous elos extremos da cadêa do ensino, - a mãe e o preceptor, que recebe estipendio, - invistamos a mulher de tão bello e util ministerio e façamos da escola um prolongamento da vida da familia.” (SILVA, J., 1889c, p. 2).

O autor não desmerece a instrução realizada pelos homens e sim valoriza a feita pelas professoras. Consoante Justiniano de Mello,

Bem que a instrucção dos professores primarios do sexo masculino tenha merecido maior solitudine do Estado e dos poderes locaes, a instrucção ministrada pelas preceptoras, revela-se, em geral, mais extensa e proficua nos seus resultados. A nossa experiencia pessoal convenceu-nos de que no Brazil, pelo menos as mulheres são mais do que os homens capaces de nutridos e bem combinados esforços para adquirir um certo cabedal de conhecimentos praticos, e exercer maior influencia nos destinos escolares da infancia. (SILVA, J., 1889c, p. 2).

Os cuidados oferecidos por elas, juntamente com empenho para desenvolver atividade com os pupilos, são mais significativos do que os realizados pelos indivíduos do sexo masculino, pois as mulheres conseguem desempenhar maior influência nas crianças para o progresso escolar. Entretanto, Justiniano de Mello faz uma ressalva: independentemente do nível escolar das mães, nada pode substituir a educação feita por elas. “Esse thesouro de heroismo e de ternura que a mulher prodigalisa na educação de seus filhos, não será jamais transportado para as escolas, nem estará ao alcance da mão do mestre mercenario.” (SILVA, J., 1889c, p. 2).

A aplicação do método intuitivo nas escolas foi definida no artigo 50 do Regulamento da Instrução Pública de 1890 do Estado do Paraná. Como a mesma dita: “Adotar-se-á o methodo intuitivo, fundado no conhecimento directo das cousas. Os professores organizarão museus escolares, com as plantas e mineraes da região, pondo para isto em contribuição a curiosidade e diligencia das creanças.” (PARANÁ, 1890, p. 48). Como vimos anteriormente e como citado no artigo do regulamento, este método levava em consideração a aproximação dos alunos a objetos concretos alicerçados nos sentidos para a organização de conceitos. Ele considerava a “[...] criança como um inventor, ao qual devem ser permittidas algumas tentativas frustaneas, e tambem toda a liberdade na experimentação dos processos, e no emprego das concepções.” (SILVA, J., 1890o, p. 1).

Justiniano de Mello em seus artigos “Methodo Intuitivo I”, “Methodo Intuitivo II” e “Methodo Intuitivo III”, publicados no jornal *Sete de março* em 9, 15 e 23 de agosto de 1890 respectivamente, discute as características desse método, bem como traz críticas aos compêndios que delineiam lições para motivar a intuição. Segundo ele,

Esses manuaes e compendios, em que são expostas systematicamente as tantas formas de auxiliar a intuição, bem pouco vai ortêm aos olhos de um criterioso educador. Aliás a maneira por que se pretende inculcar os conhecimentos pela vista dos objectos, é a origem de um sem numero de erros grosseiros, de falsas noções e preconceitos, que se radicam no espirito, e atormentam o homem durante a vida inteira. Semelhante systema suppõe que as noções concretas são reductiveis a noções mais simples, mais claras, mais accessiveis ao entendimento infantil; que, para exercitar as faculdades escolares não se faz de mister o emprego da abstracção, bastando para tanto a simples representação das cousas, cuja decomposição analytica se impõe naturalmente á percepção por via intuitiva. Bastará expôr semelhante persuasão, para que se veja quanto è ella destituida de fundamento. (SILVA, J., 1890p, p. 2).

Para Justiniano de Mello, utilizar compêndios com prerrogativas para inculcar a intuição era uma tarefa superficial para a aprendizagem da criança. Eles serviam de auxílio na aprendizagem, mas não deveriam ser o alicerce para a instrução escolar infantil. A curiosidade infantil, o interesse pelas coisas, deveria partir da criança de maneira involuntária e o professor, juntamente com o livro, partiria dessa condição para facilitar o entendimento da criança quanto ao que era visto e sentido.

O método e o livro não conseguiriam, por si só, ocasionar a eficácia se o professor não fosse zeloso e perseverante com aquilo que ensinava. Além disso, a criança não aprende sozinha. É necessário guiá-la e não submetê-la a atividades monótonas e pouco úteis às experiências reais, mas direcioná-la àquelas que tenham utilidades na aprendizagem escolar e em sua vida. Para Justiniano de Mello,

Na pedagogia, não há methodos, ha somente um methodo, que è a alma de todo ensino calcado sobre a observação; que aviventa todos os processos postos em contribuição pelo mestre. Trata-se hoje de desenvolver a face positiva da instrução, de não precipitar a marcha dos estudos, de usar de sobriedade, principalmente no começo da educação, de provocar, de excitar a curiosidade infantil, de associar a todo trabalho escolar um fim de utilidade evidente. Entende-se por instrução elementar essa bagagem que todos os homens podem utilizar em quasquer circunstancias da vida real. (SILVA, J., 1890q, p. 2).

Esse modo de educar estava em face da dupla missão da Pedagogia que, para o autor era:

[...] educar as mediocridades, facilitando os conhecimentos indispensaveis a todas as profissões, sob uma forma pratica, por intermedio da applicação; e formar os grandes espíritos, ou cultivar as faculdades dominantes, que se deixarem observar durante o tyrocinio da escola. A experiencia diz-nos que todos os homens possuem uma faculdade susceptivel de maior desenvolvimento, de cultura mais vasta e aprimorada. Entretanto, a organização do ensino superior é a prova da maior ignorancia nesse particular. (SILVA, J., 1890q, p. 2).

Isto significa dizer que cabe a pedagogia ensinar a partir das coisas comuns que serão utilizadas por todos os indivíduos independentemente da profissão e, também, despertar em cada um a sua particularidade que levará a escolha da sua profissão. Com a sistematização nas provas para o ensino superior, o sujeito, ao escolher determinada profissão, perceberá que nelas haverá uma série de conhecimentos não utilizáveis em sua carreira. “Assim, um talento mathematico tem muitas vezes de esbarrar diante de exame de historia e não poderá consagrar-se a profissão consoante a sua capacidade.” Por isso, o método intuitivo carrega em si o principio de que em qualquer matéria do programa de ensino “[...] se prescindia, quanto possivel, dos livros, das noções complexas, fazendo-se preceder a regra

pelo exemplo, a theoria pela applicação, o abstracto pelo concreto.” (SILVA, J., 1890q, p. 2).

Diante das discussões realizadas por Justiniano de Mello no jornal *Sete de Março*, podemos afirmar que o intelectual, como parte da comissão, contribuiu com as suas palavras para lançar certas atribuições presentes no Regulamento da Instrução Pública do Paraná de 1890. Ele não estava sozinho na criação do decreto, mas fez parte da construção do mesmo, ou seja, existem traços daquilo que ele almejava ser vital para a instrução escolar.

Mesmo depois da publicação desta prescrição legal, o professor argumentou em seus escritos sobre as temáticas referentes ao método intuitivo e ao que era proposto na norma. De todos os textos de Justiniano de Mello, aqueles que estavam relacionados às prerrogativas do método intuitivo prevaleceram. Em grande parte dos seus textos, ele não fazia menção ao método e nem o defendia explicitamente, mas perante o que explicitamos, suas produções estavam voltadas para os “benefícios” do mesmo. Fortalecemos esse pensamento com base em ata da congregação dos lentes da escola normal e ginásio paranaense escrita e assinada por ele em 27 de agosto de 1891 enquanto diretor geral da instrução pública.

Aos vinte e sete dias do mez de Agosto de mil oitocentos e noventa e um, no Edificio da Eschola Normal, reunidos diversos professores da Capital, candidatos do Magisterio e muitas pessoas [ilegível], o [ilegível] Director Geral convidou para secretariar o Dr. João Pereira Lagos e o professor Alexandro José Fernandes Rouxinol, declarando inaugurada a serie de conferencias pedagogicas e aberta a sessão. **Em seguida o mesmo Director Geral expoz diversas questões interessantes ao Magisterio, e insistio desenvolvidamente sobre as vantagens da adoção em todas as escholas do methodo intuitivo.** (grifo nosso)

Depois de ter mostrado a necessidade de fundação de bibliothecas escolares, apellou para o patriotismo do professorado, a quem aconselhou a maior união e solidariedade no intuito de despertar o espirito de classe e facilitar a missão do Director do ensino.

Depois mandou que se consignasse em acta um voto de profundo pezar pello falecimento, hoje, do antigo professor jubilado João Baptista Bradão de [ilegível], que distinguio-se pelo zelo e dedicação á causa do ensino publico e nomeou uma comissão composta dos [ilegível] Secretario da Instrucção e professores Rouxinol e Costa [ilegível] para darem pezames á familia do finado e assistirem ás exequias. E para constar eu Alexandre J<sup>e</sup> Fernandes Rouxinol lavrei a presente acta que vou ilegível pelo Director Geral e Secretarios.

Justiniano de Mello e Silva

Alexandre J<sup>e</sup> Fernandes Rouxinol

O método intuitivo era, então, para Justiniano de Mello o princípio norteador para a instrução escolar. Um professor, assegurado a esse método, conseguiria o desenvolvimento intelectual infantil em prol do conhecimento. Conhecimento este que agregava tanto o aprendizado dentro da escola quanto o fora dela. Era o aluno em contato com o mundo e, trazendo esse mundo para dentro do ambiente escolar, ele reconheceria as utilidades desse conhecimento em sua vida.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas que utilizam os textos produzidos e veiculados nos jornais do século XIX trazem propostas educacionais discutidas na época, visto que a imprensa periódica foi palco de debates e críticas entre os sujeitos que mantinham cargos na imprensa e assumiam um caráter de homens públicos. Esse hábito de proferir palavras “ofensivas” acontecia tanto de forma falada, quanto escrita. Na primeira, as falas eram ditas quando em reuniões dos partidos, os políticos discutiam sobre determinada temática. Na segunda, por sua vez, os jornais tornaram-se a extensão das conversas nas reuniões. É nesse momento que surgem os redatores de jornais, os quais desempenharam papéis ora de político, ora de professor, por vezes, até ambos.

A defesa dos interesses políticos dos redatores e a escrita de textos que envolvem temas da educação apontam que, preocupados em contribuir para a formação de opiniões, participavam, mesmo que indiretamente, da configuração de uma sociedade que estava se formando como nação organizada. Como homens de letras e de esfera pública, eles traziam ideias de outros países para serem veiculadas nos jornais que eram responsáveis. O estilo desses sujeitos pode ser considerado panfletário na medida em que eles tinham a capacidade de atacar seus opositores e convencer seus aliados, além de utilizarem linguagem literária para alcançar os seus objetivos: instruir os seus leitores e insultar os seus adversários.

Nesse contexto, percebemos que a análise dos discursos veiculados por jornais do século XIX nos faz compreender o cotidiano daquela sociedade. Não vemos o que era noticiado como uma “verdade absoluta” do que estava acontecendo, mas um jogo de “verdades e mentiras” envolvendo relações de poder. Mesmo assim, não devemos deixar de lado a relevância desse tipo de estudo para o cenário atual da educação, considerando que os atores que compunham a imprensa da época também permeavam os campos da política e da educação.

Os jornais, apesar de serem de cunho político, traziam em suas páginas textos literários e educacionais, bem como anúncios diversificados. Essas eram as estratégias de propagandas para a construção de costumes. O jornal *Sete de Março*, seguindo este caminho, se configurava como um periódico defensor da “política do ministério”. Geralmente ele iniciava a sua edição com textos que discutiam reflexões

políticas e não tinham, ao final, sua autoria. Podemos dizer que seus autores eram ora seus redatores ora seus colaboradores.

As seções eram diversificadas, abrangendo temáticas como: Educação, Pedagogia, Literatura, Agricultura e Jurisprudência, entre outras. Devido ao constante diálogo entre a imprensa da época, esse periódico também publicava notícias de outros jornais, aproximando os assuntos locais dos nacionais e internacionais. Além desses aspectos, o jornal destinava um espaço para seus leitores demonstrarem a sua opinião quanto aos acontecimentos. O *Sete de Março* buscava, dessa forma, abranger campos além da iniciativa política. Era uma maneira de atrair novos leitores e angariar fundos para cobrir os custos.

Estudar a imprensa do século XIX é um mecanismo para notabilizar uma parte do processo de construção da Educação brasileira, tendo em vista que os partícipes deste meio perpassavam o ambiente educacional. Eles, enquanto sujeitos que discutiam a educação, retratavam o que tinha de mais atual naquele período. Entre impasses enfrentados e soluções encontradas pela sociedade, as modificações educacionais podem ser entendidas a partir do que estava veiculado nos jornais.

Percorrer além dos campos da formação acadêmica é uma atividade comum aos intelectuais. Ao adquirir certo tipo de notoriedade, os intelectuais criam e mediam uma cultura disseminada em seu grupo diante do poder de influência que carregam em si. Devido a isso, laços de amizades são estabelecidos e, por defenderem o seu posicionamento, desavenças são ocasionados por pensamentos contrários aos deles. E isto ocorreu com Justiniano de Mello. Em notícias dos jornais, podemos perceber outros sujeitos que o queriam afastado da instituição que ele lecionava. Ademais, políticos de outros partidos lançavam “injúrias” quanto ao seu jeito de se comportar diante de problemas de sua vida cotidiana em família e como homem público.

Conhecer as trocas sociais dos intelectuais nos possibilita entender o que eles pensaram e como puderam pensar. Isto é, podemos conhecer o intelectual tal como as suas ideias foram concebidas e estruturadas conforme o ambiente social em que estava inserido. Com base em suas “estruturas de sociabilidade”, notamos os lugares em que eles passaram, onde as suas ideias foram circuladas e quais foram as bases para os seus pensamentos.

Na trajetória de Justiniano de Mello, notamos personalidades expressamente conhecidos, como Tobias Barreto, Clóvis Beviláqua, Silvio Romero, Adolpho Lamenha Lins, entre outros. Estes que de alguma forma contribuíram para o que ele se tornou no meio político, educacional e, portanto, intelectual. Formado por uma instituição de ensino superior de grande movimentação daqueles que viriam a ser reconhecidos como grandes intelectuais brasileiros da sua época, Justiniano de Mello agiu conforme a conveniência do seu tempo, participando do jornal acadêmico literário e escrevendo poesias.

Sua carreira como professor iniciou quando ele tinha 18 anos, no Atheneu Sergipense, sendo a sua atuação nesta instituição o princípio norteador para Justiniano de Mello disseminar as suas críticas e pensamento. Na província paranaense ele ganhou maior notoriedade, pois esteve presente em mais de um campo. É nesse momento que percebemos a personalidade desse intelectual. Seu posicionamento combativo pode ser visto no decorrer de dois processos contra ele: no da vitaliciedade do seu cargo de professor no Instituto Paranaense e nas acusações de sua agressão contra uma vizinha.

Com palavras ácidas, ele não media o que escrevia e falava para os seus adversários. Isto era comum no período em que estava inserido, por isso o termo “estilo panfletário”. Devido a sua personalidade polemista, Justiniano de Mello fez parte de jornais como o 25 de Março, O Paranaense, Gazeta Paranaense, Jornal do Commercio, sendo o principal deles o *Sete de Março*. Ele não se intimidava em proferir ofensas aos políticos de maior nome. Essa atitude também acarretou em sua saída do Partido Conservador e em seus desprestígios, tendo em vista que o cenário político sofreu modificações, o que fez perder força a voz daqueles que tinham o mesmo posicionamento que o dele.

Enquanto Inspetor e Diretor Geral da instrução pública ele agiu em prol da educação, mantendo um bom relacionamento com os professores. Vemos isso na mensagem em que ele agradece o comprometimento dos professores. Podemos dizer que Justiniano de Mello fez jus à sua profissão na medida em que procurou conhecer a situação das escolas e tentar solucionar os problemas que elas apresentavam. Essas funções, assim como a de professor da Escola Normal e Instituto Paranaense, redator e político, deram a ele a liberdade de firmar o sua posição quanto ao que estava ocorrendo no âmbito educacional.

O que notamos, à medida que estabelecemos nossas reflexões sobre os textos escritos por Justiniano de Mello, é o seu esclarecimento e a sua aproximação com as discussões pertinentes daquele período. Membro de um partido político, este intelectual utilizou os jornais para veicular o seu pensamento. Os embates nos quais estava inserido serviram como meio de expressar as suas reflexões e estas ocasionaram em posicionamentos daqueles que receberam seus pensamentos, como é o caso do eleitor que o elogia por defender intensamente a política do partido. De certa forma, esta foi uma ação politizadora, pois interferiu no meio social e nos atos dos sujeitos que a compunha.

A tendência de publicar essas ideias em periódicos nos leva a refletir sobre suas intenções, pois ele fez dos jornais um mecanismo que possibilitou a veiculação dessas temáticas. Como figura pertencente da administração escolar, o personagem pretendeu que circulasse para além da elite letrada, ou seja, para aqueles que de alguma forma participavam do aparelho que organizava a instrução da província.

Falar de Justiniano de Mello nos fez perpassar por diversificados campos do conhecimento, tendo em vista que este intelectual atuou nas áreas da política, da educação, do jornalismo e do direito. Durante a escrita do nosso trabalho, percebemos que o seu posicionamento em cada uma delas ligava-se não somente à sua personalidade, mas também ao ambiente em que estava inserido.

Nesse contexto, no momento em que ele escreveu os seus artigos, as discussões sobre o ensino no Brasil Imperial estabeleceram-se a partir da relação entre os objetivos do Estado, o entendimento e metodologias do ensino imbricadas nos países considerados modelo para a educação e o crescimento da sociedade brasileira. Os métodos de ensino de outros países adotados pelo Brasil foram reformulados e adequados de acordo com a necessidade da população e as possibilidades do estado promover os mesmos, no que diz respeito ao espaço, tempo e recursos para ter a escola como um local pertinente para o ensino.

Durante o Império foram promulgadas leis, decretos e regulamentos no Brasil, bem como na província paranaense, porém elas não conseguiram obter êxito na realização efetiva de uma boa instrução. Falta de profissionais qualificados, desvalorização da educação por parte da sociedade e dirigentes, ausência de alunos em sala de aula e precariedade nos prédios escolares caracterizaram-se como os impasses que estavam além da divisão de ensino.

Ao ver as transformações ocorridas na educação durante o tempo em que lecionava, Justiniano de Mello expôs a sua opinião quanto aos métodos de ensino. Qual era, então, o ideal para este intelectual? Segundo ele, não existe uma receita de educar eficiente para todos os níveis de ensino e todas as escolas, pois o sucesso ou fracasso de um sistema dependerá da quantidade de alunos em sala, da maneira que o professor ensina e dos recursos disponíveis na escola. Para cada turma existe uma maneira de ensinar e cada professor tem que entrar no ritmo dela e isso exigirá que ele faça combinações para ter um bom rendimento dos alunos, sem perder tempo e controle, pois em “[...] uma aula bem dirigida nada se perde: o estudo nasce do estudo, e a instrução transmite-se como um fluido, por intermédio da imitação.” (SILVA, J., 1890, p. 2).

Justiniano de Mello afirmou que, apesar desses sistemas, os métodos dos professores serão sempre os mesmos: primeiro, os assuntos mais fáceis, explicados claramente e, depois, os alunos são examinados e passarão para as noções mais difíceis. Quando nestas noções, exercitam a memória dos alunos de maneira paciente e ativa. Por este motivo, ele defende que todos os que compõem o ensino estejam aliados para obter uma boa instrução, levando-se em conta, sobremaneira, a participação do pupilo, visto que “[...] no ensino não é bastante a iniciativa do mestre, mas que também cumpre ter em consideração a iniciativa do discípulo.” (SILVA, J., 1889a, p. 2).

Diante desse processo de atividades baseadas na memorização em que a instrução estava inserida, o método intuitivo foi adotado no Brasil como meio para o progresso da educação e da sociedade a qual estava se formando no início da República. Tal método explorava a curiosidade dos alunos para que o conhecimento fosse alcançado a partir do interesse dos mesmos. Ele estava fundamentado em uma abordagem do ensino que partia do concreto para o abstrato, do que se conhecia para o desconhecido, sendo os sentidos fortes aliados para o propósito. Os sentidos, para Justiniano de Mello, podem ser educados na infância que, quando adulto, o indivíduo faça o uso correto dos mesmos. Eles auxiliam a aprendizagem na escola e fora dela, mas necessitam de orientações e cuidados. Consistia em um ensino apoiado na intuição e o contato direto com as coisas.

Quando organizamos os artigos de Justiniano de Mello publicados no jornal *Sete de Março*, percebemos pontos semelhantes com os objetivos do método intuitivo. Com isso, ao falar sobre os sentidos, a imaginação e os métodos de

ensino, ele esclareceu o que seria o novo procedimento de ensino que estava sendo discutido nas conferências pedagógicas dentro e fora do Brasil. Se levamos em consideração as suas ocupações profissionais, o intelectual tinha pretensões que iam além da política.

Sua preocupação em discutir temas da educação nos jornais era característica dos homens do seu tempo. Eles tinham em si objetivos de informar e instruir aqueles que os liam. Com seus projetos de reformas da organização educacional, os sujeitos que eram educadores, jornalistas, políticos, diretores e proprietários de escolas consideravam que por intermédio da educação, eles conseguiriam modificar o cenário da nação. De certa forma, eles foram, no Brasil, os responsáveis pela veiculação da ideia do método intuitivo. (SCHELBAUER, 2005).

Como professor da Escola Normal, o interesse de Justiniano de Mello em publicar sobre o método intuitivo pode ter sido um meio de esclarecer aos seus alunos o que o mesmo era. Do lado jornalístico, sua intensão era a de comunicar aos seus leitores. Como “pedagogo nato”, defender aquilo que seria melhor para a instrução revelou o seu ideário educacional com base em suas preocupações quanto ao que estava posto.

O método intuitivo contemplava o ideário educacional de Justiniano de Mello. Observação, curiosidade, imaginação, a criança em contato direto com as coisas do mundo. Com essas circunstâncias, ela poderia tornar-se uma inventora, bem como estruturar o seu caráter, tendo a imitação como uma grande aliada. O ensino, deste modo, não abrangia atividades passivas longas e de deduções sem fundamentos. Com as atividades que excitavam a imaginação, o mestre conduziria os seus alunos a resultados extraordinários e imprevistos. (SILVA, J., 1890). Essa era, para o intelectual, a força teórica do método intuitivo.

Com base em boa parte dos seus textos, para o professor, a adoção desse método ocasionaria o avanço da sabedoria do aluno dentro e fora do âmbito escolar. Devido à sua particularidade em debater com seus oponentes, ao círculo de amizade, as suas influências políticas, bem como a sua posição de diretor geral da instrução pública, Justiniano de Mello organizou o Regulamento da Instrução Pública do Estado do Paraná, de 29 de janeiro de 1890. Quando analisamos essa prescrição legal, notamos temáticas semelhantes às trabalhadas por Justiniano no *Sete de Março*. Diante disso, acreditamos que seus textos remontam a um projeto

educacional o qual ele defendia, sendo essa lei o resultado dos seus esforços em apresentar os seus posicionamentos.

Justiniano de Mello deixou fragmentos de algo que estava além das páginas escritas: os seus pensamentos. Os textos foram tentativas de demonstrar o seu conhecimento, aquilo que ele sentia e vivia e o que julgava promissor para uma boa instrução das crianças na família e na escola, sendo elas a principal iniciativa para o sua aprendizagem.

Não entendemos esse sergipano meramente como um político que buscava o seu lugar no poder. Diante dos seus escritos nos quais são espelhados os seus pensamentos, percebemos a sua preocupação com a educação. O nosso posicionamento não é o de defesa e não o colocamos em um pedestal. Coube-nos, enquanto pesquisadores da História da Educação, evidenciarmos um pensador da educação em seu tempo que, em nossa interpretação, não teve a devida notoriedade em comparação a outros intelectuais do seu período.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Alessandro Cavassin. **A Província do Paraná (1853-1889). A classe política. A parentela do Governo.** 2014. 495 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/35972>> Acesso em: 25 maio 2015.

ALVES, Eva Maria Siqueira. **O Atheneu Sergipense: Uma casa de educação literária examinada segundo os planos de estudos (1870-1908).** 2005. 318 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <[http://www.sapientia.pucsp.br//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=449](http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=449)> Acesso: 25 maio 2015.

ALVES, Rubem. **A educação dos sentidos e mais.** Campinas-SP: Vozes Editora, 2005.

AMORIM, Simone Silveira. **A trajetória de Alfredo Montes (1848-1906):** representações da configuração do trabalho docente no ensino secundário em Sergipe. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2009.

ANANIAS, Mauricéia. Os métodos de ensino prescritos na legislação sobre a Instrução Pública Primária na Província de São Paulo (1834-1868). In: PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira; FERRONATO, Cristiano de Jesus. (orgs). **Temas sobre a Instrução no Brasil Imperial (1822-1889).** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, p. 65-84, 2008.

ANDREOTTI, Azilde Lina. **A formação de uma geração:** a educação para a promoção social e o progresso do país no jornal *A voz da infância* da Biblioteca Infantil Municipal de São Paulo (1936-1950). Tese de doutorado. Campinas, SP: Faculdade de Educação - UNICAMP, 2004. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000317298>> Acesso em: 5 maio 2016.

ARAUJO, Silvete Aparecida Crippa. **Julia Wanderley, modelo das professoras paranaenses (1874 – 1918).** Disponível em: <[http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4449\\_2744.pdf/](http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4449_2744.pdf/)> Acesso em: 01 jul. 2015.

ASPERTI, Clara Miguel. A vida carioca nos jornais: Gazeta de notícias e a defesa da crônica. In: Contemporânea, Rio de Janeiro, n 7, p. 45-55, 2006. Disponível em: <[http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_07/06CLARA.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_07/06CLARA.pdf)> Acesso em: 17 jul. 2016.

ASSIS, Machado de. **O jornal e o livro.** Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/cronica/macr13.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2016.

BARRETO, Luiz Antonio. **Personalidades sergipanas: Justiniano de Mello e Silva.** Aracaju: Typographia Editorial, 2011.

BARRETO, Luiz Antonio. Apologia de Deus e outros escritos sergipanos. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1993.

BOURDIEU, Pierre. Coisas ditas. Tradução: Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRASIL. Decreto n. 1.331 A de 17 de fevereiro de 1854. Approva o regulamento para a reforma do ensino primario e secundario no Municipio da Côrte. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legislacao/publicacoes/doimperio>> Acesso em: 29 nov. 2016.

BURKE, P. **O que é História Cultural?** Tradução: Sergio Góes de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil.** 2 Ed. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994.

CARVALHO, Carlos Leôncio de. Decreto 7.247 - **Reforma do Ensino Primário e Secundário do Município da Corte e o Superior em todo o Império.** Disponível em: < [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/34/doc01a\\_34.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/34/doc01a_34.pdf)> Acesso em: 25 nov. 2016.

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem: a elite política imperial; Teatro das sombras: a política imperial.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1998.

CERTEAU, M. **A escrita da História.** Tradução: Maria de Lurdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações.** Tradução: Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, R. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes.** Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

COLLICHIO, Therezinha A. Ferreira. Dois eventos importantes para a História da Educação brasileira: a exposição pedagógica de 1883 e as conferências populares da freguesia da glória. In. **Revista da Faculdade de Educação/USP**, São Paulo, v.13, n.2, jul/dez, p. 5-14,1987. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/rfe/article/viewFile/33387/36125>> Acesso em: 23 nov. 2016.

CORRÊA, Amélia Siegel. **Imprensa e Política no Paraná: Prosopografia dos redatores e pensamento republicano no final do século XIX.** 2006. 221 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/6053>> Acesso em: 20 maio 2015.

CORRÊA, Amélia Siegel. **Imprensa política e pensamento republicano no paraná no final do XIX**. Rev. Sociol. Pol t., Curitiba, v. 17, n. 32, p. 139-158, fev. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v17n32/v17n32a09.pdf>> Acesso em: 20 maio 2015.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia   República: momentos decisivos**. 7. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

DANTAS, Luiz Carlos Rollemberg. Justiniano de Melo e Silva filósofo e historiador. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Aracaju, v. 16, n. 21, p. 258-263, 1951. Disponível em: < <http://www.ihgse.org.br/revistas/21.pdf>> Acesso em: 20 maio 2015.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; CHAMON, Carla Simone; IN CIO, Marcilaine Soares. Apresenta o. In. FARIA FILHO, Luciano Mendes de; CHAMON, Carla Simone; IN CIO, Marcilaine Soares (org). **Políticos, literatos, intelectuais: o debate público sobre educa o em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Mazza Edi oes, 2009.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; CHAMON, Carla Simone; ROSA, Walquíria Miranda. (orgs). **Educa o elementar: Minas Gerais na primeira metade do século XIX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

FERRONATO, Cristiano. Instru o e política na Parahyba do Norte durante o processo de constru o da Na o brasileira (1823-1840). In. PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira; FERRONATO, Cristiano de Jesus. (orgs). **Temas sobre a Instru o no Brasil Imperial (1822-1889)**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, p. 39-64, 2008.

FRANÇA, Franciele Ferreira. **A arte de ensinar : meandros do ofício de mestre de primeiras letras na província do Paraná (1857-1884)**. 2014. 202 f. Disserta o (Mestrado em Educa o) – Setor de Educa o da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: < [http://www.ppge.ufpr.br/dissertacoes%20m2014/m2014\\_Franciele%20Ferreira%20Fran%20C3%A7a.pdf](http://www.ppge.ufpr.br/dissertacoes%20m2014/m2014_Franciele%20Ferreira%20Fran%20C3%A7a.pdf)> Acesso em: 03 nov. 2016.

FRANÇA, Franciele Ferreira. **Os métodos de ensino na história da educa o pública paranaense no século XIX**. Disponível em: < [http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais\\_vi\\_cbhe/conteudo/file/710.pdf](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais_vi_cbhe/conteudo/file/710.pdf)> Acesso em: 13 nov. 2016.

GASPAR, L cia. Luiz Antonio Barreto. **Pesquisa Escolar Online**, Funda o Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso 26 jun 2016.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. Alfabetiza o no Espírito Santo: o método mútuo ou monitoria. In. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 40, p. 141-158, abr./jun. 2011.

GRAMSCI, A. **Os Intelectuais e a Organiza o da Cultura**. Rio de Janeiro: Civiliza o Brasileira.1995.

GUARANÁ, Armindo. **Dicionário bio-Bibliográfico sergipano**. Rio de Janeiro: Governo de Sergipe, Pongetti, 1925.

INÁCIO, Marcilaine Soares. **O processo de escolarização e o ensino de primeiras letras em Minas Gerais (1825-1852)**. 2003. 232 f. Dissertação (Mestrado em Conhecimento e Inclusão Social em Educação da Faculdade de Educação da UFMG) Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2003. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/FAEC-85VMUZ/1000000508.pdf?sequence=1>> Acesso 10 out, 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

LIMEIRA, Aline de Moraes; SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de. Ensino particular e controle estatal: a reforma Couto Ferraz (1854) e a regulação das escolas privadas na corte imperial. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.32, p.48-64, dez., 2008. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/32/art03\\_32.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/32/art03_32.pdf)> Acesso em: 20 dez. 2016.

LOPES, Marco Antonio. Pena e espada: sobre o nascimento dos intelectuais. In: LOPES, M. A. **Grandes nomes da História Intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003.

MARTIN, D.; MIGUEL, M. E. B. (org.). **Coletânea da Documentação Educacional Paranaense no período de 1854 a 1889**. Coleção: Documentos da Educação Brasileira. Brasília: INEP/SBHE. Disponível em: <<http://www.publicacoes.inep.gov.br/portal/download/512>> Acesso em 26 de out. 2016.

MARTINS, Evandro Silva. A etimologia de alguns vocabulários referentes à educação. In: **Olhares & Trilhas**, Uberlândia, ano VI, n. 6, p. 31-36, 2005. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/olharestrilhas>> Acesso em: 12 dez. 2016.

MATTOS, Ilmar Rohloff. **Tempo Saquarema: a formação do Estado imperial**. 5. Ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MELO, Cristiane Silva; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A organização da instrução pública no Estado do Paraná no início da República: o decreto nº 31 de 29 de janeiro de 1890. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.38, jun., p. 248-260, 2010. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/doc01a\\_38.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/doc01a_38.pdf)> Acesso em: 04 nov. 2016.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; SAÍZ, Paula Geron. A organização da escola primária pública do Paraná: período provincial. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.22, jun., p. 39-53, 2006. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22/art04\\_22.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22/art04_22.pdf)> Acesso em: 03 nov. 2016.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; KLENK, Henrique Klenk. **A instrução pública na província do Paraná: reflexões a partir dos relatórios do período de 1854 a 1874.** Disponível em:

<[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2983\\_1949.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2983_1949.pdf)>

Acesso em: 12 nov. 2016.

MIZUTA, Celina Midouri Murasse; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; PERIOTO, Marcília Rosa. Apresentação. In: MIZUTA, Celina Midouri Murasse; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; PERIOTO, Marcília Rosa. **Império em debate: imprensa e educação no Brasil Oitocentista.** Maringá: Eduem, 2010. p. 9-13.

MOREL, Marco. **As transformações do espaços públicos:** imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial, 1820-1840. São Paulo: Hucitec, 2005.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil.** Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate", promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, realizado em Brasília, em 27/04/2006. Disponível em:

<[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf\\_mortattihisttextalfbbr.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf)>.

Acesso em: 10 out. 2016.

MYSKIW, Antonio Marcos. **Curitiba, "república das letras" (1870/1920).** Revista eletrônica História em Reflexão, v. 2, n. 3, jan/jun, 2008. Disponível em: <<http://ojs.ws.ufgd.edu.br/index.php?journal=historiaemreflexao&page=article&op=view&path%5B%5D=266>> Acesso em: 27 abr 2016.

NASCIMENTO, Luiz do. **História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954).** Vol 5. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970.

NEVES, Fátima Maria. **Investigações em torno do Método Lancasteriano ou do ensino mútuo** (contribuições para a produção do Estado da Arte em História da Educação, no período imperial). Disponível em:

<[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos\\_frames/artigo\\_040.html](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_040.html)>

Acesso em: 21 out. 2016.

NEVES, L. F. B. História intelectual e História da Educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, p. 343-376, 2006.

OLIVEIRA, Carlos Eduardo França de. Tipógrafos, redatores e leitores: aspectos da imprensa periódica no Primeiro Reinado. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 2, n. 3, 2010, p. 1-12.

OLIVEIRA, Maria Cecília Marins de. Políticas públicas e reformas curriculares: as escolas primárias no Paraná na primeira República. In: **Revista E-Curriculum**, São Paulo, v. 1, n. 1, dez.-jul, p. 1-19, 2005-2006. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/3103/2044>> Acesso em: 14 nov. 2016.

PARANÁ. Regulamento da instrução pública do Estado do Paraná (Decreto nº 31 de 29 de janeiro de 1890). In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.38, jun., p. 261-267, 2010. Disponível em: <<http://ojs.fe.unicamp.br/ged/oldhistedbr/article/view/3561>> Acesso em: 17 nov. 2016.

PARANÁ (Província). Relatório com que o exm. sr. presidente, dr. Venancio José de Oliveira Lisboa, abriu a 1.a sessão da 10.a legislatura da Assembleia Legislativa Provincial do Paraná no dia 15 de fevereiro de 1872. Curitiba, Typ. da Viuva & Filhos de C.M. Lopes, 1872. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/634/>> Acesso em: 29 nov. 2016.

PARANÁ (Província). Relatório apresentado á Assembléa Legislativa da Provincia do Paraná pelo 1.o vice-presidente, Sebastião Gonçalves da Silva, na abertura da 1.a sessão da 6.a legislatura em 21 de fevereiro de 1864. Curitiba, Typ. de Candido Martins Lopes, 1864. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/626/>> Acesso em: 29 nov. 2016.

PÉCAUT, Daniel. **Intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação**. Traduzido por Maria Júlia Golwasser. São Paulo: Ática, 1990.

PILLOTO, Osvaldo. **Cem anos da imprensa no Paraná (1854-1954)**. Curitiba IHGEP, 1976. Disponível em: <<http://www.museuparanaense.pr.gov.br/arquivos/File/Livros/100anosdeimprensa.pdf>> Acesso em: 5 nov. 2015.

POLINARSKI, Flaviane da Silva. **A representação sobre a imigração nos discursos de Adolpho Lamenna Lins (1875-1877)**. 2008. 38 f. Monografia (Licenciatura e Bacharelado em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/graduacao/monografias/2008-2-semester/>> Acesso em: 30 mar. 2016.

RESENDE, D. C. **Elementos decisivos na construção da posição e prática política de Roberto Requião de Mello e Silva**. 2007. 151 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em: <<http://www.pgsocio.ufpr.br/docs/defesa/dissertacoes/2007/daiane.pdf>> Acesso em: 20 maio 2015.

RESENDE, Daiane Carnelos; OLIVEIRA, Ricardo Costa de; LAIBIDA, Luiz Demétrio Janz. A apropriação dos conceitos bourdieusianos para a compreensão de trajetórias: o caso do político paranaense Roberto Requião de Mello e Silva. In: Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología, 29., 2013, Santiago. **Anais...** Santiago: FACSIO, 2013, p. 1-11. Disponível em: <[http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT16/GT16\\_CarnelosResende\\_CostadeOliveira.pdf](http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT16/GT16_CarnelosResende_CostadeOliveira.pdf)> Acesso em: 17 jun. 2015.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. Petropolis: Vozes, 1986.

SANTOS, Anderson. **“Raciocinar com rectidão”**: as lições do compêndio **Lições de Philosophia Elementar Racional e Moral de José Soriano Souza (1871)**. 2016. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tiradentes, Aracaju, 2016.

SANTOS, Vera Maria dos; AMORIM, Simone Silveira. **O lugar do feminino no ensino de primeiras letras no século XVIII e XIX**. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/>> Acesso em: 17 jun. 2015.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas-SP: Autores Associados, 2013.

SCHELBAUER, Analete Regina; LOMARDI, José Claudinei; MACHADO, Maria Cristina Gomes (Orgs). **Educação em Debate: Perspectivas, Abordagens e Historiografia**. CAMPINAS, SP: Autores Associados, 2006.

SCHELBAUER, Analete Regina. Método Intuitivo e lições de coisas: Saberes em curso nas conferências pedagógicas do século XIX. In: LOMBARDI, José Claudinei et. al. (orgs.). **Navegando pela história da educação brasileira**. Campinas, SP: Graf. FE: HISTEDBR, 2006. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos\\_pdf/Analete\\_R\\_Schelbauer2\\_artigo.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Analete_R_Schelbauer2_artigo.pdf)> Acesso em: 25 out. 2016.

SCHELBAUER, Analete Regina. O método intuitivo e lições de coisas no Brasil do século XIX. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena C. **História e memórias da Educação no Brasil**. Vol. II – Século XIX. Petrópolis: Vozes, 2ª. Ed., p. 132-149, 2005.

SILVA, Carolina Mostaro Neves da; NASCIMENTO, Cecília Vieira do; ZICA, Matheus da Cruz e. Imprensa e Educação na segunda metade dos oitocentos. In: MIZUTA, Celina Midouri Murasse; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; PERIOTO, Marcília Rosa. **Império em debate: imprensa e educação no Brasil Oitocentista**. Maringá: Eduem, 2010. p. 223-251.

SILVA, Eugênia Andrade Vieira da. **A formação intelectual da elite sergipana (1822-1889)**. 2004. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2004. Disponível em: <<https://bdt.ufs.br/handle/tede/1684>> Acesso em: 14 jun. 2015.

SILVA, Helenice Rodrigues da Silva. A História Intelectual em questão, In: LOPES, M. A. **Grandes nomes da História Intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, Justiniano de Mello e. Didática da Aritmetica. **SETE DE MARÇO**, Paraná, n. 90, 11 jan. 1890a. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=>>> Acesso em: 12 out. 2016.

SILVA, Justiniano de Mello e. Emulação (Condorcet). **SETE DE MARÇO**, Paraná, n. 91, 18 jan. 1890b. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=>> Acesso em: 12 out. 2016.

SILVA, Justiniano de Mello e. Didática da língua materna. **SETE DE MARÇO**, Paraná, n. 94, 8 fev. 1890c. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=>> Acesso em: 13 out. 2016.

SILVA, Justiniano de Mello e. A imaginação. **SETE DE MARÇO**, Paraná, n. 96, 22 fev. 1890d. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=>> Acesso em: 13 out. 2016.

SILVA, Justiniano de Mello e. A moral e a infância I. **SETE DE MARÇO**, Paraná, n. 99, 15 mar. 1890e. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=>> Acesso em: 14 out. 2016.

SILVA, Justiniano de Mello e. A moral e a infância II. **SETE DE MARÇO**, Paraná, n. 100, 22 mar. 1890f. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=>> Acesso em: 14 out. 2016.

SILVA, Justiniano de Mello e. O ensino e os sistemas de divisão escolar. **SETE DE MARÇO**, Paraná, n. 104, 26 abr. 1890g. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=>> Acesso em: 15 out. 2016.

SILVA, Justiniano de Mello e. Sistema individual. **SETE DE MARÇO**, Paraná, n. 105, 3 mai. 1890h. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=>> Acesso em: 15 out. 2016.

SILVA, Justiniano de Mello e. Sistema simultâneo. **SETE DE MARÇO**, Paraná, n. 106, 10 mai. 1890i. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=>> Acesso em: 15 out. 2016.

SILVA, Justiniano de Mello e. Sistema mutuo. **SETE DE MARÇO**, Paraná, n. 109, 31 mai. 1890j. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=>> Acesso em: 15 out. 2016.

SILVA, Justiniano de Mello e. Sistema misto. **SETE DE MARÇO**, Paraná, n. 110, 7 jun. 1890l. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=>> Acesso em: 15 out. 2016.

SILVA, Justiniano de Mello e. Ideias concretas. **SETE DE MARÇO**, Paraná, n. 111, 14 jun. 1890m. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=>> Acesso em: 15 out. 2016.

SILVA, Justiniano de Mello e. Ideias abstratas. **SETE DE MARÇO**, Paraná, n. 112, 21 jun. 1890n. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=>> Acesso em: 15 out. 2016.

SILVA, Justiniano de Mello e. Método intuitivo I. **SETE DE MARÇO**, Paraná, n. 119, 9 ago. 1890o. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=>> Acesso em: 16 out. 2016.

SILVA, Justiniano de Mello e. Método intuitivo II. **SETE DE MARÇO**, Paraná, n. 120, 15 ago. 1890p. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=>> Acesso em: 16 out. 2016.

SILVA, Justiniano de Mello e. Método intuitivo III. **SETE DE MARÇO**, Paraná, n. 121, 23 ago. 1890q. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=>> Acesso em: 16 out. 2016.

SILVA, Justiniano de Mello e. O espírito dos processos pedagógicos (dados gerais). **SETE DE MARÇO**, Paraná, n. 56, 18 mai. 1889a. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=>> Acesso em: 08 out. 2016.

SILVA, Justiniano de Mello e. Didactica. **SETE DE MARÇO**, Paraná, n. 84, 30 nov. 1889b. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=>> Acesso em: 09 out. 2016.

SILVA, Justiniano de Mello e. Coeducação dos sexos. **SETE DE MARÇO**, Paraná, n. 88, 28 dez. 1889c. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=>> Acesso em: 12 out. 2016.

SILVA, Justiniano de Mello e. Cultura dos sentidos: a) O tacto, b) O paladar. **SETE DE MARÇO**, Paraná, n. 7, 6 jun. 1888a. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=>> Acesso em: 06 out. 2016.

SILVA, Justiniano de Mello e. Cultura do sentidos: c) O olfacto, d) O ouvido. **SETE DE MARÇO**, Paraná, n. 8, 13 jun. 1888b. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=>> Acesso em: 06 out. 2016.

SILVA, Justiniano de Mello e. Cultura dos sentidos: e) A vista. **SETE DE MARÇO**, Paraná, n. 9, 20 jun. 1888c. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=>> Acesso em: 06 out. 2016.

SIQUEIRA, Luís. **De La Salle a Lancaster: os métodos de ensino na Escola de Primeiras letras sergipana (1825-1875)**. 2006. 242f. (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2006.

SIRINELLI, J. –F. As elites culturais. In: RIOUX, J. –P.; SIRINELLI, J. –F. (Org). **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampas, 1998.

SIRINELLI, J. –F. Os intelectuais. In: RÉMOND, R. (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-270.

SOUZA, Rosa Fátima de. Inovação educacional no século XIX: A construção do currículo da escola primária no Brasil. In. **Caderno CEDES**, Campinas, n. 52, p. 9-28, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n51/a02v2051.pdf>> Acesso em: 05 out. 2016.

TELES, Igor Pereira. **Concursos para professor do Atheneu Sergipense: o provimento da cadeira de História (1875-1910)**. 2009. 47 f. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. 2009. 1 CD-ROM.

VALDEMARIN, Vera Teresa. Métodos Intuitivo: os sentidos como janelas e portas que se abrem para um mundo interpretado. In. SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa; ALMEIDA, Jane Soares de. **O legado educacional do século XIX**. Araraquara: UNESP – Faculdade de Ciências e Letras, p. 63-106, 1998.

VALDEMARIN, Vera Teresa. **Estudando as lições de coisas: análise dos fundamentos filosóficos do método intuitivo**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

VANALI, Ana Crhistina; OLIVEIRA, Ricardo Costa de. Manoel Correia Defreitas, o republicano histórico do Paraná. In: XII Encontro Estadual de História - ANPUH-RS. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: ANPUH-RS, 2014. p. 1-18. Disponível em: <<http://www.eeh2014.anpuh-rs.org.br/site/anaiscomplementares>> Acesso em: 27 abr. 2016.

VELLOZO, Dario. Dr. Justiniano de Mello. **Revista O Cenaculo**, tomo I, 3º fascículo, abril de 1895, p. 62-81. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=720208&pasta=ano%20189&pesq=justiniano>> Acesso em: 7 jun. 2015.

VIDAL, Diana Gonçalves. O campo da História da Educação no Brasil. In: VASCONCELOS, José Geraldo; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do (org). **História da Educação no Nordeste Brasileiro**. Fortaleza: Edições, UFC, 2006.

## FONTES

DEZENOVE DE DEZEMBRO. 17 de julho de 1879, n. 1978. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=416398&pasta=ano%20187&pesq=justiniano>> Acesso em: 11 de out. 2015

DEZENOVE DE DEZEMBRO. 7 de Março de 1877, n. 1788 Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=416398&pasta=ano%20187&pesq=justiniano>> Acesso em: 11 de out. 2015

DEZENOVE DE DEZEMBRO. 29 de setembro de 1877, n. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=416398&pasta=ano%20187&pesq=justiniano>> Acesso em: 11 de out. 2015

DEZENOVE DE DEZEMBRO. 28 de agosto de 1879, n. 1984. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=416398&pasta=ano%20187&pesq=justiniano>> Acesso em: 11 de out. 2015

JORNAL DE SERGIPE. 6 de março de 1879, n. 27. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=228010&pasta=ano%20187&pesq=justiniano>> Acesso em: 12 de out. 2015

O PARANAENSE. Curitiba, 16 de fevereiro de 1879, n. 42. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=248261&pasta=ano%20187&pesq=justiniano>> Acesso em: 10 de out. 2015

O PARANAENSE. Curitiba, 21 de dezembro de 1879, n. 96. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=248261&pasta=ano%20187&pesq=Justiniano>> Acesso em: 10 de out. 2015

O PARANAENSE. 25 de janeiro de 1880, n. 101 Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=248261&pasta=ano%20187&pesq=Justiniano>> Acesso em: 10 de out. 2015.

SETE DE MARÇO. 24 de abril de 1888, n. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=justiniano>> Acesso em: 18 de maio. 2015.

SETE DE MARÇO. 6 de junho de 1888, n. 7. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=justiniano>> Acesso em: 18 de maio. 2015.

SETE DE MARÇO. 13 de junho de 1888, n. 8. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=justiniano>> Acesso em: 18 de maio. 2015.

SETE DE MARÇO. 20 de junho de 1888, n. 9. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=justiniano>> Acesso em: 18 de maio. 2015.

SETE DE MARÇO. 28 de dezembro de 1889, n. 88. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=justiniano>> Acesso em: 18 de maio. 2015.

SETE DE MARÇO. 19 de janeiro de 1890, n. 91. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=justiniano>> Acesso em: 18 de maio. 2015.

SETE DE MARÇO. 15 de fevereiro de 1890, n. 95. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=justiniano>> Acesso em: 18 de maio. 2015.

SETE DE MARÇO. 22 de fevereiro de 1890, n. 96. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=justiniano>> Acesso em: 18 de maio. 2015.

SETE DE MARÇO. 1 de março de 1890, n. 97. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=justiniano>> Acesso em: 18 de maio. 2015.

SETE DE MARÇO. 15 de março de 1890, n. 99. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=justiniano>> Acesso em: 18 de maio. 2015.

SETE DE MARÇO. 22 de março de 1890, n. 100. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=justiniano>> Acesso em: 19 de maio. 2015.

SETE DE MARÇO. 14 de junho de 1890, n. 111. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=justiniano>> Acesso em: 19 de maio. 2015.

SETE DE MARÇO. 21 de junho de 1890, n. 112. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=justiniano>> Acesso em: 19 de maio. 2015.

SETE DE MARÇO. 31 de agosto de 1890, n. 122. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=justiniano>> Acesso em: 19 de maio. 2015.

SETE DE MARÇO. 4 de novembro de 1890, n. 127. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=justiniano>> Acesso em: 19 de maio. 2015.

SETE DE MARÇO. 18 de novembro de 1890, n. 129. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=justiniano>> Acesso em: 20 de maio. 2015.

SETE DE MARÇO. 6 de dezembro de 1890, n. 136. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=justiniano>> Acesso em: 20 de maio. 2015.

SETE DE MARÇO. 17 de janeiro de 1891, n. 141. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812870&pasta=ano%20188&pesq=justiniano>> Acesso em: 20 de maio. 2015.

SILVA, Justiniano de Mello e. *In*: JORNAL DO COMMERCIO. 14 de dezembro de 1883, n. 23. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=814415&pasta=ano%20188&pesq=justiniano>> Acesso em: 22 de set. 2015

SILVA. Justiniano de Mello e. *In*: JORNAL DO COMMERCIO. 24 de janeiro de 1884, n. 29. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=814415&pasta=ano%20188&pesq=justiniano>> Acesso em: 22 de set. 2015

**ANEXOS**

ANEXO "A" — Artigo "Cultura dos sentidos: a) O tacto, b) O paladar", de Justiniano de Mello e Silva publicado na 7ª edição do jornal *Sete de Março*.

# Sete de Março

ORGÃO DO PARTIDO CONSERVADOR

— Fundado para apoiar a política do actual ministerio —

REDACTOR : — JUSTINIANO DE MELLO

NUMERO ----- 7

PARANÁ

QUINTA-FEIRA, (QUARTA-FEIRA) 6 DE JUNHO DE 1888

BRAZIL

## SETE DE MARÇO

### OS ABANDONADOS

Nas parochias do segundo districto eleitoral desta provincia, o partido e conserva lor tem-se difficilmente constituido, ora arrastando vexames e persiquições, ora lutando contra a indifferença dos seus proprios aliados, delle separados pela distancia, ou atrahidos por interesses distinctos.

Não tem havido perfeita cohesão e correspondencia de vistas entre as duas porções constitutivas do partido conservador, que poderia tornar-se pujante e numerozoahi mesmo onde os nossos adversarios politicos ficaram o traço da sua influencia transitoria, sem raizes na opiniao.

Ninguem dirá que occultamos as causas desse enfraquecimento, attenta-lo nos pleitos eleitoraes, em que os liberaes levam de vencida os troços dispersos de um exercito, que só surgirá unido e compacto, quando á disciplina das fileiras associar-se a devotação de um homem capaz de operar com grandes forças.

O regimen pessoal, e centrado na capital da provincia, não estava em directa e proxima communicação com os elementos validos do partido. As reclamações, as advertencias, as queixas das victimas de um ostracismo cruel e voluntario, achavam no seu caminho outras preoccupações que as embaraçavam na marcha para a publicidade, e que as modificavam, na letra e no espirito, quando porventura eram acolhidas e traduzidas em concessões.

Podemos dizer que o partido conservador, do segundo districto, é um phenomeno assombroso, que testifica e demonstra a coragem imperterrita desses batalhadores vencidos em tantos recontros, mas que esperam ainda conquistar o posto guarnecido pelas melhores tropas inimigas.

Não tem elles um chefe, que os re-

una, e que os guie para os perlios de cisivos: são obrigados a accetar combates parciais, desagregados, dispersos, entregues ás suas proprias inspirações; enquanto os inimigos, marcham em talas os sentidos, e os envolvem, manobrando na unidade de um plano geral, que lhes proporciona faces e infalliveis victorias.

O general inimigo julga-se sublime na arte de vencer hostes aguerri-las, mas que não conhecem a unidade tactica, nem subornam o seu valor indefesso ás regras elementares da estrategia; mas esta presumpção, quando muito, denuncia os defeitos e lacunas da organização dos contrarios, aos quaes será possível converter as legiões da experiencia em meios de segura e opportuna reacção.

Quem tivesse percorrido as mages-tosas campinas do interior da provincia, e prestasse ouvidos aos colloquios e confabulações desses homens rudes e sinceros, que formam a maioria militante dos nossos partidos politicos, notaria com espanto que alguns dos prohomens da grey liberal, dignificados por successivas victorias, são olhados com antipathia senão com aversão, e que a sua influencia é tão solida como as arbas sobre as quaes plantaram o edificio da sua rapida fortuna.

Comparados liberaes e conservadores á luz da verdadeira theoria de governo, não podem os primeiros pretender a primasia que lhes disputa a tradição dos seus erros e dos seus abusos: considerados sob o ponto de vista dos elementos officiaes de que dispõem para avassalar o eleitorado, aos segundos cabe evidente inferioridade; pois lutam contra o corpo invulnervavel de uma magistratura partidaria, activa em construir trincheiras de votos para proteger as legiões olygarchicas.

Os conservadores pisam um terreno minado pela magistratura facciosa, que reveste a couraça, e desce a ferir batalhas com armas invenciveis. A

figurancia de grande parte do eleito-rado, o temor em que foi este politicamente educado, e a indifferença forçada dos nossos chefes sob o a sorte dos seus briosos companheiros de luctas, nos plainos do interior, são as causas preponderantes dessa desorganização que se accusa nas fileiras conservadoras.

Os homens que queriam ligar o seu destino ao destes au-lases pellejadores a politica, foram feridos de impotencia, e ajujados ao coche de um systema absorvente. Aquelles que poliam e deviam substitui-los na acção e na previdencia, engolfaram o espirito em preoccupações pessoais, embora respeitaveis, e deixaram que se desbaratassem riquezas de patriotismo, que ainda brilham na fronte dos religionarios perseverantes e fieis.

Precisamos de olhar para o interior da provincia: de affaga-lo, de beneficia-lo, de ouvi-lo sempre com attenciosa deferencia: são soldados que se bateram, sem esperanza de paga; são convicções profundas que não se fundiram ao calor das promessas corruptoras, e ainda sustentam a bandeira, que envolve nas suas dobras gloriosas muitos sacrificios obscuros, muitas dores ignoradas.

Repetimos: o partido conservador do segundo districto é um phenomeno assombroso, que dá a medida da magnanimidade dessa parte da população, a manter-se firme e digna em presenca de uma maioria que segue a direcção imprimida pelo egoismo politico.

Se os nossos adversarios dalli procedessem como por tantas vezes se manifestam, quando deixam transbordar os sentimentos mais intimos, não teriamos enxugado as vergonhas, não nos feririam as aspas exulcerantes desse dominio arrogante e pretençioso, que arrastou a provincia ás bordas do mar da angustia, e colleou no seu vôo para os altos cimos da fortuna.

Aos conservadores, nos politicos im-

firmar o mais honroso protesto que um partido pode oppôr á prevaricação dos governos, e ao odio impiedoso e sedento dos vencedores. Batidos embora nos pleitos da coragem, esta sobreviveu aos inevitaveis infortunios, e já bruce as armas com que tentará novas sortidas, e penetrará finalmente no reducto dos contrarios.

Aos *abandonados* de hontem e quem sabe?—se de amanhã,—está reservada a gloria, só dada aos predes-tinados, de fabricar um coração de heroó, calido e palpitante, com o gelo da indifferença dos amigos, e com as settas mortíferas arrojadas pela mão raivosa dos inimigos.

## EDUCAÇÃO

### CULTURA DOS SENTIDOS

Auxiliando os sentidos por meio de instrumentos, diz A. Esquiros, não se lhes tira uma parte dessa confiança na natureza, que sob uma relação ao menos, determina a superioridade do selvagem? Não concluo de nenhum modo que devamos abster-nos do socorro da sciencia e da industria: tudo quanto desejo é que, sob pretexto de vãs vantagens da sociedade, não se reduza o menino civilisado a um ser molle, pusillanime e miope.

Se os sentidos são as primeiras faculdades que em nós se aperfeçoam, a cultura dellas deve constituir o cuidado primordial da educação. Esta cultura não refere-se somente ao exercicio, ao uso dos órgãos, mas tambem ao augmento da percepção, á correcção do juizo, ao vigor do character. Não basta ainda que estas aptidões sejam adquiridas; é de mister tambem referi-las, applica-las á pratica da justiça, ao gozo do bello, á conquista da felicidade. O selvagem, sitiado pela natureza, põe em contribuição a sagacidade sensorial, que o distingue, e vence a tyrannia da necessidade: o homem civilisado apropria-se dos instrumentos que lhe proporcionam os progressos da sciencia e da industria, e penetra pouco a pou-

co, na região do incognoscível. Um olhar de preferencia para o exterior, porque a vida do espirito concentra-se na resistencia contra os elementos de destruição que o obsediam: o outro, na observação mesma do mundo visível, lança um olhar prescrutador para os mysterios da sua alma, e subordina as exigencias physicas á parte espirital do seu destino.

A distincção das sensações baseia-se sobre a disposição dos apparellhos proprios para recolhê-las; assim, recebem-se cinco sentidos:—a. o tacto, b. o paladar, c. o olfacto, d. o ouvido, e. a vista. Podemos educar estes sentidos, tornando as sensações correspondentes mais vivas e mais nítidas, assim como diminuir-lhes, até certa medida, a intensidade. Esta educação facilita-se pelo auxilio reciproco que se prestam as diversas sensações. O olfacto é a sentinella do paladar, como o chamava Cabanis: por sua parte, o paladar exerce grande influencia sobre o olfacto. Magendie observa que a vivacidade das impressões recebidas pelos sentidos augmenta a percepção de um d'esses orgãos. Assim, o olfacto é mais sensível nos cegos ou nos surdos, do que nas pessoas em que todos os apparellhos sensoriaes acham-se em estado de integridade. Entretanto, parece que a ausencia do olfacto não augmenta a potencialidade dos outros sentidos.

#### A. O TACTO

A finesa do tacto varia na mesma região segundo os individuos. Elle tambem sofre a impressão dos annos, e deteriora-se: no velho a alteração é sensível. Sob a relação do sexo, diz-se que as mulheres possuem um tacto mais delicado. O frio exerce acção incontestavel sobre o tegumento externo, porquanto augmenta a sua espessura e densidade. A perversão, consequencia de affecções morbidas, ataca o tacto, e este pode perder grande parte da sua delicadeza. Na criança desperta muito cedo a natureza a necessidade de exercitar o sentido do tacto; assim é, que ella movendo-se em diversos sentidos, procura apanhar e reter todos os objectos que se lhe offerecem. As cousas, ainda as que escapam á acção do homem, a lua, as estrellas, a bella nuvem que passa, caem sob o dominio das preleções da criança. Convem, quanto possível, aproveitar esta tendencia. Aproximando-se os objectos, pode-se apressar a educação sensorial da criança, do modo que esta venha cedo a conhecer a natureza dos corpos, os estados e propriedades das cousas. Chegando o dedo do menino á luz de uma lampada, as mães ensinam aos seus filhos a evitar o mal de uma queimadura.

Durante a primeira infancia, a educação deve promover: 1º o embotamento da sensibilidade do tegumento

externo (pelle), de modo a diminuir em grande parte a sensação do calor e do frio; 2º a concentração na mão de uma sensibilidade exquisita, impressível para a distincção das impressões tactis. A resistencia, a solidez, o tamanho, a figura dos corpos, são noções que por tal forma penetram em boa hora no espirito do menino. Alem desta vantagem, devemos lembrar a superioridade adquirida pelo individuo que cultivou o apparellho tactil: em todas as posições, o homem colherá os beneficios desta educação.

Melhor do que os instrumentos accerados, nada poderá facilitar a dexterdade do tacto. Em vez de tiral-os das mãos da infancia, convem que ali sejam conservados, ensinando-se o uso e applicação delles. A attenção, que a criança precisa applicar no emprego da agulha, os cuidados que esta exige para não causar dano, são meios excellentes da educação do tacto. Multiplicando os objectos, sobre os quaes se exercera a acção do menino, escolhendo-se aquelles que mais affiam a curiosidade, sem causar a attenção, corrigem-se falsas impressões, e dirige-se o sentido de modo a ser cêdo e ajustamente utilisado.

Devemos habituar a criança a andar nas trevas: este habito pode prevenir-na contra malles que mais tarde não poderão ser affastadas. Na escuridão, e em circumstancias nas quaes a vista não possa ser aproveitada, o tacto augmenta de finesa, e substitue em parte o sentido que se immobilisa. Um musico celebre, que ficou surdo, ouvira a musica por intermedio do tacto: nós mesmos já vimos um caso semelhante. Rousseau pensava que se poderia chegar a «ouvir uma aria inteira por meio dos dedos».

#### B. O PALADAR.

Sabe-se de que proligios são capazes os conhecedores de vinhos. Descobrem com admiravel facilidade as falsificações deste liquido, e percebem differenças na qualidade que sorprendem as pessoas menos exercitadas. Physiologicamente, o paladar é o sentido que transmite as sensações causadas pelos corpos sapidos. Diz-se que o sabor é uma propriedade inherente a estes mesmos corpos. Na infancia, o orgão do gosto é fracamente desenvolvido, mas elle pode attingir uma perfeição admiravel, como no exemplo a que alludimos. Tambem a impressão muito prolongada dos corpos sapidos pode enfraquecer a sensibilidade do paladar, o qual varia, segundo as pessoas, e auxiliado pelo olfacto, serve para fixar a escolha dos nossos alimentos.

Na ordem chronologica, é este o sentido que mais se avizinha do tacto. A criança repelle os alimentos, cujo sabor lhe é desagradavel, e engole com delicias os que satisfazem a exigencia do seu paladar, e do seu

olfacto. Na primeira infancia, são preciosas as indicações subministradas por este sentido; quando o menino teima em recusar um alimento, pode-se quasi jurar que este alimento lhe prejudica. Por outro lado, diz o hygienista Bouchardat, os alimentos que encantam o gosto são, em geral, mais facilmente digeridos do que os indifferentes ou repugnantes.

Não devemos dar ás crianças tudo quanto ellas desejam comer. Contra-vindo a esta regra, teremos de criar glotões e gastronomos antes da idade em que os vicios respectivos podem deixar de parecer innocuos. Convem, entretanto, em certos casos, prestar bons ouvidos á voz do organismo. Alguns meninos preferem a carne aos legumes, ou a aquella estes, e nem sempre semelhante escolha ou preferencia é filha de um capricio. A alimentação animal, e a vegetal, exercem, combinadas, salutar influencia sobre a constituição infantil. A selecção é que deve ser feita com cuidado, tendo-se em vista o temperamento, e o principio hygienico da variedade na serie dos alimentos.

Quando o menino revela aversão por tola uma serie de alimentos, não se combatera o mal, que deste estado deile, empregando contra elle ameaças ou pancadas. A fome é neste caso melhor medico. Após um exercicio prolongado, após um passeio em que foi vencida regular distancia, o appetite, violentamente atigado, pode estannar a repugnancia que cuidadosamente se impunha. Impôr aos estomagos, de tempos em tempos, algumas pequenas privações, é traçar um caminho que pode levar o menino á sobriedade, e apparellha-lo para privações maiores na idade adulta.

JUSTINIANO DE MELLO.

## SCIENCIA HIPICA

### Cavallo da Europa

A Europa, Senhores, nos offerecerá assumpto para estudos tanto mais preciosos quanto nós a conhecemos melhor do que o resto do mundo, além do que deve ella constituir especialmente o fim de nossos trabalhos hipicos. Nós a dividiremos em trez partes principaes: a primeira meridional, a segunda, temperada, e a terceira septentrional. Na parte meridional, que comprehende a Hespanha, a Italia, a Grecia e a Turquia da Europa, acha-se com algumas modificações o cavallo oriental.

Na parte temperada, que comprehende a Inglaterra, a França, a Alemanha, a Polonia, a Hungria, a Ukraine, e uma grande parte da Russia da Europa, encontra-se o cavallo em seu maximo desenvolvimento natural, tanto em relação ás formas, como no que diz respeito á estatura e a força. Finalmente, na parte septentrional, que comprehende a Noruega, a Islandia e a Lapmia, assim como na parte norte do Imperio da Russia, encon-

tra-se o cavallo degenerado, pequeno e mal conformado, não tendo nem o desenvolvimento nem a magestade das raças fortes, nem a elegancia, perfeição e delicadeza de tecidos das raças ligurias.

Vamos revistar, Senhores, successivamente esses diversos paizes.

A primeira região europeá acerca da qual temos esclarecimentos historicos sobre o aproveitamento do cavallo é a terra gloriosa da antiga Grecia. Tinha o cavallo Grego grande analogia com as raças orientaes, e os monumentos que nos restam deste paiz, as frisas do Parthenon, nos apresentam cavallos que assemelham-se em todos os traços ao bello cavallo Arabe da época actual. Encontrava-se na Grecia muitas raças de cavallos, principalmente as da Thessalia. Os pastores deste paiz, que segundo o antigo uso, uso que se tem conservado até nossos dias, guardavam suas boiadas, com a lança na mão, tornaram-se esses famosos centauros, ou picadores de bois, cuja historia maravilhosa ligou-se ás fabulas religiosas da Grecia.

O famoso Bucephalo descendia d'essa celebre raça, em memoria do que elle tinha na coixa uma marca, representando uma cabeça de boi: foi d'este facto que elle retirou seu nome.

O cavallo turco, retemperado quasi sempre pelo sangue oriental, é, entretanto, geralmente mais pesado e commum do que o cavallo arabe ou syrio. Os melhores e de mais antiga reputação d'este paiz, procedem da Romania, região rica e fecunda, d'onde os romanos tiravam em grande numero cavallos para seus exercitos e tiragem de seus carros.

A Italia antiga possuio um grande numero de raças diversas de cavallos. Mal conhecemos os caracteres que as distinguiam; mas as figuras que ás épocas antigas legaram, fazem crer que os primeiros romanos, que não formavam uma nação de cavalleiros, criavam cavallos musculosos, de preferencia aos de uma conformação ligeira e elegante. Eram mais estimados os cavallos toscanos e etruscos. A península situada entre as margens do Adijo e do Pó, e o mar Adriatico, é um paiz humido e provido de prados succulentos e fecundos: os cavallos ali têm grande estatura e formas elegantes, que graugearam-lhes uma reputação já antiga na Italia, reputação que ainda hoje gosam entre as raças d'este paiz.

A Sicilia produzio tambem cavallos excellentes; seus reis e seus principaes habitantes figuram entre os vencedores dos jogos olympicos. Os cavallos hespanhoes offereceram sempre grande analogia com a raça barbara. Vivendo quasi sob a mesma latitude, sobre um terreno semelhante, nutridos das mesmas substancias, separados unicamente por um estreito, que facilitou sempre a communicação entre os dous paizes, estas duas raças parecem não formar mais do que uma. De facto, Senhores, por uma grande singularidade, a raça barbara e a raça hespanhola, tão intimamente ligadas e se si, criaram-se juntas e juntas degeneraram; os cavallos dos Numidas eram contemporaneos dos cavallos lusitanos, fecundados pelos ventos; os cavallos dos Soldões eram os do Cid, e deste famoso cavallo hespanhol, em que Guilherme, o Bastardo, montava na conquista da Inglaterra. Finalmente, ha apenas um seculo, os cavallos hespanhoes con-

ANEXO "B" — Artigo "Cultura dos sentidos: c) O olfacto, d) O ouvido", de Justiniano de Mello e Silva publicado na 8ª edição do jornal *Sete de Março*.

# Sete de Março

ORGÃO DO PARTIDO CONSERVADOR

Fundado para apoiar a politica do actual ministerio

REDACTOR : — JUSTINIANO DE MELLO

NUMERO ----- 8

PARANÁ

CORITIBA, (QUARTA-FEIRA) 13 DE JUNHO DE 1888

BRAZIL

## SETE DE MARÇO

### A NOVA ESTRADA

Esplende de vivo brilho a estrella do ministerio de 10 de Março. Hontem saudavamos os estadistas, cujo primeiro commettimento no governo foi um acto de justiça nacional; hoje, podemos offerter-lhes as corbas do nosso jubilo, ao ver que lançam olhos attentos para o futuro desta provincia, gratamente associada aos novos empreendimentos do benemerito gabinete.

A criação de uma colonia militar no Iguassú, e a abertura de uma estrada a partir de Guarapuava para a brilhante iniciativa. Mas, não vemos capital da provincia de Matto-Grosso, devidamente aproveitados os cursos navegaveis que facilitam semelhante comunicação, vêm collocar o Paraná em situação invejavel sob a relação dos multiplos e variados interesses, que são attendidos de prompto, e dos immensos, incalculaveis progressos que, por tal forma, se proporcionam ao futuro da provincia.

Não podemos dar relêvo ao projecto do nobre ministro, tão sobriamente accentuado no discurso que proferio a 20 do mez passado; mas devemos dar largas ao sentimento de calorosa sympathia que deve dora avante ligar todos os paranaenses aos altos destinos do actual ministerio.

Ha bem poucos dias tivemos de louvar o sr. ministro da agricultura pelo empenho que manifestára em prol da immigração para a nossa provincia. Ora, o facto que hoje registramos jubilosos, correlage com os interesses de alto vulto que a immigração terá de fomentar, e facilitará, por certo, a tarefa que este ultimo serviço representa.

Nos planos do governo, queremos crer, estará comprehendida a vantagem de utilizar o braço dos immigrants simultaneamente com o soldado que se destinar ao trabalhos da abertura-da estrada. Os excellentes

terrenos, que vão ser desbravados, á margem da nova via de comunicação, na mor parte pertencentes ao Estado, poderão constituir centros florescentes de colonisação nacional estrangeira; servindo a força militar como de protecção aos primeiros povoadores desses desertos, assim conquistados ao trabalho e á civilisação.

A execução do nosso plano, que se impõe á primeira vista aos espiritos reflectidos, e do qual redundariam immediatos proveitos á toda essa zona que vae ser explorada para a construcção de uma estrada, de largo futuro, demanda por certo a acção de um outro ministerio, que não aquele a quem devemos tão fecunda e brilhante iniciativa. Mas, não vemos que seja difficil o assenso do ministro da agricultura á combinação, que ousamos aventurar. São esperadas nesta capital algumas familias de immigrants, cujo transporte foi em boa hora facilitado pelo sr. conselheiro Rodrigo Silva, o ministro a quem tanto devemos, e que tanto nos merece.

Pois bem: se este novo reforço que recebe a população valida da provincia, não pode ser aproveitado nas longinquas paragens para que se dirigem as vistas patrioticas do ministerio da guerra, não será menos possivel a vinda de novos contingentes, de mais fortes correntes immigratorias, facilmente atrahidas pelo alliciente de um ganho immediato e seguro, e pela protecção que se lhes deparará ao penetrar nas florestas brasileiras, para fundar o seu primeiro estabelecimento.

Tem-se dicto que ao europeu espanta o deserto das regiões americanas: não cremos que assim seja de modo absoluto. Mas, em todo caso, não vemos que se possam localizar raros nucleos de immigração em pontos illhados pela solidão das nossas florestas, e sem comunicação facil com os mercados e todos os mais elementos de civilisação.

O genio emprehendedor da raça saxonia ou da raça germanica não re-

cuaria, por certo, diante dos mais improbos labores, das mais dolorosas provanças, quando porventura se lhe affigurasse imprescindivel de vencer todos os obstaculos para a execução de um projecto capital, ligado á segurança do futuro. Mas, quando é tão facil aos immigrants daquella origem obter nos centros populosos, em regiões sadias, terrenos excellentes para o cultivo; quando podem associar o util ao agradável, e evitar o exilio em solidões asperas e ignotas, devemos poupar o sacrificio que inutilmente, e de tal guiza, se imporia aos novos habitantes do solo.

A estrada, de vastas dimensões, a que se vae dar começo, a navegação, numa extensão superior a 700 mil kilometros, que deverá ser de futuro inaugurada, a ligação de duas provincias, o desbravamento de territorios-quazi desconhecidos,—pouco seriam, se populações novas e activas não enchessem o intervallo que nos separa dos nossos irmãos de Matto-Grosso, e dos nossos visinhos do Pacifico. O tempo atrahirá a esses lugares innumeros povoadores; mas quem desconhecera a urgencia de assentar a primeira pedra sobre a qual se deverá erigir o planejado monumento?

Para começar o grande emprehendimento já tem o governo estudos acabados, e as instrucções expedidas aos respectivos executores indicam que ao acto precedeo madura reflexão. Entretanto, entre os applausos prodigalisados ao illustre cidadão, que habilmente dirige os negocios da guerra, vemos despontar a esperança de serem aproveitados para a immigração os terrenos da immensa zona que vae ser dotada com o melhoramento prometido.

Das instrucções lidas pelo nobre ministro, na camara dos deputados, consta, é verdade, que a commissão dos trabalhos da estrada deverá proceder á demarcação de lotes de terra e construcção de pequenas casas de madeira para localisação de immigrants.

E' certo, todavia, que a obra vae ser emprehendida pelo ministerio da guerra, e que este se limitará á preparação do terreno para o encaminhamento de correntes immigratorias aos sitios atravessados pela nova arteria.

Pensamos, porem, que desde logo poderiam ser empregados nas obras de construcção aquellos immigrants, que seriam mais facilmente atrahidos á localidades tão longinquas, uma vez proporcionado trabalho remunerativo no momento mesmo designado para a sua localisação.

## EDUCAÇÃO

### CULTURA DOS SENTIDOS

#### c. O OLFACTO

Entre os animaes, diz Buffon, o olfacto é um órgão universal de sentimento; é um olho que vê os objectos, não somente onde elles estão, mas por toda parte onde estiveram. Comparado com a vista, com o ouvido, ou com o tacto, elle não subministra tantos elementos á intelligencia; tambem varia, segundo os individuos, e em algumas pessoas é completamente nullo, assim como pode attingir uma perfeição admiravel. Sloodwort fala de uma mulher que podia predir, muitas horas antes, a approximação de uma tempestade, por causa de um cheiro sulfureo que ella sentia na atmospha. Um frade de Praga, não só reconhecia pelo olfacto as pessoas, com que se relacionava, como ainda distinguia a castidade nas mulheres. Sabe-se que os nossos cabóculos reconhecem os inimigos pela pista, e têm o faro talvez tão desenvolvido como o dos cães. Estes exemplos servem para demonstrar a educabilidade do olfacto, este sentido qualificativo, tão em relação com as funções sensuaes.

Apresenta pouco desenvolvimento na infancia o apparelho olfactivo, embora careça de prova a presumpção de que não exista nos primeiros dias após o nascimento. Este sentido acompanha o homem até a morte, salvo lesão ou obturação do respectivo

no organ. Rousseau chamava ao olfacto o *sensu da imaginação*, talvez porque elle nas faz adivinhar a natureza e a propriedade de diversos corpos. Sabe-se de que auxilio é este sentido ao chimico, ao botânico, ao pharmaceutico, ao industrial e ao commerciante.

Se o *olfacto* parece um sentido secundario, é que não se lhe deu o desenvolvimento que elle comporta. Referredem historiadores, que os indios americanos, repulsados como feras pelos hespanhoes, descobriam pela inspiração das narinas os seus inimigos quando refugiados nos bosques. O dr. Clavel conta que o chimico Barruel, antigo preparador da Faculdade de Medicina de Paris, reconhecia, somente pela olfação, a natureza dos solidos, dos liquidos e dos gazes contidos num gabinete de chimica. Experiencias assaz curiosas, sob o ponto de vista da medicina legal, deram-lhe a conhecer successivamente, pelo cheiro, e sem illusão possivel, o sangue do homem, da mulher, do porco, do carneiro, do pombo e mesmo do rato. Elle juntava ao sangue, posto numa serie de vasos distinctos, algumas gottas de acido sulfurico, e limitava-se a cheira-lo.

As crianças podem ser exercitadas, depois dos tres primeiros annos, na gamma dos cheiros. Um brinco, que não faltará de encanto e de deleite, facilitando ao mesmo tempo o conhecimento das qualidades odoríferas, será o de distinguir, a olhos fechados, os perfumes de diferentes flores que serão approximadas das narinas do menino. Cada qual comporá um ramilhete com as flores que houver conhecido, dan-lo-se á criança, como premio, o que maior perfeição assignalar no sentido assim posto em actividade. Quando em adulto o individuo puder, por força dos exercicios infantis, pôr em contribuição o olfacto na classificação das plantas e dos mineraes, agradecerá, por certo, o cuidado particular que mereceu a sua educação physica.

#### D. O OUVIDO

Logo após o nascimento, observa-se que o menino mal percebe os ruidos, ainda os mais agudos e mais fortes: é que o apparelho externo do ouvido não adquirio ainda todo o seu desenvolvimento. A intensidade, a direcção das ondas sonoras escapam durante longo tempo á audição da criança. Este organo soffre modificações sensíveis em relação com as idades e os individuos. Familias ha em que o apparelho da audição, por um vicio hereditario, não offerece as indispensaveis condições á produção da sensação dos sons. Também semelhante impressão manifesta-se, como expõem os physiologistas, ora pela percepção de vibrações extremamente fracas, e de sons tornados quasi imperceptíveis pela distancia, ora pela

discriminação de um entre outros ruidos mais fortes, como o de um instrumento no meio de uma orchestra.

O *ouvido* é susceptível de aperfeiçoar-se pela educação. Em primeiro lugar, a hygiene aconselha que se mantenha o ozeio no conducto auricular, o qual pode ser affectado de certas molestias sempre que a constituição da criança for demasiadamente sensível ás variações atmosphéricas. Ora, os meninos criados com muita cautela, sendo mais impressioneáveis ao frio, também maior disposição revelam para adquirir certas enfermidades que lesam o organo auditivo, resultadas por propagação das coryzas chronicas e dos soffrimentos de garganta. Também, um mau habito das familias, qual o de apertar em toucas os lados da cabeça, servirá, sem duvida, de empecilho ao desenvolvimento desse apparelho. Deve-se deixar em liberdade os ouvidos do menino, salvo, quando por predisposição hereditaria, ou por molestia adquirida, a sciencia reclamar particular protecção contra as impressões do ar frio e humido, os raios solares ou os ruidos de intensidade brusca, como os estampidos da artilleria.

Habitamos um lugar, em que a temperatura varia a cada momento, e essas transições bruscas e enfiadas produzem doencas do apparelho auricular: é a tal phenomeno atmosphérico, que Ménière attribue padecimentos analogos experimentados pelos operarios que trabalham ao ar livre.

Mereceu de Rousseau a denominação de *sensu da poesia*, o sentido do *olfacto*; ora, segundo já foi observado por outrem, o *ouvido* tem direito a esse titulo por mais de uma razão, e poderia chamar-se o *sensu da amisade*. Sabe-se que o ouvido é o educador da voz: esta, deve-lhe o accento, o rythmo e a paixão. O surdo-mudo, mostra pelos sons duros e discordantes que emite, o valor e a excellencia desse sentido, cuja perfeição releva de utilidade em todas as circumstancias da vida. Medicos ha, que fundam a sua nomeada sobre a habilidade do ouvido, nos trabalhos do diagnostico. Numa conversação animada, aquelle que não pode ouvir, sente-se invadido por um mal-estar indistincto. Os semi-surdos erram em querer ouvir muito, porquanto exigem do organo, trabalho desproporcional com a respectiva energia: assim, produz-se em breve tempo o esgotamento da funcção. Uma audição rica é um thesouro inestimavel, mas também não é o lote de todos os homens, e as mais das vezes denuncia esforços nutridos e perseverantes, cuidados particulares consagrados á educação do sentido.

Temos visto maravilhas da voz na educação dos meninos. Uma ariá, por vezes destituida de senso, mas cantada pela voz materna junto ao

berço da criança, afugenta a irritação ou combate maravilhosamente os symphomas de uma crise nervosa. Crianças innoces, inquietas, irritadiças, depois de burlarem tudo quanto se envia para chama-las ao somno, adormecem como por encanto aos sons de uma cantiga monotona entoada pela meiguice das mães.

Que haja cuidado em emitir, junto ás crianças, sons justos, entonações sonoras, articulações correctas, dirigindo-se por tal forma o espirito imitativo que tão promptamente desperta na infancia. A imitação,—quem o ignora?—é o primeiro mestre do menino e o germen fecundo de progressos sem conta.

JUSTINIANO DE MELLO.

## SCIENCIA HIPICA

### Cavallo da Europa

A divisão que estabeleci para o clima temperado nos offerece, Senhores, a Inglaterra, paiz frio, humido e annuviado; o cavallo indigena ali apparece por toda parte com os caracteres que a theoria tem estabelecido. Na Escocia, paiz frio e montanhoso, o cavallo era pequeno, cheio, commum e redondo em sua conformação, mas rico de energia e vigor: tinha a cabeça entaboadá, o olhar vivo, a perna musculosa, conservando além disto o sangue primitivo. Na Irlanda o cavallo era maior, mas também não conservava tão pronunciado o cunho de sua raça. Os cavallos Gaulizes approximam-se muito do cavallo da Escocia; são como elles cavallos montanhosos, cujo typo é sempre o mesmo em todos os logares, quando elle submettido ás mesmas condições de temperatura e clima. Eis-nos chegados, agora, Senhores, á um genero de cavallos, que váe ser o objecto de um exame minucioso, porque não lhes descobrimos analogia com todas as especies de cavallos que temos estudado, e também porque, na zona temperada que vamos percorrer, elles não possuem muitos, que lhes sejam iguaes. Quero fallar d'esta raça forte, distincta, energica e graciosa á um tempo, que se encontra na costa oriental da Inglaterra, nas bellas regiões de Suffolk, Norfolk, Cleveland, Clydesdale, Lancolushire e Staffordshire; estas regiões onde a herva cresce abundantemente, onde o terreno é geralmente calcareo, onde a visinhança do mar entretém constantemente uma doce temperatura, onde, finalmente, condições particulares, de que a natureza guarda o segredo, desenvolvem o talhe e a corpulencia do cavallo; estas regiões, dizemos, parecem destinadas pela natureza á formar uma raça particular, que em todos os tempos se tem appropriado ás necessidades dos homens, e ao seo gráo de civilisação.

Lemos na obra de Low, já citada, «que a Grã-Bretanha era, desde a mais remota antiguidade, um paiz onde abundavam cavallos. Os primeiros documentos, á esse respeito, vão até os Romanos; quando Julio Cezar chegou ás margens de Kent, encontrou Celtas aborigenes, possuindo numerosos cavallos, que puchavam carros de igual modo que entre os povos do Oriente.

«Os característicos dos antigos cavallos das ilhas Britannicas, conservados puros de toda e qualquer mistura de sangue estrangeiro, permitiram apreciar a natureza do paiz em tal época. Acha-se, com effeito, os cavallos desta especie em completa harmonia com as disposições physicas dos districtos em que são elles naturalizados. Nos paizes de montanhas e de capoeiras, onde a alimentação natural é pouco abundante, estes animaes são pequenos e cheios; nos valles, ao contrario, possuem um aspecto volumoso, e grande força physica, mas não têm a energia muscular que é o distinctivo dos cavallos de um clima mais generoso.»

As antigas chronicas narram que existira na Europa uma raça de cavallos pretos. Tal raça parece haver sido muito numerosa ao norte da Gallia e da Allemanha, á partir das nascentes do Rheno. Prestume-se que no estado selvagem, habitava ella vastos pantanos e florestas, que se estendem quasi sobre toda a parte oriental da Europa, até o Pent-Euxinio. Foi ella conhecida dos Romanos, que tiravam os melhores cavallos de sua cavalleria deste paiz, e quando, na decadencia do imperio, os barbaros, como que arrastados por uma impulsão commum, precipitaram-se sobre a Europa meridional, o grande cavallo negro do Norte tornou-se um symbolo de terror e de destruição. Foi a montada destes cavalleiros mysteriosos que as legendas nos apontam como instrumentos da colera de Deus.

Esses cavallos poderosos, eram os corredores dos homens d'armas e cavalleiros, e servem ainda para a montada da cavalleria pesada das grandes potencias militares da Europa.

Essa raça tão espalhada existe igualmente, Senhores, na Inglaterra, onde ella offerece os mesmos caracteres geraes, que nos paizes baixos. Encontra-se-a muito reproduzida desde o Humber até Cam, occupando os ricos pantanos de Lincoln, Cambridge, e estendendo-se para Oeste, para os condados de Huntingdon, Northampton, Leicester, Nottingham, Derby, Wavrick e Stafford, até a Severn. Mais numerosos nestes paizes, que possuem ricos pastos, os animaes dessa raça se têm também estendido para o norte e muito para o sul nos planos calcareos, conservando os caracteres primitivos, variando, porém, segundo o terreno, o clima, a alimentação, e outras circumstancias; sobre os terrenos pobres elles apresentam o aspecto do cavallo de carga commum, differindo da maior parte dos antigos cavallos da Inglaterra; mas, nos pantanos, e nas regiões melhor cultivadas, possuem a força e o tamanho dos maiores cavallos que existem. Atravessando o Humber, ao norte, vê-se realisar-se notavel mudança na forma e na qualidade dos cavallos ordinarios desse paiz. Os cavallos negros, cuja especie occupa o centro e o sul da Inglaterra dão lugar á uma raça de cor escura, mais clara e menos maciça, cujas formas annunciam mais vivacidade e energia.

Esta mudança é observada em todo o Yorkshire, Durham, Northumberland e acima do Twed. Quando compara-se as margens da Grã-Bretanha com as do continente opposto, descobre-se entre ellas uma semelhança notavel, sob a relação de sua constituição geologica, e de suas produções vegetaes e animaes.

(Segue)

EPHREM HOEL.

ANEXO "C" – Artigo "Cultura dos sentidos: e) A vista", de Justiniano de Mello e Silva publicado na 9ª edição do jornal *Sete de Março*.

# Sete de Março

ORGÃO DO PARTIDO CONSERVADOR .

Fundado para apoiar a politica do actual ministerio

REDACTOR : — JUSTINIANO DE MELLO

NUMERO ----- 9

PARANÁ

CORINTHA, (QUARTA-FEIRA) 29 DE JUNHO DE 1888

BRAZIL

## SETE DE MARÇO

### POLITICA NACIONAL

Nessa aspiração que visivelmente se afirma, e de todos os partidos se levanta, para a criação de uma politica nova, francamente reformista, não vemos somente um impulso do sentimento, ou uma idealização do patriotismo.

Nas duas casas da representação nacional, na imprensa, representada pelo jornalismo de todos os partidos, nas associações politicas e literarias, e até na intimidade da familia, o conceito que prende todas as atenções, e reúne todos os votos, é aquelle que vae caminho do futuro nas asas dessa aspiração, tão geral e profunda, quanto generosa e sympathica, da qual poderá emergir a regeneração nacional.

Parece que o circulo partidario vae alargando-se, até tomar as dimensões do amor da patria; parece tambem que os odios, perpetuados pelo regimen da escravidão, e que separavam os brasileiros em dous campos oppostos e irreconciliaveis, vão apagando-se á medida que a razão publica transforma em noções positivas as impressões despertadas em todas as almas pela lei da libertação.

Para onde quer que volvamos a vista, não mais nos fatiga o espectaculo, sempre renovado, de uma raça expulsa da nossa convivencia, e formando como um nucleo de maldição no disco solar da civilização americana. Ao revez disto, vemos operar-se, com celeridade pasmosa, a irmanação de todas as classes e cidadãos para a grande romaria das ideias que demandam o culto patriótico dos brasileiros.

Fala-se nos reformas, não com esse riso incredulo e escarminho que provocava a sonoridade vacua dessa palavra insistentemente repetida pela opposições, e deslenhosamente

ouvida pelos governos. Restabelece-se de chofre a creença no poder, e fortifica-se, dia por dia, a confiança depositada pela Corôa nesses benemeritos arautos da révivescencia nacional, que, prudentes e corajosos, empunham o timão da nave onde vae a fortuna do Imperio através de ondas mansas e ao sopro de faguirras virações.

Não se diz mais: a politica dos conservadores, ou a politica dos literaes: politica nacional, — é a palavra compendiosa, que vae se tornando um symbolo de união, uma como revelação anticipada dos dias gloriosos que já se corôam de auroral diadema.

Se não nos illudem os symptomas, que estão ali aos olhos de todos, ha na economia nacional um orgão que entrou a funcionar, depois de um longo periodo de inacção. Não é o coração, que sempre palpitou, forte e sonoro, até que o envolvesse no concerto do gaudío universal a lei insubstituível da igualdade entre os brasileiros.

E', sim, o cerebro, esta imagem minuscula do mundo, que achou o seu eixo de rotação em torno do circulo intangível do pensamento: é esta vavula da natureza organica, da vida consciente, de onde ascendem os athenos, que fluctuam, e as opiniões que se entrelaçam, num convívio de suaves esperanças.

Os partidos não repousam depois da immortal jornada de *Treze de Maio*; estão, ao contrario, mais activos do que nunca, porquanto exploram agora, a região, até aqui ignorada, da consciencia popular. Elles sabem o que querem, — mas não acharam ainda a formula que traduzia a aspiração commum, depois dos longos annos passados a triturar todas as syntheses regeneradoras da politica nacional.

Com que satisfação, nós, que nunca fizemos a politica dos interesses, mas das ideias, dispensando tolerancia a todas as opiniões, e só affixando in-

transigencia a respeito da moralidade dos partidos e dos governos, — não offerecemos aos nossos co-religionarios a lição contida no patriótico discurso, que acaba de preferir no Senado o glorioso chefe do gabinete de *ro de Março*?

Brilantemente expôz o benemerito esta lista de ideias do programma do governo, ou antes da politica inaugurada sob os auspícios da vontade nacional. Bella na forma, e profunda nos conceitos, a oração do sr. conselheiro JOÃO ALFREDO contem topicos dignos de serem meditados por todos os nossos partidos politicos, e dentre os quos destacamos alguns, que correspondem aos intuitos que nos movem na defesa dos interesses conservadores:

«O sr. JOÃO ALFREDO (presidente do conselho) Que politica fara o ministerio, depois da reforma de 13 de maio?

«Respondendo hoje, como responderia noutem, ou em annos passados: farei a politica larga e progressista que aprendi quando servi debaixo das ordens de Rio Branco (muito bem); farei politica larga, procurando dar satisfação nos limites possiveis a todas as aspirações nacionais (Muito bem)

«As reformas de que se fala são porventura privilegio do partido liberal?

Não, senhores; os partidos regulares, em partidos constitucionaes no Brazil, têm um terreno commum: a constituição com seus principios livres. No desenvolvimento pratico desses principios podemos estar de perfeito accordo; a questão que divide os partidos é somente a de oportunidade e de limitação desse desenvolvimento.

«Vemos nos os projectos, que pelo governo hão de ser apresentados, merecem o apoio dos nossos adversarios, o que será para o ministerio 10 de Março muito grato, mas, se não merecerem, o ministerio ou vencerá com seus amigos, ou tomará a resolução que as circunstancias lhe aconselharem.»

Occupando-se das reformas, que devem assegurar a autonomia municipal e provincial, diz o sr. conselheiro JOÃO ALFREDO:

«Senhores, que conservador pode temer das liberdades provinciaes, das

franquezas locais, até onde as tem levado as monarchias liberaes da Europa? e não só estas, mas até as monarchias autoritarias e autocraticas como as da Alemanha e da Russia? Pois quem não sabe que a Prussia autoritaria, depois de seus desastres, encontrou, em reformas de descentralização, vantagens superiores? Quem não sabe que mais modernamente a Austria, tambem depois de seus desastres ainda veio retemperar-se nas franquezas locais? (Apoiados, muito bem; apartes.)

O sr. CANDIDO DE OLIVEIRA. Perfeitamente.»

Tambem sobre a reforma judiciaria, disse s. ex.:

«Prometteu o governo a reforma judiciaria, e está tratando disto activamente; suas ideias já são conhecidas da commissão do Senado. Prometteu uma lei importantissima, que muito nos interessa, pois que é uma lei de educação e de moralidade pelo trabalho, com que se reprima a ociosidade; seu projecto tambem já está prompto e entregue a umas das comissões desta casa.

«O ministerio não tem cessado de trabalhar, e ha de afirmar por factos que tem um programma serio, na razão das suas forças; se agradar ao parlamento, muito bem; no caso contrario, o ministerio, que sabe viver e viverá pelas suas ideias, saberá morrer por ellas. (Muito bem, muito bem. O orador é cumprimentado.)

## EDUCAÇÃO

### CULTURA DOS SENTIDOS

#### E. A VISTA

Aqui como no desenvolvimento dos outros sentidos, a natureza procede por graduações insensíveis até ao desenvolvimento total da faculdade ou attributo humano. Desde o nascimento, o menino recebe as impressões da vista, mas estas são incertas, confusas, incorrectas. Se no primeiro mez da vida, a criança não dá signal algum que ateste a presença dos phenomenos da visão, mais tarde os objectos serão distinguidos com progressiva nitidez, e a sensibilidade não se affir-

uará somente ao aspecto de cores accentuadas e claridades vivas.

Chamam ao olho o mais distincto e intellectual dos órgãos; não é, porém, como o fez sentir Javal, um instrumento optico de rara perfeição: quasi todos os olhos soffrem deformidades alem do chromatismo e da aberração de esphericidade, que nelles se observa. Num paiz de myopes, como é o Brazil, o apparelho da visão deve ser particularmente estudado sob a relação da hygiene e da educação. Já um physiologista notavel, Reveillé Parise, havia indicado o facto de de crescimento do poder visual nos nosos dias. Quanto a nós, esta opinião independe de prova. Basta attentar para a invasão, sempre crescente, dos instrumentos opticos que a vaidade erigio em algos dos olhos.

Diz-se, e nós repetimos, que as enfermidades da vista são na maxima parte devidas á má, ou nenhuma educação que se lhe dá no periodo da infancia. Podem, é certo, exercer consideravel influencia sobre a propagação do mal, a debilidade crescente do organismo humano, e o abuso de certos exercicios que affectam particularmente esse órgão. Lembremo-nos, entretanto, de que são raros os maritimos que não possuam boa ou excelente vista. Ahi a applicação assidua do apparelho da visão, augmenta a potencialidade deste, sem que de tal facto se possa inferir qualquer afinidade entre a perfeição do sentido e o gráo de robustez do organismo geral.

Aconselham os praticos, que não devemos expôr a vista das crianças, durante o periodo da amamentação, aos raios ofuscadores do sol, evitando que ellas voltem o rosto para o lado do firmamento. Alguns meninos adquirem o habito de esfregar os olhos com o punho fechado, o que é funesto. Aos tres annos de idade, o menino dispõe de pouca vista, mas esta pode descubrir os objectos mais exiguos, desde que os explore muito de perto. D'ahi o costume de approximar muito do olho tudo quanto quer examinar, produzindo-se deste modo uma tensão que exagera a curvatura da cornea e accumula uma grande força de refração nos meios refringentes do apparelho: este estado desde que se torna permanente, pode conduzir fatalmente á myopia.

A myopia causada pela demasiada approximação dos objectos, do foco visual, evita-se, obrigando aos meninos de conservarem os corpos explorados a vinte centímetros ou mais de distancia. Nos exercicios de leitura, nos trabalhos de agulha, é facil obter este resultado, prevenindo-se ao mesmo tempo a invasão de um mal enfadonho. Procedei por gradação, mas perseverae, se não quereis perder em oito dias o que custou mezes de incessantes cuidados.

Convem que sejam conhecidas certas regras de hygiene ocular expostas por Fieuzal, numa das publicações

scientificas da França. « Deixae-me combater, diz elle, certos habitos máos, e formular algumas regras de hygiene occular contra as quaes o maior numero insurge-se, para assim dizer, por ignorancia; eu não creio que seja util, por exemplo, banhar os olhos em agua fria. As mucosas dão-se muito mal com a agua fria: algumas pessoas seguem uma pratica funesta, que convem sustar; e esta consiste em abrir muito os olhos dentro da agua, e em todos os casos irrigar os globos occulares. Melhor seria, quando os olhos difficilmente se abrem, por colados, ao despertar pela manhã, de fazer uso da agua tepida tornada levemente adstringente pela addição de algumas gotas de extracto de Saturno. As mucosas repellem a agua fria, pelo menos, segundo as minhas experiencias pessoais.

« Outra pratica nociva consiste em empregar a saliva para humectar as palpebras, ao despertar: convençõe de que a presença de cardumes de certas mucedineas nos conductos lacrimaes não reconhece outra causa. »

Tem sido muito discutido, entre os higienistas, o processo mais conveniente de illuminar as salas escolares. Alguns querem que a luz solar só deva ali penetrar pelo lado esquerdo.

Entretanto, num trabalho, que foi muito apreciado no mundo sabio, e publicado na *Revista de Hygiene*, le Paris, em 1831, diz Javal, tratando da physiologia da leitura e da escripta: « As estatisticas, de accordo com a theoria, demonstram que a illuminação bilateral não apresenta nenhum inconveniente para a conservação da vista: em nenhuma parte se notá menor numero de myopes do que numa bella escola livre cujos discipulos examinei todos, e o de as classes recebem largamente a luz pelos dois lados; entretanto, não conheço escola que forneça mais tristes resultados do que as construções novas de Zittau onde as classes não recebem a luz senão de um lado, para obedecer a certas ideias theoreticas.

Devemos aqui falar do *daltonismo*, este defeito da visão que torna impossivel a discriminação das cores, e que apresenta tamanha diversidade de grãos, segundo os individuos? Alguns ha, affectados desta doença, que apenas discernem o preto do branco; outros, que não percebem as diferenças mais oppostas, sendo-lhes impossivel de colher noções acerca das cores intermediarias. Creemos no poder do exercicio; no influxo de uma esmerada educação para corrigir tão incommoda affecção; e se a medicina ainda carece de meios para curar-la ou mesmo mitigar-la, ao esforço, que copia os processos da arte, accumulando vantagens minimas, mas incessantes, será possivel o restabelecimento de uma aptidão para o qual a therapeutica não subministra indicações apropriadas.

O *astigmatismo* é tambem inimi-

go da integridade visual: mais geral, do que communmente se pensa, e mais frequente, do que suppoem os praticos, elle traduz-se pelo lacrimejamento, por blepharites, por conjunctivites rebeldes, ou, ainda, pela desigualdade visual entre os globos occulares. Felizmente á esta doença, a hygiene especialista oppõe correctivos, que embora ainda pouco estudados, promettem comtudo de tornar-se de applicação facil e segura.

E' o jogo da pélla optimo exercicio para aperfeçoar a vista. Elle inicia a criança no cálculo da ligeireza do movimento e das distancias. Ora pode-se augmentar a precisão, ora a extensão e a rapidez, da vista. As estampas coloridas, não estes productos grosseiros propagados pela industria moderna, mas specimens superiores de arte, devem entrar nas escolas como instrumentos de educação. Assim se desenvolverão, em tempo habil, aptidões nascentes, e despertar-se-ha o gosto pelo bello na alma do menino. Os habitos elegantes de certas familias são transmitidos successivamente por semelhantes cuidados, que ao espirito leviano e superficial parecerão de nenhuma valia; mas, que a sciencia demonstra serem susceptiveis dos mais serios resultados.

JUSTINIANO DE MELLO.

## SCIENCIA HIPICA

### Cavallo da Europa

Ao longo da Mancha, desde Land End até o Dover, o paiz parece reproduzir até as enseadas da costa franceza, que lhe fica fronteira. Indo para o norte, os paizes baixos e as alluvias das costas orientaes da Inglaterra correspondem inteiramente ás terras baixas da Belgica e da Hollanda. Os pantanos do Zuiderzeo parecem achar-se nos paizes de Lincoln, e nessas duas localidades os cavallos assemelham-se até na cor de seo pello. O paiz que se estende, depois do Humber, indo para o norte, corresponde ás possessões dinamarquezas de Holstein, Schleswg e de Jutland, e cada paiz possui cavallos grandes e fortes, quando as circumstancias favoráveis do desenvolvimento de suas formas. Poderiamos continuar no parallelo, indo até as montanhas graníticas da Noruega e as collinas escossezas.

Entre Tweed e o Humber, porção que em outros tempos constituia o reino de Northumberland, existiam cavallos afamados pelo numero e pela qualidade. O Yorkshire é agora um immenso viveiro de cavallos. E' o paiz da Inglaterra onde ha maior numero de criadores. Este condado possui todas as especies de cavallos; de sella, de carro, de rodagem e para arados: cavallos de todos os tamanhos, de todas as cores e de todas as raças. Os grandes cavallos de trabalho são principalmente criados na parte do norte do condado. Os que não tem nenhuma mistura de sangue das raças mais distinctas, são grandes e fortes, robustos e vigorosos, proprios

para os trabalhos que exigem grande poder muscular; mas, é preciso dizello, quasi todos os cavallos, mesmo os da raça common, offerrecem indicios do sangue das boas raças. Procede isto de que todo o Yorkshire e o Durham possuem cavallos especies para sella e para carros leves. Os cavallos de raça já muito misturada são aproveitados nos trabalhos ordinarios.

E' esta mistura progressiva do sangue dos cavallos commons, que produz essa variedade geralmente conhecida pelo nome de *Cleveland-boy*, assim chamada por causa de sua cor dominante, indicio de boa origem.

Além do cavallo negro pesado e dos outros cavallos de trabalho, existe, Senhores, uma variedade offerrecendo em suas formas e pello um caracter por tal modo pronunciado, que pôde-se considerá-lo como uma especie particular. Denomina-se-a *Styffolkpuich*, nome tirado do logar em que desde longo tempo são elles criados (o condado de Suffolk). Esta especie, Senhores, espalhou-se nos condados vizinhos de Suffolk, em Norfolk e Essex, onde é ella muito estimada para os trabalhos ordinarios. Distingue-se por seu pello que é baio claro ou alasio com a cruda e a clina de uma variante menos carregada.

A França é um dos paizes mais ricos na variedade das raças cavallares. Na base dos Pyreneos, na terra ao mesmo tempo quente e fertil de Farbes, acha-se o cavallo oriental com poucas modificações: succede o mesmo na ilha de Camargo, que alonga-se no delta do Rhódano, ao passo que na ilha de Corsega, mesmo junto, e sobre a vertente dos Pyreneos encontram-se cavallos muito pequenos dos quaes alguns não excedem o tamanho de um cachorro grande. Mais tarde indagaremos os motivos porque em certas ilhas e em certas localidades, perto do mar, apparecem cavallos de tão pequena estatura. Hoje, limitamo-nos a assignalar o facto.

As montanhas d'Auvergne, os planos de Limoges e do Perigor, paizes onde condições particulares entretem uma grande igualdade de temperatura, conservaram ao cavallo primitivo parte de suas excellentes qualidades. Limoges principalmente, onde depois cruzou-se muita vez o sangue oriental, possui uma alta reputação pelo merito de seus cavallos.

A Bretanha nos offerrece, nos arredores de Vannes e sobre toda a montanha, que vai de Rennes a Chateaulin, uma raça de cavallos pequenos, mais ou menos corpulentos, conforme a maneira por que se os nutre, porém sempre energeticos e vigorosos; esses pequenos cavallos assemelham-se aos das montanhas de todos os paizes, e facto notavel, é que se encontra nas montanhas do Caucaso o cavallinho bretão, não só com a sua estatura e conformação, mas ainda com seo pello e seo caminhar, realisando assim uma lei da natureza verdadeiramente applicavel ao cavallo tambem, isso é, que as mesmas causas produzem os mesmos effeitos.

Passemos, agora, Senhores, ao paiz das raças fortes. Dividindo a França em duas partes, de Brest a Besançon achamos a demarcação entre as raças ligeiras e as raças fortes. Notareis, demais, Senhores que tal linha está pouco mais ou menos traçada pela cadeia de montanhas, que, formando o cimo da Bretanha, passa ao norte d'Alençon ao sul de Chartes, e vae

ANEXO "D" - Artigo "O espirito dos processos pedagogicos (dados geraes)", de Justiniano de Mello e Silva publicado na 56ª edição do jornal Sete de Março.

# Sete de Março

ORGÃO DO PARTIDO CONSERVADOR

Fundado para apoiar a politica do ministerio 10 de Março

REDACTOR : — JUSTINIANO DE MELLO

NUMERO ----- 56

PARANÁ

COPIETA, (SABADO) 18 DE MAIO DE 1889

BRAZIL

## SETE DE MARÇO

### O CAMINHO DO DEVER

No manifesto de 15 de março, os nossos amigos que o subscreveram, traçaram os lineamentos geraes da nova politica almejada pelo partido conservador da provincia.

Relatando os factos deploraveis que resumem, em synthese eloquente, os vexames e rigores de um longo passado, intoleravel para todos, os membros do Directorio Conservador accentuaram, de modo inequivoco, o seu desacordo e divergencia com os intuitos e interesses, que assignalavam a phase transcorrida nos dominios da nossa grey.

Quando intervimos, para apurar o voto espontaneo e livre do eleitorado, quando convocamos os nossos correligionarios para que assumissem a direcção do partido, era nosso pensamento, e preoccupação de muitos, sacrificar tudo á união, menos os principios, dar o maior quinhão a uns para que outros se distinguissem pelo desinteresse, e buscassem estímulos nas ideias.

Sobretudo, e ninguém ignora quanto pelo sobre o organismo politico a enfermidade chronica, o mal incuravel que sorratamente o miopia; e calculavamos o peso, mediamos a influencia dessa tralga, desse preconceito, dessa negligencia, que, de um lado nos fecha a vista do futuro, e do outro nos torna incapazes de reforma; — mas não havia que hesitar entre um regimen que nos levava fatalmente á decadencia, e aquelle que surprehendiam alguns lampejos de melhor fortuna.

A questão para nós no momento era não parecermos resignados a essa escravidão que sobrevivia a uma outra, aliás menos deslustrante e menos funesta. Promptos estavamos a permanecer num estado, que nos preparavamos para a emancipação politica, não nos tornasse odiosos aos antigos

senhores. Esclarecidos pelos actos e exemplos dos nossos maiores, poliamos um talher no banquete dos fidalgos para adormecê-los com o vinho generoso que a nossa sobriedade desdenha.

Eles ressonariam, o estomago farto, o cerebro opiado, os braços immoveis. Nós, activos e vigilantes, trabalharíamos, no intervallo, para aos servos da medfa ilada, à classe numerosa que se acollhia á sombra dos castellos feudaes, para evitar as extorsões da realca, e as violencias da justiça summaria, era bem para merecer essa suspenção temporaria dos nossos direitos, que triumpharam afinal.

Mas, — caso incrível! — foi rejeitada com desprezo a transacção que a nossa humilhação propunha á arrogancia do poder dominante. Mandaram afustigar-nos nas faces, como se ellas não tivessem sangue nem para um protesto inutil. Cobriram de baldões e canchucas de afrontas, cuspiram no dignidade dos espoliados, ajuntando ás avas de uma exploração peyorante, os insultos de uma colera instantanea.

O governo provincial deu a mão ao banditismo politico, e ás nossas queixas, ás nossas representações respondeu com outras violencias não menos indignas e covardes; nós, porém, tocamos ao momento em que é mister não olhar os golpes, para suprimir o braço sempre prompto a renovar a aggressão.

Outros que tenham paciencia, quando o latigo fere-os cruel, quando o tacão da bota comprime-lhes a garganta. Não pedimos vinganças: apontamos, como sempre, o caminho do dever aos nossos concidadãos, e elle só é escaboso para os vis, só é vedado á ignominia.



## PEDAGOGIA

### O ESPIRITO DOS PROCESSOS PEDAGOGICOS

#### Dados geraes

E' preciso contar em tudo com a energia interior. A pedagogia moderna já vai ligando o devilo valor a este principio, e comprehendendo que no ensino não é bastante a iniciativa do mestre, mas que tambem enaprear em consideração a iniciativa do discipulo.

Talvez a noção de *na da* não corresponda senão a uma pura abstracção do espirito; conviria antes referi-la a esse começo inapreceptivel, que tanto a *ou lea physica*, como na ordem moral, marca o primeiro momento na vida das cousas. Os mathematicos vdem em tudo, no pensamento, como nos factos sensiveis, a noção dessa lei do infinito, segundo a qual a natureza transpõe incessantemente o intervallo, que separa a não existencia da existencia visivel. Ora, a educação não pode desconhecer que todos os progressos accumulados, na esphera que lhe pertence, representam uma serie de momentos, sem realidade apreciavel desse principio interno, ou energia intrinseca, que levemos reconhecer em todos os seres dotados de vitalidade propria.

Todas as cousas crescem e desenvolvem-se em virtude da mesma lei; mas esse crescimento e esse desenvolvimento não se produzem sempre do mesmo modo. A natureza obedecendo á lei, varia os seus processos, e segue caminhos differentes, chegando a resultados que por vezes nos sorprendem. Em ambos os casos, ella procede logicamente. Assim como podemos conhecer da forma da planta que nos apparece no estado de germinação, não é impossivel predir a direccção que tomará este ou aquelle espirito, uma vez inteirados das aptidões que em qualquer delles prevalecem.

Se a educação pode ser commum, apesar da desigualdade dos espiritos, os processos utilisaveis para tal fim, não devem ser invariavelmente os mesmos, sob pena de atrophiarmos faculdades dominantes, e talharmos as intelligencias pela medida da in-

diocridade. Os pedagogistas deviam pôr em evidencia esta verdade, insistindo na conveniencia de attender à voz da natureza, de escrutar as aptidões. Não é tambem correctea doutrina de que todas as faculdades se desenvolvem simultaneamente, como o queria Pestalozzi; algumas surgem muito tarde, e desta vagarosidade resulta porventura a imbecillidade das outras.

Alguem já observou com justeza que a educação nos vasa a todos no mesmo molde. E' que ha talvez, precipitação nessas generalisações que não se fundam sobre a analyse e a comparação de todos os factos particulares; muitos, mesmo, escaparam até hoje á investigação psychologica.

Como os traços geraes apresentam notavel similitude, julgamos-nos dispensados da tarefa mais difficil, qual é a de esmerilhar as differenças, e descobrir os contrastes: sobre a identidade apparente construímos as nossas generalisações, tão precipitadas como a observação em que se estribam. Mas, o mal deste erro, ou desta impotencia, não repercutiria tão enfadonhamente sobre a educação, se a theoria abstivesse-se das formulas inflexiveis e dogmaticas, se attenção fosse sempre dada á iniciativa individual, e ao principio interno do qual esta procede invariavelmente.

Perguntar-nos-hão quão como procederíamos para discernir essas disposições particulares, que esboçam a vocação e traçam as linhas da carreira propria aos individuos. E' facil a resposta. Os ramos do programma escolar, a cujo estudo são todos obrigados, fornecem a solução do que á primeira vista parece um enigma indelicavel. Vê le aquelle menino que se revela um prodigio no estudo da

geographia, e que manifesta uma inferioridade sensível no curso grammatical. Vede o Mallebranche, a quem o *Tratado do homem*, de Descartes, enche de enthusiasmo incoerente e o Corregio, exclamando diante de um quadro de Miguel Angelo: « *Tambem eu sou pintor.* »

Admira a somma de conhecimentos que o menino adquire por si mesmo, independentemente de toda a regra ou direcção. Mas estes conhecimentos não são igualmente vastos em todos os sentidos. Tal criança, que percebe com a maior nitidez uma differença insignificante entre duas flores, ou entre dous insectos, não reconhecerá facilmente a menor dissimilitude entre dous caminhos. Tal outro não atinará jamais com a significação precisa de um vocabulo. Isto acontece tambem na idade adulta, e semelhanes aberrações mereciam ser estudadas a fundo. Ora, ali não estão indicações sufficientes, para uma racional classificação dos instinctos e vocações?

O estudo das mathematicas dá as nossas reflexões o cunho da evidencia. Certos estudantes, que se distinguem em geometria, são melihores em algebra. Um generalisa com espantosa facilidade, outro é mais habil na applicação. Um escriptor observa que é sobretudo na demonstração dos theoremas e na solução dos problemas, que estas differenças sobre-saem de modo inequivoco. « Este constrói, dispõe, opera com maravilha, » se presta, mas não passando da superficie, sem ir ao fundo; aquelle melihere no primeiro exercicio, generalisa, descobre e deduz com espantosa sagacidade. Uns são homens de sciencia. Aos segundos convem o estudo; aos primeiros a acção. »

Não raro acontece quererem os paes que se preparem os filhos naquellas especialidades para as quaes se mostram estes totalmente incapazes. Na linguagem vulgar, muito expressiva, isto se traduz por *aprender a martello*. Não se deve prestar o preceptor a tres exigencias, tanto mais quando só pelo emprego da violencia se attingiria semelhante resultado.

Convem, ao contrario, apprehender o instincto dominante, sobre o qual é relativamente facil construir a educação intellectual da criança. Se certas faculdades devem marchar com pausa, outras podem ser condusas com rapidez, pois o problema da execução, neste caso, prante-se intimamente ao problema da natureza.

Nenhuma questão do ensino merece maior attenção dos paes e dos preceptores. A sociedade resente-se do desvio lamentavel das vocações. As carreiras não seguem o *Jeelive* das

aplições, antes obadeem ao impulso de necessidades facticias. Dahi a insufficiencia que se nota no elemento profissional; dahi a deterioração infallivel da felicidade individual por toda a vida; pois o officio torna-se com uma tunica de Dejanira, para quem o exerce, estrangido e desgostoso.

JUSTINIANO DE MELLO.

### CONFERENCIA

**Da sciencia das condellarias nos tempos antigos, nos paizes estrangeiros e na França**

Vos farei notar, de passagem, Senhores, que ao passo que detractores tão ignorantes condemnam o systema seguido pelas condellarias francezas, é este mesmo systema adoptado e copiado por uma poderosa nação, que, intretanto, possui todos os recursos imaginaveis, para procurar cavallos excellentes, tanto pelas riquezas dos nobres do paiz, como pelas immensas regiões em que se criam os cavallos meio selvagens d'Ukraine e do Don. Possui a Baviera duas condellarias, uma em Rohrentel e a outra em Deux-Ponts; foi esta fundada pelo Duque Christian. A origem foi principalmente formada de éguas inglezas e de garanhões turcos e arabes. Sabe-se que antes da revolução de 1792 os cavallos de Deux-Ponts tinham já adquirido uma reputação justamente merecida. Foi principalmente com éguas de Deux-Ponts que foi estabelecida a condellaria de Trakien.

Quando os francezes se apoderaram d'esse paiz a condellaria foi conservada; Napoleão collocou n'ella garanhões arabes muito preciosos, sob a direcção de Strubberg. Na invasão de 1814 a maior parte dos cavallos foram trazidos para a França, e em Deux-Ponts não ficaram mais do que cavallos de pouco valor. Esta condellaria, retornada bavara em 1845, foi desde logo reorganizada, e possui agora bons garanhões, que correspondem ao melhoramento no paiz. A administração das condellarias da Baviera tem algumas analogias com a nossa.

O governo wardenberguez foi o primeiro que cuidou em formar condellarias provinciaes na Alemanha; por que desde o anno de 1835 tinha elle já fundado muitos d'estes estabelecimentos, sobre as mesmas bases dos que hoje existem; foi, porém, este primeiro ensaio de curta duração, renunciando-se por occasião da guerra com a França em 1838.

Foi sob o reinado de Duque Carlos Alexandro que as condellarias do Estado chegaram ao maior gráo de prosperidade, assim como os depositos provinciaes de garanhões. Em 1747 os registros elevavam a quatro mil novecentos e quarenta e seis o numero de éguas peçadas pelos garanhões d'estes estabelecimentos, que é muito para um paiz de pouca extensão territorial.

Em 1788 a exportação sendo ao paiz mais de duzentas e cincuenta mil francezas, mas as guerras que sobre-

vieram demoraram o impulso dado ao melhoramento; não foi senão na paz que Wurtemberg proseguio na obra começada. O organo das condellarias do reino de Wurtemberg é de cerca de 399 mil francos. Com esta somma alimenta-se ainda 160 garanhões, quarenta estabelecimentos para potros, não contando a condellaria de Harbacha que contém perto de 300 cabeças. Os garanhões d'esta condellaria são na maior parte de raça oriental, alguns de raça ingleza, pertencem os outros ás raças de Mecklenburg, da Normandia, ou da Hungria. Qui possui tambem uma condellaria particular em que cria cavallos de silla e de carro.

Vae aos annos de 1788 e 1793 a origem das condellarias da Prussia. O systema criado na França por Colbert e que acabava-se de destruir, foi adoptado com algumas modificações, não se poupou cousa alguma para comprar vastos dominios e para ir buscar no estrangeiro todos os typos preciosos de que havia necessidade.

Em 1788 um esculdeiro percorria a França, a Hespanha e o reino de Marrocos, e trouxe consigo alguns animaes preciosos.

Em 1790 mandou-se a Arabia e vieram 13 garanhões, pertencendo ás mais nobres raças, enriquecer as condellarias da Prussia.

Dous cavallos arabes, celebres na Alemanha, achavam-se em Vienna, o *Amador* e *Turc-Main City*; apressou-se de fazer a aquisição; nada mais despendeu-se para a realisação do projecto concebido e para bom exito do systema adoptado.

Taos foram os elementos preciosos, que se reuniram, para fundar as principaes condellarias, que actualmente são em numero de quatro, que são:

Trakienem, na antiga Prussia, a 20 milhas a este de Koentzberg, quasi sobre a fronteira da Russia;

Nesidit, sobre o pequeno rio Dosso a 12 milhas a noroeste de Berlim, no caminho de Brandebourg;

Graditz, perto de forgau, nas provincias saxoias;

Depois, uma quarta condellaria foi estabelecida em Vessra, no sul, perto de Erfurth.

Bez depositos de garanhões (Lahdstut) foram criados: os dous primeiros Newstaldt e em Liebenwalde, continham ao principio 220 garanhões; pouco depois, foram estabelecidos na Prussia occidental quatro outros depositos, em Marienwerder, Maustervald, Bromberg e Schmeidesmuhle. Ali collocaram-se 270 garanhões. A Prussia oriental e a Lithuania prussiana tiveram igualmente quatro depositos: Trakienem, Insterburg, Ragnitz e Oletzki, contendo todos 270 garanhões.

Foi pois o reino dotado de 10 depositos sustentando 760 productores.

Desde esta época o numero das condellarias e depositos augmentou muito, sendo o mais importante de todos o de Newstaldt. E' a Prussia um dos paizes da Europa em que a criação do cavallo é melhor comprehendida, e está ella immediata a Inglaterra; a tal respeito encontrareis preciosos detalhes nas instituições hippicas de Houtendro.

(Segue)

EPHREM HOUËL

### VARIEDADE

#### Excerptico!

Nem sombra de rede! e a corda esticada a dez metros do chão! uma corda de linho puro, que atravez da poeira luminosa do gaz parece não ter mais grossura do que a precisa para um passarinho se empoletrar n'ella.

Essa coreto firmo da deliciosa aerobata! Sobre este fio, sorrindo ao perigo, desafiando as vertigens, a fascinação (Gorisuda, sem auxilio de maromba, executava os dancas mais fantasticas, entalhadas d'ornithes ebyrographos, a camurçe e a boque, a cordão, a monteforine, a cycinias, as tricolobis, a saltarelle, a foia, a braço e a corole, a angeliqne e a arlequina tambem a skafendo, essa pineta vertiginosa que é capaz de fazer saltar a raiz dos cabellos! com que admiravel proeza ella mudava de coitelles para um novo exercicio e sempre sobre a corda! Despiu-se no tempo que nós gustamos em desfolhar uma rosa, largastava os outros falsos, os setins flamantes e apparecia-nos depois n'uma despretenciosa simplicidade!

Loira, um tanto nutrida, branca, sadia, rubor nas faces, calção de malha justo desenhando os tumidos seios estromecendo dentro do collete essa bella mulher soluza todos ainda mais indifferentes, ora fingido-se cair e tornando-se a levantar.

Que deslumbrante vivacidade de movimento ella não desenvolvia em toda a sorte de arrojados trabalhos aereos, que conservava o publico de olhos extaticos, fitando-a sempre, ainda que por vezes necessario, a olhar para a sua garganta entançada pela oppressão e limitada no pouco d'um suor que luzia. Trabalhava nas grandes cidades do mundo, New York, St. Petersburgo, Londres e Paris, teve sempre segredo exito e extraordinario successo. Mas no meio da admiração unanime, alguns coretoes assistavam-se. E' que ella era atrevida de mais e tomava alguma noite fatal, uma tremenda desgracia.

Ouviam-se algumas vezes na plateia gritos repentinos!

Parecia que já vinha pelo ar! Não, o que se desprendia lá do alto, era um qualquer objecto, alguma saia coberta de lantejolas que, voando aos trambolhões, vinha envolver n'um circulo de seda qualquer inoffensivo espectador.

E ella, a aerobata, saltava uma risadinha sarcastica, motejando do meio que haviam tido!

Debalde os seus amantes ou os frequentadores do seu ciumarim lhe aconselhavam que moderasse as suas afieuzas, que trabalhasse com a rede; mas, qual historia! não fazia, caso e respondia.

—E' feio. Precisam porventura de rede as audorinhas quando voam?

O seu luxo era pular, saltar, voar, se podesse, sobranceira ás turbas embalsucadas, e o perigo para ella era mais um enthusiasmo.

Uma vez mylord Marlow ponderou-lhe:

—Menina, sou muito supersticioso, a sexta-feira e são treze! Muito mau dia, peço-te que sejas prudente.

Ora! ainda fez peor: nunca foi tão atrevida como n'essa noite e tão audaciosamente se arriçou no exercicio final que, perdendo o equilibrio, seria de certo victima, se não tivesse a boa fortuna de cair em cima d'um sujeito medio, de boas carnes! machucando-o desgracado, mas não lhe deu tempo que elle se lastimasse, porque d'um salto poz-se de pé e logo o foi apanhar Fresca, como si nada lhe houvesse succedido!

ANEXO "E" - Artigo "Coeducação dos sexos", de Justiniano de Mello e Silva publicado na 88ª edição do jornal Sete de Março.

Prohenleri que a nação hespanhola está actualmente em situação politica muito semelhante aquilla em que se achava a nação brazileira.

«As tentativas de insurreições militares recentemente reprimidas, a conlemnação capital pronunciada contra o general Villacampo e que a pressão militar forçou a regente a commutar em deportação, parecem absolutamente talladas pelo padrão do movimento brazileiro, que precedeu a revolução de hontem e contra a qual o imperador D. Pedro não ousou proceder com rigor.

«Portugal igualmente trabalhado pelo partido republicano, que se desenvolve tylos os dias, experimentará, por effeito de uma especie de hypnotismo e dessa magnetismo insurreccional que circula entre os povos, o abalo da grande e bella revolução brazileira.

«Seriam movimentos esses que, melhor que todas as notas diplomaticas, fundariam a alliança das raças latinas e reuniriam a França, Portugal e Hespanha em barreira que a Alemanha seria impotente para romper.

«Era o meio de defesa com que mais contavamos, se o corpo eleitoral não fosse estrangulado por Constans e não houvesse preferido o partido allemão representado por Rouvier, Reimpch e Spuller, contra o partido francez, representado pelo general Boulanger.

«Que amanhã a revolução republicana triumpho em Madrid como triumphou no Rio e verão o Sr. Carnot tirar o cosmetico de sua bella barba e declarar que, se a França tem o direito de ser Republica, é porque não continúa a ser monarchia; mas que, se a Hespanha manifestar a pretensão de fundar uma Republica séria com a liberdade, a justiça e a dignidade que exige essa forma de governo, elle se opporia com todas as forças, ainda mesmo que tivesse de instalar no throno D. Carlos, que até hoje inutilmente o tem tentado escalar.»

EDUCAÇÃO

Coeducação dos sexos

O lugar que occupam os instituiçoes e as instituidoras primarias na educação, é o indicio mais seguro da tendencia que se liga ao ensino; e a America do Norte, considera-se a vocação como um ministerio, e os menos de agosto e não menos de o do padre. Na Nova

Inglaterra as primeiras familias do pai impellem suas filhas para essa carreira. Achareis na sociedade mais selecta de Boston, damas que comegaram pela direcção de uma escola de aldeia. Reconhecereis pelos contornos precisos do seu pensamento, que ellas tiveram de explicar tudo diante dos meninos. Pensa-se geralmente que dous ou tres annos desse genero de labor, é um estagio excellente para a futura mãe de familia.

Essas palavras foram extractadas do livro de George Fisch, sobre os Estados Unidos em 1861.

A coeducação dos sexos tornou-se a regra geral, e as escolas separadas, a excepção, entre os norte-americanos. Ainda não se nos deparou professor, que depuzesse contra aquelle systema. A educação em commum deve exercer influencia benéfica sobre o caracter de um e outro sexo: desse contacto quotidiano deve resultar um commercio de sympathias, de todo ponto util como preparatorio para a vida real. O que as mulheres lucram em vontade, os homens angariam em sentimento.

Se da coeducação dos sexos derivam-se vantagens, que mais tar la repercutem sobre a vida da familia, se faz brotar essa delicadeza e esse respeito, que tão em desacôrdo se mostram com os habitos grosseiros de uma grande parte da população dos paizes civilisados, não menos notavelmente se assignala o papel da mulher na instrução da mocidade. Imprimir no ensino a imagem da familia, — do que não esqueceram os norte-americanos, chamando a mulher ao sacerdocio do magisterio primario e superior. Admiram-se os viajantes de ver á testa de uma aula de mathematicas uma joven de dezoove annos, e discipulos barbados, atentos ás deliciosas preleções, no paiç em que a intelligencia não usurpa o lugar do corpo e do coração nos exercicios da escola.

Nada pode supprir a educação das mães, por mais ignorantes que sejam. Esse thesouro de heroismo e de ternura que a mulher prodigaliza na educação de seus filhos, não será jamais transportado para as escolas, nem estará ao alcance da mão do mestre mercenario. Mas, se queremos approximar os dous elos extremos da cadeia do ensino, — a mãe e o preceptor, que recebe estipendio, investimos a mulher de tão bello e útil ministerio, e fazemos da escola um prolongamento da vida da familia.

Não precisamos consultar a outros países para achar as preexcellencias

das escolas promiscuas, e reconhecer a superioridade da mulher para desempenhar a missão de educadora. Bem que a instrução dos professores primarios do sexo masculino tenha merecido maior solicitude do Estado e dos poderes locais, a instrução ministrada pelas preceptoras, revela-se, em geral, mais extensa e proficua nos seus resultados. A nossa experiencia pessoal convenceu-nos de que, no Brazil, pelos menos, as mulheres são mais do que os homens capazes de nutridos e bem combinados, esforços para adquirir um certo cabedal de conhecimentos praticos, e exercer maior influencia nos destinos escolares da infancia.

Aconselha a mais vulgar prudencia que o regimen da promiscuidade não se amplie até a adolescencia: ha quem apine pela cessação d'elle a partir da idade de dez annos. Tambem é conveniente que os meninos e as meninas não occupem os mesmos bancos, antes sejam rigorosamente segregadas na mesma sala. Não é que deva causar cuidado a intimidade entre os dous sexos: a causa da separação reside nessa mutualidade de sentimentos que tanto melhor se exerce entre meninos e meninas, quanto maior é o respeito e a deferencia que presidem ás relações entre os dous sexos. Ora, uma convivencia muito estreita igualisa de tal modo os individuos, que as proprias nuances do caracter e da educação insensivelmente se apagam.

JUSTINIANO DE MELLO.

CONFERENCIA

Criação das raças e das especies. — Da consanguinidade ou da copula in-and-in. — Dos emparelhamentos. — Dos cavallos de reprodução.

Tenho vista dar-se ás pequenas egotas da montanhas, que possuem muito sangue e energia, grandes cavallos de trabalho. Esta operação produzio-poneys bem conformados, tendo alguma estatura mais do que as mães, porém, mais força e corpulencia, e podendo ser utilizados em diversos serviços; note-se, porém, que taes egotas estavam em boas condições para o desenvolvimento da organização do cavallo, tendo abundante nutrição e influencia local humida e doce; o cruzamento ou inverso não pode realçar senão nestas condições; de outro modo o producto participaria do temperamento da mãe e do volume do par, o que faria um animal incompleto e improprio para o serviço. Regra geral, o cruzamento ao inverso pôde ser empregado com resultado em boas condições e cercado de cuidados judiciosos; de outro modo elle não dá nada bom.

Entre os exemplos que posso citar distinguem-se os dous seguintes: o garanhão Ta'ma, vindo para a coude-laria do Pin, em 1827, era o producto de um cruzamento ao inverso. Era um cavallo do admiravel vigor, corpulento e de força, porém um tanto ligeiro dos membros; na Inglaterra gozara de reputação como animal para caça. Foi um dos bons reproductores de meio sangue que a França possuio; elle deixou na circumscripção do Pin, e tambem na de Saint Lo, para onde foi transportado já velho, productos, que se tornaram á seu turno bons garanhões e excellentes egotas. Os cavallos de serviço, que descenderam d'elle, foram notaveis pela energia, e ouvi d'Aure dizer que elle não montara jámais em cavallo mão, pertencendo á peole de Ta'ma.

O garanhão Oscar, que presentemente ainda vive, e que conta já 27 annos, pode tambem ser considerado como producto de um cruzamento á inverso. Era sua mãe uma egota ligeira de 1<sup>m</sup> e 50 de altura, filha do garanhão Bacho e de uma egota muito reputada, Sobrelle, que, acreditase, ter sido importada da Inglaterra. Coberta esta egota em 1820 pelo garanhão Rattler, meio sangue, cavallo relativamente mais forte e possuitudo menos sangue do que a mãe, produziu em 1821 o cavallo de que estamos falando. Sabe-se que é este garanhão um dos mais preciosos reproductores da coude-laria; elle dá ao mesmo tempo a estatura, a corpulencia, a energia, o temperamento e uma bella conformação a todos os seus productos.

Pode-se por taes exemplos ver o fim dos cruzamentos ao inverso, e conhecer só de que modo elle deve ser feito, para obter-se um bom resultado.

O fim dos cruzamentos é obter-se, quer um bom cavallo de serviço, quer um bom cavallo de reprodução. No primeiro caso, o cruzamento não tem necessidade de typos tão perfectos, como no segundo; tambem um cavallo de puro sangue, de tres quartos de sangue, e de meio sangue, ou ainda mesmo de menor grão, pôde ser alliado á uma egota de trabalho ou da forte raça de carro, que não tem nem sangue, nem algum caracter pronunciado. Podereis obter assim um producto muito bom, excellentemente á vista e mesmo muito proprio para o serviço; mas não será isso sufficiente para que elle seja um bom reproductor. Para isso é necessario que o pa e a mãe possuam ao mesmo tempo um grão de sangue e qualidades reconhecidas, ainda mesmo que a conformação não fusse completa; deve se prestar atenção, principalmente, ao sangue e ás qualidades dos authors. Um productur não deve ser um resultado, porem sim uma causa. É o erro em que caem as mais das vezes os meio conhecedores; vendo um cavallo de formas regulares e proprio para um determinado serviço, elles acreditam que d'elle farão immediatamente um bom reproductor, para o mesmo typo. É este erro fatal ao melhoramento. Procuraes em sua genealogia e n'ella encontrareis typos avariados e sem energia. Ao contrario, um garanhão pôde ser de uma conformação pouco regular, defeituosa mesmo sobre muitas relações, e se reproduzirá perfectamente, porque elle é de boa raça. A impor-

ANEXO "F" — Artigo "Didactica da Arithmetica", de Justiniano de Mello e Silva publicado na 90ª edição do jornal *Sete de Março*.

# Sete de Março

ORGÃO DO PARTIDO CONSERVADOR

— Fundado para apoiar a politica do ministerio 10 de Março —

REDACTOR : — JUSTINIANO DE MELLO

N U M E R O ----- 90

PARANÁ

CORITIBA, (SABBADO) 11 DE JANEIRO DE 1890

BRAZIL

## SETE DE MARÇO

### O ESTADO

O *Correio Paulistano* acaba de surprender-nos com a noticia de que o sr. conselheiro Alves de Araujo, cuja ausencia deploramos, pugna pela ideia, e proclama a conveniencia de annexar-se o estado do Paraná ao de S. Paulo, passando estes a constituir uma só circumscripção politica.

Respeitamos todas as convicções, e pensamos que a tolerancia não poder ser recusada, mesmo quando a razão e o sentimento se associam para impellir-nos contra o adversario, ou a profligar as mais evidentes eronias.

O facto, porem, que desafia o mais attento e desassombroso exame, é o que determina, ao mesmo tempo, a suspeição e infirma a competencia do nosso illustre compatriota, partidario da annexação dos dous Estados, separados de ha muito, e até agora independentes.

No dominio da politica monarchica, nos dias assignalados por luctas dolorosas e inessantes vicissitudes, quando enfrentavamos, ou o poder discricionario e violento dos delegados do throno, ou a influencia desastrosa de alguns personagens preponderantes na provincia, nunca appellamos para o remedio que nova therapeutica offerece a velhas e profundas enfermidades.

Porque não cogitamos nunca do antidoto proposto, mesmo naquellas horas angustiadas, em que, desengannados pela sciencia, recarriamos aos empiricos, e engoliamos as mais amargas drogas ministradas pelos charlatães? Hoje, sentimo-nos mais allivados, menos leiceados pela dor, mais poupados pelos symptomas alarimantes. A Republica não é somente uma

estação favoravel aos organismos que se depauperaram, nas longas vigílias consagradas ao bem publico : é tambem uma cirurgia, para extirpar certos males que penetram fundo nas raizes da vida, e uma hygiene, para premunir-nos contra a invasão subitanea do morbo lethifero.

Eramos todos confiança na medicina republicana : o ferro revolucionario parecia já tocar as ulceras do organismo politico : todos os preceitos enfeixados pela experiencia profissional dos doutores da democracia, asseguravam a mais longa, e tambem a mais saudavel existencia aos inumeros adherentes, aos sinceros entusiastas da nova forma de governo. Mas, uma voz, que acaba de ecoar lugubrememente na alma dos nossos conterraneos, é como uma nota funerea no côro das nossas mais fagueiras e doces esperanças.

Porque devemos desaparecer, como expressão politica, do vocabulario da Republica? Porque não seremos um dos Estados dessa poderosa união, que symbolisará não só a mais homogenea das raças humanas, como tambem a mais energica e progressiva das nacionalidades que se estendem sobre os desertos do continente americano?

Talvez porque tanto nos havemos retardado no caminho da civilização, que se faz de mister ajoujarmos ao visinho, para assim ganharmos as distancias nunca vencidas pela nossa lentidão. Mas, é bem de ver, que não a nós, capazes de rudes caminhadas, mas aos tutores que nos foram dados pela monarchia, devemos o atrazo em que ficamos, quando tantos outros se adiantam e prosperam.

O nobre cidadão, que quer subordinar a independencia dos nossos destinos aos do Estado de S. Paulo, sabe que até hoje não nos foi dado, levar o pucaro à agua da fonte. Temos aplacado a sede, não na corrente, que mana limpida para todos os

brazileiros, mas nas cisternas que duas illustres dynmtrias mandaram cavar, uma no oriente, e outra na parte occidental do territorio paranaense.

Comemos carne má e carissima, apesar da abundancia do gado ; vestimos pessima fazenda, apesar dos contrabandos da alfandega. Mal apparelhados contra o frio e contra a fome, era impossivel maior actividade nos musculos, e mais largas avancadas no caminho, aliás pedregoso e difficil, do progresso. A tutela, da qual ainda não nos emancipamos, condemnou-nos à essa ração de xarope e de farinha que não satisfaria os insectos mais sobrios. Uma formiga passa mais folgadamente de estomago, do que os nossos eleitores ; e a estes se tem imposto a ingente tarefa de eleger deputados. Ora, um homem que desempenha gloriosamente a tarefa de construir pilares para o throno, não dispõe de forças para plantar cereaes, que augmentem a somma da nossa exportação, nem de lazer, para andar à cata de novidades e reformas, que nos elevem em celebridade. Eis porque parecemos retardatarios ; mas, por certo, unidos a S. Paulo, não melhoraremos de condição, pois se physiologicamente, cada ventre funciona em separado, no ponto de vista moral, cada individuo é o autor da sua boa ou da sua má fortuna.

Se o estado de S. Paulo nos quer, não é, para fazer um má negocio. E nós, que lucramos com a união? Maior riqueza material, e menor miseria, a todos os mais-respeitos? Membrós de um organismo, — não temos o direito de exigir senão a quota parte de alimento que nos for distribuida. Perderemos a cabeça, sem que augmentemos a densidade e a força dos outros orgãos. E vale a pena ser pés, somente pés, embora de S. Paulo, quando por elles não pensaremos nem mais activa nem mais sensatamente do que pela parte que perdemos?

o assumpto exige maior indagação, e nós o encararemos de novo.

## PEDAGOGIA

### Didactica da Arithmetica

Deve-se a Joseph Schmid, discipulo de Pestalozzi, e professor do celebre instituto de Yverdon, a applicação do *methodo intuitivo* ás mathematicas elementares. Esse methodo, como se sabe, deve a sua efficacia á adaptação do ensino aos principios de *gradação e continuidade*. Todo o segredo das maravilhas obtidas nos cursos pestalozzianos, residia no facto de não ministrar-se nenhuma noção á intelligencia infantil, que não pudesse ser representada por uma operação sensivel.

A medida que se desenvolviam as faculdades, diz Pompée, nos seus *Estudos sobre Pestalozzi*, procedia-se sobre numeros mais fortes, substituindo-se ao calculo de vista o calculo de cabeça, que era reconduzido a principios tão simples ensinados por uma serie de exercicios, tão gradual e habilmente encadeados, que os mais diffices problemas, mesmo as extracções de raizes, tornadas sensiveis por figuras do quadrado e do cubo, não passavam de um brinco para os numerosos discipulos conduzidos por esse methodo de ensino.

O autor, que deixamos citado, refere os incriveis resultados obtidos em Berthoud e Yverdon, que causavam admiração aos visitantes desses estabelecimentos. «Essas vantagens devem ser explicadas, adduz Pompée, pelo facto de evitar-se a principio todo exercicio fundado sobre termos abstractos, dando-se ao contrario ás crianças o habito constante de não operar senão sobre representações claras e sensiveis : desse modo as palavras não vinham sem as ideias ; guiava-se os primeiros passos do alumno á luz de noções tão evidentes, que o pensamento do mestre era entendido, e comprehendido o encadeamento das verdades mathematicas.

## CONFERENCIA

**Criação das raças e das es-  
pecies.— Da consanguinidade  
ou da copula in-and-in — Dos em-  
parelhamentos.— Das cavallo  
de reprodução.**

Algumas pessoas lutam ainda contra a evidencia, e de tempos em tempos apparece alguns adversarios do puro sangue, pretendendo que os garanhões d'essa procedencia têm perdido as raças francezas. Não ha necessidade de refutar tão falsa doutrina; os espiritos justos e a experiencia quotidiana não carecem ser auxiliados. Negava-se o movimento perante um celebre philosopho da antiguidade. O que fez elle? Caminhou. Pois bem, Senhores, para demonstrar a utilidade, a vantagem e necessidade do puro sangue, fazei montar por vossos adversarios os cavallos d'essa especie, e perguntae-lhe pois o que elle pensa. E' verdade que elles vos responderão que não sabem montar a cavallo! Não ha um só escudiro que não reconheça as vantagens. Ha neste racio ainda uma prova de mais, que todos os conhecimentos hippicos se dão ás mãos, umas outras, e que a sciencia da equitação é tão util ao homem entendido em cavallos, como uteis lhe são todas as sciencias auxiliares.

Recorra-se ás obras que têm tratado da questão de puro sangue e das suas vantagens; Lawrence e Craven e a obra intitulo *The Horse*, os artigos do *Jornal da Condiçães, as Instituições hippicas* de Montmorency, e outras obras de valor publicadas nestes derradeiros tempos, sobre tal assumpto, merecem ser lidas.

Passemos agora ao cavallo de meio sangue: até aqui ainda não definimos o que se deve entender por cavallo de meio sangue. Com o principio, esta palavra quer dizer um cavallo, cujo pae é de puro sangue e a mãe de uma raça commum, ou de um grão de sangue menos apurado. No caso em que a mãe fosse de meio sangue, o producto seria de tres quartos de sangue; no caso em que a mãe fosse de tres quartos, seria o producto de sete oitavos, e assim consecutivamente. Mas, para evitar estes algarismos indefinidos, comprehende-se geralmente sob a denominação de meio sangue os diversos grãos de sangue, que procedem da mistura do puro sangue com as diversas raças inferiores. Dá-se tambem a qualificação de meio sangue à cavallos que não procedem directamente, nem do lado paterno, nem do lado materno, da raça pura, mas dos quaes os authores, entretanto, possuem, em um certo grão, bastante sangue para valer-lhes esta denominação. Aos olhos de alguns, é este o verdadeiro cavallo de meio sangue; elles imaginam uma raça procedendo originariamente do puro sangue indigena, e reproduzindo-se por si propria. E' neste sentido que elles dizem, — gostamos muito do meio sangue, mas não queremos o puro sangue. — Isto é uma doutrina falsa: o meio sangue é produzido pelo cruzamento de puro sangue e do meio sangue indigena. Entretanto, como acabei de dizer, pode-se dar este mes-

Melhor do que nenhum. Ch. Voltaire, discípulo do celebre pedagogo e renovador suizo, explica o prodigioso impulso dado ao ensino elementar nos institutos pestalozzianos. « Esse ensino, diz o escriptor citado, dirigia-se à intelligencia mais que à memoria, e tinha por fim a cultura harmonica dos gêmens apestivos em nossa alma. Quanto ao methodo ali empregado para o estudo da arithmetica, Vulliein declara que se fazia inventa-la, contentando-se o mestre com assignalar o fim que devia ser attingido, pon-do o discipulo na encalço.

No seu *Discurso preliminar da Encyclopaedia*, d'Alambert lembra a observação de alguns philosophos sobre os erros resultantes do abuso de palavras, devendo-se talvez ao mesmo abuso os axiomas mathematicos. Não pretendendo condemnar absolutamente o uso dos axiomas, o sabio francez indica de relance a que elles se referem; isto é, tornam as ideias simples mais familiares pelo habito mais proprias para os diversos empregos aos quaes pode ser applicados. O mesmo quizi que se poderá dizer a respeito dos theoremas mathematicos, que, exactamente considerados, se reduzem a um pequenissimo numero de verdades primitivas.

A observação de Alambert, que tem mais summariamente exposto, torna-se de palpavel evidencia desde que reparamos na transfiguração da mesma verdade por meio da deducção geometrica. Quando ha perfeita aproximação entre duas proposições visinhas, numa serie deductiva, percebe-se que de uma consequencia para outra realisa-se apenas uma mudança de forma. Pode-se, diz d'Alambert, considerar o encadeamento de muitas verdades geometricas como traducções mais ou menos differentes, mais ou menos complicadas da mesma proposição, e muitas vezes da mesma hypothese.

Se ninguém desconhece o merito da traducção mathematica, não se deve esquecer que reside originariamente na proposição mesma o valor que a cada passo proclamamos. Essas verdades fundamentaes, de que o genio tornou-nos felizes fructuarios, são as fontes de onde emanam os maravilhosos progressos da geometria. A evidencia de cada um dos ramos das mathematicas, está tambem em relação directa com a maior extensão do seu objecto: tanto mais é considerado este de um modo geral e abstracto, quanto mais claros se revelam os principios fundamentaes.

Ha quem sustente ser pouco util a mocidade o estudo das mathematicas,

considerando-se que ellas cretam e lestróem a flor da imaginação, e só exercem o mecanismo da intelligencia. Beuchên, profligando a cultura exclusiva do espirito pelas mathematicas, lembra que estas criam um mundo abstracto, que não tem existencia real. Ao passo que no mundo em que vivemos nada é positivo, nada é absoluto, ali tudo é idéntidade, tudo é verdade demonstrada: nada se accoita que não passasse pelo crivo do raciocinio.

Merece menção a seguinte observação, algum tanto humoristica, feita por um escriptor francez acerca do ensino das mathematicas. « Os sabios civilizados chegaram a fazer da arithmetica, sciencia dos numeros, e da geometria, sciencia das grandezas, um duplo pesadello para a infancia dos dous sexos e mesmo para os adultos, e todos os corações sensiveis enterneceram-se ao espectáculo das torturas terribes do joven romano de Gavarni, e nemmeado a soffrer a demonstração da medida do angulo B. A. C. inscripta na circumferencia, enquanto a sua vestal o aguarda no Circo. Deploro em meu coração a sorte desses pobres meninos martyres da civilisação, a quem nunca se deu a menor ideia das cousas interessantes que havia a dizer sobre o numero *Dous*, numero de unia, de symetria, de sympathia, germen de amor, ou sobre o numero *Tres*, numero sagrado, considerado tal por todas as religiões e cosmogonias antigas; o numero da medida (triangulo), o numero da lei e da justiça (balança), o numero da agronomia, da propriedade, do progresso.»

Dada a curiosidade das crianças e das mulheres, tão universalmente conhecida, como explicar-se a repulsão que ellas sentem e manifestam, pela arithmetica, a menos que não impetemos o phenomeno aos processos empregados no respectivo ensino? Em quanto disputa-se sobre as vantagens do *methodo mecanico*, ou do *methodo racional*, a arithmetica vae espalhando tedios e modôrras, e criando novos inimigos irreconciliaveis. Quanto a nós, o melhor meio de vencer a repugnancia que muitos estudantes experimentam pela arithmetica, é de fazer-lhes sentir praticamente a necessidade dessa sciencia. Primeiro que tudo, deve-se reclamar um preceptor que conheça profundamente a materia; depois, que elle *aprenda a sciencia de fazer-se pequeno com os pequenos, simples com os simples*, como tão justamente exprimo-se o venerande Valade Gabel.

JUSTIANO DE MELO.

mo nome á um cavallo que provenha por emparelhamento de dous animaes, que sejam elles proprios de meio sangue; assim, Imperioso, Oscar, Voltaire, são cavallos de meio sangue, posto que seus paes não fossem de puro sangue, como Marmol, Doyen, cujos paes são de puro sangue. Estes detalhes de importancia para os cavallos de serviço, são ainda mais interessantes em relação aos garanhões, pois que não basta á um garanhão ser filho de um cavallo da puro sangue, para fazer um bom reproductor, se for a mãe muito commum ou de má especie. E' um erro em que as mais das vezes se cae; por que um descendente de um bom pae, acredita-se que é susceptivel de bem reproduzir-se; mas infelizmente não succede assim; é necessario na mãe uma longa serie de gerações, de qualidades e de sangue, para que o producto possa, por sua vez, tornar-se um bom pae. Eu não irei adiante agora, pois que é esta questão considerada no artigo sobre as éguas: é isso porém, um ponto tão importante, que todo desenvolvimêto nunca é demorido. Assim na escolha de um reproductor de meio sangue, attendereis primeiramente ao sangue do pae, suas habilidades, qualidades, estrutura e conformação; examinareis depois o sangue da mãe, suas habilidades e qualidades pessoais. Ha cavallos que, fillos de uma mãe e pae de puro sangue, têm menos sangue que outros, que não têm sangue puro em seus ascendentes immediatos.

Assim, por exemplo, um producto de um cavallo de tres quartos de sangue, com uma égua do mesmo grão, terá mais sangue do que um producto de puro sangue com uma égua muito commum e sem origina.

O cavallo de meio sangue convém á todas as raças francezas, desde as mais massigas, até as mais ligeiras e é a elle que, na maior parte se deve o numero consideravel de cavallos de serviço e de cavallos de guerra, que fazem ainda agora uma das riquezas da França. Mas é necessario, como dissemos, que haia bastante sangue da parte da mãe, para que a alliança com a raça commum, não traga novos germens de degeneração ou misturas incoherentes de typos muito variados.

O cavallo de tiragem pôde ter mais sangue do que este de que acabámos de fallar, sem que deixe por isso de ser um bom reproductor, em sua especialidade, pois que é elle destinado á éguas mais communs, e entre as quaes as necessidades de estatura e corpulencia tornam-se qualidades preferiveis á velocidade e á energia. O cavallo que deve cruzar ou emparelhar as raças de tiragem pesada, ou de trabalho, é muitas vezes só de um quarto de sangue, e até mesmo de menor grão. As mais das vezes elle provém da alliança de produtores, que têm muito pouco sangue, mas, lembrae-vos, Senhores, e a experiencia de todos os dias vos demonstrará, que para obter um bom cavallo de trabalho, ainda mesmo mais pesado, maior e mais forte, não podereis jámais obter bons resultados sem empregar o sangue, seja em que grão fór. As qualidades que um cavallo de carga deve possuir são, a energia muscular, a força dos pulsões, a força do dorso, o vigor dos membros, vantagens todas estas que

ANEXO "G" – Artigo "Didactica da lingua materna", de Justiniano de Mello e Silva publicado na 94ª edição do jornal *Sete de Março*.

Sete de Março

acarle pujante aos influxos do de 15 de novembro.

Procurai pois no vosso solo, de uma uberdade assombrosa, outras fontes da riqueza que supirão, em casos dados, as contingencias do vosso principal producto exportivo, e tereis prestado um relevante serviço ao Estado do Paraná, destinado á um futuro grandioso. Saúde e fraternidade.

José Marques Guimarães.

(Da Republica)

## PEDAGOGIA

### Didactica da lingua materna.

Tão impossível, sem escolher o caminho, é chegar ao fim da jornada, como fazer o apprendizado da grammatica sem o conhecimento previo de valor dos vocabulos. Desde que a ideia das leis não precede a ideia dos factos, como se poderá ensinar a linguagem antes que o menino tenha a noção das palavras e as applicque com consciencia e exactidão? Não é a grammatica senão a arte de coordenar as palavras para urdir o discurso; antes, pois, de expor as regras de uma tal coordenação, é mister mostrar o valor desses factos representativos, o emprego de cada expressão, e as relações respectivas, acompanhando a observação ao preceito, e precedendo sempre á pratica a theoría.

Ha muito que a pedagogia reclama a redução da grammatica ás regras essenciaes, para uso da infancia. Mas essas regras não devem ser abstractas, sob pena de anular-se a utilidade do ensino.

Desde que não ser percebido o sentido do preceito grammatical, a memoria se exercera de balde, como ainda acontece naquellas escolas em que semelhante disciplina é o tormento da joven idade, visto os professores não levarem em conta o grão de intelligencia dos alumnos, ea epoca em que o espirito se mostra aparelhado para uma tal gymnastica.

A arte de falar, diz Condillac, é um methodo analytico, que nos conduz de ideia em ideia, de juizo em juizo, de conhecimento em conhecimento; eis porque pensamos dever basear-se o ensino da grammatica sobre esse processo natural do espirito, na acquisição da linguagem oral. Para que, entretanto, não se torne enfadonho o estudo da grammatica, convem provocar a iniciativa, suscitar a invenção, e conduzir o alumno a

reconstruir como uma grammatica pessoal, em que intervirá a sciencia do professor somente para apontar os erros e fazer a correção.

Em vez de encetar o curso da grammatica por definições, e ideias abstractas, Pestalozzi limitava-se a reunir, e agrupar exemplos, dos quizes illegisse o discipulo, a noção da regra. Estes exercicios eram continuamente repetidos, até que cada principio grammatical correspondente se gravasse no espirito do alumno. A analyse das palavras conduzia assim á applicação da regra; e a analyse da phrase familiarisava o estudante com o pensamento do autor. Também nas escolas pretaloziannas, a leitura iniciava no gosto das obras litterarias, servindo ella para dar á expressão esse sentimento que é como a alma da linguagem falada.

Seria conveniente que o estudo da grammatica fosse não somente um exercicio constante de estilo, como também um esforço para comunicar aos pensamentos essa originalidade typica, que o habito de copiar e repetir os conceitos alheios acaba por obliterar. As crianças devem acostumar-se a pensar por si mesmas, e a traduzir os seus sentimentos, de viva voz ou por escripto. Para isto, cumpre que se fiscalise o emprego das palavras, cujo sentido deve ser sempre comprehendido com exactidão. Sabe-se quanto os meninos são fáceis em manejar o organo da palavra, da qual servem-se como de um instrumento musical, sem ligar aos sons nenhuma ideia precisa.

Os exercicios de composição começarão bem pela descrição dos objectos conhecidos e familiares. Desde que for fielmente indicada a forma, a substancia de que foi feito, a procedencia do objecto, convem iniciar os meninos nas diversas applicações de que este é susceptivel. Mais tarde, as lições versarão sobre factos mais complexos: uma arte, um officio, um acontecimento, um quadro, poderão ser submettidos á applicação da criança, tendo-se sempre em vista a utilidade derivada do assumpto proposto.

O estudo da lingua materna consiste na facilidade proporcionada ás jovens intelligencias de exprimir-se correctamente sobre qualquer facto ou circumstancia da vida. Semelhante vantagem resulta de um habito, sabiamente conduzido: é um producto do intelligencia antes que uma criação da regra, mas para que ella não se converta em pura exterioridade, convem applica-la aos usos reaes, e não á declamação deca e este-

ril, de que abusa o padantismo. A intuição será aqui também o nervo do ensino, a força que assimile a forma á substancia.

A lingua portugueza, menos feliz do que a franceza e a hespanhola, não pode ainda construir de modo definitivo a sua orthographia. Eis uma das mais impertinentes difficuldades que se collocam no caminho do ensino primario elementar; e quanto tempo gasto inutilmente para aprender o que não é objecto de nenhuma regra universalmente aceita! Os nossos grammaticos recommendam a leitura dos classicos como a unica directriz de que dispomos para chegarmos á posse de um attributo, que muda constantemente de forma, e que varia segundo os tempos e o gosto caprichoso dos escriptores.

A orthographia, diz Michel Bréal, no seu livro sobre a instrução publica em França, rouba-nos mais tempo do que a historia natural. Havendo nascido na escola, crescido na escola, ella tornou-se o tyranno. E o tormento do alumno o o desespero do mestre. Não somente ella custa um tempo precioso aos nossos filhos, mas também é um dos meios mais seguros para deshabitua-los de pensar. Qual, porém o meio de vencer os embarços que ao ensino da lingua oppõe a orthographia?

Se os pedagogistas francezes queixam-se das subtilezas da orthographia onde esta funda-se em regras certas, que diremos daquella que nos leva a compulsar de continuo os dicionarios, sem que contudo se nos revele sob a sua verdadeira figura? Entre a lingua falada e a lingua escripta ha tão profunda separação que é força explora las com organs differentes. Assim taparemos os ouvidos sempre que quizermos escrever, e fecharmos os olhos para falar correctamente.

O escriptor citado propõe que nos domínios orthographicos, ensinemos apenas as cousas essenciaes confiando que o menino, uma vez instruido da importancia dessa parte da grammatica, acabará por completar a sua educação sobre esse ponto. Acreditamos que, uma vez adquiridos o habito da observação e o gosto da leitura, o alumno transporá por si mesmo as barreiras oppostas ao apprendizado da lingua materna; mas a orthographia será sempre um tormento, uma tutella de que não conseguirá emancipar-se, a menos que não construa a que melhor lhe parecer para o seu uso particular.

JUSTINIANO DE MELLO.

## CONFERENCIA

Da Copula. — Da fecundidade. — Da impotencia. — Da esterilidade. — Da gestação. — Do aborto. — Da parição. — Da amamentação. — Da desamamentação. — Dos cuidados que deve-se dar aos potros.

Ha inda um caso em que as egãos pouco fecundas podem ser conservadas: é aquelle em que se trata de cavallos por tal modo preciosos, que o criador possa em seu proprio interesse, expor-se ás probabilidades da esterilidade de seu animal; é necessario, porém, advertir-lo, para que elle não seja enganado. Lafont Pouloti e Bourgelat fornecem sobre este assumpto detalhes curiosos, cujo exemplo, além disso, se tem renovado muitas vezes depois.

O poder prolifico dos garanhões, a infecundidade das egãos, são as mais das vezes relativos e dependentes da influencia do clima e da quantidade dos alimentos. Bourgelat refere em sua carta o Milord Hembroick, inserida no *J. real da Agricultura*, em 7 de Outubro de 1788; uma observação propria a confirmar, esse facto. «Um garanhão collocado na planicie e um outro na ribanceira, distante um do outro unicamente trez leguas, tornaram-se ambos infecundos durante 2 annos, no fim dos quaes Bourgelat mudou sua collocação, trazendo o da planicie para a ribanceira e conduzindo o da ribanceira para a planície».

No anno seguinte um produziu dez potros e sete poidras, e o outro onze poidros e oito potros. Assim todo garanhão que ao principio não produz nada, porém que for sadio, bem constituído e perfeitamente organizado não pode ser reputado como infecundo só por este facto. Succede o mesmo com as egãos; antes de pronunciar-se sobre sua esterilidade, e de proscriver-las, deve verificar-se si a falta procede d'ellas ou dos garanhões que as tiveram coberto, pois que, succede muitas vezes que uma egão permaneça infecunda com dous ou tres garanhões e venha a engravidar de quatro, dependendo isto das relações physicas que existem entre os animaes. Em todos os casos é necessario não perder de vista nem a observação de Bourgelat, nem a minha.

A fecundidade das egãos dá lugar ás seguintes indagações: Segundo o *Stud. Book* inglez, cem egãos apanhadas ao acaso, produzem perto de oitocentos e cincoenta potros, o que dá para cada egão o numero de 81½.

Entre as mais fecundas, cita-se na Inglaterra *Squire*, que engravidou todos os annos, durante vinte e tres annos e pariu dezesseis potros, entre os quaes existem cavallos celebres.

Conta-se que uma velha egão tartara pariu na idade de trinta e seis annos.

A *Princess*, egão da condellaria de Roma, engravidou á a idade de vinte e quatro annos. Durante dezito annos pariu dez e seis potros, ainda que não passasse de 1822.

*Miss Ann* deu até hoje dezeseite potros; *De-phina* e *Danna*, quinze. As duas *Pamelas*, uma quatorze e outra quinze.

A infecundidade entre o garanhão e a egão pôde ser especial ou absoluta

ANEXO "H" – Artigo "A moral e a infancia I", de Justiniano de Mello e Silva publicado na 99ª edição do jornal Sete de Março.

# Sete de Março

ORÇÃO DAS REFORMAS SOCIAES

REDACTOR : — JUSTINIANO DE MELLO

NUMERO ----- 99

PARANÁ

COPIEIRA (SABADO) 15 de MARÇO DE 1889

BRAZIL

## SETE DE MARÇO

### O EXERCITO E A ORDEM

A gloriosa data de 15 de novembro de 1889, iniciada em 1789 pelo official de exercito, Silva Xavier, e continuada em 1817, em 1821 no Norte, em 1831 na capital, em 1835 na revolução rio-grandense e em 1848 com o official Pedro Ivo, na campanha abolicionista, que em 13 de maio teve o seu desfecho, cimeou para sempre a união do povo brasileiro com o seu exercito de terra e mar. Ella deve ser um talisman para todo o cidadão brasileiro que tem a honra de vestir uma farda de defensor da patria e para todo o cidadão desarmado que sabe aquilatar os patrioticos serviços d'aquelles que sempre têm estado promptos a cada momento a morrer pela nação cuja phalange spartana de defesa constituem

Essas datas providenciaes devem ser invocadas a cada um momento pelo patriotismo brasileiro.

Essas datas gloriosas nos collocam ao par dos principaes povos por esses admiraveis exemplos de humanidade e generosidade que deu ao mundo em 13 de maio de 1838 e de 15 de novembro de 1889.

Foi a união do exercito e da armada com a nação brasileira, união longamente organizada pelo patriotismo e acersolada pelo commum sofrimento, que nos deu o sagrado beneficio de tornar-nos emfim uma nação republicana, e digna da livre America.

Essa união indissolavel do patriotismo civil e militar, tão largamente experimentado, que nos deve garantir a ordem no interior dos Estados de nosso paiz e tornar a nossa nacionalidade respeitada no exterior, tanto pela sua prudencia como pela sua força.

Em coisa alguma se pôde melhor

applicar o aphorismo « a união faz a força », do que no exemplo que dá o povo brasileiro com o seu exercito e a sua armada.

Filhos da mesma patria livre, temos o dever de amarmos-nos e unirmo-nos ; o povo, confiando em seus soldados e em seus marinheiros para a manulção e garantia da ordem, da *unidade nacional*, da integridade do territorio patrio e dos seus direitos, de que são a guarda avançada, como os marinheiros e soldados brasileiros devem confiar nos cidadãos desarmados do seu paiz, que jamais esquecerão os dias de glorias que elles lhes souberam dar, defendendo a honra da patria, os seus direitos e a liberdade na memoravel campanha pacifica da fundação da Republica, garantindo a ordem que nos permitirá todos os progressos e sem a qual nenhum progresso nem nenhum beneficio será possível.

Dr. ENNES DE SOUZA.

## ECHOS DA EUROPA

### A REPUBLICA NO BRAZIL

Com este titulo publicou o illustre escriptor portuguez Theophilto Braga no jornal «Brazill», órgão de nossos interesses na capital del Uruguay, uma admiravel apreciação, de alto valor historico e philosophico, sobre o golpe politico republicano de 15 de Novembro.

Julga da surpresa da Europa diante da facilidade com que o Brazil amstiou-se da monarchia e todo o seu conjunto dynastico, na sua opinião, acto que estabelece um verdadeiro *corollario fecundo de um trabalhado percurso historico de uma transformação economica social*.

Affirma ser imperecivel a Republica n'esta parte da America, porque ella é resultante da criação da patria brasileira, nascida nas luctas defensivas contra as invasões.

Expõe que era pela forma republicana que o organismo da nova nacionalidade já se manifestava nas convulsões revolucionarias, dadas nas provincias, durante o periodo monarchico.

Não admira a facilidade da fundação da republica na America saxonica visto os habitantes, nascidos dos antigos emigrados das lutas do protestantismo, terem conservado a tradição dos seus sacrificios pela liberdade da consciencia, da qual era uma consequencia a *liberdade politica*. Admira-se aqui onde a povoação formou-se sob estes dois elementos decadentes, o catholicismo e a monarchia, sendo o trabalho productivo e digno degradado pela implantação da escravatura africana.

Reconhece caracter de autonomia no povo, manifestado desde a explosão dos jesuitas de S. Paulo em 1640 e as resistencias pelo mesmo povo empregadas contra as imposições da metropole.

Depois, emfim, de provar a existencia do caracter civico do povo brasileiro, pela exposição de factos historicos e considerações as mais criteriosas termina Theophilto Braga a sua admiravel apreciação sobre a Republica do Brazil, com as seguintes inconteas asserções:

«Se os antecedentes da Republica do Brazil fossem mais conhecidos, a sua proclamação em 15 de novembro de 1889 não cauzaria tanta surpresa em Portugal esse facto veio ferir na sua vida moral o inicio de um reinado sem confiança e sem sympathias.

E' por isso que a imprensa monarchica, sem a comprehensão dos interesses da colonia portugueza do Brazil tem desferido notas hostis de uma *hazine impuissante*, e o governo mandou fazer uma descortezia acerca de uma ban leira. A Republica foi reconhecida unanimemente por todos os brasileiros; e essa primeira republica

onde se falla a lingua portugueza, não deixará de exercer uma acção profunda sobre todo o occidente latino. Se a revolução da America em 1787 veio repercutir na Europa na grande crise de 1787, a revolução brasileira de 1889 ha-de tambem ter o seu effeito, reflexo sobre as nações latinas, ainda afastadas do seu destino politico, porque as nações de um e outro lado do Atlantico vivem de uma mesma civilisação, e são solidarios no mesmo esforço para o progresso da humanidade. — *Theophilto Braga*

## EDUCAÇÃO

### A moral e a infancia

I

Uma colleção de regras, por mais bella e comprehensivel que seja, não supprirá jamais os felizes impulsos da vontade, nem affeioará ao seu molde de naturezas e caracteres que offerecem á educação resistencias tenazes. Helvetius pensava que a desigualdade dos espiritos devia ser referida ás differenças da educação; mas o progresso das luzes fez a devila justiça a maxima do philosopho, para quem a natureza humana é sempre fiel collaboradora das inspirações e processos da arte.

A' ignorancia dos methodos da natureza, a maneira superficial por que esta é encarada pelos paes e preceptores, devemos imputar muitas das tribulações e soffrimentos, que tem até agora assaltado a infancia, na familia e na escola. O poeta Lucrecio mostrou-se mais atilado que os philosophos, quando asseverou que a educação, aperfeiçoando algumas almas, não pode apagar esses traços dominantes gravados pela mão da natureza. «Não esperéis, diz elle, poder extirpar o germen dos vicios, curar a um outro dessa fraqueza que torna algumas vezes mais indulgente do que

## Sete de Março

desse. Ha differença essenciaes nos caracteres, como nos costumes que são delles consequencias. Entretanto, o estudo e a reflexão, sem delir esses traços primitivos, enfraquecem-nos a ponto de deixar-nos aspirar a calma feliz fruída pelos immortaes.

Convem não alimentar a velha illusão a respeito da influencia decisiva da instrução sobre o caracter. Os homems instruidos não são os que melhor se conduzem. A civilidade, a polidez, a benevolencia, e outras qualidades affixadas pelos actores da comedia social, podem co-existir no individuo sem que este affirme a sua superioridade moral por qualquer outro titulo mais honroso ou mais solido. Não se pense tambem que é proficua o mesmo innocente, a instrução moral, tal como apparece em nossas escolas, formulada em theses e demonstrações, sem nenhum valor pratico.

Esses preceitos assim expostos e desenvolvidos geram o menosprezo por uma sciencia, que á inexperienca da infancia se affigura destituida de utilidade, ou inconciliavel com os gosos e attractivos da vida.

«Muitas cousas indifferentes ou absurdas são impostas, ao passo que o indispensavel a nosso bem-estar e conforme á razão fica inteiramente de lado.» — dizia Spurzheim.

Melhor do que a banal explanação de apophlegmas moraes, actua na educação os esses colaboradores occultos, que por serem desprezados, vão a salvo ajuntando elementos destruetivos para a deflagração final. Esses colaboradores são: os exemplos da familia, a camaradagem dos primeiros annos, os costumes locais, os acontecimentos que suppoem a acção da vontade e a collisão das paixões. Enquanto a dedicacão paterna estua na diligencia caravel para plantar as sementes do bem na alma da criança, esta é levada palpitante nas azas do tufão. Por isto diremos: a instrução pode ser obra individual; mas a educação é tarefa collectiva e geral.

Não são raros os pedagogistas que condemnam o exame e a discussão na educação moral. F. Lallemand pensa que a educação moral deve ter por fundamento a *imitação*, utilizando-se a disposição ingenua a crer nas indicações da idade madura; mas perguntamos, como arredar das vistas da infancia as acções, os habitos, os exemplos, que subtilmente vão escavando o alicerce da arte, na familia e na escola? Como ministrar essa *educação negativa*, que era o ideal de João-Jacques, e na época em que o coração e o espirito recebem as pri-

meiras impressões e com ellas as irradiações do caracter e da inspiração futura? Sim: se pulessemos levar até a adolescencia puro e sem macula, são robusto, o menino que a familia e a escola perverteram, na sua funesta cogueira, fácil seria a construcção desse entendimento, que se elevaria sobranceiro, como as estatuas dos immortaes, sobre o pedestal livremente escolhido pela arte.

Dizia Joubert, que, nem em metaphysica, nem em logica, nem em moral, deve-se pôr na cabeça o que deve estar no coração ou na consciencia. De accordo, Tolavia, quem tragará o caminho que ovariavelmente perlocará a innocencia dos nossos filhos, quem allastará os miasmas, invisiveis e imponderaveis, que saturam o ambiente respiravel do lar e da escola? Há um meio sem duvida; sequestrar a criança do mundo, levá-la para algum deserto ou para alturas inacessiveis aos vapores da vida civil. Mas isto seria tão difficil, quanto inconciliavel com a condição mesma da nossa existencia terrena. Teriamos assim um novo essenismo na educação, mas não ligariamos ao systema muitos adeptos convictos.

Aquelles mesmos que reconhecem e proclamam a influencia nociva dos habitos e negócios que o menino aquire de um modo inlente, e apressar dos cuidados e vigilância da familia, não sabem como impedir ou annullar a acção desses elementos ou colaboradores occultos, da perversão moral. Mme. Guizot, que tão justas observações reuniu sobre a maneira de conduzir a infancia, julga-se talvez incompetente para indicar os meios prophylacticos reclamados pela invasão desse mal, quando diz que é de mister que *tudo possa chegar a bom resultado, mas sem pretender tudo sujeitar a um systema uniforme e regular*. Não sabemos como esse *tudo*, que não é senão a mistura universal do bem e do mal, possa desabrochar em flores innocuas no terreno da educação infantil.

Justiniano de Melio.

## CONFERENCIA

**Da Castração dos cavallos novos. — Do exercicio como meio de melhoramento. — Considerações á este respeito.** —

Seguramente que é para aproveitá-las. E' necessario, portanto, que tudo no animal concorra para a bon-

dade, para a segurança e para o desempenho do serviço, e fiquem seguros, então, que a belleza virá depois; não esla a belleza de convenção que resulta de uma certa harmonia no complexo de um certo luxo de ostentação, e de esplendor, mas a belleza, que resulta da força, da energia e do poder. Acreditase geralmente que o cavallo castrado é mais fraco do que o inteiro; é um erro: o cavallo castrado é tão forte, tão robusto e mais proprio á supportar as grandes fadigas e os trabalhos aturados, do que o cavallo inteiro; é menos inclinado ás molestias de todos os generos, principalmente ás afleções agudas; sua vida é maior como justamente observou Vegocio; citam-se muitos castrados que ainda na idade de 35 annos prestavam muitos bons serviços. Assim, na Inglaterra, na Allemanha, na Suecia, na Belgica, em todo o norte da Europa, todos os cavallos de serviço são castrados.

E' a França o unico paiz em que ainda permanece o uso de cavallo inteiro para os serviços agricolas, para os das postas e diligencias; é um resto de barbaria que prejudica singularmente os progressos do melhoramento do commercio dos cavallos. Vê-se, com effeito, que differença entre o serviço que pode prestar um animal encolerizado, violento, as mais das vezes furioso, e o que se obtem do mesmo animal tornado doce, paciente, proprio para tudo, e que longe de perder algumas de suas qualidades, terá pelo contrario, adquirido novas.

Disse que o cavallo castrado aproxima-se da égua e está nisto, no ponto de vista do serviço, seu primeiro merito: elle torna-se doce, ligeiro, gracioso, e sobretudo elle cria-se facilmente como ella, o que diminue consideravelmente as despesas da criação. De facto, o cavallo inteiro deve criar-se sob, ordinariamente nas estrebarias; ou então são-lhe necessarios pastos, que lhes sejam especialmente consagrados; entretanto o cavallo castrado cria-se por toda a parte e sem nenhum guidado especial. São todos os authores accordes para o principio da utilidade da castração dos animaes de serviço. Sobre este assumpto podem ser consultados numerosos escriptores dos competentes, a collecção do «Journal des condéarliers», a dos Aposentamentos Veterinarios, e outras obras de agricultura; todos preconizam a castração.

A sociedade veterinaria de Paris, por esta questão em concurso; foram apresentadas muitas memorias, e todas accordes em reconhecer a neces-

sidade indispensavel da castração, tanto para a commodidade do serviço como para o melhoramento da raça e a facilidade da criação. Lacoste, primeiro veterinario no deposito das remontas de Cuen author, da memoria premiada, revelou conhecimentos praticos e extensos; mostrou quanto os prejuizos e a rotina tinham obscurecido esta questão e preconizou a vantagem que resultaria da castração de todos os cavallos de serviço, sabretudo quando ella realisada na primeira idade dos animaes. Nesta memoria ha factos curiosos e bem estabelecidos e deve ella ser lida com interesse.

ERIBEN HOUEL.  
Segue

## VARIEDADE

## AMIGA DO PEITO

(Continuação)

Não se limitou a isso o trabalho de D. Custodia, que correu de casa em casa, a contar o que ouvira dizer da sua boa amiga.

A calumnia é como o tufão: — viaja com a maior celeridade; levanta tempestades de arca que soffocam a quem se deixa apuniar por ellas. A fábula engendrada por D. Custodia correu mundo e chegou aos ouvidos do Quiceroz, que ficou fulminado.

O rapaz, desovertado, e acreditando em tudo quanto ouvia, preparou a sua mãe, e sem despedir-se de pessoa alguma, tomou a passagem a bordo de um vapor e foi consolar-se em Paris.

A infeliz D. Gertrudes, d'esse dia em diante cahiu em uma especie de marasmo, muito proximo do idiotismo, sem poder attinar com a causa da sua desgraça. O seu unico leitivo era abraçar a amiga do peito, a unica pessoa que não a abandonara, porque todas as outras haviam fugido.

— Umam canallhas! exclamava D. Custodia, consolandu a sua cara amiga, miseraveis, que dizem que não te criaram mais, minha boa amiga, e porque tens um defeito repugnante, e porque engraviste um filho que tiveste de um animal! Ah! infames! E eu que os coahnehei!... Vejam só!... A d. Bernarda não olha para si que teve um namoro escandaloso com o filho lo barão... por sigaaal... Não fallemos!... A d. Chiquinha...

E por ahí decorria D. Custodia, contando a bom contar na pelle das outras amigas.

Ao cabo de quatro mezes morreu D. Gertrudes, e, segundo dizia minha mãe, de paixão; ninguém chorou mais a sua morte do que D. Custodia, que até mandou dizer uma dazia de missas por sua alma.

Por esse motivo quando algumas de nós arrastada por esse penhor natural, que temos, para fazer a critica do proximo fallava do vestido de Fabiana, ou do namoro de Cetrans, dizia minha mãe:

— Temos D. Custodia em casa? Essa unica pergunta era bastante para que nos calassemos, porque nenhuma de nós queria ser D. Custodia, E agora, para terminar, uma simples

ANEXO "I" — Artigo "A moral e a infancia II", de Justiniano de Mello e Silva publicado na 100ª edição do jornal Sete de Março.

# Sete de Março

ORGÃO DAS REFORMAS SOCIAES

REDACTOR : — JUSTINIANO DE MELLO

N U M E R O ----- 100

PARANÁ

CORITIBA (SABADO) 22 de MARÇO DE 1900

BRAZIL

## SETE DE MARÇO

### PALAVRAS E BAYONÊTAS

«A responsabilidade da situação presente e dos que a erairam e não dos que a combatiam: pertence aos que com a impavidez do patriotismo arrostaram a morte no memoravel dia 15 e áquelles que pacientemente prepararam este desfecho.»

O General Cardozo Junior, que acaba de ser desterrado para a capital federal, arrostou a morte no dia 15 de Novembro, ao lado dos seus bravos camaradas, pois a sua cabeça, dada uma contra-revolução, seria neste Estado a primeira immolada ao restabelecimento do throno restaurado.

A briosa officialidade, que prontamente adherio aos acontecimentos daquelle memoravel data, tambem incorreu nas penas mais rigorosas e terribes do codigo da monarchia, e por isto podemos dizer que ella procedeu com a impavidez do patriotismo.

Os cidadãos, que aclamaram o primeiro governador do Estado, expuzeram-se tambem ás iras do poder decahido, e se a republica não estivesse firmemente assentada no geral assentimento dos povos, talvez aquelle acto fosse ainda severamente julgado e punido.

Liberaes e conservadores, que se têm posto ao serviço do governo republicano, seriam olhados com desprezo, se ás nossas plagas aportasse a não da restauração monarchica, felizmente desarvorada.

Prepararam pacientemente o desfecho, a que os ambiciosos querem ligar uma recordação dos seus serviços, todos os brasileiros que combateram, neste ou naquella acampamento, em prol da liberdade, pela victoria do direito, pela reinvenção dos foros populares.

Quando, neste Estado, resolvia-se

a publicação do edital que prohibia innocentes *vixas á republica*,—foi um conservador quem levantou-se contra o arbitrio do governo, e jurou commetter o delicto então evitado pelos actuaes dominadores.

Apparecia nesta cidade uma folha dedicada á defeza do ideal, hoje triumphante; mas as dynastias que corrompiam os partidos, e comprimiavam as liberdades publicas, passavam incolumes, rentes com as ameias da opposição republicana.

Os desastres da colonisação, as calamidades do commercio, a praga das fusões partidarias, o absolutismo dos chefes politicos, as miserias eleitoraes, o esbanjamento dos dinheiros publicos, as vergonhas dos tribunaes, a supressão das escolas, os escandalos dos orçamentos, acordaram resistencias, tenazes e patrioticas, mas a republica não appareceu na primeira fileira dos combatentes para rechaçar os abusos.

Digam-nos aquelles, que aspiram monopolisar as vantagens do governo, quaes os golpes que lhes retalharam as carnes, quaes as derrotas que os prostraram na arena. Experimentaram alguma vez as magoas indissiveis da fé perseguida pela intolerancia, os horribes desesperos da honra, pisada pela infancia? Quantas vezes foram ao pretorio, para responder pelas opinões, que emitiam; quantos calices amargos lhes tocaram os labios nos dias da lucta, nas horas da provaça?

Quando expuseram a cabeça, quando arriscaram a fortuna, quando beberam a cicuta,—regeitando honras e posições, e desprezando promessas corruptoras? Qual, finalmente, o bem, que fizeram, os males, que evitaram,—já que appellam para a opinião, já que falam a juizes.

Quereim a responsabilidade do governo? Mas, que entendeis por essa phrase, lançada como um dardo sobre as faces dos vossos adversarios,

dos vossos concurrentes aos beneficios da politica?

Os homens sensatos, os homens prudentes não aspiram a semelhante responsabilidade. Aceitam-na, apenas, quando indigitados pela opinião, para executarem programmas conhecidos, realisaram ideias vencedoras.

Aquelles, porem, que têm uma *anatemural de energias para pretensões desmesuradas*, dos seus contrarios, não definimos seus intuitos, nem apontam o lado do horizonte, a parte da terra para onde se dirigem.

Num momento de reorganisação politica, de transformação social, de revolução economica, os homens que vigiam pela sorte dos povos, não têm uma palavra reveladora, um symbolo, ao menos, que traduza os seus anhelos e propositos.

Dae-nos o poder; a responsabilidade delle nos pertence!

Mas, não sois sinceros. Se quizesseis responder pelos vossos actos, não fugirieis dos comicios, não evitarieis o contacto da opinião pensante, não invocarieis o braço da dictadura. E' aqui, na praça publica, no meio dos governados, perto da populaça, que a vossa palavra deve ser ouvida, que a vossa presença se torna proficua.

Amaes a justiça, defendeis o direito, aspiraes á autoridade fundada na razão, moderada e prudente? Então, como consentis no desterro de uns, e na decapitação de outros?

São ou não vossos co-religionarios aquelles que estão sendo perseguidos e trucidados?

Onde o general, que desfraldou neste estado a bandeira da revolução, e fundou o primeiro governo da republica? Que é feito do precursor da ideia, hoje convertida em escudo dos vossos interesses politicos?

Quereis o governo, vasado em moldes democraticos, o poder esteia-

do no livre pronunciamento do voto? Não falaeis serio. Vós sois apenas cinco, e o vosso partido compõe-se ou compunha-se de mais de vinte cidadãos, unidos, declarados, oppostos ás velleidades de predomínio affixadas por uma minoria rebelde.

Pretendeis a união, o congressamento de todos os paranaenses?

Mas quem vos deu o direito de governa-los, de submettê-los ao vosso mando?

A pequena, mas valente e aguerrida patrulha, que organisastes, vos renega; os que com a impavidez do patriotismo, arrostaram a morte, na memoravel data, não vos querem tolerar.

Entretanto, aos autores do manifesto ainda é possível a escolha entre as *palavras*, que lhes damos de graça, e as bayonetas, que lhes custarão caro.

—«»\*«»—

## EDUCAÇÃO

### A moral e a infancia

#### II

O paer da pedagogia moderna, conhecendo o valor da objecção que se oppõe ao plano da educação moral, como obra exclusiva da familia ou do mestre,—quiz, levado pelo pendor do proprio espirito, resolver todas as questões com os dados e recursos da natureza.

Não ministrar noções moraes, ou evitar o contagio do mal exterior, cultivar a abstenção,—eis a formula compendiosa pela qual Rousseau se confessa impotente para dirimir tão interessante e tormentosa questão. Entretanto, não è temerario affirmar que as facultades affectivas do nosso ser são tão capazes de inspiração como as potencias creadoras que residem no entendimento. Acostumam,

## Sete de Março

mos a preservar, a traçar regras quasi sempre superfluas; mas esquecemos essa substancia fecunda que forma, para assim dizer, o coração do espirito.

Mme. Necker de Saussure nota que nós suprimos pelos preceitos, os sentimentos; e a nossa fria educação reduz-se à arte de impedir. O escriptor allemão J. P. Richter, quasi nos mesmos termos, observa que só se deram recompensas para a abstenção, como se no mundo houvesse demasiada energia. Os castigos, accrescenta elle, não faltam para imprimir o temor de fazer o mal; mas onde está o ensino, onde estão as recompensas para a iniciativa e a coragem?

Com palavras é que as recompensas. Entretanto, um braço quebrado cura-se mais depressa do que a vontade reduzida a pedaços. Assim é, e o mal está tanto na familia quanto na escola: uma inflige o castigo, para que não se faça; a outra multiplica os tormentos porque se fez; e para que não se faça mais. Tambem os premios e as recompensas reflectem o absurdo do systema: fructas e golosinas servem para indemnisar o esforço supremo do qual depende uma certa acção; livros e estampas, são para o mestre como effluvia de um anno de bom comportamento, de nutridas contensões de espirito e notaveis progressos intellectuales.

A inspiração do sentimento, que forma o caracter, como o vên da imaginação realisa as obras eminentes da poesia e da esculptura, demanda liberdade e acção, espaço e perspectivas attraentes. Que fazer, para fomentar a produção do caracter, e impedir que este se torne como uma flor rara numa floresta de arbustos vulgares? Na infancia, quasi nada, porque a mobilidade é a condição mesma da vida moral, e ninguém se abalançaria, sem correr o risco de fazer um hypocrita, a mudar as impressões fugazes e immoderadas da criança num sentimento profundo de dignidade pessoal.

Em falando do caracter, não pode-se omitir alguma reflexão de La Bruyère: « O caracter da infancia parece unico, diz elle; os costumes dessa idade são bastante iguaes, e a differença respectiva só pode ser percebida mediante o auxilio de curiosa attenção. Augmenta uma tal differença com os progressos da razão, e que com esta crescem as paixões e os vicios, os quaes tornam os homens dissemelhantes entre si e reciproca-

mente contrarios. » Ha, porem, diversidade visivel nas inclinações das crianças, e a docilidade ou a obstinação, o amor aos prazeres solitarios, ou o instincto de sociabilidade, brotam muito cedo e deixam-se facilmente surprender por uma attenta observação. Ah! nada se supprime ou substitue por meio da educação. Empreender addir ao genio natural de cada menção um outro intelectualmente diverso, é pena inutil, como justamente considera Locke.

Se pudessemos educar a autoridade dos paes e dos mestres, se pudessemos evitar os erros da educação, erros que resultam antes de uma desigualdade do caracter, do que de falsas apreciações e maos raciocinios, veriamos aplanar-se a estrada que conduz aos monumentos e maravilhas da sciencia pedagogica. Quanto a nós, os males da sociedade civil, não resistem tanto na liberdade mal entendida, quanto na autoridade mal exercida. Uma autoridade previdente e sabia, uma justiça inequivoca, uma integridade limpida, uma probidade austera, são como um sol que preside: a marcha e harmonia do systema moral, e força-se as consciencias, ainda as mais turvas, a receber os jórros e beneficios da luz e do calor, que dignificam a especie.

Se não podemos manter em torno da criança a autoridade (do exemplo, tornemos a nossa autoridade bastante exemplar, para que a educação tenha um tribunal inappellavel, e a moral infantil uma providencia perenne. Que essa autoridade seja branda, mas indiscutivel. A razão do homem, emancipada do jugo da lei paterna, dobra-se ás injunções da dôr, ou ajoelha diante de um idolo, inclina-se em face de um dogma, de um poder invisivel, imaginario, que ella reflecte. O menino não fabrica os deuses que deve adorar. Do exterior, é que elle recebe as impressões que o educam, que intellectualmente o desenvolvem. Os clarões da consciencia, são na alma infantil como traços radiantes da phisonomia paterna. Os dous polos da vida moral, a felicidade e a desgraça, apparecem-lhe ora na severidade rispida e sombria do seu progenitor, ora, nas puras e suaves caricias da ternura maternal.

Dissomos: o caracter é filho da inspiração, e a inspiração escapa ao império das regras, e surge inopinada, como nas noites hyperboreas, o phenomeno da luz polar. Educar o caracter é um contra-senso: o caracter não se constroee lentamente como um palacio, como uma edificação notavel. É

facil dizer: tende caracter! Ah! é mais nos difficil formar poetas e oradores, estadistas e diplomatas.

Está visto que não nos referimos a esses caracteres brillantes, que atraem todas as vistas, como planaes no meio das trevas da ignorancia social. São metaes luzentes, que devem o brilho ao polimento, mas que se fundem á primeira chamma da adversidade. A educação pode muito a respeito desses productos facticios. A commedia humana não prescinde de actores consummados, que entretêm, em torno de si, um murmuro de parva admiração, mas que conceitam o sorriso ironico do sabio. Os caracteres reaes, porém, são meteoros que inundam por instantes de claridade a consciencia social, e desaparecem sem deixar historia, porque não tiveram entusiastas e biographos.

O caracter, retrata o maior gráo imaginavel de belleza moral. Vencedor ou vencido, elle não rejubila-se, nem acobarda-se. A lucta não é para o caracter uma ceifa de successos, nem uma viagem de experiencia: é sim, uma medicina, em que é força utilizar os venenos, mas em proveito da saude, em detrimento da morte. A vontade ahí se ostenta como um ser que não está sujeito á lei da degenerescencia nem das metamorphoses. É um eu, que imita a profundeza e a immutabilidade do espaço, percorrido em tolos os sentidos pelas torrentes electricas, sulcado pelas chammas, illuminado pelas constellações, mas imponente e magestoso como a epopéa do destino e o hymno sonoro da criação.

Se não podemos produzir o caracter, é facil, entretanto, impedir os progressos do servilismo, e tornar a baixaza odiada e repugnante. Onde a miseria d'alma fôr tida como uma lepra, como uma molestia verecunda, a dignidade pessoal se apurará, e a virtude recrutará ardentes sectarios. Basta para tanto que algumas almas eleitas emboquem a tuba, que uns poucos se sacrifiquem, que o apostolo appareça. Como os pharões que accessos nos portos, são de um grande socorro para os navios que perderam a rota, um homem de bem em qualquer cidade batida pela tempestade é de um grande auxilio para os seus concidadãos:—são palavras de Epicteto. Mas se alguma cousa nos pode preservar da invasão das epidemias moraes, ella deve ser o trabalho, o trabalho independente e sabio, este que a necessidade reclama, mas que tambem a moral aconselha, como um balsamo para as chagas incuraveis, e um cordial nas syncopes do espirito

O autor do *Cosmos*, preconisa com a elevação dos sentimentos, caracteristica das suas narrações, o poder calmante da natureza, quando a alma è agitada em suas profundezas. Se em meio de uma vida agitada, diz elle, um homem de Estado conserva no coração, em prova ás paixões politicas, vivo gosto pela natureza e amor a solidão, a origem desses sentimentos depára-se nas profundezas de um grande e nobre caracter. Provam a verdade de dessa asserção os escriptos de Cicero.»

O grande homem podia attribuir ao trabalho os mesmos effeitos, e as mesmas propriedades salutiferas.

«Aquillo que perpetuamente cresce e desenvolve-se, o que não tem vida senão por uma continua mudança de forma e de movimento interior, como definia o physiologista Carus a natureza,— não offereceu aos antigos, segundo attesta Schiller, o mesmo gráo de deleite intellectual e de interesse de coração. Entretanto, o trabalho é o anodino de que todas as dores podem prover-se, porque tambem está ao alcance dos caracteres mais oppositos, e das culturas mais desiguaes.»

Justiniano de Mello.

## CONFERENCIA

**Da Castração dos cavallos novos.— Do exercicio como o meio de melhoramento.— Considerações á este respeito.—**

A castração, é, pois, não só um beneficio para a criação, como um poderoso meio de melhoramento. Nada existe que prejudique tanto a industria cavallar, como o numero infinito de cavallos cheios de vicios, sem qualidades, e que envenenam a produção do cavallo francez. Desde longo tempo este pensamento preoccupa a administração; procura-se remediar o mal, e mesmo leis foram já propostas á respeito; mas nada decidiu-se porque ellas baseavam-se na prohibição; este regimen, que era ou podia ser empregado antes de 1789, não convém mais agora com a constituição franceza. Não seria todavia possivel vencer a difficuldade de chegar a um mesmo fim, por um outro meio, o de um imposto, por exemplo? Eu citarei algumas paginas de uma memoria por mim apresentada ao Governo em 1845 e nellas está o resumo do assumpto, de que hoje nos occupamos.

*Projecto de lei contra os cavallos inteiros.*

Desde longo tempo é esperada uma lei contra os cavallos inteiros; todos os praticos a reclamam; um grande numero de conselhos geraes, de sociedades agricolas e veterinarias, de escriptores hippicos e de administradores têm proclamado a necessidade

ANEXO "J" – Artigo "O ensino e os systemas de divisão escolar", de Justiniano de Mello e Silva publicado na 104ª edição do jornal Sete de Março.

# Sete de Março

ÓRGÃO DAS REFORMAS SOCIAES

REDACTOR : JUSTINIANO DE MELLO

Terceiro Anno

NUMERO ----- 104

PARANÁ

CORRIDA (SABADO) 25 de ABRIL DE 1890

BRAZIL

## SETE DE MARÇO

### A IDÉA VENCEDORA

A idéa de plebiscito vai ganhando terreno por toda a parte, conquistando applausos por todos os Estados, que a tem propagado com verdadeiro entusiasmo.

A imprensa tem chamado a si a discussão d'este assumpto, demonstrando em sua maioria a necessidade de entrarmos quanto antes no regimen ordinario. O povo acompanha-a com patriotismo, tendo dado a sua opinião a respeito muitos homens importantes pelo seu saber e posição e que são francamente pelo plebiscito.

No norte da Republica, especialmente nos estados do Pará e Ceará, o povo e a imprensa manifestaram-se pela idéa, de um modo decisivo, fazendo meetings e fillando a alma popular e os delegados do governo.

Rio Grande do Norte e Pernambuco são pelo plebiscito, assim como a Bahia e Espirito-Santo, fallando a imprensa e os directores politicos que sustentam a idéa.

S. Paulo, que caminha na vanguarda dos Estados da Federação Brasileira, já se pronunciou cabalmente pela sua imprensa e pelo povo.

O *Correio Paulistano*, que teve a idéa em novembro, quando ainda não pensavamos na possibilidade d'ella, porque outros assumptos mais urgentes preoccupavam a administração do Estado, tem feito ultimamente uma brillante propaganda, fazendo consultas a homens prominentes, que lhe responderam pelo plebiscito, ou entã pelo decreto, que já conta

votos contra 83, alcançando a Constituinte apenas 12, o que quer dizer que o pensamento geral é pelo plebiscito.

A imprensa mineira secundou a paulistana propondo e advogando tambem a idéa de plebiscito, tornando a vencedora por todo o Estado.

Do Rio de Janeiro e Santa Catharina ha opiniões esparsas, havendo, segundo informações, maioria n'este Estado pela idéa.

No Paraná ha poucas demonstrações e o Rio Grande do Sul acaba de pronunciar-se, pelo orgão do governo e dos chefes republicanos que o cercam, sobre o assumpto.

Accoitam o plebiscito ou a decretação da constituição, pedindo apenas ampla discussão, o que todos desejamos. E' certo que elles não são muito claros; mas, pelas suas primeiras phrases, vê-se que accoitam o plebiscito.

D'este modo, parece-nos que o plebiscito é um facto consummado e que, em sendo aresentado ao governo o projecto de constituição da comissão nomeada, o ministerio publicará o seu pensamento, para que a discussão se faça largamente e os trabalhos eicitoraes tenham começo, de accordo com a resolução tomada.

Não ha hoje quem pense mais com sinceridade na Constituinte, que desapparece diante da idéa vencedora grandiosa do plebiscito, que fará com que o paiz saia do estado anormal em que se acha, o mais cedo possível. Para este fim o patriotismo ordena que nos liguemos todos, para que a nação possa ficar constituida quanto antes pela nação.

A Constituinte viria perturbar tudo, atrasando a organização definitiva do paiz, que não pôde nem deve ficar á mercê de meia dúzia de sebastianistas que se embalam ainda na

louca esperança de restauração da monarchia ou dos homens que com ella desapareceram para sempre.

(Diario de Noticias)

—(S)—

## PEDAGOGIA

### O ENSINO E OS SYSTEMAS DE DIVISÃO ESCOLAR

Dizer que o ensino deve ser *attractivo*, é repetir o que todo mundo sabe. Os pedagogistas, por esta razão talvez, não nos dizem em que consiste semelhante *attractividade*. E' justo confundir a escola com o ensino, pois onde aquella é acanhada e sor-tida, escura e mal arçada, os estudos não podem ser agradaveis. Mas, acontece tambem que a escola realisa nas suas proporções e accommodamentos, o ideal d'arte, sem que a instrução deixe de ser repugnante. Distinguamos, entretanto, o ensino da escola, isto é, consideremo-la como a alma que vivifica as lições do mestre, como o prazer, de algum modo impessoal, que transborda desse conjunto de forças e systemas que põe em contribuição a pedagogia didactica.

Por mais que se sustente o contrario, as li-ttras são desprovidas de encanto para os meninos. Emmolduram-nas embora em tudo quanto a arte pode offerecer de attraente á vista, o esforço, o trabalho, não podem ser dispensados totalmente. A criança olha com interesse aquillo que por qualquer maneira a impressiona; mas, nesta primeira impressão á contença de espirito necessaria para sorver o conhecimento, vai consideravel intervallo, que só pode ser enchido pela fadiga.

Se fosse possível deixar ao menino a cultura das suas proprias impressões, se deante de uma imagem, de

um quadro, que elle observa com prazer, fosse-lhe permitido devasar as noções e os factos que se travam com semelhante representação, o ensino iria por si mesmo, desamparado da sciencia do preceptor e expungido de tantos dissabores que fatalmente de-vem inquina-lo.

Mas esse ideal é intangivel. Enquanto a vontade infantil não se reveste de bastante consistencia, só se poderá contar com a curiosidade natural para dirigi-la com prudencia. Esta curiosidade, a principio, não é *amor do saber*. Em vez de ser analytical, ella é synthetica; prende-se á forma, e rejeita a substancia; adhere ao objecto, e despressa as propriedades; observa, mas não compara; move-se, mas não caminha.

Convem aproveitar a *curiosidade*, innata nas crianças: é o que está a dizer sempre uma superficial sciencia pedagogica. Mas, onde é que se viu, propôr-se um menino de sete annos a leitura de uma carta de *abc*? Elle repetirá, comvoco, a principio de boa vontade, as letras do alphabeto, e como vós percorrerá machinalmente toda a serie. Pensaes que a forma dos caracteres se grava desde logo na sua memoria? A criança estuda apenas a posição respectiva das letras: é isto que particularmente o impressiona. Só mais tarde, pela repetição, é que essa forma se destaca, a principio confusa, depois menos obscura, até tornar-se perfeitamente nitida.

O mestre designa as letras, e o menino mede as distancias. Mais tarde, as distancias vão sendo mentalmente eliminadas: ficam as figuras; finalmente os caracteres vêm pouco a pouco responder ao echo que a enunciação provocara de balde no espirito da criança.

A psychologia, que fazemos, da mentalidade infantil, seria escusada,

## Sete de Março

se a observação commum não fosse constantemente apanhada em descuido.

A curiosidade do menino cabe a parte minima no ensino real, isto é, no lyrocinio da escola. E' instincto aquelle que pode ser perfeitamente aproveitado nos exercicios de intuição; mas o professor não deve contar com elle na transmissão dos primeiros rudimentos da leitura e da escripta. Aqui, é imprescindível fortalecer o habito; mas, se este habito se forma a contra-gosto, de um modo violento, conta que tenhas estado na criança o gosto pelas letras. O menino aprenderá a olhar para o livro; mas não aprenderá senão por milagre do tempo e da imitação.

O ensino será attractivo, isto é, não causará invencivel repulção, se o preceptor não tornar fatigantes os primeiros exercicios, e proceder com a maior cautela de modo a evitar o cansaço nos discipulos. O problema da *attractividade* do ensino, reside antes na abstenção, do que numa forte iniciativa. E' imprescindível a paciencia para esperar os primeiros progressos. Enquanto o habito estiver hesitante, empenhao-vos para que a escola não seja um lugar de penitencia. Em vez de permanecer e lucrar as duas ou tres longas horas, sentado, e com os olhos fitos no livro, fazei que elle espaiçea e descanse.

Bani todo constrangimento, que não for essencial á ordem dos trabalhos escolares.

Haverá sempre fadiga nesses primeiros ensaios; pois, o espirito, á semelhança do corpo, não se agita sem fazer alguma despeza. Mas não é a fadiga que provoca o desgosto, que gera o aborrecimento: é, sim, o obstaculo que se interpõe entre a solicitação natural e o dever abstracto.

Justiniano de Mello.

## CONFRENCIA

### DO EXERCICIO

O capitão Skinner nos diz que o potro arabe, desde o dia immediato á seo nascimento, acompanha sua mãe sem parecer soffrer cousa alguma. Não é extraordinario que estes animaes resistam tanto á fadiga, pois que desde a mais tenra idade elles fazem marchas penosas. «Estas pobres creaturas, diz elle, percorrem as mais das vezes 35 milhas por dia sobre os mais intransitaveis caminhos.»

E' pois um prejuizo funesto e muito espalhado, não fazer trabalharem os cavallos desde muito novos principalmente os cavallos de sangue cheios de energia. Sem ir procurar exemplos longe, podemos vér em França, no meio de nós, que as raças de cavallos mais apreciadas para o serviço são as que se entregam desde á infancia á um trabalho quotidiano. Todos estes cavallos concebidos em nossas provincias pelos nomes de *bidets*, os cavallos de marcha ou galopadores, os cavallos de habilidade ou de passo picado, os numerosos cavallos de trabalho são, desde muito novos ainda, empregados no serviço; desde a idade de 15 ou 18 mezes, submetta-se-os á um trabalho leve, algumas vezes pesado, comtudo, em relação de sua força e da nutrição, que lhes é diminuida. Assim, realisam a dicção—*Os bons resistem e os máos morrem*. D'este modo, porém, fica-se certo de ter bons cavallos e de aproveitá-los, pois que desde seus primeiros annos, seu trabalho paga sua nutrição e a excede, ao passo que os cavallos áto de luxo, criados sem nada fazerem, por causa de seu preço elevado, pois que receia-se fatigá-los ou viciá-los, tornam-se muitas vezes de um mediocre serviço ou mesmo desagradaveis. O exercicio forma e desenvolve o temperamento do cavallo, adoece-lhe o caracter, desenha-lhe os musculos e augmenta consideravelmente seu volume; dilata o peito, torna o olho vivaz e engrossa os membros; pela simples inspeção dos membros de

um cavallo, deve-se distinguir o que trabalha, do que não o faz, e isto não succede, como muitos pretendem pelos vicios e defeitos, mas, ao contrario, pela forma das articulações, pela espessura dos tendões, pelo desenvolvimento dos musculos na parte superior, e mesmo pela grossura dos ossos. E' uma observação geral. Senhores, que os ferradores têm todos os braços de enorme grossura, comparativamente á seo corpo, ao passo que os ourives e alfaiates tem os braços fracos e delicados. Os dançarinos que começam sua aprendizagem desde a idade de 5 ou 6 annos, têm todos pés fortes e pernas robustas.

Todas as partes do corpo tomam um desenvolvimento proporcional ao exercicio que fazem, porque os principios vitales ahí circulam com mais intensidade. O exercicio desenvolve o appetite, obsta ás congestões pulmonares, e abdominaes, que figuram em numero de metade nas molestias

dos cavallos, sobretudo quando sua nutrição é muito abundante e subestancial.

E depois, o destino, a missão do cavallo é caminhar, caminhar com um freio, caminhar em condições particulares, de modo mais ou menos rapido, mas sempre especial á um fim determinado. Não se pode, pois, de repente sujeitar á isso os orgãos de um animal; pretender criar um cavallo sem exercicio, é o mesmo que pretender criar um musico sem ensinar-lhe a escalla; é querer formar um dançarino sem ensinar-lhe a abairar o peito do pé e estender a curva da perna. O cavallo criado sem exercicio será talvez nutrido de duas maneiras; se elle é mal nutrido elle ficará doente, colerico e sem energia; mas ao menos poder-se ha obter um bom temperamento; ao passo que se elle fór bem nutrido, seo corpo ficará grosso e corpulento á custa dos membros, que facilmente se arruinam sob o peso d'esta massa.

Uma cousa me tem admirado na Inglaterra; é o contraste que existe entre o caracter geral dos cavallos, não sob a relação do genero e da raça, porque ha menos differença do que se suppõe entre os cavallos d'este paiz e os do nosso, mas sob a relação da individualidade.

Assim, na Inglaterra, encontram-se cavallos com pouco ventre e membros muito fortes, resultando isto de um trabalho muito forte e quotidiano, combinado com uma nutrição substancial e tonica.

Em França encontram-se grandes ventres e corpos massivos montados sobre fusos, resultado da ociosidade e de uma nutrição lymphatica, e molle. A grande arte do ensino de cavallos para as corridas não é estabelecida sobre outro systema que não seja o do exercicio e o de uma bella nutrição. *Air, exercise and food* como dizem os inglezes.

Um dos maiores obstaculos ao melhoramento do cavallo em França e para o emprego do cavallo ligeiro, é o pensamento de que não se pode fazer trabalhar os cavallos de sangue, antes de idade de 4 ou cinco annos, ao passo que as raças de trabalho começam a exercitar-se desde a idade de 15 ou 18 mezes. E' isto um grande erro; ao contrario quanto mais vigor e energia têm os cavallos, quanto mais cedo se os deve por ao trabalho. E' certo que elles requerem mais precauções do que os cavallos lymphaticos e molles; é necessario que elles sejam tratados com doçura

e intelligencia, e a preguiça dos criadores se arranja melhor com a obediencia indolente de um cavallo de sangue. E' uma das causas que tornam tão dispendiosa a criação do cavallo de luxo, e que fazem com que, apesar de todas as animações e instruções possiveis, tal criação faça tão poucos progressos em França. Para resumir, diremos que o cavallo de meio sangue deve ser empregado em todos os trabalhos peçados, em seus primeiros annos, que este é o unico meio de ao mesmo tempo dar-lhe um bom temperamento, ensiná-lo e sem fadiga, torná-lo doce, commo, amigo do homem, dar-lhe as qualidades que elle deve ter, e tambem de o criar sem despesas, pois que seo trabalho, desde dous até quatro ou cinco annos, deve pagar ao criador suas despesas.

Eis um extracto do Dicionario hippico que resume o que eu tenho dito nesta lição sobre o exercicio.

«Pelo exercicio de uma parte do corpo se faz á ella affluir o sangue, activa-se a nutrição, augmenta-se a força e torna-se mais habil á mover-se. O trabalho augmenta, com o poder dos orgãos, de que o animal torna-se mais destro á servir-se, por effeito do habito. Os animaes, sendo-novos, fazem muito serviço, têm o peito amplo, a respiração extensa e facil, os musculos desenvolvidos e fortes, as articulações dos membros flexiveis, susceptiveis de ter movimentos prolongados e variados; elles podem, durante longo tempo, sustentar uma marcha agradável e rapida. A transmissão, pela geração, das aptidões adquiridas, é indubitavel.»

Terminarei esta lição por um artigo de meo tratado do exterior do cavallo, obra ainda inedita.

Uma curiosa observação é o aspecto que dá ao animal o habito de um trabalho qualquer, aspecto que se transmite e acrescenta de geração em geração, acabando por indentificar-se com a raça e dar-lhe um cunho especial.

Assim, examinemos antes de tudo o cavallo arabe, pois que é necessario começar sempre por elle; consideremol-o em seo peso natural, desembaraçado de arreios e obstaculos; não é elle o cavallo de sella por excellencia? Como o corcel de Mahomet, não está elle sempre á espera de seo cavalleiro? Suas posições, suas direcções articulares, tudo é regular; elle está prompto para par-

ANEXO "K" – Artigo "Systema individual", de Justiniano de Mello e Silva publicado na 105ª edição do jornal Sete de Março.

# Sete de Março

ORGÃO DAS REFORMAS SOCIAES

REDACTOR : JUSTINIANO DE MELLO

Terceiro Anno

NUMERO 105

PARANÁ

CORITIBA (SABBADO) 3 de MAIO DE 1890

BRAZIL

## SETE DE MARÇO

### ESPADA NA BAINHA

Aquelles que fizeram a revolução, e baniram a monarchia, embainharam desde logo a espada para que a nação se considerasse senhora dos seus destinos. Recolhendo-se aos seus quartéis, os soldados deixaram que o povo proclamasse a republica, e ouviram, attonitos, o estrepito das palmas que saudavam o alvorecer da era nova.

Começaram as adhesões, e com ellas essa chuva impertinente de pretenções e supplicas, de humilhações e cobaiças, que ainda não cessou, por desgraça dos antigos republicanos, abrigados sob o tecto da dictadura, mas ilhados pelo immenso lago da baixza humana.

Os velhos partidos hypothecaram ao novo regimen a *lealdade* com que se mascararam no serviço do throno; mas foram repellidos com dureza, e, afinal, organisam-se, arregimentam-se, para conquistar pela força, o que não obtiveram pela manha.

Mas, ao exercito pouco importa que governem uns ou que governem outros. Elle occupa as mesmas posições de onde sahio para rechaçar o inimigo dos seus foros, e se hontem ganhou uma victoria em prol das liberdades publicas, amanhã assestará os seus canhões contra a anarchia ou contra o despotismo.

Os partidos podem francamente disputar a primazia, quebrar lanças e chocar escudos, em todas as arenas á luz de um ideal, ou á sombra de uma perfidia. O soldado foi chamado para derrocar um throno, que era um symbolo de paz e de união; mas a bandeira que elle jurou depôr immaculada e triumphante no altar da patria, é ainda a unidade soberana

do dever civico pairando sobre as divisões e antagonismos das facções inquietas.

Mas, o exercito tambem se propõe a realisação de uma politica, e esta se manifesta todos os dias por factos precisos. As administrações militares não são prudentes, judiciosas, conciliadoras. Em S. Catharina opera-se rapidamente a fuzão dos antigos partidos, e a tolerancia, mais perfeita, tende a apagar dissentimentos funestos.

Em Pernambuco, a população manifesta-se unanime pela permanencia de um governador militar, que se mostrou attento, devotado aos interesses de uma importante zona do paiz.

Mas, ahi, levanta-se uma minoria, um grupo de partidarios ardentes, que protesta, que se irrita contra a lealdade do governo, e refuga a conciliação de elementos favoraveis á republica.

No Rio-Grande do Sul, o visconde de Pelotas não pode sustentar-se na posição culminante, a que foi elevado pela onda revolucionaria.

O velho e brioso general, que se redourou de glorias nos campos de batalha, não poude conter os impetos e sopear a opposição, que o lançou para fora de toda influencia official.

No Ceará reina a paz, e o progresso não recua, antes se desdobra em luminoso curso. E' um soldado que preside aos destinos daquelle povo activo; e mais uma vez a espada, que não se banhou no sangue dos cidadãos, para fundar a liberdade, firma o direito sobre a harmonia de todas as classes, interesses, crenças e opiniões.

Na capital da republica, são presos individuos temerarios que affixam nas esquinas das ruas proclamações incendiarias. A commissão militar, condemna os imprudentes; mas é um

soldado ainda que perdôa, e restabelece a confiança no povo pela magnanimidade no poder.

Os Estados da União vão perdendo, um a um, os governadores que representam a inspiração do exercito. Quem os substitue? Cidadãos, talvez muito habilitados, muito dignos, mas que symbolisam as tendencias, as paixões e os preconceitos de uma grey pouco numerosa e experiente, mas que aspira, se não exerce, uma influencia exclusiva no governo da republica.

Comminam-se deportações, mas se a policia estende os effeitos dessa perigosa medida aos entes mais inoffensivos; se os ministros deixam ou toleram que republicanos persigam e atormentem republicanos; ninguém ainda descreo da justiça que rebrilha no mais alto posto da hierarchia militar e civil, egide tutelar dos direitos e da liberdade do povo.

Quem contestará que o partido republicano, appellidado historico, impopularisa-se cada dia, ao passo que o exercito levanta-se progressivamente na opinião do paiz, cansado dos abusos da administração, e golpeado cruelmente pela intolerancia partidaria?

Outrora, sob o regimen decahido, os partidos muito disputaram, mas mostraram-se impolentes para sustentar a corrente marulhosa da corrupção, e assegurar a felicidade publica.

O exercito, assistio immovel, ao desmoronamento do character nacional, até que bateo a hora dos grandes reivindicções, e da justiça popular. Foi elle, que conservou-se forte, incorruptivel, em meio da fraqueza e da degradação de todas as classes.

Hoje o spectaculo lamentavel e repugnante se renova, emquanto o soldado, contido pela disciplina, não pode vir em auxilio á sociedade, que

reclama protecção, contra as violencias da autoridade, e pede remedio, contra o destallecimento da dignidade civica.

Debalde querem os imprevidentes restringir, senão annullar de todo a influencia da classe militar, que triumphará nas urnas, pelo voto livre da opinião. Nós somos, e declaramos bem alto, pela permanencia do soldado glorioso que fundou a republica, na mais alta magistratura da republica. Queremos ser aliados daquelles, que dispoem da força, não opprimem e perseguem; antes são o unico obstaculo ao desvairamento de facciosas minorias, e a derradeira esperança desta patria, que só se tornará grande, livre e feliz, quando a *espada puder ser empunhada por todos os brasileiros como o foi, dignamente, pelos heróes de 15 de Novembro*.

Emquanto o gladio heroico permanece na bainha, funciona o azorrague dos pusillanimes.

## PEDAGOGIA

### SYSTEMA INDIVIDUAL

O ensino na familia, identifica de tal modo a criança com o preceptor, que nenhum systema de divisão escolar faz-se indispensavel. O mestre transmite directamente aos poucos alumnos, que instrue, os conhecimentos precisos, ou, simultaneamente, se o grão de adiantamento, não varia, ou, individualmente, se as intelligencias apresentam entre si desigualdades de cultura. Nenhum systema mais conveniente do que este; pois põe o educando em contacto immediato com o mestre; facilita e constatação dos progressos escolares, e aproveita todas as energias da direcção. Na aula, entretanto, onde se reúnem vinte ou mais alum-

## Sete de Março

nos, esse systema entreceria a marcha geral do ensino; porquanto, devendo a attenção do professor distribuir-se por tantos individuos, falleria a acção simultanea imprescindivel para fortificar a disciplina, e manter a inalterabilidade do conjuncto.

Numa das suas conferencias pedagogicas, Jeannot insiste sobre a conveniencia de não ultrapassar de cincoenta o numero de meninos dados a cada escola. De outro modo, pensa elle, o preceptor não poderá seguir com tanta assiduidade os trabalhos dos alumnos. Não só o ensino mingua em resultado, como o exercicio pode resentir-se do excesso de applicação: assim, será preciso aggregar um adjuncto á escola, sempre que aquella unidade tiver de ser excedida.

Quanto a nós, o mal das aulas muito nopolosas está na impossibilidade de exercer o professor, directamente para cada discipulo, ou subdivisão de classe, a influencia salutar que resulta dessa approximação.

A disciplina relaxa-se, e o professor tem de recorrer aos pulmões, ou a força dos castigos, para impôr a ordem indispensavel á regularidade dos trabalhos. Como as democracias turbulentas demandam um governo forte, as escolas muito frequentadas requerem uma fiscalisação activa, uma direcção energica. Mas o tempo applicado em detoriar os ramos muito ambiciosos da anarchia, è perdido totalmente para a instrução. Os meninos resgatam-se da afflicção imposta á sua lagarellice, à sua motilidade, deslisando ao sabor da propria preguiça. Não estudam, o o instinto diz-lhes que estão no seu direito.

Justiniano de Mello.

## CONFERENCIA

## DO EXERCICIO

O cavallo barbaro é ainda o cavallo de sella, o cavallo de serviço muitas vezes exagerado: não è mais o companheiro, é o servo; sua cabeça, à força de ter sido levantada até a perpendicular, torna-se longa e curva; seus jarretes à força de ser trabalhados, são fechados e dobrados; suas ancas são muito inclinadas, e seu dorso, carregado de pesados far-

dos, se têm ligeiramente abaixado. Também é elle o cavallo das rudes fadigas, dos dias sem descanso e das noites sem sonno, o typo eterno do verdadeiro cavallo de guerra. Além disso o barbaro é o espanhol, seus congêneres, ficam em repouso, na posição do cavallo de manejo em acção, são cerrados, saltos e rincha dores.

O cavallo inglez de corrida tem o pescoço direito, o peito profundo, como todos os animaes corredores, como a lebre, a gazella, etc., tem ancas fortes e uma cabeça que corta o ar: è feito como a floresta, cuja rapidez elle possui; desde o focinho até a cauda, não vos parece que está elle sempre prompto a partir para a corrida? Pode-se-lhes dar, uma outra arena, que não seja o hypodromo? Mesmo em descanso, não parece elle estar correndo, e se não vós não será porque lhe faltam azas? O cavallo de carro allemão é a tiragem do luxo simbolizada: seu largo peito parece sempre cercado de peitoraes; e sua cabeça forte, e curva, è formada para sobresalir com orgulho sob a brida. Elle parece escutar sempre o ruido das rodas, que o seguem; vindo-se um cavallo allemão em descanso ou em movimento, è impossivel não imaginar-se um carro atraz delle, com os arrieiros movediços e um magestoso cocheiro.

O cavallo cossaco com a crina selvagem, a cabeça forte, o dorso ensilhado, os jarretes fechados, e o peito profundo, lembra involuntariamente a vida aventureira, cheia de privações, de perigos, e de trabalhos em que elle vive acompanhando os senhores: tem o ventre de uma forniça, como diz o proverbio porque elle deve supportar a fome; tem o pello cumprido, porque tem de resistir ao frio; tem os pés largos porque tem de andar em pantanos e lamaças; possui o ouvido attento, para escutar a voz do inimigo ou o grito do lobo; è feio, porque não deve seduzir nem o rico, nem o poderoso, è rapido e seguro, porque em si encerra-se a vida, a gloria e a fortuna de seu possuidor.

Finalmente o cavallo de trabalho, por sua cabeça forte, seu pescoço cheio, a pouca inclinação de seus raios articulares, sua anca rebatida e seus jarretes inteiros é a viva imagem do cavallo na acção da tiragem de força. Tomae um cavallo de uma conformação regular; fazei-o puchar um peso grande; observa e a posição de seus membros, o jugo de seus músculos, seu aspecto geral emfim, e te-

reis a conformação do cavallo de trabalho em descanso.

Tal é o cunho, profundo impresso pela acção hereditaria em todos as raças de trabalho, que o potro, nascendo, traz no moral as predisposições necessarias ao serviço à que tem seus paes se dado, e no phisico os habitos do corpo mais proprios a realis-os. Um olho exercitado descobrirá no cavallo novo não só a hereditariedade laboriosa ou a inercia, mas ainda o genero de trabalho à que è elle destinado.

Examinemos agora, como reverso, o effeito da inercia nas raças cavallares: tomemos, ao principio o cavallo selvagem: examine-se este pescoço longo, a cabeça entregue ao vento, este pescoço falso, que parece escapar ás mãos; pode-se imaginal-o briculado? Que trabalho não seria necessario para á isso sugital-o? Seu corpo, por muito cilindrico è improprio para a sella, que cairá apezar da força das silhas; e os arrieiros de carro tão pouco não poderão, senão com grande trabalho, accomodar-se sobre sua estrutura, incapaz de supportar qualquer obstaculo. Assim, apezar do enthusiasmo dos viajantes, nada ha tão desagradavel para todos os serviços como o cavallo selvagem, que não se pode domesticar senão com grande trabalho, e muitas vezes mesmo, de sua vida inteira.

E ainda, como sabesse, o cavallo selvagem não è senão o antigo cavallo domestico abandonado nas pampas do Novo Mundo ou nas planicies barbaras do mundo antigo.

Examinemos, sobretudo, porque isto nos interessa de mais perto, estas raças em ocio, que povoam os pastos da Normandia, os campos de Navarra, e quasi todos os grandes berços das raças cavallares em França. Vede esta égoa brincando com o filho nos prados; ella jámais entregou-se á nenhum trabalho; pasta; no estio prados gordos: no inverno, entra para quentes estribarias, d'onde nunca sae, algumas vezes, mesmo effica fora o anno inteiro, no estado selvagem; dizem que è formosa demais para que trabalhe, e não obteria o premio departamental, se levasse os stigmas do serviço. Dá-se-lhe um garanhão, que tambem nada fez, pelas esmas razões, e de geração em geração forma-se assim uma raça preguiçosa de cavalos, muito bella na apparencia, mas impropria para qualquer trabalho. Elles possuem brilho, belleza, porte, elegancia, possuem a mesma conformação; com um compasso ninguem lhe poderá mostrar a menor linha, que não esteja

em seu logar, e todas as perfeições de que fallam os livros, estarão n'elles reunidas. O homem, porem, entendedor de cavallos; sente, entretanto, que lhe falta um não sei que, à vista de um bom cavallo; este lhe parece caminhar e dizer como o de Job: *Vamos!*

È principalmente pelos membros que se distinguem as especies, que trabalham, das preguiçosas; as primeiras, tem todas, relativamente á sua raça, ossos volumosos, tendões destarados, articulações fortes e bem desenlhadas, jarretos curtos e cilindricos, posições perfectas, joelhos largos, mais para frente do que para traz, ao passo que as segundas tem os membros ligeiros, molles, tenões fracos, joelhos cavados, jarretos e articulações pouco desenvolvidas e arredondadas.

È á essa causa que è devido o máo exito das tentativas feitas em França para fazer prosperar o sangue arabe. Um grande numero de criadores, mesmo entre os mais distinctos, tem ensaiado a criação d'esta raça com égoas e garanhões trazidos com grandes despesas do Oriente, o que resultou? Nada de satisfatorio, Devemos mesmo confessar-o: na Contadaria do Estado não se comprehendo sempre o exercicio como elemento indispensavel da criação; tambem as familias arabes de Pompadour e Rosieres não tem ellas correspondido sempre aos bons cultivos, ás alianças judiciosas, e aos typos preciosos, que lhes eram reservados. Aconteceo o mesmo nas contadarias da Austria, da Prussia, de Wartemberg, da Hungria: estes estabelecimentos, que se compõem quasi inteiramente de cavallos arabes, não tem adoptado o trabalho do cavallo novo como base da criação.

Ephrem Houel

Segue

—» «( )» «» —

## VARIEDADES

## Vingança de amor

—» «( )» «» —

Dizem que foi um espectáculo extraordinario, que ainda faz desabrochar um sorriso de escarneo nos labios dos homens sérios de Hespanha.

Em uma das praças de Sevilha, toda arborizada e toda cheia de ramos vigoos e de flores rubras, erguia-se um cadafalso ideal, sobre columnas de marmore e debaixo de um céu de gase cor de rosa.

Lá, nessa triste imagem do supplicio, rão risonha agora, que fazia os bellos sicarios hespanhóes largarem a guitarra suave, acompanhada dilecta do amor para esconderem-se nas montanhas recarpadas, onde os suspiros das suas almas

ANEXO "L" — Artigo "Systema simultaneo", de Justiniano de Mello e Silva publicado na 106ª edição do jornal *Sete de Março*.

**Sete de Março**

---

nos lavradores adquirir terreno por preço razoavel.

8°. Velar para que seja mantida a lei que revogou as que regulavam a locação de serviço e para fazer desaparecer as leis especiaes que dão aos grandes possuidores de terreno qualquer preferéncia injusta.

9°. Crear escolas theoricas e practicas, afim de ajudar as classes a adquirirem conhecimentos profissionais e facilitar-lhes o ensino para estudar todas as novas invenções do progresso Europeu e Americano.

10. Abolir todos os privilegios e monopolios offensivos aos direitos e prejudiciaes aos interesses da classe operaria

11. Reforçar o systema judiciario, afim de dar ao pobre a mesma justiça que ao rico, evitando as delongas a que actualmente está sujeito o accusado antes da sentença.

12. Esforçar-se, afim de regularisar e resolver a importante questão da duração e remuneração do trabalho.

Estabelecer um Tribunal, composto de membros da Classe Operaria e de industriaes, para julgar as questões suscitadas, evitando assim grêves ou outros disturbios que, alem de serem um systema barbaro para obter justiça, são altamente dispendiosos e servem somente para esbanjar os recursos economicos, que são o sangue e a vida das communhões industriaes.

Diretoria Provisoria : — R. J. Kinsmann Benjamin, presidente (artista) — Carlos Alberto de Moraes, 1.º secretario (artista) — S. Pinto Caldeira, 2.º secretario (operario).

A comissão auxiliar da mesa : — Luiz da França e Silva, presidente (artista). — Tristão Pio dos Santos (pianista). — Manuel Francisco da Trindade (typographo) — Augusto Joaquim de Araújo (operario). — Manuel José da Costa Junior (operario). — Antonio Joaquim Olin (artista).

de discipulos, classificados segundo o gráo de instrução, e especialidade estudada. O ensino, secundario e superior, emprega esse systema, cujas vantagens são obvias ; porquanto, poupando tempo e facilitando o trabalho, põe o mestre em contacto com todas as classes, sem que cada alumno soffra na sua instrução individual.

A classificação possivel entre os alumnos de uma aula, funda-se sobre dous principios: a *idade e a instrução*. Foi sobre o primeiro que Jeannot construiu o seu systema de tres divisões, assim fundamto: — Ha meninos que nada sabem, são os mais pequenos : estes formarão o primeiro curso, que é o *elementar*. Outros têm um ou dous annos mais: antes, necessitavam como os primeiros que os iniciassem no conhecimento das cousas tangiveis, concretas : agora pode-se disciplinar-lhes o espirito, acostumando-o a reflectir ; porém, distam, ainda dos adiantados : devem, pois, constituir o curso *medio*. Outros, enfim, de onze a doze annos, apresentam um desenvolvimento physico mais consideravel ; a sua intelligéncia, já penetrante, pode abrange mais cousas, são mais capazes de um trabalho assiduo : podem receber a instrução primaria completa. Formarão um terceiro curso, o *superior*.

Pouco fundada se nos afigura a classificação proposta por Jeannot, desde que é livre a matricula nas escolas brazileiras, e não se tem fixado a idade em que deve começar o curso primario.

Essa divisão calcada sobre o gráo de desenvolvimento physico, não corresponde ao gráo de instrução real de cada alumno. Uns, mais adiantados em annos, mais crescidos, são inferiores sob a relação dos conhecimentos a outros que se mostram corporalmente menos desenvolvidos.

A idade não pode ser para nós criterio sufficiente de uma classificação escolar, mas o progresso intellectual é que deve servir de base á uma divisão razoavel.

Podem ser collocados na mesma classe individuos consideravelmente desiguales sob a relação do desenvolvimento physico. Mas, convem attender principalmente na classificação, ao gráo de aproveitamento de cada alumno.

Disciplinas ha, doutrinadas na escola, que podem, e devem ser objecto de uma lição em commum. O de seinho, a geographia, o ensino objec-

tivo, ou exercicios de intuição, a historia natural e as sciencias physicas. A certa hora, previamente designada, todas as classes assistem á explicação sobre cada uma dessas materias : qualquer outra tarefa será interrompida.

O emprego do modo *simultaneo* está necessariamente subordinado á cifra da população escolar. Quando o numero de alumnos excede de cincoenta, faz-se de mister ou agrupamento, sem attenção ao gráo de adiantamento, ou multiplicar as subdivisões. No primeiro caso, o esforço do preceptor só aproveita á minoria ; no segundo, o prejuizo resulta da escassez de tempo, e da inactividade dos discipulos.

O congresso pedagogico de Paris, em 1880, considerando que importa poupar as forças do mestre, e que é necessaria a communicação directa deste com os alumnos, fixou em *cincoenta* o maximum do effectivo de cada escola. Quando a população for mais numerosa, torna-se imprescindivel o auxilio de um adjuncto.

Justiniano de Mello.

---

**CONFERENCIA**

**DO EXERCICIO**

Resulta que os productos excellentes, elegantes, cheios de sangue e de brilho, não são completos se só servem para serviços mediocres. E dahi que provem a discussão constantemente renovada entre assumidades hippicas da Allemanha, sobre o sangue arabe e o sangue inglez: si os Allemaes fizessem seos cavallos trabalhar, como succede com os dos inglezes, nada teriam os seos de invejar aos d'estes. São os inglezes os unicos, que tem comprehendido que o sangue sem trabalho nada significa va; e por isso são tambem os unicos que conservando a pureza das raças, tem-lhe conservado as qualidades, que se adquirem pelo trabalho e habito das fadigas.

Termo esta lição com este aphorismo, cuja verdade vos asseguro. O repouzo mata mais os cavallos do que a doença.

**Quarta Lição**

*Corridas nos tempos antigos e modernos. — Corridas Inglesas — Corridas em França e nas outras regiões da Europa — Ensino adequado para ellas — Premios.*

Senhores,

Uma questão primordial apresenta-se em assumpto de corridas: foram ellas desde sua origem destinadas ao melhoramento das raças? Ou o melhoramento das raças não foi senão a consequencia, sem que as tivessem por fim unico? Se fosse necessario

acreditar em muitos autores modernos, as corridas não tiveram outras causas que o aperfeioamento das especies cavallares: estamos prevenidos, porém, contra tal verso: as corridas em todos os tempos tiveram por fim principal o prazer, a necessidade de sensações vivas e poderosas e o amor do acaso e do desconhecido.

Entretanto como verificou-se que a prova das corridas era o meio mais facil e seguro de julgar do merito de um cavallo, resultou necessariamente que as corridas servissem entre todas as negócios, fallando mesmo das mais antigas, para o melhoramento das raças; era um círculo não vicioso porém feliz. Fasia-se uma corrida como divertimento, para celebrar um acontecimento triste ou favoravel, porém sempre glorioso; depois, notando-se que os melhores cavallos eram os que á melhor origem reuniam a melhor educação, o melhoramento realisou-se gradualmente, em consequencia dos cuidados com que se procuravam as melhores raças, para propagal-as e modifical-as.

Na propria Inglaterra, paiz que por tal modo aperfeioou as corridas, que parece haverem ellas ahido seu berço, e em que, tudo o que a ellas diz respeito deve ser attribuido á paciéncia e intelligéncia do povo, não se pôde precisamente dizer que as corridas não tenham outra missão, que o melhoramento equestre. Cornier a tal respeito assim se exprime:

«Não nos occupemos, pois, em procurar qual fosse a origem do estabelecimento das corridas, debaixo do ponto de vista philosophico. Os Inglezes tem por fim averiguado, com o intuito primitivo melhorar suas especies por luctas que designavam os garantões? Têm elles entrevisto immediatamente as consequencias immensas de uma semelhante instituição? Ou têm elles comprehendido, unicamente como disse Bourgelat, a necessidade de distrahirem-se por uma recreação ruidosa e energica do spleen, que os ameaça em sua humida e lymph athica patria?»

Ephrem Houel

Segue \_\_\_\_\_

**VARIÉDADE**

**Palacio dos Corações**

**CONTO DEDICADO AS CRIANÇAS**

**(Conclusão)**

**PEDAGOGIA**

**SYSTEMA SIMULTANEO**

ANEXO "M" — Artigo "Systema mutuo", de Justiniano de Mello e Silva publicado na 109ª edição do jornal Sete de Março.

# Sete de Março

ORÇÃO DAS REFORMAS SOCIAES

REDACTOR : JUSTINIANO DE MELLO

Terceiro Anno

NUMERO - - - - - 109

PARANÁ

CORITIBA (SABADO) 31 de MAIO DE 1890

BRAZIL

## SETE DE MARÇO

### OS DECRETOS

O que veio de um governo, deve ser rejeitado por outro, de modo que a continuidade não selo os actos da administração. Tal tem sido a regra neste estado, não somente no periodo transcorrido do regimen monarchico, como naquello que se abriu para os negocios publicos com a proclamação da nova forma de governo.

Até ahí não temos que oppor contestação ao systema, ou que lamentar os males delle derivados. Tocqueville notava que o mais perigoso sestro do governo norte americano, ressaltava dessa instabilidade da legislação dos estados, grave symptom no diagnostico das enfermidades sociaes, já por si de difficil medicação.

Pois nós acreditamos serem de benéfica influencia sobre a sorte das populações essas mudanças rapidas, incessantes, continuas, que denunciam a solicitude do poder publico no empenho de prover as necessidades, e melhorar a situação de todas as classes...

Quixamo-nos apenas de que as leis que regulam a distribuição e percolação do imposto permaneçam as mesmas, immoveis, inalteraveis, sem que a opinião as abale, sem que a sciencia as dilua, sem que a igualdade as assimimile, transformando-as em funcções organicas da economia social.

Lança-se o imposto sobre a renda, sobre o trabalho, sobre as transacções; sobre tudo quanto representa a actividade productiva do homem. Mas escapa à pressão de todas as combinações fiscaes, aquillo que embarça a expansão da riqueza, que impede o jogo livre das uteis iniciativas, que vicia e corrumpo o ambiente moral de uma civilisação nascente.

Emquanto a terra, como força inerte, desaproveitada, constituir o ornamento da ociosidade vaidosa,

da tradição rotineira, da indolencia egoista e privilegiada, por certo, que não teremos nem finanças equilibradas, nem prosperidade publica.

Porque o capricho governamental, que se manifesta por decretos, e accommette todos os ramos de administração; porque esse gosto de variar as situações, e percorrer novos caminhos, paralysa-se em face de algumas leguas de terreno baldio possuidas por este ou aquelle individuo, que se mostra tão proprietario como o bugre que levassa as florestas do novo mundo?

Um como terror, para nós inexplicavel, senão ridiculo, lança para longe dessa fonte de renda, os governos, alias quasi mendigos, da nossa terra. Vêem-se os caçadores do thezouro apontando armas certeiras para a industria, e á cada dessa delgada pelle que defende o trabalho contra as inclemencias da miseria.

Mas o monstro, que ahí se esboça pela vastidão dos campos, e é como a imagem da esterilidade em face de uma natureza immensamente prodigiosa. — sobreviverá a todos os regimens politicos, e zombará dos governos, pois é a preguiça mesmo dos brasileiros solidamente encrustada na imprevidencia e na toleima.

Os donatarios do territorio tornaram-se fortes, não porque trabalhasssem, mas porque faziam trabalhar o escravo. Ora, numa terra onde todos esperam o bocado, e poucos o preparam, a escravidão, sendo uma desgraça para quem a padece, é uma origem de felicidade, e mesmo uma causa de supremacia social para quem pode explorá-la. Dahi a formação dessa aristocracia balofa, composta de individuos destituídos de todas as qualidades que asseguram a primazia, e o respeito numa sociedade normal. Dahi também a lacuna que se sente e observa na constructura moral da sociedade brasileira que é impellida para o desconhecido por mão inexplerta e temeraria.

O proprietario de terrenos pôz-se na frente, e nós o seguimos.

Elle faz eleições, e os deputados perpetraram más leis; elle deixa as terras incultas, e nós morremos de fome.

O imposto, pois, será uma aspiração das classes operosas, mas que não se unem, não se arregimentam, e não dão batalha ao privilegio.

Eis porque, convencido de que os nossos protestos não desentranham da sua teimosia aquelles que nos têm até agora dirigido, falamos para o operario, para o artista, para o industrial, para o commerciante, afirmado de que em frente da liga dos grandes e ociosos se forme a confederação dos trabalhadores e pequenos.

Negue o novo partido, systematicamente, o voto a quem tem concorrido para perpetuar semelhante regimen de desigualdade, e não fizar legalmente a politica do proletario. Reclame-se do governo, sempre fértil em decretos, o que poderia restabelecer o equilibrio das finanças, e minorar o infortunio de uma classe numerosa do estado.

Convençam-se aquelles que pagam impostos de uma verdade irrecusavel: Nós valemos na vida, não pelo bem que fazemos, mas somente pelo mal que podemos fazer.

## PEDAGOGIA

### SYSTEMA MUTUO

Hoje ainda muito se preconisa este systema, que consiste em subministrar simultaneamente a um grande numero de meninos, distribuidos em decurias, dirigidas por monitores. Uma instrução commum. Os monitores são escolhidos entre os alumnos mais adiantados e mais prudentes; os grupos são formados com aquelles meninos que atingiram o mesmo gráo de habilitação, aos quaes se dá

o ensino da materia previamente designada pelo professor. Para a pratica deste systema é indispensavel um vasto local, provido de material custoso. Lencaster e Bell, que o introduziram na Inglaterra, tinham por mira dar mediante pequeno dispendio instrução a grande numero de crianças. Economisar no pessoal, e gastar mais liberalmente no material, eis a dupla tendencia desta forma de divisao escolar.

Conhecemos, por experiencia propria, as desvantagens do systema mutuo. A escolha dos monitores, por mais escrupulosa que seja, não é sempre feliz. O mestre destaca-se do alumno, para observar os grupos; mas esta observação não pode deixar de ser lacunosa, incompleta, e mesmo nulla. Os directores das decurias não tem a força moral precisa para manter na ordem obedientes á disciplina, os seus condiscipulos. Deixam-se facilmente corromper, ou distribuem, consoante as suas pequenas paixões, os premios e os castigos.

A escola transforma-se numa feira: os meninos não se applicam porque contam com a complacencia do monitor que elles sabem atrahir ao seu partido. Uma batalha de odios e ciumentos trava-se sobre os bancos; as gargalhadas de uns desafiam a cólera de outros meninos, sempre que a justiça é suplantada pelo patronato decurial. Não estuda-se, não aprende-se numa escola regida por semelhante systema, a menos que o preceptor não seja dotado de uma habilidade, de um discernimento, de uma paciencia, de uma perseverança, collocaes.

Diversas modificações foram introduzidas no systema mutuo, mas estas modificações tornaram-no menos pratico e mais intrincado. Uma grande autoridade, qual é Spurzhein, sustenta que é esse systema o menos dispendioso, e deplora que não seja mesmo adoptado para o ensino de todas as sciencias. Convem lembrar entretanto, que numa escola muito

Sete de Março

populosa não pode elle ser evitado. Distribuindo os seus alumnos em oito ou mais classes subdivididas, cada uma, em dois ou tres grupos, o professor pode intervir muitas vezes directamente, já para instruir os monitores, já para leccionar as divisões que escolher de momento.

Como o ensino é o melhor instrumento de estudo, deve-se, seja qual for o modo adoptado, exercitar os meninos adiantados na direcção da escola, mandando que elles doutrinem a materia em que possuirem algum grão de instrucção menos rudimentar.

Justiniano de Mello.

CONFERENCIA

Corridas nos tempos antigos e modernos. — Corridas Inglesas — Corridas em França e nas outras regiões da Europa — Ensino adequado para ellas — Premios.

Corridas Inglesas

«As campanhas foram nos tempos antigos e ainda nos modernos, o simbolo da superioridade e da victoria. Encontra-se este uso entre os romanos, e hoje ainda em certas regiões da Europa, e da França; os camponeses acreditam não poder apresentar seus cavallos em circumstancias sollemnes, taes como as reuniões nas villas, as distribuições de premios, e mesmo as feiras, sem os ornamentos de campanhas pontuadas nas bridas, atadas ás clinas, ou suspensas no alto da cabeça.

To-los sabe a que os cavallos de rotagem, de diligencia, e principalmente dos correios, usam ainda entre nós collieiras de campanhas.

Uma observação que à ninguém escapa, é a concordancia que existe entre as primeiras noções, que possuímos sobre a introdução do sangue oriental na Inglaterra e a instituição das corridas taes como descreveo-as Fitz Stephen. Tereis tambem notado a differença indicada por este author entre os cavallos que elle denomina hackneys e os da outra especie que elle admite ainda nas corridas, e finalmente os que elle qualifica de commons e que se retiram da liça, dando espaço aos corredores. Não seria permitido inferir que já nesta época uma especie particular parecia destinada ás corridas, e que essa especie tinha sangue oriental, em um grão mais ou menos notavel. Os cruzados como vereis, Senhores, trouxeram um grande numero de cavallos do Oriente, para a Inglaterra; conheccis já as princi-

paes coudelarias em que foram elles installados; sabeis que, os de Ricardo-Coração de Leão, foram cantados pelos poetas que celebraram seu marcialimento e velocidade.

O rei João occupou-se do melhoramento da raça cavallar, da Gran-Bretanha; elle possuia uma vasta coudelaria em que criavam-se magnificos cavallos, mas não se diz especialmente o que elle fez para as corridas; aconteceu o mesmo com Eduardo II que mandou vir da Lombardia 30 garanhões de guerra e 12 de tiragem.

Eduardo III destinou mil marcos esterlinos á compra de trinta garanhões espanhòes, raça muito estimada na idade média.

É inútil passar em revista todas as lentativas feitas pelos soberanos Ingleses para o melhoramento da raça hippica: de facto, pouco occorreu durante o régia de 500 annos, no que quiz respeito ás corridas propriamente ditas. É necessario ir-se até 1696 para encontrar a verdadeira origem das corridas modernas e a formação da raça pura. Jacques I começou a dar a instituição das corridas a regularidade e a estabilidade que lhe faltava. Segundo o author do —The Horse— as corridas regulares não existiam na Inglaterra, antes do reinado desse rei. Esta opinião é partilhada pelo author da —Historia das corridas— que assim exprime-se:

«As primeiras reuniões para as corridas tiveram lugar em Chester e em Stamford, porém ellas não tinham regras fixas e não assentavam em nenhum systema razoavel. Nenhuma especie de cavallos era excludida dessas lutas, e nellas figuravam indistinctamente cavallos de todo o genero.»

Não existiam tambem hippodromos especiaes e as corridas tinham lugar através dos campos. Eram os steeple-chases da actualidade. com todos os seus perigos, porem executados com mais barbaridade para os cavallos, porque collocavam-se de distancias pessoas munidas com chicotes, destinadas a tocar estes desgraçados animaes, quando elles davam signaes de fadiga ou resistiam á vontade de seus cavalleiros. Todavia é necessario dizer que estas lutas naquella época não eram maculadas com este furor de jogo e de fraude que actualmente ellas offerecem, e o estímullo era a gloria e não um vil interesse. Por essa discricção, um pouco exaggerada talvez, vê-se que as corridas não tinham feito nenhum progresso depois do XI seculo.

Jacques fez comprar um cavallo

arabe que foi muito censurado pelo Duque de Newcastle, de modo que a influencia desta habil escultor, prejudicou durante um seculo a introdução do sangue arabe na Inglaterra. Entretanto dous outros cavallos celebres appareceram logo: White-Turk e Hanstley Turk; foi a elles, como vio se no estudo do stud-book, que attribuiu-se principalmente a origem da raça pura.

Ephrem Houel Segue

VARIEDADE A CAMPONIA

Um dia ao passar pela aldeia vi a bella camponia encostada a porta da alegre choupana, a olhar para os montes visinhos, cobertos de uma relva verde e vigias de doer nos olhos, donde partiam os melancolicos balidos das ovelhas, compassadas, com uma monotonia commovedora, com uma tristeza de enternecer a alma.

Na sombra morna do grande beiral do telhado de colmo, onde as gallinhas, fugindo ao sol que as pões estiradas ao chão sem folego, abrigavam-se cacarejando, a bater com os bicos na terra avermelhada — pedia a gente ficar horas esquecidas, com o olhar preso a belleza dos campos, não se cansando de contemplar o mesmo quadro, eternamente lindo.

Mas não era a formozura vivificante do dia, em plena força que prendia o suave olhar da camponia na quietação feliz de quem possui a mais crystallina ventura da terra, no instante: socego das animas que não temam, esperando, sempre esperando.

O amor, o bacolico genio que cantava nos silvallos cheirosos as antigas terças pela voz dos pastores e pelo balido dos caracinhos brancos, amanhara-se no carinho, leite do coração de Rosita, a inspiradora das trovas que o lyrismo da aldeia vivia a roucoaleiar.

E foi por isso que a vi encostada à porta da alegre choupana, a olhar para os montes; ia-se aproximando a hora em que Jayme, o pastor, vinha dar de beber ao alvo rebanho, no regato que beijava o sopêdo montezinho, onde se edificara a habitação da linda camponia.

O rosto de Rosita, brilhando por entre a moldura dos seus cabellos castanhos, trazia-nos à lembrança uma dessas gravuras ideadas pelos aximos pintores da Hespanha; o seu olhar, negro como o olhar da noite, tinha o fulgor profundo que só as audaluzas deixam scintillar por entre as pupillas de fogo.

Onde nascera a camponia? Ninguém o sabia; um dia os aldeões, quando ao romper da placida aurora seguiam cantando para o trabalho, com os brancos chapéus desaparecendo por cima da loira cabeleira da plantação de milho, tinham-na visto chegar, só, com uma expressão tão triste no olhar — que lhes entrecereira: as animas rústicas e solitarias.

Ella mesma fizera a choupana, plantara o quintal, e, ao pé daste, e jardim onde erguia-se um cyprestal pequeno, talvez em lembrança de algum ente querido que lhe morrera.

Todos tremaram-lhe amizade: era tão bella e tão honrada!

O vigario, um meigo velhinho de setenta annos, foi visital-a e veio encantado de lá; o pobre velho, que tivera os seus dias de mocidade ridente, alegrava

se todo quando recebia nos seus olhos pojanos e sem brilho o olhar da mocidade, á amolhança lassas arvoradas seculares que pareciam ascindir as fallhas, humidas do orvalho, aos clarões do sol zilhriante.

Os corações dos valentes camponezes rojavam-se aos pés da bella rapariga; ella, porem, com um friazo da marmorea estatura, nem se dignava acallhol-os por um momento no berço perfumado de sua alma.

—Será uma santa que despreza a terra? pensavam os aldeões, contemplando a formosura, quasi divina do corpo angelico de Rosita.

Ah! pobres camponezes! Suberam todos a Rosita morria de amores por Jayme, o pastor, que tambem a adorava; nem podia ser de outro modo, pois Jayme formoso e intelligente, apparecia no meio d'ellas como um cravo rubro que se desabrochasse por entre trepedadeiras baucas.

O velho padre, ao descobrir esse amor sorria de contente; Jayme tinha sido creado por elle, que recebera dos braços de sua mãe moribunda.

Que bello casamento! aquellê! Seria d'um sabido, que é o dia da Virgem; elle, o velho parcho, manteria a tapestar as ruas com as flores silvestres, que dão nos campos immensos os tons suaves de opala e ouro, elle o bom velho, que na marcha fatal da idade só conservava livre das rugas o seu hospitaleiro, e caridoso coração, que palpitava-lhe dentro do ossido peito como passaro em uma invisivel caverna; elle, o bom velho uniria para todo o sempre aquelles noivos ditosos, tão frescos, tão sadios, tão cheios de vida e tão cheios de amor...

E o meigo vigario figurava-se como o destino, conduzindo duas brancas esparanças pelas mãos.

A igreja seria um verdadeiro còo abarço; mandaria ornar a altar com os paramentos novos em filha, virgens da luz do dia... E o altar, o grande altar que encerra tantas risadas alegres e tantos soluços amargos de noivos commovidos estaria, nesse dia feliz, branco de luzes e de flores...

O Christo sublime que, pregado à cruz carunchosa da velha igreja, governava todo o templo com o brando olhar que um artista de genio brillara na maderaria, talvez deixasse transparecer um sorriso satisfeito na dureza descarnada do seu rosto; talvez o sabio divino, mergulhado na monotonia entristecida dos altares, acordasse daquelle sono de paz e solidão, em que a repousava eternamente por entre os brancos cortinados do altar polvilhado de luzes...

Ah! Christo, o doce protector dos amores castos, sorria por certo, ao receber os suspiros d'aquellas animas, que se iam identificar em uma unica, alli, á seus pés.

A menina mais galante da aldeia — a Sylvia, uma moreninha de cabellos castanhos — levaria um casal de pombinhos mansos, presos n'um cesto bordado a fios de seda, para deixar que adejassem pela igreja a fora, como mensageiros de um amor eterno...

E o bom vigario adormecia sorrindo, com a alma impaciente, esperando o balido dia em que Jayme, o pastor, que elle creara, tirasse da frente da Rosita, um a um, os brancos botões de larangeira, symbolo da virgindade.

Uma noite, nas vespasas do dia de feliz enlace, acalava-se na choupana o vigario e Jayme, o pastor, a conversar com a camponia.

—Que chegara a occasião-dello contar a sua historia, dizia o padre agora

ANEXO "N" — Artigo "Systema mixto", de Justiniano de Mello e Silva publicado na 110ª edição do jornal Sete de Março.

# Sete de Março

ORGÃO DAS REFORMAS SOCIAES

REDACTOR : JUSTINIANO DE MELLO

Terceiro Anno

NUMERO ----- 110

---

PARANÁ | CORYTHA (SABADO) 7 DE JUNHO DE 1890 | BRAZIL

---

## SETE DE MARÇO

### O EMPRESTIMO

Reina o maior jubilo neste estado: dizem no telegrammas daqui expellidos para a imprensa do Rio. Já tinha mos boa fama, mesmo larga notoriedade, graças aos progressos da nossa principal industria. Hoje, cresceu essa merecida celebridade, porque, quanto, num seculo de universal tristeza, somos tidos como o mais alegre e jovial dos povos.

Distinguim-se os bretões pela sua melancolia, mesmo no seio dos prazeres; os allemães passam como tristes sonhadores, que têm o espirito immerso numa camada de neve; attribue-se aos gaulezes essa familiaridade calorosa, que conquista facilmente a sympathy, quando mesclada de polidez; os russos tumbam de perseverantes e energicos, mas apresentam ainda muita rusticidade nos modos, embora não sejam destituídos de finura; brilham os hespanhoes pelo seu genio cavalheiresco, e o italiano offerece o mais completo dos temperamentos, pois allia a força à flexibilidade; e uma grande rijeza de animo à maior suavidade e graça nas maneiras.

O paranaense absorvia-se no typo geral dos brazileiros: estes são um pouco indolentes, e muito ambiciosos; algum tanto feroces mas resignados; inclinados aos gostos materiaes, mas expansivos, dedicados, complacentes, orgulhosos, e sobretudo imprevidentes.

Quem diria que, alem dessas qualidades caracteristicas da nossa raça, exaggeradas pelo meio, e pela fatalidade historica, fossemos a ser notados por funçães que exactamente distinguem do selvagem o homem civilizado? Sabo-se que o indio não ri, assim como a africana não conhece o beijo, este refinamento da ternura. Pois, pintam-nos agora como cidadãos jubilantes, isto è, como capazes de offerrecer ao maior dos dissabres

o contraste de uma natureza essencialmente alegre.

O emprestimo contrahido pelo Estado com um banco de S. Paulo foi causa de geral satisfação: è o que rosam telegrammas publicados nos jornaes da capital federal. Os mil e cem contos que nos emprestaram provam robustamente que não nadamos na abundancia, que passamos por uma crise financeira, inconjuravel pela força dos recursos ordinarios.

Estamos, pois, individoados, e bem individoados. Precisamos de toda aquella quantia não só para a renhír com promissos antigos, como para custear despesas novamente creadas, que vultim dentro e fora do orçamento promulgado. Estimamos a moço, para cobrar o alimento; empenhamos a honra, para escapar a fome; arriscamos o credito, para evitar a bancarôta, e nesta situação que è reforçadamente precaria, miserissima, manifestamos contentamento, que a electricidade divulga, que a imprensa atira à mais larga publicidade.

A um homem de brio deve affligir-se dolorosa a contingencia de pedir emprestado, de recorrer à bolsa alheia para satisfazer as primeiras necessidades da vida. Mas, quando recorremos ao credito, e pedimos à poupança de outrem, com que pagavimos e prodigalidades, — commettimos uma acção infringente das leis da honra, que não pode justificar-se.

Ora, o Paraná acha-se exactamente nesta posição em que a dignidade não acha apoio na consciencia, em que o dever abre conflicto com a memoria. A nossa divida fluctuante não representa somente obrigações legitimas, mas tambem desperdicios, criminosos esbujamentos. E pararam elles com a installação do novo governo? E decrevou a despeza com a acçessão de outros homens ao memento dos negocios publicos? Ha, finalmente, esperança, de restaurar as finanças pela discrição na applicação das rendas, que aliás se dilatam por

circunstancias talvez momentaneas e transitorias?

Parece que a despeza, desde o dia da proclamação da republica até hoje cresceu bastante e de modo improductivo. Não promovemos um só melhoramento; mas aposentamos diversos cidadãos na florescencia da idade, augmentamos ordenados, e creamos empregos a que affectamos talvez excessiva remuneração.

Mais de 39:000\$ são gastos desse modo sem que a respectiva applicação incida em louvor ou simples assentimento das classes tributadas. Agora, mandamos vir de fora quantia consideravel; mas este facto só pode despertar alegria entre aquelles que jogaram sobre a situação afflictiva dos empregados publicos, e contam realisar lucros escandalosos.

Os credores, mais necessitados, a quem principalmente devia aproveitar o emprestimo contrahido, foram substituidos por outros, que realisarão excellento operaçã. Devem estar cheios de jubilo e julgar-se felizes, pois o negocio sahio-lhes à feição, como calcularam.

Desde muito que se aguardava o emprestimo, e vimos annunciar-se a compra desses titulos desacreditados que nas mãos dos necessitados e famintos, tornavam-se inuteis, mas que negociados pelos agiolas e uzurarios converteram-se em fonte abundante de renda garantida. Será essa classu de cidadãos que se sente tão desvaireada pelo gaudio a ponto de apresentar-nos ao longe como gente leviana?

Vamos, no primeiro anno da operaçã que realisamos em S. Paulo, pagar um juro de 12,/\* sobre a importancia de mil e cem contos de reis. Em que circunstancias vae verificar-se a conversão? Quaes as condições, as clausulas do contracto que não foi ainda publicado? Que applicação terão as sobras desse dinheiro, que de longe ainda produziu tamanha alacridade entre os passadores de telegrammas?

Parece que andariamos com mais segurança, se fisessemos algumas reduções nessa nova despeza que tende a saltar sobre as balizas da apoucada receita. Parece que não seriamos desajuizados, se resistissemos ao prurido de fazer beneficencias á custa do contribuinte, multiplicando empregos e aposentando cidadãos validos, muito aproveitaveis no serviço da republica.

È de prevcr que as mais completas informações sejam ministradas ao publico sobre o emprestimo, que apreciaremos com a maior isenção de animo, desejosos, como sempre, de concorrer para a glorificação dos governos honestos e sensatos.

---

## PEDAGOGIA

---

### SYSTEMA MIXTO

O mestre divide a sua escola num certo numero de classes: estas classes dão successivamente as suas lecciones, e voltam para os seus lugares; enquanto, porem, não são submettidas à nova prova, monitores as dirigem, para que não permaneçam inactivas. — Eis em que consiste o *systema mixto*, o qual representa uma combinação entre o *simultaneo* e o *mutuo*, ou entre o *individual* e o *simultaneo*.

Affirma-se que o *systema mixto* contém todas as vantagens do *individual* e *simultaneo*, sem participar dos inconvenientes do *mutuo*.

Assim deveria ser, se elle nao fosse procurado como um meio de banir o descanzo da escola, e de jungir as crianças a trabalho continuado e inutil. Um professor, ainda bisinho no officio, enche-se de vaidade quando vê muito occupados os seus alumnos, muito agarrados ao livro de leitura. Essa persistencia na attenção, essa applicação elastica, que os mestres mal instruidos procuram

Parece que andariamos com mais segurança, se fisessemos algumas reduções nessa nova despeza que tende a saltar sobre as balizas da apoucada receita. Parece que não seriamos desajuizados, se resistissemos ao prurido de fazer beneficencias á custa do contribuinte, multiplicando empregos e aposentando cidadãos validos, muito aproveitaveis no serviço da republica.

È de prevcr que as mais completas informações sejam ministradas ao publico sobre o emprestimo, que apreciaremos com a maior isenção de animo, desejosos, como sempre, de concorrer para a glorificação dos governos honestos e sensatos.

## Sete de Março

communicar aos seus discipulos. é physiologicamente uma impossibilidade ou uma chymera. A attenção de criança não se sustenta por mais de tres quartas de hora, sem que soffra o corpo, sem que o cerebro reaja.

Não se pode dizer, em these, qual seja o melhor systema de divisão escolar. As vantagens ou inconvenientes deste ou daquelle systema dependem do numero de alumnos, dos talentos do professor, e das condições materiaes da escola. Cada um desses factores, ou todos juntos, podem forçar o professor a estabelecer combinações, quasi sempre inspiradas pela necessidade de poupar o tempo, ou de evitar maior trabalho. Em uma aula bem dirigida nada se perde: o estudo nasce do estudo, e a instrucção transmite-se como um fluido, por intermedio da imitação. Um certo arrastamento nasce dessa harmonia e concurrencia de esforços, que tornam a escola como a imagem do mundo.

Fiquem certos os professores de que os meninos só aproveitam na escola enquanto estão sob as suas vistas, ou entregam-se a algum exercicio pratico como a *escripta*. A vigilancia, indistinctamente exercida pelo mestre, é improductiva para a instrucção. Re passe com os vossos discipulo dez vezes a mesma lição: elles aprenderão tanto, como aprenderão em tres dias sem nenhum grande esforço da vossa parte. Uma lição mal sabida não denuncia sempre falta de applicação; porém alguma cousa mais que pertence á natureza. Amanhã, o mesmo menino que aborrenhou-vos até hoje, causará assombro pelas maravilhas do seu trabalho. Pois se elle ficou sabendo tudo que não sabia.

Muitos meios differentes podem levar aos mesmos resultados; eis o que explica a utilidade de todos os systemas, quando lealmente praticados no ensino. Il Barrau, não deixou de dizer a verdade quando insistiu sobre essa vã phantasmagoria que offerecem os methodos novos: remocam-se os velhos systemas, já desacreditados e a ignorancia cõe sempre no laço armado pela impostura. «Que o ensino seja simultaneo, mutuo ou mixto; diz elle, a marcha é sempre a mesma. Começar pelas noções mais facis, explicar claramente tudo quanto se diz, examinar se cada alumno comprehendeu, passar depois á noções mais complicadas, voltar ás lições precedentes e revelar sem cessar, fazer de tempos em tempos uma parada para considerar noconjuncto o que se viu em detalhe, exercitar continuamente a memoria, mas não exercê-la sobre objectos que a intelligencia não

assimilou, medir a dose de trabalho pela capacidade de cada criança, e em toda essa faina ser paciente, activo, complacente, infatigavel, — tal é o methodo de que os vossos mestres usaram para instruir-vos, tal é aquelle que deveis seguir.»

Justiniano de Mello.

## CONFERENCIA

*Corridas nos tempos antigos e modernos. — Corridas Inglesas. — Corridas em França e nas outras regiões da Europa. — Ensino adequado para ellas. — Premios.*

**Corridas Inglesas**

Carlos I, estabeleceu corridas em Hyde Park, em Newmarket, e Carlos II, facilitou em seus estados a introdução de grande numero de cavallos orientaes e particularmente os Royales-Mares, ou égoas reaes, que encontrase na maior parte das genealogias equestres da Inglaterra. Enviou, senhores, para os outros cavallos orientaes que têm formado a raça puro sangue de que fallamos tratado do *stud-book*.

Já disse que as corridas de Newmarket foram creadas por Carlos I: este estabeleceu premios reaes, porém a maior parte dos que ainda hoje existem foram creados pela rainha Anna. Os Plates d'York um dos mais antigos lugares das corridas em Inglaterra, datam unicamente de 1711.

As corridas inglesas não tiveram durante muito tempo outros intuitos que o prazer e a gloria. Até então as corridas eram a partilha exclusiva não só dos mais ricos senhores da Inglaterra, como também de alguns personagens excentricos, cujos gostos estavam muito longe de serem partilhados pela nação iuteira. Os militares, principalmente, os escudeiros de profissão e de gosto se armavam contra as corridas e o genero de equitação que dellas resultavam; muitas familias poderosas continuavam a enviar seus filhos para as escolas francezas que então se denominavam *Academias*. Foi este uso observado até a queda destes estabelecimentos, em 1790. Os homens mais illustres de Inglaterra foram criados nas *Academias* de França e não havia inglaterra de distincção que nellas não viesse estudar as boas maneiras e a verdadeira equitação que nunca se aprende verdadeiramente sobre o *turf* (1).

(1) «*Turf*... Prado com todas as suas dependencias. Tauto esta palavra como a expressão «*Steeple-chase*» passaram da Inglaterra para todos os outros paizes, em que se realisam corridas de cavallos.

Pitt, Fox, e Lord Wellington foram os ultimos alumnos das *Academias* de França. Na época do duque de Newcastle, ora a nação ingleza ainda militar e cavalleira e ali passava-se alguma cousa do que se observa ainda hoje em França, travada a luta entre o *turf* e o manejo, entre os caçadores e os escudeiros. Desse estado de cousas resultava que, aproveitando-se do melhoramento devido ao cavallo de sangue e ás corridas pela innocuação do sangue nas raças fortes] do paiz, essas raças se mantinham em seu grão de utilidade oratica para a guerra e para os serviços usuaes. Pouco a pouco, porém a marinha avantajou-se sobre o exercito de terra e a Inglaterra com suas lutas com a França e a Hollanda não empregou senão a marinha.

A necessidade de uma forte cavallaria não se fez mais sentir, as raças velozes e as corridas desenvolveram-se mais a vontade, e tornaram-se logo um prazer, não somente das classes altas, nem tão pouco um meio de melhoramento, porém um verdadeiro jogo, em que o cavallo passou a ser considerado como a roda da fortuna. Este estado de cousas é um ponto essencial para ser considerado: não é com um fim puramente historico, que desenvolvemos esta serie de factos rarrados pelos chronistas da sciencia cavallar, porém sim para nelle bebermos esclarecimentos para o futuro e para aprendermos, da experiencia dos outros povos e dos outros tempos, o que nos é util para satisfazer as necessidades da civilisação, a que temos chegado. É ponto de observação que todas as instituições deste mundo atravessam geralmente tres phases: a de ensaios ou tentativa, a da pratica ou utilidade, e do abuso ou degradação. As corridas terão a sorte de todas as instituições humanas. Felizes os povos, felizes os tempos, em que se tiver a necessaria sebedoria para poder apreciar o que ha de bom a copiar e de máo a repellir, sobre o declive em que as cousas se degradam.

Foi no meio do reinado da rainha Anna que gradualmente introduzio-se o uso dos pareos e começou a tomar um certo cunho de avidez a nobre instituição das corridas; a paixão do jogo tomou o lugar que fora até então occupado pelos amadores do *turf*. Entre os primeiros homens, que se atiraram aos pareos considaveis, devem ser citados os duques de Devonshire, de Sommerset, de Rulland, lord Godolphin e sir Frampton.

Ephrem Houel

## VARIEDADE

## A SÊSTA DO AVO

Ha quatro dias, vejo todas as tardes quando chega á janella, o meu visinho a passeiar em frente da casa, amparado ao braço da netinha.

O avô é já muito velho, muito velho, com a face coberta de rugas, os olhos pequenos as mãos encurvilladas, as pernas tremulas — e a dobrarem-se nos joelhos. É a neta, que se chama Izaura, e é linda como os amôres, tem dose annos, os cabellos loiros, como fios de ouro, e os olhos muito azues, como duas saphiras.

Elle chama-se Macario; mas em quando lhe fallar, dou á minha voz um tom marcial e digo-lhe alto ao ouvido:

— Como va o nosso bravo capitão? Como passa o meu valente capitão?

E então, na visahança é mais conhecido pelo capitão «Fruz», e que foi a alcunha que lhe ficou, por ter elle sido um militar valente e corajoso como poucos!

— Quando os francezes vieram a Portugal... — Al — disse-me elle um dia, referindo-me as façanhas da guerra — quem me cassara á aquelle tempo! Eu tinha então dezeto annos, umas pernas rijas, o olho fino!... Olhe, só d'uma vez me fallou a pontaria. Eu lhe conto. No convento de Santa Clara, de Thomar, estava recolhida uma menina de que eu gostava muito com a qual depois casaria. Um official francez, passando-lhe debaixo da grade, disse-lhe um galanteio, e piscou-lhe o olho direito. Ora eu que estava ao longe a observar tudo, disse comingo: espera, que já te arraaço. E metti a espingarda á cara, fiz pontaria para o olho direito do francez e... — E ?

— E truzi metti-lhe a bala no olho esquerdo! Errei d'essa vez!

E ainda lhe fulguravam os olhos e o rosto se lhe illuminava, quando contava d'estas cousas.

Depois proseguio:

— Afinal, chegou-me a vez de ser vencido! Eu que nunca tremi na guerra, a primeira vez que fallou a minha santa, que Deus tinha, dei em tremor com as pernas verdes! Mas aquillo sim! Era formosa d'uma vez! O senhor vê minha filha! É a cara da mãe.

O capitão não se enganava. A filha era realmente formosa; mas de uma formosura, que é menos dos contornos do rosto, do que da graça interior da alma.

Havia um anno que era viuva d'um industrial trabalhador, honesto e intelligente. Ficava a viver na companhia do pai e com dois filhos: — a Izaura, e o mais pequenino, o Abel, que tinha pouco mais d'um anno e uma cabeçinha loira de cherubim.

Que santa vida o d'aquella familia obscura!

A viuva repartia pelos tres todo o generoso affecto do seu coração; e, até, como o pai era tão velhinho, quasi que carecia dos cuidados d'uma criança. Que os bons velhos, coitadosinhos! são facis de contentar! Basta-lhes um restoa de sol, uns carinhos de filha e umas historias da neta!

Quando perguntei ao Macario, porque passeiava, depois de jantar, respondeme:

— O somno é bom para a noite. Quando durmo depois de jantar, tenho sonhos maus.

E beijando a cabeça de Izaura accrescentou:

— Quero antes passeiar com a minha neta, que conta historias muito lindas. E continuaram os dois, o velho; pelo

ANEXO "O" – Artigo "Ideias concretas", de Justiniano de Mello e Silva publicado na 111ª edição do jornal Sete de Março.

# Sete de Março

ORGÃO DAS REFORMAS SOCIAES

REDACTOR : JUSTINIANO DE MELLO  
Terceiro Anno  
NUMERO ----- 111

---

PARANÁ || CORITIBA (SABADO) 14 DE JUNHO DE 1890 || BRAZIL

---

**SETE DE MARÇO**

**VOTO DE LOUVOR**

*O Club Militar* reuniu-se no dia annuciado, e deliberou.

1º Infirmar a noticia transmittida para a capital federal de que elle havia desvirtuado a sua missão, tratando de fazer politica;

2º Dar um voto de louvor aos seus presidente e vice-presidente, pelo modo por que dirigiram a associação, e apesar do juizo contrario officialmente emitido;

3º Elegor para a sua presidencia honoraria o generalissimo chefe do governo provisório, e proclamar socios benemeritas aos generaes Floriano Peixoto, Benjamin Constant, Camara e José Simeão.

Todas estas deliberações foram votadas unanimemente. Apesar da larga discussão instituida a respeito das duas primeiras, não houve divergencia na manifestação do voto, e a classe militar mostrou-se mais uma vez unida, facto que alegremente registramos.

Consta-nos, porém, que na indicada reunião houve quem optasse pela abstenção do exercito da direcção politica do paiz, opinião combatida pelo illustre cidadão que inaugurou o regimen republicano neste estado.

A politica, se è a lucta ingloria dos partidos em proveito da ambição; se è a reprodução das scenas selvagens, e contristadoras, que assignalaram todo o extenso periodo do governo monarchico, não deve penetrar no espirito e inspirar o procelimento daquelles que fizeram a revolução.

Mas, se aquella palavra, á parte a sua significação scientifica, exprime o concurso de todas as classes, o estorço dos mais intelligentes e mais dignos, a intervenção necessaria da razão e do patriotismo para consolidar as instituições, e affixá-las por uma pratica sincera aos direitos e interesses legitimos dos cidadãos, não vemos como possa ser systematicamente affastada das cogitações do exercito.

Um exercito politico não podia fazer a revolução de 15 de Novembro; pois este acontecimento dependia da mais completa cohesão entre os membros da classe victoriosa.

Senão, entretanto, se os factores da obra revolucionaria desinteressassem-se do governo, deixando que as facções, pungidas por interesses egoisticos, missemos os alicerces da republica, constituiriam pela abstenção, assim manifestada, um *partido politico* responsável pelo descalabro das instituições.

E convertido em programma o abandono da causa publica, o absentismo criminoso. — poderia o exercito impedir a divisão das suas fileiras, coartando em todos os seus membros os impulsos do patriotismo?

Quando não estão ainda formados os novos partidos, não ha para a classe militar perigo de divisão. Estou, porém, surgiria inevitavelmente ella, em vez de abroquelar o povo contra os desatinos do poder, subversive as paixões das minorias ambiciosas, e consentisse na postergação dos direitos populares.

As discordias sociaes produzidas pelas vexações, e mantidas pelos abusos, se não encontrassem prompto remedio na attitudo desassombrosa do exercito, armar-se-hia m. brasileiros contra brasileiros, e a espada então desembainhada teria de escolher entre as victimas e os oppressores.

Neste caso, que faria o soldado? A julgar-o, pelos seus precedentes, a oppressão seria rechaçada. Mas, se a manhã far-se-ha necessario escolher um *partido*, por que não intervir ac-tualmente para evitar derramamento do sangue, e afugentar males desastrosos ao paiz?

Se a insurreição, que produziu o grande acontecimento de 15 de Novembro, partisse, não do exercito, mas de qualquer outra classe, ou agrupamento, não deplorariamos a esta hora, o fraccionamento do territorio nacional?

Sim : porque nenhum laço estavel, effectivo, prenderia os elementos, ag-gregaria as parcelas lançadas ao turbilhão revolucionario. O Brazil, infelizmente, nem possuia um homem verdadeiramente representativo que enfiçasse em suas mãos as forças e os individuos, e concentrasse, na sua energia soberana, os impulsos inferiores, as tendencias subalternas.

A nação seria balouçada, como fraco lenh), pelas vagas alterosas, indomitas, da guerra civil ; e perderia, no fragor das batalhas, esse signo de unidade, esse attributo supremo que a torna forte e respeitada.

Cumpre que o exercito faça a politica, para evitar por enquanto a politica dos partidos, dos grupos, dos corrilhos.

Se fugir á orientação dos negocios publicos, não escapará por isto á responsabilidade moral. Era o caso de dizer-lhe que os cidadãos não o investiram do direito de tirar-lhes a liberdade, de condemná-los a mais negra tyrannia. Os males, que experimentamos, não vêm da dictadura; mas daquelles que se interceptam entre ella e os votos da nação.

Nunca imputámos ao throno todo esse cortejo de torturas soffridas pelo povo, sub o dominio das olygarchias provinciaes. Estas eram as causas directoras do soffrimento, do martyrio popular; mas em todo caso a resistencia desta ou daquella victima me-nos resignada, achava nas leis e na tradição de liberdade pontos de apoio contra a corrente impetuosa do arbitrio.

Hoje, fez-se o silencio, não só em todas as tribunas, como tambem nas almas. Uma experiencia destas è terrivel para o futuro dos povos.

Desponta, felizmente, a reacção, mas somente nos espiritos. Tambem não precisamos de outra para evitar a putrefacção. Os militares reunira-se para dizer que estão attentos aos factos, que são fieis á politica dos interesses nacionaes. Começaram por um protesto, e deram um voto de louvor; signal é que associam á força do seu direito, a consciencia da sua responsabilidade.

Defendem, innocentam quem foi injustamente accusado; e applaudem todos quantes representam dignamente o exercito, pela coragem, pela altivez, pela dignidade, pelo patriotismo.

Tambem nós louvamos os militares.

---

**EDUCAÇÃO**

**IDEIAS CONCRETAS**

A noção que o espirito forma dos objectos, é a ideia : *mera mentis apperceptio*, como a chamaram os scolasticos. Quanto a *ideia* é uma simples representação das cousas observadas, e não separa da substancia os attributos, ou a propriedade do ser, toma o nome de *concreta*.

È immenso o cabedal de conhecimentos adquiridos apenas por meio dos sentidos : ainda estes não attingem, suppre a intelligencia, inferindo o conhecido do desconhecido, passando dos objectos sensiveis aos que não o são, abstrahindo e generalizando.

O menino adquire facilmente e sem fadiga, grande numero de ideias concretas. As plantas, os mineraes, os insectos, com os seus nomes e figuras, constituem provisões intellectuaes de rapida acquisição para a infancia. Mais tarde, quando a flexibilidade de cerebral for menos sensivel, esses conhecimentos são difficilmente obtidos pelo homem.

Entretanto, as noções assim accumuladas, precisam de ser desenvolvidas pela analyse dos attributos, incluídos nos seres.

## Sete de Março

Que o menino adquira, logo que a intelligencia se manifeste, o conhecimento do maior numero de objectos possível. Enquanto não for bastante vasto o circulo das ideias, o estudo dos attributos e propriedades pode ser omitido sem inconveniente. As crianças discernem, por instinto, um sem numero de qualidades, nas cousas que incidem sob a sua observação jornalera. Esta sciencia, embora turbulenta e confusa, é a base dos conhecimentos ultteriores: são provisões intellectuaes, que lentamente reunidas e classificadas, tornam-se o nucleo embryonario de riquezas consideraveis. É a tempo a attenção do menino será solicitada para o attributo maior de impedir a confusão e dar maior extensão ás noções adquiridas.

Quem conhece a marcha do espirito humano na aquisição do instrumnto das linguas, não pode atinar como por meio de processos absurdos chega a intelligencia a construir tao admiravel edificio. No menino, a evolução da linguagem é nimiamente interessante para o psychologo, como o estudo das celulas para o physiologista. « Essa linguagem, diz Taine, é movel, incessantemente transformada, differente da nossa. Não somente as palavras são nella desfiguradas ou inventadas, mas tambem o sentido dos vocabulos não é o mesmo que na nossa. Nunca um menino, que, pela primeira vez, pronuncia um nome, toma-o no sentido exacto que nós lhe damos: este sentido é para elle mais extenso ou mais extenso do que para nós, proporcionado á sua experiencia presente, cada dia alargado ou reduzido por suas experiencias novas, e muito lentamente conduzido ás dimensões precisas que elle tem para nós. »

A principio, o menino verá uma arvore, isto é, aquella que habitualmente lhe mostram; mais tarde uma floresta será simplesmente arvores, isto é, uma colleção de objectos da mesma figura.

Quando a intelligencia passa da ideia particular para a geral, é que se fará necessario atrahir a attenção da criança para as mudanças ou dissimelhanças, attributos e propriedades dos corpos. O criterio das distincções não se obterá sem trabalho; mas uma vez encaminhado nesta direcção o entendimento infantil, a curiosidade natural fará o resto. Assim, logo que o menino tiver a ideia geral de arvore, convem mostrar-lhe os caracteres communs a esta cathgoria de objectos, assim como os attributos que servem de base á classificação,

as divisões, as subdivisões e as relações. Uma casuarina, uma laranjeira, uma noqueira, não serão mais confundidas com as outras arvores, embora offerecedo um aspecto geral semelhante.

Supponhamos, diz um educacionista francez, que o mestre, em vez de reunir na classe e de manter no silencio, pela omnipotencia das punições, discipulos de dez annos aos quaes ensina a grammatica, disciplina intelligivel para qualquer delles, conduza todos estes meninos á uma olaria.

Pode deste modo interessar-lhes a curiosidade, ensinando num momento muitas cousas uteis. Elle tomara um bocado de argila, lhes dirá a respectiva composição chymica, quaes são as qualidades della. Mostrar-lhes-ha como essa terra, amollecida pela agua, toma sob a roda do oleiro as formas mais variadas, como ella secca sem fendas, como adquire pela cozedura, a dureza da pedra. Depois virá a applicação do esmalte, a composição deste, enfim os mil detalhes de semelhante fabricação.

Justiniano de Mello,

— « \* \* » —

## CONFERENCIA

*Corridas nos tempos antigos modernos. — Corridas Inglesas — Corridas em França e nas outras regiões da Europa — Ensino adequado para ellas — Premios.*

## Corridas Inglesas

Foi no norte da Inglaterra que as mais brilhantes e mais consideraveis reuniões tiveram lugar ao principio, mas os premios pareciam hoje sem importancia: eram 10 a 20 libras esterlinas no maximo, disputadas por um grande numero de cavallos, para uma distancia de 4 milhas, com empate.

Disputavam-se tambem taças de um valor de 50 libras; as condições eram ordinariamente assim fixadas: cavallos de 5 a 6 annos, carregando 76 kilogrammas, na distancia de 9 kilometros 326 metros. Nas corridas de duas provas, a segunda não tinha logar no mesmo dia.

Em 1710 foram as taças de ouro mais numerosas e seu valor subiu até 60 libras. Em 1711 a rainha Anna deu nas corridas de York uma taça de 160 guinéos. Taes animações desenvolveram logo o amor do ganhar entre os amadores das corridas. Conhecéis esta horrivel historia do pobre cavallo Dragon, de proprieda

de do Frampton, que cometteo a barbaridade de fazer gastar seu cavallo para ganhar um parço de 200 libras contra uma égoa que o tinha vencido no dia anterior. Essa historia, felizmente averbada de duvidosa, não a cito senão para nos fazer bem comprehender que as mais vis paixões dos homens muitas vezes mancham as mais fecundas instituições. E' o reverso da medalha de todas as cousas humanas, e ainda que os espiritos superficiaes nella se demorem muitas vezes, não é preciso unir-lhes mais importancia do que ellas merecem. Quanto uma instituição é boa, util, e fecunda, só se deve considerar as imperfeições que ella possui, para destruil-as no caso de ser possível, porém não se deve perisso concluir contra a instituição nem imitar aquelle homem que cortava suas cerejeiras porque os ticoticos viviam comer suas cerejas.

Não vos cito este exemplo. Senhores, senão para mostrar-vos os escholhos, que desde o começo, assignalaram a marcha das corridas, obstaculos que em outras paizes, que não fosse a seria Inglaterra, teriam podido fazer naufragar a instituição, porém, como ella continha um principio fecundo de utilidade, de gloria e de riqueza nacional, procurou-se remediar os inconvenientes, sem destruil-la; nell'outra se não lhe usou, e se não conseguiu-se fazer desaparecer todos os vicios, é justo dizer-se que todos os meios foram postos em uso para prevenil-os. A alta aristocracia da Inglaterra procurou conservar as corridas em culto de delicadeza e honra, sem as quaes ellas se teriam annihilado. Foi neste intuito que no reinado de Jorge III instituiu-se o Jockey-Club de Newmarket; os gentlemen de fortuna, honra e integridade, reconheceram a necessidade de separar-se do mundo dos aventureiros e mercenarios, que, estranhos a toda ideia gloriosa ou patriótica, não tinham outro fim que saciar uma avidez odiosa, movel das paixões mais baixas.

Tal foi o pensamento que inspirou a criação do Jockey Club inglez. Assim, desde sua formação, essa illustre corporação inspirou a mais justa e legitima confiança e recebeu, do publico o mais favoravel acolhimento. Nascida de necessidade imperiosa, despida de todo pensamento pessoal ou ambicioso, ella possui um caracter official, que goza da dupla sancção do governo e do publico. O Jockey Club da Inglaterra tem a administração das coudelearias deste paiz, e a administração das coudelearias

representa em França a instituição do Jockey Club da Inglaterra.

Vou especificar as principaes regras das corridas inglesas adoptadas pela Jockey Club, assim como as noções principaes sobre as corridas e os termos que constituem sua technologia.

Todo aquelle que alistar um cavallo, ou uma égoa, para um premio qualquer, deve provar (bona fide) que é de sua propriedade. Ninguém pôde alistar e fazer tomar parte n'uma mesma corrida mais de um cavallo de sua propriedade, sob pena da confiscação do cavallo e dos valores comprometidos. Todas as entradas do Prado, premio ou dinheiro, são entregues ao proprietario do segundo cavallo que vence.

A idade dos cavallos conta-se a partir do 1º de Maio. Cada experiencia chama-se Heat, calor; chama-se Dead Heat prova nulla ou morta, quando dois cavallos chegam por tal modo ao mesmo tempo que o juiz não pôde distinguir o vencedor.

Todo cavallo alistado deve produzir um certificado de sua idade, exceptção feita nas corridas dos cavallos velhos: então o mais moço entra sem certificado com o mesmo peso.

Ephrem Houel

## VARIEDADE

## O TIO SIMÃO

Foi n'uma madrugada fria de Maio ao primeiro cantar dos gallos, que o tio Simão deu o ultimo suspiro. Abreiros ao leite, n'uma estreita sala mal allumiada pelo clarão desmaiado de uma lamparina de azeite, choravam os filhos abafando os soluços no desfiado cobertor da cama do velho.

La fora os gallos cantavam, no festivo concerto de uma alegria matinal; e no céu cor de leite, as estrellas descoravam, fugindo no olhar indiscreto do sol que as espreitava por detraz das colinas. Do solo humedeado do orvalho, subia um vapor tenso e quente, como o bafo de um gigante mal accordado, que entreabrissse os véus do cortinado do seu leito de relvas.

Nos muros esburacados da pequena villa, os grillos triavam ainda, casando a symphonia aguda e monotona com o farfallar das palmas dos coqueiros lamente agitados pelo vento frio da manhã.

No entanto, nessa madrugada alegre e festiva, o velho Simão não pudera recordar; lá estava elle intericido na sua velha cama de taboas largas e duras, as mãos cruzadas no peito, sob a atmosphera morna e pezada do quarto não visitado ainda pelo ar puro e fresco do seu quintal de hervas e legumes. O velho madrugador, que adorava a luz viva e durada do alvorecer, alli estava agora mal allumiado pela chamma vacillante embaciada de uma torcida de azeite,

ANEXO "P" — Artigo "Ideias abstractas", de Justiniano de Mello e Silva publicado na 112ª edição do jornal Sete de Março.

# Sete de Março

ORGÃO DAS REFORMAS SOCIAES

REDACTOR: JUSTINIANO DE MELLO

Terceiro Anno

NUMERO ----- 112

PARANÁ

CORITIBA (SABADO) 21 DE JUNHO DE 1899

BRAZIL

## SETE DE MARÇO

### O CHEFE

Pomos de lado a questão: o chefe pode ser homem imberbe? A força viril, que distinguia os filhos das raças heroicas, destinadas ao mando, era atestada pela abundancia dos cabellos. Homero diz: *aquelles que cuidam da cabelleira*, referindo-se aos gregos. Nas Thermopylas, os Espartanos não esqueceram esse precioso ornamento, quando celebraram os seus jogos funebres. Os Gervos não tinham outro meio de distinguirem os seus chefes. Os Latinos, povo guerreiro, eram assombrados pela enormidade da barba. Nas leis anglo-saxonias, a *fièvre* tem o nome de *Capitata*. Quando o rei morre, dizem os Gotos que não suba ao throno aquelle que for calvo ou tosquido. Os Francês, designados para funcções rones, guardavam intactos os seus cabellos desde a infancia.

As verdadeiras tribas selvagens americanas são destituídas desse effeito que é como o signal da virilidade para outras raças. Mas, entre elles o chefe era proclamado no campo de batalha, e nenhum guerreiro exercia autoridade entre seus irmãos a menos que não bran lisse o tacapo de mão extraordinaria.

Os que somos descendentes de portuguezes, sabemos que estes não enphavam sem reluctancia, um cabelo da sua barba. D. João de Castro conhecia a responsabilidade cantrabida pelo deposito de um fio de cabelo; e as nações africanas viam nos aguerriados lusitanos seres superiores, porque elles traziam no rosto titulos symbolicos de um credito ilimitado.

O assumpto parecerá frivolo a quem não estudou a força das apparencias e convenções sobre os povos ainda os mais cultos. Ainda hoje veremos a velhice, e não raro a ve-

lhoice absolve culpas imperdoaveis. Não osamos tocar na barba do nosso maior inimigo, porque semelhante irreverencia nos traria arropendimento. Não são meros preconceitos, mas usos legitimados pelo tempo, e que os maiores espiritos acatam, por indolo e reflexão.

Os paranaenses não tiveram, que saibamos, um só chefe politico que não fosse barbado. Nos ultimos tempos da monarchia houve quem disputasse, com tenacidade, a indagação de um dos nossos partidos politicos, mas o pretendente privado do appendice indispensavel para exercer a desejada supremacia, vio completamente agorentada a sua ambição, e desfeito o seu sonho.

Os antigos conservadores, como os antigos liberaes, seriam mais exigentes, do que os actuaes republicanos? Os velhos adagios parecem apoiar a prevenção manifestada por aquelles partidos. O povo diz que *trazer a barba sobre os hombros*, é andar cauteloso e prevenido. E' bem significativo o rito: *Mal va o fuso quando a barba não anda em cima*. Attenda-se para outros anexins, que correm mundo:

*Barba com dinheiro honra o cavalleiro*. — Assim tal *barba tal toalha* — Homem astroso, *barba até o olho*. — *Quixadas sem barbas*, não merecem ser honradas.

— Bem sabe o gato, cujas *barbas* lambe. — Melhores *barbas*, pessoa de mais valimento. — *Barbas de alho*, homem sem força nem coragem.

A experiencia e a sabedoria dos nossos antepassados compendiarão nessas maximas populares verdades preciosas. Pelo menos, devemos, antes de nomear os nossos procuradores, de eleger depu tados, de escolher um chefe, — lançar vistas presecutivas para o rosto do candidato ou depositario da nossa confiança. Assim poderemos talvez evitar muitas decepções acerbadas, acertando todas as vezes que conciliarmos a impressão

recebida com o procedimento que tivermos.

Já declaramos não pretender discutir a questão: o chefe pode ser um homem imberbe? — O direito deste ou daquello individuo ao suffragio dos seus concidadãos corresponde ao grau de consideração que tenha conquistado, ou às qualidades moraes que por ventura o exornem. Bem sabemos que os attributos phisicos, embora geralmente estimados, não determinam por si só a maior ou menor felicidade de uma candidatura. Mas, tambem a ausencia de semelhantes predicaes não explica a superioridade adquirida por alguns cidadãos, que não pedem a saneção publica os titulos da autoridade que exercitiam em detrimento da livre opinião.

A situação republicana proceou mais de um chefe politico.

Mas a sociedade não reconheceu nenhum delles, e o governo mesmo parece hesitar na preferencia.

Hontem, cinco respeitaveis cavalleiros dirigiam um manifesto ao povo paranaense, no qual representavam contra a influencia das velhas aggregações partidarias, que se julgam dissolvidas. Era de crer que os protestantes, considerados proceres do partido victorioso, não quizessem copiar o procedimento, e odiassem a usurpação commetida pelos chefes outrora obediçidos, e actualmente depositos.

Mas não: elles constituiram um mandarinato tão rude, e tão pernicioso como os directores de rebanho humeno nos tempos da monarchia. Serviram-se da força, do prestigio officiaes, para se impôr aos ingenuos, para captar adhesões, para simular popularidade. Emquanto, nos outros estados da união brasileira, os privilegios dissipam-se ao sopros da igualdade democratica, — aqui são immulados às ambições incoercíveis de mingaado grupo politico os direitos da maioria republicana.

A situação anomala, insolita, crea-

da pelos autores do manifesto, agio funestamente sobre a massa popular, que compara os males do presente com as calamidades do passado. Os monarchistas, que receberam com alacridade a noticia da subversão do throno, aconchegam-se aos seus antigos chefes, enojados das scenas e manobras que lembram os peiores dias do regimen decachido. Restauraram-se os velhos moldes, e hoje será impossivel adunar todas as forças electorales para a victoria da republica.

A desillusão será amarga, terrivel, para aquelles que se mostram sobranceiros aos reclamos populares e às representações da imprensa independente.

Rasgar-se-ha a cortina, que intercepta a vista do futuro, mas quando o templo arder em chamma, quando forum precipitados das alturas aquelles que adormeceram sobre a solfatara.

Quem, entretanto, responderá pelo desastre? — Hoje existem dous chefes para quinhoar os proventos, para sugar os favos da dictadura.

Quando a terra retinir sob a planta dos invasores, quem commandará as tropas imbelles do governo? Todos buscarão, com olhos anciosos, o general experimentado, que os salvou da derrota, e então poderemos como os Cobardios, da Carchassia, offerrecer aos nossos chefes, para escolhe-rem, *armas ou brinquedos*.

—ssa—

## EDUCAÇÃO

### IDEIAS ABSTRACTAS

Se não tivessis senão ideias abstractas individuaes, quaes seriam os vossos conhecimentos? Verieis qualidades separadas dos seus objectos, e esta separação não existe na natureza: todas seriam para vós distinctas umas das outras, e não perceberieis entre ellas relação alguma. Para que pois, possamos conhecer as couzas

Sete de Março

Como são em si mesmas e como são em suas relações, é mister que muitas ideias abstractas se reunam numa só ideia composta; e é mister também que perdendo a sua individualidade, ellas tornem-se communs ou geraes (*Logarithmice*). Cor, sabor, cheiro, dureza, solidéz, balbeza, attracção, etc. são ideias abstractas. Observando os modos da couza, de cada um delles formamos uma ideia distincta, que reformamos pela generalisação o um e o juncto do ser. Sabedoria, virtude, dignidade, grandeza, guerra, navegação, tambem são productos dessa gran-le facultade, que possuímos, de abstrahir, substantivando acois para crear ideias communs a uma serie de objectos.

Nem todas as raças possuem no mesmo grau a facultade de abstrahir; nem todos os homens apresentam a mesma plasticidade intellectual para separar o phenomeno da causa, os seres dos seus attributos e modalidades. A infancia é o esse respectivo doada. O leitor deve lembrar-se, a propósito, de um trecho contido num dos livros de Herbert Spencer. O philosopho mostra de qual restricta complexidade são as faculdades mentaes da criança:

«Pendo um menino sobre os vossos joelhos; mostra-lhe gravuras, representando paesagens, e observa o que o impressiona. — Eu vejo um homem num hotel, — diz elle, — estran-do com o de-lo. — Olha as vacas que descom a collina. — Ah! está um rapazinho que brinca com um cão. — Vós não teris outra couza a não ser, com observações desse genero, pro-vocadas na generalidade dos casos pelos seres animados representados em cada paisagem. Nunca elle diz porventura uma palavra que possa applicar-se a o conjunto da scena.» Quando no espirito da criança penetra a noção da distincção entre a ideia abstracta e a ideia concreta, será tempo de exercita-lo numa gymnastica que o familiarise com a natureza e propriedades dos seres. Perguntas dignas do menino sobre o que seja a cor, a sonoridade, o cheiro, a solidéz, a refracção, a densidade etc., forçaf-lo-hão a pensar, e por consequencia a achar por si mesmo solução para um grande numero de questões. Em vez de empregar a cifra abstracta no estudo da arithmetica, seria preferivel representur os objectos por modo visivel. A grammatica prepara a intelligencia infantil para concepções mais altas; mas seria desastrado o systema que se propuzesse accumular regras e exemplos, sem attenção ao gráo de sagacidade do alumno.

Em vez de regras particulares, as

regras geraes; em vez de subtilizas grammaticaes, a significação dos vocabulos, e exercicios praticos appon-mistados á capacidade do alumno.

As crianças, e mesmo muitos adultos, adquirem o habito do confudir abstracções com realidades, substancias ideaes com seres tangíveis. *Sabedoria, sciencia, virtude*, apparecem em alguns cerebros como individuos reais, e não como puras abstrações. A magnanimidade, a justiça, a gratidão, revelam-se sob as formas de uma entidade physica a que o menino ligar taes attributos. O deploravel confusão é a causa de muitos erros. Não faltará quem affirmar a existencia da *attracção*, somente por que esta apparoce mencionada em algum livro de physica. Um philosopho se esbarfará em provar a existencia do *nada*, em mostrar a realidade do *infinito*, como se estas duas noções não suppuzessem a ausencia da substancia. É mister combater semelhante tendencia, aliás tão cara á generalidade dos homens: os taes logomachias resultam essas listadas estereos que flagellam a humidade, retardam por vezes a marchada sciencias positivas.

A *ideia abstracta*, é chamada, com razão, a mão das artes e das sciencias; o homem seria incapaz de progresso, se não lhe fosse dahi remontar da ideia concreta á ideia abstracta, e desta ás leis geraes que regem o universo.

Justiniano de Mello.

CONFERENCIA

*Corridas nos tempos antigos e modernos. — Corridas Inglesas — Corridas em França e nas outras regiões da Europa — Ensino adequado para ellas — Premios.*

Distingue-se na Inglaterra o melhor dos prado ou do premio e o melhor das provas. Assim quando ha tres provas, o 1º da corrida é o que ganha duas e o 3º o que ganha uma.

Para a melhor prova, o 2º, é o que vence duas vezes sobre tres, ainda que não tenha ganho provas.

Assim, sejam cinco cavallos A, B, C, D, E; sejam tres as provas dando o seguinte resultado

- A, C, A,
- B, D, A,
- C, B, D,
- E, E, E,
- D, A, C,

Para o melhor do prado, A é o primeiro e C é o segundo, porque elle ganha uma prova; mas para o melhor das provas B é o segundo por

que elle tem vencido as outras duas vezes; sin ta que ella não tenha sido uma só vez vencedor.

Os king's plates são premios de 100 guineas dados pela corô; ha dois em Newmarket, um na primavera e outro no outomno. Contam-se 36 king's plates na Inglaterra e na Escos-sia e 16 na Irlanda; ao to lo 52, importando todos em 5.200 guineas ou em 130 mil libras.

Regulamentos dos King's plates.

Quem quer que seja que queira alistar um cavallo no King's plates, deve apresentar o dito cavallo com seus signaes, nome, e o nome do proprietario, nas estribarias do rei em Newmarket na vespera da corrida, com um certificado do criador espedicando a idade exacta do animal a partir da desamamentação.

O cavallo deve partir de 1 & 4 horas da tarde. Meia hora de repouso é concedida entre cada prova. Todo o cavallo que passa na esquerda dos mareos tem-se desviado e não pode correr mais na prova seguinte.

O vencedor de duas provas ganha o premio; mas se ha tres vencedores, e se elles são uma quarta vez o vencedor desta derradeira, ganha.

Se um cavallo tem excedido a idade indicada, o proprietario é excluido para sempre do king's plate. Sue o lo mesmo para todo o jockey embaracado ou atravessado seu adversario. O proprietario perderá o premio mas não sera por isto excluido das corridas futuras.

Deve-se fazer parar depois da corrida, sob pena de exclusão para o futuro.

Independente dos king's plates existe uma multido de outros premios e corridas de todas as sortes, insituidos em diferentes lugares pelos condados, cidades, associações, senhores, particulares cujas distancias e condições variam ao infinito. Para dar uma idea vos offereço aqui o quadro das diversas distancias em uso sobre o unico prado do Newmarket.

Milhas Quadras Jardas

Beacon Corrida .....	4	1	138
Corrida redonda .....	3	4	178
As tres ultimas milhas do Beacon Corrida ...	3	0	45
Desde o Ditch in .....	2	0	97
A ultima milha a partir do Beacon Corrida ...	1	1	156
Milha do Anusier ....	1	0	15
Do Tournant á casa do Duq re .....	0	5	184
Corrida de Clermont ...	1	5	217
Corrida de Andley ...	1	0	0
Acros The Flat .....	1	2	24

Rowley milha .....	1	0	1
Ditch milha .....	0	7	178
Abington milha .....	0	7	211
As duas milhas de Beacon Corrida .....	1	7	125
Corrida de dois annos	0	5	133
Corrida de um anno ..	0	2	17

Milha de Bombury...  
Podeis facilmente reduzir estas milhas e jardas em kilometros e metros por meio do quadro das distancias, que encontrareis adiante; porem antes devo fazer-vos convencer que são as principaes corridas da Inglaterra.

O maior premio e mais illustre é o Derby que se corre em Epsom no mez de Maio. É uma entrada para poldras e poltras de tres annos, a distancia é de uma milha e meia.

Seguem-se depois: os Oaks ou entrada que se corre igualmente em Epsom. Este premio é unicamente destinado ás poldras de tres annos.

O Saint Leger, que corre-se em Doncaster, entrada para poltras de tres annos, distancia 1 milha, 7 quadras e 70 jardas, quasi duas milhas.

O Town thournd guineas stables premio de 2000 guineas que se corre em Doncaster.

O Hilditch worth, premio que se corre, na segunda e outra na terça-feira.

A Coupe d'Or em Ascot

A Coupe em Good Wood.

A Coupe em Doncaster.

O Doncaster Champagne &

O velho premio de dois annos em Doncaster.

Eis agora, Senhores, os principaes termos consagrados nas corridas inglezas:

Match paroo entre dous cavallos por uma distancia convencional.

Stw:plates, entrada entre um certo numero de amadores que se unem para fazerem correr os cavallos, depois de condições estabelecidas.

VARIEDADE

ESPÁ NO CÉO

Um sargento de atiradores, que, desda madrugada, tinha percorrido ois leguas, a pé, sem descansar, entrou numa taberna que ficava á beira da estrada, e perguntou se era por alli que morava Maria La Courtoya.

O taberneiro desvobrio-se respeitossimamente diante do soldado, e, salindo a porta, estendeu o braço, e indicou-lhe:

—E' alli, ao lado direito. Alza uma cancella e entra.

—Obrigado! Boa noite — agradeceu o militar. E dirigio-se apressadamente para

.. ..

No muro da estrada havia uma cancel

ANEXO "Q" — Artigo "Methodo Intuitivo I", de Justiniano de Mello e Silva publicado na 119ª edição do jornal Sete de Março.

# Sete de Março

ORGÃO DAS REFORMAS SOCIAES

REDACTOR: JUSTINIANO DE MELLO

Terceiro Anno

NUMERO ----- 119

---

PARANÁ
(CORITIBA/SANTO) 9 DE AGOSTO DE 1900
BRAZIL

---

**SETE DE MARÇO**

**PELA CAUSA PUBLICA**

Quasi que não nos animamos a reclamar contra os abusos e deslises da legalidade, commettidos, com descommunal ostentação, em todas as espheras da administração publica. Quando ouvimos as queixas e os protestos dos prejudicados, os clamores da opinião escandalizada, consolamo-nos com a esperança de que será passageiro, ephemero, o reinado dos individuos corajosos que usurparam o governo do estado. Como a sociedade não tivesse ainda abdicado o direito de intervir soberanamente no meneio dos negocios publicos, esperamos, confiantes, que ella afinal se reintegre na influencia, e exerça a preponderancia de que tem sido esbulhada.

Desappróvamos, porem, convictos, e recusamos toda complicitade com os actos, que se succedem em detrimento da causa publica. Evitando o ingresso no mundo official, entendemos assim manifestar a nossa repugnancia pelas manobras e trapagens de uma politica, que estadêa o labaro das conveniencias particulares, e propõe-se restaurar os mais odiosos privilegios da monarchia.

Os homens, que se installaram nas repartições publicas do estado, que decretaram novos organamentos, supprimiram impostos, autorisaram despesas, melhoraram vencimentos, revogaram leis, anarchisaram servicos, — estão, por um largo intervallo, distanciados das classes que elaboram a riqueza, e aspiram a mais escrupulosa moralidade no governo.

O numerozo grupo social que representa os interesses e direitos do trabalho independente; que constitue a força mais disciplinada e pujante da democracia, e por isto mesmo será o mais poderoso esteio do re-

gimen republicano, não merece até agora a protecção aliás dispensada pelo governo a quantos individuos, por amor das promessas officiaes, se despojam dos attributos da dignidade cidadã.

Os artistas e operarios pediram para serem aliviados dos pesados tributos instituidos pelos legisladores da monarchia, os quaes se mostraram sempre favoraveis á exploração das classes trabalhadoras pelas ociosas.

A concessão feita aos reclamantes foi verdadeiramente irrisoria. Dentro em pouco, porem, a herba matte, que é o symbolo distinctivo de uma certa filialgia que se abeira de todos os governos, para corrompê-los ou trahi-los, tirou da receita do estado os meios de apparehar opiparos banquetes.

E não satisfita de tornar se industria privilegiada, inaccessivel ao imposto, ella ameaça derramar o sangue dos nossos compatriotas, empunhando armas para destruir a prosperidade de um estado vizinho.

Paguem pesadas taxas, aquellos que, nas camadas inferiores da sociedade, acham-se tão distantes da influencia, da supremacia politica, quanto próximos da fome e da miseria. Mas que sejam poupados a todos os encargos do organamento os exploradores da nossa principal riqueza, que só interrompem as commodidades da vida para fariscar proventos politicos no palacio do governo.

E' tempo de reunir-se, ue associar e organizar as forças, esse novo partido que surgiu das entranhas da revolução de 15 de Novembro, e ao qual se ligam as esperanças da massa popular. O soffrimento tem sido longo, e o privilegio ainda não se sentiu sociado. Da sombra da ignominia a que o relegaram as innumerables confederaciones de ventres, formadas nos tempos do imperio, urge que venha o trabalho para as luctas da publicidade, emprehender as santas campanhas das liberdades publica-

os cargos publicos, e enviaram alphabets para o parlamento da nação.

Agora mesmo sabemos que as manhas se colligam, que os egoismos se arregimentam, para suffocar a manifestação da vontade popular, e com ella o espirito conciliador de que temos sido organ, quando advegamos a eleição de sete militares.

Querem os conspiradores que saia, triumphante das urnas, graças à fraude premeditada, nomes antipathicos á população, e que symbolissem toda a serie de vexames e immoralidades praticadas por uma pandilha odiosa e pestifera.

**INSTRUCCÃO**

**METHODO INTUITIVO**

1

Até este momento, não inaugurou-se o estado a politica dos homens honestos, dignos e desinteressados. Lá em cima, onde devia brilhar o pharol da ideal democratico, asyram-se os velhos bonzos da religião gymnastica, fremeos do odio, erigidos de ameaças, carregados de culpas.

ao povo não se quer dar instrução, e para isto revogam-se as leis que a liberalisam; ao povo pedem-se impostos para alimentar a ociosidade, para crear sinecuras: ao povo nega-se a protecção que pode affeccionar-lo ao trabalho, e torna-lo rico e poderoso; ao povo opprime-se indignamente por meio de barreiras e privilegios barbaros, que inficionam a atmosfera, propagando epidemias; ao povo, deixa-se morrer num lazareto sordido, sem que se cogite de minorar-lhe os soffrimentos atrozes.

A epidemia está na cidade, mas já tinha penetrado no governo com aquellos que supprimiram as escolas da infancia, esbaujaram as rendas do estado, nomearam saltadores para

os cargos publicos, e enviaram alphabets para o parlamento da nação.

Agora mesmo sabemos que as manhas se colligam, que os egoismos se arregimentam, para suffocar a manifestação da vontade popular, e com ella o espirito conciliador de que temos sido organ, quando advegamos a eleição de sete militares.

Querem os conspiradores que saia, triumphante das urnas, graças à fraude premeditada, nomes antipathicos á população, e que symbolissem toda a serie de vexames e immoralidades praticadas por uma pandilha odiosa e pestifera.

A' força de materialisar-se o me-

## Sete de Março

lho intuitivo, elle deixou de ser o espirito dominante de todo systema de ensino, para tornar-se, como um exercicio machinal que consome a actividade do mestre, sem augmentar a sagacidade do alumno. Muito se abusou da intuição, que é, segundo Pestalozzi, a *impressão produzida sobre os sentidos pelos objectos exteriores, da qual deriva-se a consciencia da respectiva percepção*. Começou-se de exercer a intuição, pela vista dos objectos, e destes tirava-se a noção da *forma*, do *numero*, e a *denominação*. Decompondo-se systematicamente as cousas, para torná-las conhecidas, chegou-se a crear uma arte dos sentidos, tão esteril como a que anteriormente jogava com os elementos materiaes da palavra, e cifrava-se no conhecimento dos sons.

Essas *lecções das cousas*, que na America do Norte constituem a base de todo ensino regular, nada seriam sem a superioridade intellectual do professor, que lhes communica o encanto e lhes multiplica os resultados. De feito: se a mais difficil das artes, a *arte de falar*, pôde ser adquirida mediante os cuidados maternos, e pela acção da experiencia; — para que reter as crianças, annos ou mezes, no trabalho de formar conhecimentos, que não podem deixar de ser muito incompletos e superficiaes, porquanto não se deverá contar, nessa idade, com o poder da razão, e com os elementos mais estaveis dependentes da comparação e do raciocínio?

Nem mesmo a curiosidade, natural à infancia, deparar-se-hia—justa satisfação nesses exercicios monotonos, que sob a rubrica falaciosa de *intuição*, serviam apenas para depauperar a imaginação dos jovens estudantes, sem proveito para a educação positiva. Como sempre acontece em casos taes, o methodo *intuitivo* foi vasado em formulas dogmaticas, e redundou, rapido, num verbalismo vão, a espelhar cruelmente os tempos em que o ensino gyrava em torno do corpo inanimado das palavras, e marchava parallelamente com a ignorancia e a rotina.

Todos os systemas trazem em si mesmos o germen da sua decadencia. Mas elles tambem renegam ao calor de uma pratica leal e intelligente, ou surgem mais tarde transformados, como aconteceu com o *methodo intuitivo*. Não devemos, porem, attribuir ao humantario pedagogista suizo, a direcção errada, que desviou do seu verdadeiro fim a bella theoria fundada sobre a espontaneidade natural, em torno da qual vie-

ram successivamente agrupar-se outras vistas menos correctas e manifestamente menos importantes.

Queria Pestalozzi que entrasse nos planos da pedagogia despertar a curiosidade das crianças sobre as cousas mais simples e mais attrahentes, servindo-se para tanto, não de longas deducções e escusados raciocínios; não da passividade com que ellas se amolham a todo systema imposto pela autoridade magistral; mas do gosto e da actividade da imaginação que devia ser cuidada losamente excitada; do enthusiasmo que nos põe no encalço das invenções mais ousadas; da paixão que torna suaves os esforços mais improbos, e conduz a resultados extraordinarios e imprevisitos.

Banido os livros das classes, o menino não podia permanecer immovel nos bancos da escola, subordinado à tarefa que se lhe dispartia, e violentamente atormentado pelo desejo de escapar à fadiga. Nas classes de Pestalozzi diz um pedagogista, não se achava nenhuma apparecia de vexação ou de constrangimento: todos os meios levados naturalmente à imitação de uns pelos outros excitavam-se mutuamente a ser atentos. A mesma lecção era dada à uma divisão inteira, e nesses primeiros exercicios, los que eram banidos os livros e todo apparelho pedantescico, a franqueza, o prazer, a alegria, achavam-se sempre ao lado de uma solida instrução, sem que contudo a ordem fosse perturbada.

Justiniano de Mello

## CONFERENCIA

*Corridas nos tempos antigos e modernos. Corridas Inglesas — Corridas em Franca e nas outras regiões da Europa. Ensino adequado para ellas — Premios*

*Das corridas em Franca*

Honra à administração das Coudearias, por haver neste ponto comprehendido sua nobre missão: foi seu procedimento lento, porém sabido; espalhou as corridas pelos paizes de criação, a Normandia, Limoges, Navarra e Bretanha: não fez dellas um objecto de capricho ou de moda; comprehendeu as necessidades dos pequenos criadores, e deu-lhes largo quinhão nas animações. Fallo nisto porque desde certo tempo observa-se uma tendencia para a centralisação, em Paris e nas grandes cidades, à respeito das corridas, o que seria uma desgraça, porque as corridas constituem um assumpto serio, que liga-se a uma criação util, que interessa aos

criadores de cavallos, tanto de guerra, como de carro, e de trabalho, além da criação de luxo e de capricho. Para a industria convém mesmo que as corridas tenham um ar capcioso e simples; festejadas por mãos cheias de callos, applaudindo a victoriados cavallos, é isto preferivel ás sedas e ás mãos de luvas de pelica, pois que as instituições, que tem por unico aliecuos a moda e o capricho, e que não descansam em um fim de utilidade pratica, acabam por calir, e accarelam-no em sua queda mesmo o que possuam de bom. O perigo das corridas está pois na elegancia, e todos os nossos esforços não, conseguiremos talvez a não salvar o carro dourado, que agora procura-se arrastar muito rapidamente no caminho do prazer.

Depois da revista, que acabamos de fazer das corridas na Inglaterra, e na Franca, pouco interesse pôdem offerrecer as das outras nações. Passarei rapidamente á vossos olhos as imitações das corridas inglesas, pelo mundo inteiro; está bem entendido que nada direi das corridas nacionaes, de cada paiz; a leitura vos ensinará, Senhores, muito mais que poderia ser aqui dito, e como taes corridas têm além d'isto mais relação com os costumes e habitos dos povos, do que com o pensamento melhorador, esse estudo nos seria desnecessario.

O gosto das corridas tao profundamente innoculado nos costumes ingleses, unido ao espirito de cosmopolitismo, que distingue esta nação, tem espalhado o gosto do tuff pelos quatro angulos do universo. Por todos os logeres em que ha ingleses, ha tambem corridas de cavallos. Saiba o velho proverbio: A primeira cousa que o espanhol faz, apoderando-se de uma terra nova é edificar uma Igreja, o Francez, é um Theatro e o Inglez um escriptorio: eu acrescentarei e um hippodromo.

Os Allemães desde muito que importaram o gosto das corridas: ha hippodromos e steeple chases na Prussia, em Berlin, Hamburgo, Lubbeck e em muitas regiões da Dinamarca.

Ha tambem corridas inglesas na Hollanda, Belgica, e Hungria; ha tambem, occasionalmente no Piemonte, Espanha e Suissa; mas n'este ultimo paiz as corridas nacionaes são todas a trote.

Na America, os ingleses da Nova Orleans, e dos Estados-Unidos do Sul fazem correr pelo systema britannico. Estas corridas offerrecam grande interesse no ponto de vista hippico; os cavallos que n'ellas se distinguem concorrem como reproductores, no Estado do Norte, para o melhoramento das raças indigenas. E' d'este cruzamento que provem as mais das

vezes, estes excellentes cavallos de meio sangue, conhecidos pelo nome de trote lores americanos.

Mas é principalmente nas Indias, que se encontram, e em as differenças exigidas pelo clima, tola a organização das corridas inglesas; to los annos, premios de valor consideravel são disputados nos diversos hippodromos, principalmente nos de Calcutá e Madras. Grandes e taes considerações poderiam resultar para nós do exame d'essas corridas, em que luctam cavallos de puro sangue arabe, mas tal assumpto nos levaria muito longe. Vos direi, unicamente, Senhores, que se um lha o governo francez quizer occupar se da regeneração do cavallo barbaro, do qual temos na Alegria um magnifico bardo, seria necessario estudar com cuidado as corridas da India e copiar-lhes parte de sua organização, pois que retiraremos muito melhores resultados na Algeria, do que os que se obtem nas Indias.

Ephrem Houel

Segue

—«§§»—

## VARIEDADE

## NOTES CORINTYBANAS

(HISTORIA VERDADEIRA)

## XII

Dous cavalleiros seguiam, a trote largo, pela estrada que va de Ponta Grossa a Castro. A conversação, que alles entretinham, era animada. Ora um, ora outro dos viajantes mudava-se de uma terra nova é edificar uma Igreja, o Francez, é um Theatro e o Inglez um escriptorio: eu acrescentarei e um hippodromo. Os Allemães desde muito que importaram o gosto das corridas: ha hippodromos e steeple chases na Prussia, em Berlin, Hamburgo, Lubbeck e em muitas regiões da Dinamarca.

Nós os conhecemos. Um era Adão, o cometa que devia naquella mesma lha, pelas 4 horas da tarde, desposar a sra. d. Alicia, senhora de grandes haveres, e de não menor belleza phisica. O outro, vinha-lo par occasião do aprisionamento do sr. Geroncio da Villa Mattoso, desempenhando o papel mais saliente na scena de que já demos noticia. Referimo-nos ao sub-delegado de Ponta Grossa, capitão da guarda nacional, fazendeiro arrebitado, cidadão Domingos Jarbas, ultimo representante de uma familia historica, que dera as cartas naquella cidade do interior, quando ainda impregna pela politica feudal.

Chegavam finalmente os nossos cavalleiros á uma casa de pobre appa-

ANEXO "R" — Artigo "Methodo Intuitivo II", de Justiniano de Mello e Silva publicado na 120ª edição do jornal Sete de Março.

Sete de Março

INSTRUÇÃO

METHODO INTUITIVO

II

Todo o systema pestalozziano parte deste principio: é preciso agir de modo que a criança se acostume a comparar, a reflectir, a raciocinar por si mesma. O que a principio julgava o renovador suizo, dever constituir as bases fundamentais da theoria, a *forma, o numero, a palavra*, como noções provisórias sobre as quaes deviam fundar-se todos os conhecimentos ultteriores, passou para o segundo plano, e adherio ao tecido especulativo do systema, cuja efficacia, pensava o padre Girard, dependia da escolha, do zelo e da perseverança do preceptor. Nos institutos pestalozzianos, a disciplina baseava-se, não em premios e recompensas, mas unicamente na affeição, no attractivo e no amor da perfeição pessoal.

Fazendo a critica das ideias de Pestalozzi, Chavannes expõe as suas observações pessoais sobre o que viria no Instituto de Berthoud, uma das fundações do pedagogista helvético: « Não precisamos dizer que a memoria, á qual compete o primeiro papel nos outros systemas de educação, ali recebia a cultura que elle pode convir. Em lugar de fazer aprender de cór coisas que os meninos não comprehendem, em lugar de lhes fazer decorar palavras postas numa certa ordem e que elles rapidamente esquecem, por não haverem comprehendido a respectiva ligação e utilidade, elle exercitava a memoria dos seus discipulos de modo aproveitavel ao espirito, não separando-a da intelligencia das cousas e do uso da reflectão, a utilidade sem a qual torna-se impossivel conceber a ordem e conexão natural que ligam as ideias entre si. »

Considerando a abstracção como a *flôr do espirito*, Pestalozzi arredava-a cuidadosamente da acção intellectual dos meninos, submettendo o entendimento infantil a um regimen mais compativel com a debilidade e a pobreza das concepções proprias a essa idade. Certas noções ha, de facto, que para serem bem percebidas, dependem de um grande numero de outras, de uma tal, ou qual habilitade para descobrir as semelhanças ou dissimelhanças entre os objectos. Ora, emquanto a experiencia não accumula sufficientes materiaes no espirito, este não se rime da precipita-

ção do juizo, e as suas operações resentem-se necessariamente da privação dos elementos, sem os quaes não se formam as construcções intellectuaes.

No seu *Manual de ensino objectivo*, diz o americano Galkins: « A curiosidade é insaciavel, porque o conhecimento das cousas é necessario á existencia e bem — estar dos meninos. E' evidente que, aproveitando-se esse anhel de saber, e satisfazendo-se ao mesmo tempo os desejos naturaes, inculca-se ás crianças habito de observação, uma grande caudal de conhecimentos, e simultaneamente são cultivadas a *concepção, a imaginação, a razão* e a *atenção*, fortifica-se a aptidão de classificar e associar, e lança-se a base de uma educação realmente pratica. *Os livros jamais poderão fazer outro tanto: esta é a obra do padre e do professor de instrução primaria.* » E' pena que não se acesse a esta justa observação: o *ensino objectivo não é um methodo efficaz senão pelo tacto com que é ministrado, e pela sciencia com que é conduzido.*

Essos manuaes e compendios, em que são expostas systematicamente as tantas formas de auxiliar a *intuição*, bem pouco val orem aos olhos de um criterioso educador. Aliás a maneira por que se pretende inculcar os conhecimentos pela vista dos objectos, é a origem de um sem numero de erros grosseiros, de falsas noções e preconceitos, que se radicam no espirito, e atormentam o homem durante a vida inteira. Semelhante systema suppõe que as noções concretas são reduzíveis a noções mais simples, mais claras, mais accessiveis ao entendimento infantil; que, para exercitar as facultades escolares não se faz de mister o emprego da abstracção, bastando para tanto a simples representação das cousas, cuja decomposição analytica se impõe naturalmente á percepção por via intuitiva. Bastará expôr semelhança persuasão, para que se veja quanto é ella desituida de fundamento.

O ensino objectivo deve limitar-se a inculcar a *forma, o numero* e a *denominação* das cousas; mas este conhecimento, ou será meramente apolitico, e portanto mais directamente do dominio da educação material; ou analogico e scientifico, e neste caso inutil, senão perigoso para a intelligencia infantil. A systematisação dá a esse vehiculo de instrução uma rigidéz incompativel com a espontaneidade dos meninos,

converte-o numa tarefa obrigatoria, enfiando-lhe como todos os encargos que se submetta a volubilidade da infancia; cria uma sciencia superficial, que é facilmente esquecida, mas que embota a impressionabilidade dos sentidos por uma representação pouco calculada e methodica. O proprio Pestalozzi desterrou das primeiras linhas do seu systema, esse *ensino objectivo*, de que se fez posteriormente tão grande e bial.

Justiniano de Mello

— «§§» —

CONFERENCIA

*Corridas nos tempos antigos e modernos. Corridas Inglesas — corridas em França e nas outras regiões da Europa. Ensino adequado para ellas — Premios*

Do ensino para as corridas

Dá-se o nome de ensino, de *training* á acção de preparar um cavallo para soffrer a prova das corridas. Esta preparação, que consiste unicamente em desenvolver seu flego por meio de um trabalho apropriado e de uma nutrição especial, era conhecida na antiguidade e fez sempre parte da bem entendida hygiene não só do cavallo, mas de todos os animaes, que deviam executar trabalhos peizados, e até mesmo da do homem. Os athletas dos jogos olimpicos preparavam-se por um regimen analogo; os coqueiros exercitam-se os cães, antes da época da caça; e os ingleses captiaram dos Arabes, não só preceitos do ensino, mas ainda as practicas mais minuciosas, que entre elles habitualmente se observam; os sustos, os galopes, as fricções, e os diversos modos de alimentação.

Se o ensino é necessario ao cavallo para se o fazer apparecer com vantagem, e sem perigo de vida sobre o hippodromo, é util, tambem, para preparal-o ao servigo, em que elle deve ser empregado; assim o cavallo de guerra, de manejo, de caça, e de carro, não deve ser entregue senão depois de um ensino ou preparação especial.

Algumas pessoas em França, mesmo entre os entendedores de animaes, tinham pretendido negar a necessidade do ensino; um medico celebre, o Dr. Royer Collard refutou victoriosamente opiniões tão ridiculas.

Lêle, Senhores, sua dissertação; é o que existe de mais luminoso e racional sobre o ensino. Eis o que prova

como as sciencias pó-tem vir em socorro uma das outras, e quanto a alta intelligencia pó-tem sobrepôr vãos prejuizos.

O ensino dos cavallos de corrida é actualmente um dos mais importantes ramos da sciencia hippica, tão importante, mesmo, que requer um estudo especial, que não cabe nos limites deste curso. E' aqui o caso de vos enviar para a practica; todas as leituras, todos os esclarecimentos, não valerão, á tal respeito, tanto como 8 dias passados de observação em uma estribaria de cavallos corredores. Facilmente tendes o proveito de poder acompanhar quotidianamente o exercicio dos cavallos novos, que se faz nas proprias contendas; e isto que deveis dispendir longas horas, trabalhando com vossas proprias mãos, em todas as practicas, que em taes estabelecimentos são seguidas. Não desprezeis nenhuma circumstancia por menor que possa ella parecer; consultae aos empregados, e ficae certos de que não é vergulhoso perguntar sobre o que não se sabe, pois que está antes a vergonha, em não saber-se o que se desdenha de aprender.

Relativamente ás obras, que devem ser estudadas, para unir a theoria á practica, são ellas muito numerosas na Inglaterra, e á esse respeito não tereis embaragos na escolha; muitas têm sido traduzidas em francez; é a melhor, incontestavelmente, o tratado que está appenso ás instituições hippicas de Montendro. Elle tem por titulo — *Do ensino, e criação do cavallo de corrida e de caça*; é este tratado um extracto de diversas obras inglesas, e resume as mais importantes indicações para criar-se um cavallo desde seu nascimento. As practicas do ensino são quasi todas tomadas da obra de Darville, um dos mais notaveis autores ingleses sobre este assumpto.

Podeis ainda consultar com vantagem o tratado de Olivier Chateau. Esta obra escripta em francez é especial para o ensino em nosso paiz, offerece uma classificação muito methodica. Além disso está ella expurgada dessa immensidade de citações as mais das vezes puris, de que os authors ingleses alegram-se em cercar os principios do ensino, o que, é justissimo pelo procedimento de alguns criadores.

Não consiste o exito do ensino em preparar um cavallo para uma determinada corrida, por meio de estímulos que podem prejudicar sua constituição, ou obrar de modo mais ou menos funesto sobre sua organização. Esta sciencia, é pelo contra-

ANEXO "S" – Artigo "Methodo Intuitivo III", de Justiniano de Mello e Silva publicado na 121ª edição do jornal Sete de Março.

Sete de Março

sentantes do exército brasileiro, a liberação dessa raça, que fornece o maior contingente as phalanges do trabalho independente e honrado.

Será este o verdadeiro *significado*, extrahido (premiante pelo governo provisório, da nomeação do illustre militar, a quem saudamos jubilosos?

## INSTRUÇÃO

### METHODO INTUITIVO

#### III

Não se confunda o ensino *objectivo*, *lecção das cousas*, *instrucção pelos olhos*, com o *methodo intuitivo*, a que a Alemanha e a Suíça devem as maravilhas do seu regimen escolar. Na pedagogia, não ha methodos, ha somente um *methodo*, que é a alma de todo ensino calcado sobre a observação; que aviventa todos os processos postos em contribuição pelo mestre. Trata-se hoje de desenvolver a face positiva da instrucção, de não precipitar a marcha dos estudos, de usar de sobriedade, principalmente no começo da educação, de provocar, de excitar a curiosidade infantil, de associar a todo trabalho escolar um fim de utilidade evidente. Entende-se por *instrucção elementar* essa bagagem que todos os homens podem utilizar em qualquer circumstaacias da vida real.

O *methodo facil*, afirma-se sem discrepância, consiste em proceder familiarmente do simples para o composto, do conhecido para o desconhecido, e nós accrescentaremos: o *methodo facil* é uma selecção de forças, disposições e capacidades, uma adaptação à sciencia por meios dos objectos que mais vivamente nos impressionam. Segundo o nosso modo de ver, a pedagogia incunbe uma missão dupla: educar as mediocridades, facilitando os conhecimentos indispensaveis a todas as profissões, sob uma forma pratica, por intermedio da applicação; e formar os grandes espiritos, ou cultivar as faculdades dominantes, que se deixam observar durante o tyrcinio da escola. A experiencia diz-nos que todos os homens possuem uma faculdade susceptivel de maior desenvolvimento, de cultura mais vasta e aprimorada. Entretanto, a organização do ensino superior é a prova da maior ignorancia nesse particular.

O medico, o juriconsulto, o engenheiro, devem passar por um sem numero de provas, nas quaes faz-se

cabedal de disciplinas que de modo algum manifestam o grão de aptidão ou a vocação para qualquer das mencionadas carreiras. Assim, um talento mathematico tem muitas vezes de esbarrar diante de um exame de historia, e não poderá consagrar-se a profissão consoante a sua capacidade.

A força de systematisação, o homem social mostra-se inconciliavel com a natureza, cujos processos, cujas indicações despresa ou desconhece. Ahi está uma vocação medica, que nunca poudo transpor o portico do templo da metaphysica, e que recorre aos empregos publicos, porquanto no serviço do Estado prescinde-se muito bem da logica e quiza do raciocinio!

Pensa-se ordinariamente que o grão de instrucção profissional depende da maior ou menor preparação nas disciplinas accessorias ou auxiliares. Nada menos exacto. Tal estudante que revelou-se mediocre neste ou naquelle exame de linguas ou de sciencias, pode ser mais apto para praticar o direito, a medicina, a engenharia, do que tal outro que desferio vãos de aguia durante o curso collegial. Se um professor de latim ou de grego, devesse mostrar-se instruido em geographia ou arithmetica, a lei que allixasse semelhante exigencia nos pareceria absurda. Entretanto, niuguem nota, niuguem extranha que, o geologo, ao advogado, se requieiram conhecimentos, muito aproveitaveis, por certo, mas que não implicam necessariamente com a aptidão para qualquer das especialidades indicadas.

Resta-nos falar da notoriedade adquirida à intuição nos paizes da Europa, e mesmo da America. A applicação do *methodo intuitivo* foi obra de um desejo razoavel, mas inopportuno. Taes reformas, disse um escriptor competente, não se improvisam, e tanto quanto o espirito novo não affeição ao seu molde as instituições e as intelligencias, uada se muda: sob os nomes novos, é a velha rotina que se perpetua.

Convertido em ramo de ensino, não poude florescer o *methodo intuitivo*, mesmo penetrando-se das invensões de um Dinter, de um Overberg. A Alemanha e a Suíça esgotaram-se em esforços vãos para revivificá-lo na pratica, até que o creador do *ensino universal*, Joseph Jacotot, reivindicou, na especie, os direitos da natureza, immolados até então a um formalismo vão, a uma *pueril e mecanica recitação de formulas abstractas*. O renovador francez, copiando no seu systema os proces-

sos da natureza, abolio do ensino a forma rigorosamente logica, abstracta e deductiva, e poz em contribuição os mesmos meios de que servem-se as mães para appressar a educação das crianças.

Convem saber o que actualmente se entenle por *methodo intuitivo*, que não é mais um exercicio formal, uma materia destacada do programma escolar; mas a alma de todos os processos pedagogicos, o principio inspirador em todo o circulo do ensino. Os regulamentos prussianos supprimiram os pretendidos exercicios de *intuição*, *porque o ensino bem entendido deve ser um perpetuo exercicio intuitivo*. Eis o criterio segunlo a qual se pode distinguir o velho, do novo systema actualmente praticado com exito.

Vogel, o sabio preceptor allemão, modificou o systema creado por Jacotot, applicando-o ao ensino da leitura e da escripta, combinado com a *intuição*. Em qualquer das materias do programma, o novo methodo manda que se prescindia, quanto possível, dos livros, das noções complexas, fazendo-se preceder a regra pelo exemplo, a theoria pela applicação, o abstracto pelo concreto. Marchar progressivamente em tudo, passando dos factos conhecidos, familiares, para aquelles que o são meos, mas sempre sacrificando o detalhe às linhas geraes; preferir aos exemplos extranhos os que se apreendem no momento e estão ao alcance de todas as intelligencias; deixar que o menino invente e proceda sem constrangimento,—eis, de modo summario, em que consiste a *força theorica do methodo intuitivo*.

Justiniano de Mello

## CONFERENCIA

*Corridas nos tempos antigos e modernos. Corridas Inglezas — corridas em França e nas outras regiões da Europa. Ensino adequado para ellas—Premios*

### Do ensino para as corridas

O ensino bem entendido é não só necessario ao cavallo de sangue, que se quer entregar às corridas, como tambem é o complemento indispensavel da educação de um potro, ainda mesmo que nunca tenha este de correr. A este respeito citarei o seguinte factio, cuja veracidade consta dos registros da coudelaria do Pin. O cavallo novo I. Reveller, descendente de Reveller e Sternifald, nascido em 1830, foi criado com todos os cui-

dados possíveis na coudelaria do Pin, mas sem ensino, porque então ainda assim não praticava-se; em 1834, na idade de 4 annos, passou a garanhão e foi enviado para Rodez, onde permaneceu por 2 annos, durante os quaes foi entregue à reprodução. Era um bello cavallo, de tudo harmonico, muito competente, mas de pequena estatura, e um tanto redondo em toda sua conformação. Em 1825 a administração das coudelarias resolveu apresentar seus cavallos nas corridas, pensou em Reveller, que era do mais puro sangue, foi retirado de Rodez e enviado para o Pin, onde passou por um ensino methodico, posto que contando já 6 annos. Este cavallo mudou inteiramente de aspecto: cresceu quatro centimetros, suas linhas estenderam-se, tomaram seus musculos muito desenvolvimento, e do bello cavallo que era antes, converteu-se em um lindo e forte garanhão, inteiramente differente do que foi antes do ensino. Recordando-vos do que vos disse já sobre as predisposições hereditarias comprehendereis quanto é o ensino é necessario aos garanhões, e égoas ainda mesmo que não os destine para corridas.

### Caça a Cavallo

A caça a cavallo entrava outr'ora nos uzos da guerra; os povos antigos e principalmente os povos do norte á ella entregavam-se com frequencia. Era principalmente pelo uzo de tal divertimento que criavam-se estes cavallos vigorosos que tam feito a reputação da idade média; é a Inglaterra, talvez, a nação moderna, que tem conservado o uzo em maior grão, mas taes exercicios não são naquelle paiz mais do que uma corrida com obstaculos.

Os inglezes caçam habitualmente a raposa; empregam para isto cavallos de grande velocidade, e todo merito consiste em chegar primeiro vencendo todos os obstaculos que encontram-se. É a fim de habituar seus cavallos á este genero de corridas, que instituiram-se stopele-chases, e as corridas por berreiras. Antigamente os inglezes não caçavam senão com cavallos de meio sangue para tal fim haviam criado esta bella raça que reune á força do cavallo do Norte o vigor e a elegancia do cavallo do sul. Estes cavallos de que tivemos alguns specimens em França foram substituidos depois de alguns annos, na Inglaterra, por cavallos de puro sangue, ou muito proximos do sangue, cujo principal merito está na velocidade. Assim, esta expressão — cavallo de caça — de que usa-

ANEXO "T" – Ata de abertura das Conferências Pedagógicas de 27 de agosto de 1891.

Acta

27/08/1891

Aos vinte e sete dias do Mês d'Agosto de mil oitocentos e noventa e um, no Edifício da Escola Normal, reuni- dos diversos professores da Capital, candidatos ao Magistério e muitas pessoas gradas, o Senr. Director Geral souvidou para Secretarios o Sr. João Pereira Lagos e o professor Alexandre José Fernandes Noncinol, declarando inaugurada a serie de conferencias pedagogicas e aberta a ses- saõ. Em seguida o mesmo Director Geral expoz di- versas questõs interessantes ao Magistério, e muito desenvolvimento sobre as vantagens da adocõõ em todas as escolas do methodo intuitivo.

Depois de ter mostrado a necessidade da fundação de bibliothecas scholares, apellou para o patriotismo do professorado, a quem aconselhou a maior uniao e solidariedade no intuito de despertar o espirito de classe e facilitar a missãõ do Director do ensino.

Depois mandou que se consignasse em acta um voto de profundo pesar pelo fallecimento, hoje, do antigo professor jubilado João Baptista Brandão de Proença, que distinguio-se pelo zelo e dedicacãõ á causa do ensino publico, e nomeou uma comissãõ composta dos Senrs. Secre- tarios da Instrucçãõ e professores Noncinol e Costa Lobo para darem perances á familia do finado e assistirem ás exequias. E para constar eu Alexandre José Fernandes Noncinol lavrei a presente acta que vai assignada pelo Director Geral e Secretarios.

Justiniano de Azevedo, Sec.

Alexandre José Fernandes Noncinol

ANEXO "U" – Relatório de funções exercidas por Justiniano de Mello e Silva no Instituto Paranaense e Escola Normal entre 1876 e 1896.

Dr. Justiniano de Mello e Silva f

26 de Julho de 1876 - por Acto dessa data foi nomeado para reger internamente a cadeira de Pedagogia, Religião e Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa do Instituto Paranaense e Escola Normal.

1<sup>o</sup> de Agosto de 1876 - assumio o exercicio do cargo.

10 de Abril de 1877 - obtive tres meses de licença para tratar de sua saúde.

7 de Julho de 1877 - por Acto dessa data foi nomeado para reger effectivamente a cadeira acima mencionada.

17 de Setembro de 1877 - obtive dois meses de licença.

4 de Julho de 1878 - por Acto da Presidencia foi julgado com effecto o titulo de sua habilitação de

13 de Julho de 1878 - pedindo a Presidencia informações sobre o titulo scientifico dos Lentes do Instituto Paranaense, este professor apresentou o seu de 3<sup>as</sup> em sciencias Sociais por uma Universidade da Republica Argentina.

27 de Janeiro de 1884 - foi nomeado para as cadeiras de Portuguez e Pedagogia.

4 de Fevereiro de 1884 - assumio o exercicio desse cargo, não contando nesta repartição a data de juramento, nem o registro de seu titulo.

8 de Abril de 1884 - Conforme communicação do Governo foi expedida ordem ao Thesouro Provincial para pagar lhe o acenimento da regencia das cadeiras acima referidas a contar do dia 1<sup>o</sup> desse mes.

19 de Abril de 1884 - foi transmittida ao Governo communicação de que fora este professor nomeado lente remunerado da cadeira de Pedagogia Theorica e pratica e não de Portuguez, ratificando assim o officio de 28 de Maio do corrente.

17 de Maio de 1888 - foi pelo Governo designado para substituir o lente de philosophia e historia.

18 de Maio de 1888 - assumio a regencia dessa cadeira.

1<sup>o</sup> de Junho de 1888 - deixou a regencia dessa cadeira.

27 de Julho de 1888 - obtive 7 dias de licença.

1<sup>o</sup> de Agosto de 1888 - reassumio o exercicio.

23 de Março de 1889 - por Acto da Presidencia foi suspenso por tres meses, como professor de Portuguez e Pedagogia do Instituto Paranaense.

19 de Junho de 1889 - foi declarado com effecto o acto acima referido.

1<sup>o</sup> de Novembro de 1889 - reassumio o exercicio de seu cargo do qual está

ausente por ter estado com assento na Assembleia Provincial em Junho desse anno.

2 de Março de 1891 - foi nomeado interinamente para exercer as funções de Director Geral da Instrução Publica.

3 de Março de 1891 - assumio o exercicio

5 de Janeiro de 1892 - deixou o exercicio do cargo de Director Geral interino

17 de Julho de 1893 - assumio o exercicio da regencia interna da cadeira de Historia Universal.

10 de Outubro de 1893 - deixou o exercicio da cadeira acima.

5 de Outubro de 1895 - foi suspenso por 6 meses do exercicio de Leite das cadeiras de Portuguez e Pedagogia do Gymnasio e Escola Normal.

16 de Dezembro de 1895 - por Acto dessa data resolveu o Governo fazer voltar a Le Leite ao exercicio de suas funções.

15 de Julho de 1896 - por Acto dessa data foi aposentado a seu pedido.